

UM ROMANCE TERNO E VICIANTE SOBRE A FAMÍLIA,
O AMOR PERDIDO, E UM CÃO QUE TENTA ENCONTRAR
O CAMINHO DE REGRESSO A CASA.



*Tu és o Meu
Coração*

Alan Lazar

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: Roam

Título: Tu És o Meu Coração

Autor: Alan Lazar

Tradução: Carla Morais Pires

Revisão: Fernando Ribeiro

Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895559404

CASA DAS LETRAS

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Alan Lazar, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@casadasletras.leya.com

www.casadasletras.leya.com

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Para Gustavo e Mia Bella

PARTE 1

O Grande Amor

1

A primeira coisa que *Nelson* farejou foi relva. Farta, bonita, misteriosa. O cheiro vinha das pastagens do exterior da herdade de Mrs. Anderson onde *Nelson* e os seus irmãos, e irmãs, se aninhavam, comprimidos, ao lado da mãe. O pequeno nariz enrugava-se, perplexo com este novo e poderoso estímulo. Já quando estava no ventre da mãe o sentira à distância, uma vez que o poder do seu nariz aumentava exponencialmente. Mas quando o pleno esplendor da relva o atingiu cá fora, foi algo assustador, inebriante e profundamente misterioso.

O cheiro continha muitas camadas. À medida que os anos passaram, *Nelson* aprendeu a distinguir o significado daqueles múltiplos e intensos aromas. Continham informação sobre o dia – que criaturas haviam andado nas redondezas e deixado a sua marca, a quantidade de orvalho que caíra nessa manhã, e vestígios de prados distantes de onde esse orvalho viera. Continham informação sobre a chuva que caíra dois dias antes e as formigas e outros insetos que viveram na relva. Mas, também, lá nas profundezas do solo onde crescia, os aromas revelavam por vezes vestígios sombrios sobre verões passados e invernos distantes, sobre criaturas que viveram e morreram no condado de New Hampshire onde *Nelson* nasceu. Revelavam a história de todas as raízes e ossadas que jaziam há séculos naquele solo.

Nelson pertencia a uma ninhada de seis rafeiros. Na verdade, não estava destinado a sê-lo. Mrs. Anderson fizera durante vários anos criação de *beagles* e caniches. Os seus cachorrinhos eram vendidos por milhares de dólares e despachados para localidades de toda a América. A mãe de *Nelson*, *Lola*, uma pequena e meiga caniche amarelo-alaranjada, já havia dado à luz vários cachorrinhos antes. O pai de *Nelson*, *King*, um *beagle*

muito fotografado como sendo um exemplar perfeito na feira anual do condado, não deveria ter tido acesso ao recinto de *Lola* quando ela estava com o cio, dois meses antes. Conseguiu emprenhar *Nougat*, uma cadela *beagle*, por diversas vezes, e Mrs. Anderson adorava-o. Mas havia planejado que *Lola* acasalasse com o seu companheiro, *Kennedy*, um caniche castanho-escuro com um coração de ouro. Não fazia ideia de que *King* ficara enfeitiçado pelo odor intenso trazido pelo vento, desde a sua casota, na primavera anterior. Reparando num pequeno buraco que começava a aparecer por baixo da vedação de madeira que rodeava a casota de *Lola*, *King* escavou furiosamente, quando Mrs. Anderson não se encontrava por perto, e seguiu-se o namoro com *Lola*. Mrs. Anderson de nada suspeitou até que, certo dia, os cachorrinhos de *Lola* nasceram, não se parecendo com nada do que ela algum dia imaginara. Tivera um momento de fúria quando se apercebeu do que *King* fizera, bem como um momento de desapontamento quando percebeu que, afinal, não haveria lugar para os milhares de dólares que julgara fazer com uma ninhada de caniches de raça pura. Mas quando pegou na irmã mais velha de *Nelson* na palma da mão e sentiu o pequeno coração da cadelinha a bater, a sua raiva depressa se enterneceu e Mrs. Anderson soube então que criaria esses cachorrinhos, durante os primeiros dois meses de vida, com todo o amor que habitualmente dava às ninhadas de raça pura.

Mrs. Anderson estava acostumada a ver dois ou três cachorrinhos numa ninhada de caniches. Desta vez, *Lola* dera à luz seis filhotes. Talvez tivesse sido o impetuoso galanteio de *King* a causar esta anomalia. O odor de *Lola* com o cio era tão absolutamente irresistível que sempre que ele julgava que o ato de amor estava a chegar ao fim, sentia um novo ímpeto de energia dentro do seu coração de *beagle*.

Os seis cachorrinhos que emergiram do seu pequeno corpo surpreenderam a própria *Lola*. Entristeceu-a ver que o número quatro ficou ali, sem se mexer, depois de ter nascido. Após ter comido o pequeno saco de placenta que o protegera no ventre, lambeu-o vezes sem conta, tentando reanimá-lo. Mrs. Anderson observava-a, rezando para que houvesse algum movimento, mas decorrida meia hora e sem qualquer sinal de vida, afastou docemente o pequeno cachorro de *Lola* e embrulhou-o numa toalha branca. Mais tarde, nessa mesma noite, cremou-o e espalhou as cinzas nas pastagens do lado de fora da herdade. Olhou para a meia-lua e rezou pelo

cachorrinho que não chegou a conhecer o mundo que estava para além do ventre da mãe.

Lola sentiu uma tristeza infinda a inundá-la quando viu o seu filhote a desaparecer de vista. Mas não pôde ficar triste por muito tempo. As contrações recomeçaram e, pouco depois, um outro lindo cachorrinho veio ao mundo. *Nelson* era praticamente todo castanho-claro, ou amarelo-alaranjado, com manchas brancas, particularmente no focinho. Um círculo castanho-escuro rodeava-lhe um olho e um branco o outro. Desde pequenino que isto lhe dava um ar «arregalado» e de estar fascinado pelo mundo. Mas na altura do seu nascimento, os olhos estavam firmemente cerrados, como aliás estariam durante a primeira semana de vida.

O nariz contorceu-se excitadamente assim que o cheiro da relva inundou o seu mundo pela primeira vez. Sentiu a mãe a lambê-lo e o seu odor, rico e reconfortante, também lhe inundou os sentidos. Mrs. Anderson voltou a entrar no compartimento, viu o novo cachorrinho e afagou muito docemente a sua cabecinha. E assim, farejou um ser humano pela primeira vez, e esse cheiro, embora complexo, era também quente e bom.

Tudo isto era demasiado para um ser nos primeiros minutos de vida, e *Nelson* foi dominado, de repente, por uma fome avassaladora. A mãe reparou no tiritar do seu pequeno corpo e no dos outros cachorrinhos. Fez força, e mais força ainda, e a sua última filhota, a pequena irmã de *Nelson*, veio ao mundo a contorcer-se e a fungar. Meigamente, Mrs. Anderson colocou cada um dos cachorrinhos próximo das seis tetas de *Lola* e eles colearam em direção à primeira refeição.

* * *

A primeira semana da vida de *Nelson* passou num ápice. À medida que os dias se sucediam, o seu nariz ia explorando cada vez com mais perícia os cheiros que o rodeavam. Depois a fome voltava a atacar. Por vezes, *Lola* estava a dormir quando ele rastejava até ela, desesperado por sustento. Claro que ele não sabia quão exausta ela se sentia por alimentar os cinco filhotes sobreviventes. Sem o dar a entender, Mrs. Anderson estava muito preocupada. *Lola* era uma cadela pequena e frágil. Certo dia, muitos anos antes, uma outra caniche de Mrs. Anderson, a avó de *Lola*, desenvolveu uma grave deficiência de cálcio por dar de mamar a uma ninhada grande, e

morrera a caminho da urgência da clínica veterinária na pequena cidade de Nelson, em New Hampshire, nas redondezas. Mrs. Anderson tivera de alimentar os cachorrinhos, incluindo a lindíssima mãe de *Lola*, uma caniche branco-pérola, com um biberão, de quatro em quatro horas.

Frequentemente, *Nelson* acordava com *Lola* a lambe-lhe a barriga. Adorava isso e gostava do cheiro do líquido quente que parecia brotar do seu próprio corpo depois da mãe lhe fazer aquilo. O seu cheiro nunca durava muito. Dava pela presença de Mrs. Anderson e sentia as suas mãos no seu corpo, e, depois, grande parte do cheiro dos seus excrementos desaparecia. *Nelson* notou desde logo que todos os seus irmãos e irmãs tinham um líquido semelhante que saía dos seus corpos. Embora cheirasse de forma muito parecida com o seu, o pequeno nariz de *Nelson* identificou desde logo odores muito específicos em cada um deles e que lhe permitiam reconhecê-los. Por vezes, quando mamava, sentia um cheiro muito semelhante, mas muito mais intenso, vindo da mãe. Era pungente, forte e terroso. Por vezes, Mrs. Anderson levava *Lola* para o exterior, durante uma hora ou duas, e *Nelson* sofria em silêncio até que aquele odor reconfortante se encontrasse novamente perto de si.

O cheiro seria sempre a grande e dominadora presença a definir a percepção que *Nelson* tinha do mundo. Mas cerca de uma semana depois de ter nascido, os seus olhinhos azuis abriram-se lentamente e a reconfortante mancha acinzentada do rosto de Mrs. Anderson olhava para ele. *Nelson* era o primeiro da ninhada a ver o mundo e, com o colorido invulgar que tinha à volta dos olhos, Mrs. Anderson limitou-se a sorrir quando viu o cachorrinho de olhar arregalado a fixá-la. Os seus próprios olhos começavam, a pouco e pouco, a perder capacidade de visão, e os óculos grossos que o médico lhe prescrevera no verão anterior iriam, certamente, precisar, em breve, de ser substituídos. Muitos cachorrinhos haviam passado por este pequeno compartimento nas traseiras da sua casa, na herdade, onde há muitos anos, e desde que o filho partira para o Oregon, tomava conta das ninhadas de *Lola* e de *Nougat*. Os cachorrinhos eram engraçados e amorosos e ela adorava-os a todos. Mas havia algo especial na forma como *Nelson* olhara para ela nessa manhã. Mrs. Anderson sabia que a visão dos cães era limitada comparada com a dos humanos. Viam mais do que o preto e o branco, mas não distinguiam as cores no que tocava aos vermelhos e verdes. Ela sabia que faltava aos cães a profundidade do campo de visão humana, embora

qualquer tipo de movimento os deixasse excitados. Mas Mrs. Anderson podia jurar ter visto uma curiosidade especial, e uma abertura ao mundo, nos olhos muito abertos de *Nelson* nessa manhã. Muitos anos mais tarde ainda pensava nele.

Em breve, os cinco filhotes de *Lola* tinham os olhos abertos e ela preparava-se para o que pressentia estar a caminho. As pernas franzinas tornaram-se mais fortes e eles desenvolveram-se rapidamente, sempre ansiosos pelo leite da mãe. Embora tivessem, na altura do nascimento, pouco pelo nos corpos macios, passaram apenas algumas semanas até um pelo ralo e semiencaracolado os cobrir. *Lola* tinha recordações das longas sextas que fazia nos meses seguintes às suas ninhadas anteriores a deixarem, mas também se lembrava da tristeza desses tempos. Na altura em que *Nelson* e os seus irmãos e irmãs tinham um mês de idade eram uns traquinas. A sua família fascinava-o. Eram todos extremamente brincalhões, obcecados em tropeçar uns nos outros e em puxar o agora já compacto pelo. Porém, alguns dos seus irmãos eram mais sossegados do que outros; felizes, por vezes, por estarem apenas deitados com a mãe ou uns com os outros, coleando vagarosamente enquanto os seus cheiros se misturavam. Outros nunca desistiam de mostrar que eram os mais ágeis, os mais rápidos, aqueles que detinham o controlo sobre a bola de lã encarnada que Mrs. Anderson atirara para o pequeno recinto que partilhavam com a mãe.

A curiosidade de *Nelson* fez-se sentir desde cedo como a característica que o definia. Mrs. Anderson via-o constantemente a tentar encontrar uma saída do recinto e, de facto, um dia conseguiu-o. Ela entrou no quarto, quase pisando o minúsculo cachorrinho que aguardava à entrada da porta, cheirando os novos odores que passavam pela pequena frincha entre a porta e o pavimento. Ralhando com ele meigamente, pegou em *Nelson* e voltou a pô-lo junto da família. No entanto, foram precisos apenas uns instantes para que o cachorro de olhar arregalado voltasse para a pequena abertura que encontrara na parte de trás do recinto, encontrando novamente forma de sair. Mrs. Anderson bloqueou a passagem com um par de meias velhas. Cada vez mais, a curiosidade de *Nelson* era alimentada pelos cheiros que entravam no compartimento. Farejava odores doces e suculentos vindos de um lugar ruidoso em qualquer outra parte da casa, aromas que o deixavam com tanta fome que nem o leite da mãe o satisfazia por completo.

Mrs. Anderson habituou-se a pegar em *Nelson* todas as noites e a segurá-lo nas suas mãos grandes e gastas, afagando-o meigamente enquanto ouvia música. Ele adorava e adormecia que nem um anjo. Quando acordava, lambia-lhe os dedos da mesma forma amorosa que a sua mãe fazia quando lhe lambia a barriguita, e ela parecia gostar. Ele não fazia ideia de que era o único cachorro a quem ela reservava esta honra especial. Por vezes, Mrs. Anderson encostava *Nelson* junto ao rosto. Nessa altura, os seus olhos já viam com grande pormenor e ele observava os olhos azuis dela a olharem diretamente para si. Às vezes, ele lambia-lhe o rosto e, de vez em quando, provava o sal de pequenas lágrimas. Mais tarde, *Nelson* viria a compreender o verdadeiro sentido deste líquido salgado que os seres humanos por vezes emitiam, mas, por agora, gostava apenas do seu sabor.

* * *

Uma manhã, quando *Nelson* tinha cinco semanas, Mrs. Anderson pô-lo a ele e aos irmãos numa caixa pequena. *Lola* observava atentamente, mas não impediu Mrs. Anderson, com quem mantinha um profundo elo de confiança. Mrs. Anderson abriu a porta do pequeno recinto e saiu levando a caixa com os cachorrinhos. *Lola* mantinha-se atrás de si.

A casa de Mrs. Anderson era um pouco sombria, mas isso, claro, não limitava a sinfonia de cheiros que *Nelson* inalou assim que passaram pelo jardim. Havia vestígios daqueles cheiros da cozinha, que ele por vezes sentia no pequeno recinto. Havia o cheiro a carne e a ovos estrelados e a manteiga derretida. Havia o aroma autêntico, agradável das panquecas feitas uns dias antes e que pairava nos recantos da sala de estar de Mrs. Anderson. Ao passarem pela cozinha, o cheiro a maçãs verdes entrou pela primeira vez no nariz de *Nelson* e era, de uma forma muito diferente, estonteante.

Assim que saíram para o jardim, a cabeça de *Nelson* quase explodiu com o que lhe chegava ao nariz. Primeiro, a relva, quantidades intermináveis de relva, e cheirá-la tão de perto era profundamente mais intenso do que a sua fragrância sentida de um ponto mais distante. Mrs. Anderson pousou cada um dos cachorrinhos no relvado da frente e deixou-os vaguear. O pequeno e húmido nariz de *Nelson* tocou na relva pela primeira vez e foi como se uma corrente elétrica lhe percorresse o corpo. Os cachorrinhos dispersaram-se

pelo relvado, e logo cada um foi atraído pela multiplicidade de correntes e subcorrentes de odor. Ocasionalmente, se um cachorro se aproximava em demasia da vedação que separava o jardim do pasto onde cavalos e vacas vagueavam, Mrs. Anderson pegava neles e voltava a colocá-los mais próximos de casa. *Lola* tinha também sempre os olhos postos nos filhotes, ladrando alto e bom som se eles se afastavam. No entanto, os cinco cachorrinhos penugentos mal se apercebiam das suas duas mães. Enterravam os narizitos o mais que podiam na terra, perdidos em qualquer coisa muito parecida com êxtase. Por fim, quando *Nelson* ergueu os olhos, viu os canteiros de flores que ladeavam o jardim. Cautelosamente, aproximou-se, sem saber ao certo do que se tratava. Porém, quando os seus aromas chegaram até si, soube que aqueles estranhos objetos não poderiam ser perigosos. Havia rosas vermelhas e amarelas, agapantos e narcisos, lírios e violetas. Assim que cheirou as flores serenou, arrebatado, fechou os olhos e deixou que o sol caísse sobre si. Muitos anos mais tarde, quando *Nelson* deu por si nas ruas irregulares da cidade, rodeado por betão, ainda se recordava vagamente deste jardim e do seu primeiro encontro com as flores, e, quase como por magia, isso reanimou-o, pelo menos por um breve período de tempo.

Mrs. Anderson desapareceu durante alguns minutos e, quando regressou, trazia um outro cão aproximadamente do tamanho de *Lola*. *Nelson* não sabia que ia conhecer o seu pai, *King*, o *beagle*, um cão com um passo assertivo. *Nelson* detetou a força e a nobreza do cão de maior porte. Nessa manhã, *King* não pareceu muito interessado em *Nelson* ou nos seus irmãos, cheirando-os apressadamente e correndo a ladrar para o esquilo que se encontrava ali perto. *Lola* manteve-se perto dos filhotes quando *King* apareceu, olhando para ele e rosnando. Nenhum deles parecia ter qualquer recordação do apaixonado namoro mantido apenas há uns meses. Mrs. Anderson suspirou quando *King* ignorou os filhos, mas, no íntimo, ela sabia que não deveria esperar que ele se ligasse a eles.

Este foi também o dia em que Mrs. Anderson alimentou pela primeira vez os cachorrinhos com outra coisa que não o leite materno. Mrs. Anderson mantinha-se atenta a *Lola*, e o cansaço devido à constante amamentação dos filhotes tornou-se facilmente visível. Ela costumava esperar seis semanas antes de dar aos cachorros comida sólida, mas decidiu tentar dar-lhes algum

pão e leite de vaca para que *Lola* pudesse, com alguma sorte, ter oportunidade para descansar um pouco.

Nelson e os irmãos não sabiam o que fazer com as pequenas taças com leite morno e bocados de pão de véspera que Mrs. Anderson pusera diante deles. *Nelson* chegou mesmo a saltar para o meio de uma taça com um grande chape. Que bem soube! Mrs. Anderson retirou-o dali e limpou-o, e, segurando-o nas suas mãos, tentou ensiná-lo a beber o leite da taça. Depois disso, Mrs. Anderson começou a cortar pequenos bocados de maçã e cenouras, e a picar ovos cozidos, para grande deleite do cachorrinho.

Certa noite, a uma hora já avançada, *Nelson* foi acordado por um novo som. Era a voz de Mrs. Anderson. Estava habituado a que fosse calma e serena, mas, desta vez, ouvia-se alto e bom som ainda que estivesse em qualquer outra parte da casa e, de algum modo, assustou o cachorrinho. Ele não compreendia por que razão Mrs. Anderson se estava a comportar assim e quando ela entrou no compartimento, meia hora depois, *Nelson* cheirou algo de novo nela, o sedimento de uma fúria intensa que acabara de passar. Era a primeira vez na sua curta vida que ele se deparava com o cheiro da fúria e não gostou nada daquele odor. Não viria nunca a gostar. Não era algo que algum dia tivesse sentido em cães, e aprendeu que era uma das coisas que distinguia os cães dos seres humanos. O próprio *Nelson* experimentou durante a sua vida muitas, muitas emoções, mas a fúria nunca foi uma delas.

Mrs. Anderson olhou para *Nelson*, reparou que ele a observava e pegou-lhe ao colo. Afagou-lhe a cabeça. Quando o encostou ao seu rosto, ele rapidamente lhe lambeu as lágrimas e ela sorriu sem grande convicção. *Nelson* gostava do sabor a sal das suas lágrimas, mas, desta vez, sentia-se também feliz por o aroma da sua felicidade ter regressado. Mrs. Anderson pousou-o e saiu do quarto, mas regressou logo a seguir com um prato pequeno. Quando voltou a pegar em *Nelson* e o pôs no colo, ele reconheceu rapidamente que a comida no prato exalava o mesmo odor suculento que ele notara por diversas vezes durante as últimas semanas. Foi provavelmente o cheiro mais maravilhoso com que algum dia se deparou. O jovem cão deglutiu os pequenos bocados de salsicha que Mrs. Anderson lhe trouxera, e ela ria enquanto ele lambia o prato, ansiando por mais.

Lola despertou com o cheiro das salsichas e, indolente, abriu os olhos. Era um dos seus pratos favoritos e, normalmente, ladraria de forma educada para lembrar a Mrs. Anderson para lhe dar alguma. Porém, desta vez, voltou a adormecer. Sabia que, em breve, os seus filhotes já não estariam ao seu lado e mais uma vez seria ela, Mrs. Anderson, *King*, *Kennedy* e *Nougat* a percorrerem juntos os bosques. Sabia que iria voltar a dormir aos pés da cama de Mrs. Anderson à noite, e as recordações dos seus filhotes depressa se desvaneceriam. Portanto, nessa noite deixou o pequeno *Nelson* comer o petisco sozinho.

Mrs. Anderson estava, de facto, a considerar ficar com o pequeno *Nelson*. Era sempre difícil deixar partir os cachorrinhos, mas tinha de recordar a si própria de que precisava do rendimento suplementar da ninhada e, desta vez, seria muito menor do que era costume. Felizmente, algumas das lojas de animais na área onde, regra geral, eram vendidos os seus cachorros de raça pura haviam concordado ficar, ainda que com alguma relutância, com a sua mistura *beagle/poodle*. Os proprietários das lojas sabiam que os cachorros que Mrs. Anderson criava eram não só belos exemplares, como também apresentavam o tipo de temperamento que os donos de cães gostavam. Eram brincalhões mas obedientes, atrevidos mas amorosos. Um dos lojistas até gracejou, dizendo que iria chamar à prole de *Lola* e de *King* ora «beadles» ora «poogles». Claro, ela receberia apenas uma parte do pagamento que costumava receber pelos seus cachorros. Vender *Nelson* por apenas cento e cinquenta dólares parecia uma tolice. Representava tão pouco na grandiosa ordem das coisas. Porém, havia uma cerca que precisava de ser consertada e tinha de comprar mais algumas galinhas, e a sua pensão mal cobria as despesas.

Mrs. Anderson limpava geralmente os cachorros com uma toalha húmida. Com os cocós a tornarem-se cada vez mais volumosos a cada refeição sólida que faziam, isto tornara-se uma tarefa feita duas vezes ao dia. Certa manhã, contudo, *Nelson* pressentiu que estavam prestes a experimentar algo de novo assim que ela os levou a todos para a lavandaria, na parte de trás da casa. O cheiro era acolhedor e seco, e lembrou a *Nelson* a noite que passou deitado na cama de Mrs. Anderson.

Deixou os cachorrinhos a enroscarem-se no cesto acanhado e preparou uma pequena selha com água morna, cheia de sabão. Um a um, deu banho a

todos. *Nelson* adorou imediatamente esta sensação. Mrs. Anderson esfregou-lhe suavemente o corpo, o que era como ser completamente lambido pela mãe. Logo se sentiu refrescado e desperto, e o cheiro a alfazema do sabão embalou-o num feliz contentamento. Assim que acabou de limpar meticulosamente o cachorro, passou-o por água limpa numa outra selha. Depois, usando uma toalha grossa, esfregou-o até secar. Segurando-lhe cuidadosamente a cabeça por entre as mãos, com uma tesoura pequena mas pontiaguda aparou-lhe o pelo fofo.

Nelson contorceu-se um pouco e Mrs. Anderson quase o espetou quando lhe aparava os pelinhos à volta dos olhos. No final, estreitou-o contra si e beijou-o várias vezes. *Nelson* lambeu-lhe a cara e saboreou a água salgada que lhe rodeava os olhos.

Nessa noite, Mrs. Anderson preparou uma vasta seleção da comida preferida dos cachorros. Havia leite e pão, mas também pequenos bocados de queijo, ovos, maçãs e salsichas. Um a um, foi alimentando a ninhada de filhotes de *Lola*. Exausta, *Lola* comeu também alguns pedaços. Assim que *Nelson* se enroscou próximo da mãe para dormir, sentiu o cheiro dos irmãos e irmãs que o rodeavam, imaculadamente limpos. Via os seus pequenos corpos a moverem-se para cima e para baixo a cada respiração, e o ocasional roncar dos seus estômagos. As luzes estavam desligadas, mas conseguia dar por Mrs. Anderson, sentada na sua cadeira ali perto. Até agora, havia sido o melhor dia da vida de *Nelson*. A felicidade que sentiu quando se deixou adormecer nessa noite foi doce e envolvente. Sonhou com campos de relva cobertos de salsichas onde brincava, interminavelmente, com os irmãos e as irmãs.

Mas quando *Nelson* acordou no dia seguinte, a sua vida tornou-se muito diferente.

2

Quando *Nelson* acordou, vivenciou uma nova e estranha sensação. Ele e os irmãos estavam num cesto, na parte de trás da carrinha de Mrs. Anderson. À medida que o veículo percorria as estradas rurais cheias de covas, os cachorros balançavam de um lado para o outro, chocando, por vezes, uns contra os outros. Até mesmo quando Mrs. Anderson tentou conduzir de forma mais suave, pareceu a *Nelson* que as entranhas se revolviam dentro de si, e sentiu-se enjoado. Ele e os irmãos latiram baixinho e desoladamente, mas ninguém veio tranquilizá-los. Ainda sentiam o cheiro da mãe no pelo uns dos outros, mas *Lola* não se via em lado algum.

Por fim, o carro parou e o rosto de Mrs. Anderson surgiu sobre eles. Afagou-lhes as cabeças e os cachorrinhos lamberam-lhe as mãos avidamente, mais serenos agora. Pegou neles ao colo, um a um, e deu-lhes leite por um pequeno biberão. O plástico dava-lhe um sabor horrível, mas, mesmo assim, o leite sabia bem. Depois de os ter pousado novamente, *Nelson* adormeceu mal o carro se pôs outra vez em marcha. Ocasionalmente, dava por si meio desperto com uns cheiros novos e estranhos que entravam pela janela. Por vezes, farejava versões mais fortes de aromas de que se recordava estarem distantes na herdade. Ao seu redor ainda havia relva e isto tranquilizava-o.

Cerca de duas horas depois, Nelson acordou sentindo odores novos e estimulantes. Embora os irmãos ainda dormissem, os seus olhos estavam bem abertos e permaneceu em alerta e de alguma forma receoso. O olfato dizia-lhe que Mrs. Anderson estava ainda por perto e ele sabia que tinha de ficar próximo dela, fosse como fosse.

Nelson conhecia o cheiro a fumo das fogueiras que Mrs. Anderson fazia de vez em quando à noite. Esta era a comparação mais aproximada que o

cachorro podia fazer aos cheiros que entravam pela carrinha. Mas estavam impregnados de odores que lhe pareciam artificiais. Havia também ruídos, agudos e de alta frequência, e o barulho de pessoas nas ruas a falar com uma rudeza a que ele não estava habituado. O som da carrinha de caixa aberta de Mrs. Anderson não o incomodara muito, mas agora reparava no estrondar de outros carros e veículos a toda a sua volta, que se tornaram ensurdecedores. *Nelson* ganiu e sentiu, de imediato, a mão de Mrs. Anderson a afagar a sua pequena cabeça, e sossegou. Onde estaria a sua mãe *Lola*, pensou. Por que razão não estava com eles?

De repente, o motor da carrinha parou e aquele movimento brusco das últimas horas, que os impelia de um lado para o outro, deixou de se fazer sentir. *Nelson* descansou por uns instantes. Os irmãos esticavam o pescoço, tentando ver para além dos quatro lados do cesto.

Nelson deu por Mrs. Anderson a pôr batom. Depois, houve a súbita explosão de aroma do seu perfume. Ela inclinou-se e falou aos cachorrinhos, e *Nelson* notou tristeza na sua voz. Ele sentiu que algo importante estava prestes a acontecer já que ela pegou em cada cachorrinho, o afagou e lhe deu um beijo. Demorou-se mais com *Nelson* do que com qualquer um dos outros.

Mrs. Anderson transferiu os cachorros, um a um, para pequenas transportadoras na parte de trás da sua carrinha. Assim que *Nelson* foi mudado do cesto que partilhava com os irmãos, viu de relance o novo mundo que o rodeava. Um enormíssimo edifício de betão apresentava-se diante de si e havia centenas de carros e pessoas por todo o lado. Algumas das que se encontravam mais próximas olharam para ele com um sorriso no rosto, e acenaram com a cabeça a Mrs. Anderson.

Nelson foi colocado numa pequena cesta transportadora com a irmã mais nova. Quando olharam para fora, ele viu Mrs. Anderson a colocar os seus outros irmãos choramingas em cestos próximos. Mrs. Anderson deu, um a um, água e pequenos bocados de salsichas. Depois, pegou nas três transportadoras e entrou na enorme estação de comboios em Concord, no New Hampshire.

Nelson estava assustado. A estação era barulhenta e cheia de pessoas a andarem apressadamente de um lado para o outro. Havia uma cacofonia de cheiros e ele debatia-se para os interpretar. Quando a cesta de *Nelson* foi colocada numa grande balança e pesada, ele olhou de relance para Mrs.

Anderson e sentiu a sua profunda tristeza. Ela dirigiu-se à portinhola da transportadora e *Nelson* lambeu-lhe o rosto pela última vez. Depois desapareceu.

Nelson e a irmã mantiveram-se juntos. Procuraram refúgio no pelo um do outro, onde persistiam os cheiros da mãe e dos irmãos. A pequena irmã de *Nelson* gania desoladamente, e ele, com meiguice, mordiscava-lhe a orelha para tentar animá-la.

Assim se passaram algumas horas. O medo abrandou algum tempo depois e *Nelson* teve logo vontade de se aventurar para lá da sua pequena cesta e de explorar alguns dos interessantes novos odores que o rodeavam. Arranhou a porta da sua caixa mas percebeu de imediato que estava ali preso. Detestava aquela sensação e começou a ganir alto. Após alguns instantes, apareceu um homem que meteu o dedo através da portinhola da transportadora de *Nelson*. Os dois cachorrinhos cheiraram e lamberam o dedo. Um rosto amigável com um boné azul olhou lá para dentro e sorriu-lhes. *Nelson* sentiu alguns dos cheiros mais calorosos e reconfortantes que Mrs. Anderson exalara e sentiu-se logo melhor.

Pouco tempo depois, o homem amigável pegou nas cestas com os cachorros e carregou-as pela estação fora. *Nelson* estava um pouco apreensivo quando viu comboios pela primeira vez. Seriam animais? Ou casas? Os cheiros que emanavam deles eram muitos e variados.

O homem simpático pousou *Nelson* e a irmã na carruagem de um dos comboios e voltou a acarinhar os seus focinhos. Depois, desapareceu. A porta da carruagem fechou-se com força e eles foram deixados quase na escuridão. *Nelson* conseguia cheirar outros animais ali à volta. Achou que podia haver outros cães, e talvez coelhos e galinhas. Já não conseguia sentir o cheiro dos seus irmãos nas proximidades. Ele e a irmã mais nova permaneceram silenciosos e amedrontados, e começavam também a sentir fome.

O comboio começou de repente a andar com um solavanco e *Nelson* e a irmã foram empurrados para um canto da cesta. Ganiram e *Nelson* pressentiu medo nos outros animais que estavam na carruagem. As galinhas começaram a fazer uma grande algazarra. Porém, à medida que o comboio foi avançando, o seu andamento tranquilo aquietou os animais. Assim que o medo deixou também *Nelson*, e ele viu que a irmã estava também mais calma, permitiu-se apreciar os novos aromas que entravam na carruagem

vindos do exterior. Os odores da cidade haviam sido, mais uma vez, dominados pelos do campo, e *Nelson* absorveu os pastos verdejantes e as florestas com grande prazer. Era um tanto estranho sentir os cheiros a partir de um comboio. Embora certos aromas fossem constantes, havia também um bombardeamento contínuo de novos cheiros, alguns dos quais desapareciam rapidamente. *Nelson* tentou agarrar-se a eles, em especial aos mais interessantes, porém, desapareciam num abrir e fechar de olhos. O interesse do cachorro foi espicado.

A viagem de comboio de *Nelson* e da irmã não foi longa. Cerca de uma hora depois, o comboio começou lentamente a abrandar. Os sons e os odores da cidade voltaram e *Nelson* farejou água, muita água.

Quando o comboio finalmente parou, e a porta da carruagem foi aberta, *Nelson* sentiu os cheiros da estação de Boston.

3

Durante vinte anos, a loja de animais das redondezas, propriedade de Emil Holmes, no extremo sul de Boston, construía uma reputação de vender apenas cachorros de raça pura. Isso significava que os criadores precisavam de fornecer papelada do American Kennel Club para provar a linhagem dos seus cães, e cópias desta documentação seriam dadas aos compradores para justificar os preços, por vezes altos, que Emil cobrava pelos seus cachorros.

Emil tornou-se dono de uma loja de animais de estimação não por sua própria decisão, mas porque o pai morrera quando ele tinha vinte e três anos e legara a loja ao filho. Emil não via o pai desde os cinco anos e, como tal, o pequeno bem que herdou não era esperado. As suas únicas recordações do pai envolviam bebida, gritaria e o barulho de pratos partidos na cozinha, enquanto o pequeno Emil tremia de medo na cama. O pai nunca pusera uma mão no filho, mas a mãe não foi poupada às ocasionais tarefas. Por fim, reuniu coragem para se livrar do marido beligerante, porém, a presença dele ainda ecoava na mente de Emil muitos anos mais tarde.

Emil tinha uma grande perspicácia para números e, após ter acabado o liceu, começou a vender equipamentos musicais em segunda mão. Durante algum tempo saiu-se bastante bem e casou com a sua namorada de liceu, Evelina, antes do seu vigésimo primeiro aniversário. Mas, como acontece com muitos primeiros negócios, acabou por correr mal e Evelina deixou-o pouco tempo depois, destroçando o coração a Emil. Durante algum tempo, saltou de emprego em emprego, sarando as feridas das suas perdas. A princípio, quando a notícia da herança do pai chegou até si, pareceu-lhe um mau agouro. Mas logo percebeu que comprar e vender cachorros poderia ser bastante rentável. Gostava do negócio da sua nova loja de animais de estimação e estava determinado a fazer da sua segunda tentativa na área

comercial um sucesso. A isso, esperava, talvez se seguisse uma nova mulher e uma família. Emil iria, implacavelmente, concentrar-se no resultado final com o seu segundo negócio. Dentro de poucos anos conseguiria saber com grande precisão o valor de uma ninhada, baseado na raça, e, frequentemente, no criador. Certos criadores dotaram-no de excelentes cachorros, e compradores satisfeitos recomendaram a amigos a pequena loja de animais de Emil. A pouco e pouco, foi subindo os preços e, em pouco tempo, estava a ter grandes lucros com os cães que vendia.

Contudo, detestava grande parte das outras tarefas ligadas à manutenção da loja. Como não tinha uma especial afeição por cães, logo começou a ficar saturado com o seu cheiro, que acabou por impregnar a sua vida. Por vezes, à noite, em casa, imaginava que estava a sentir o fedor a cocó de cão, embora soubesse que isso era impossível. Mas era com esse cheiro que ele vivia o dia a dia e sabia que iria conviver com isso para o resto da vida, ou enquanto tivesse aquele negócio.

À medida que os anos foram passando, e sem qualquer namoro, começou a culpar o cheiro do cocó dos cães de o tornar pouco atrativo para as mulheres. O que ganhava ajudava-o a ultrapassar os sentimentos negativos acerca do seu trabalho, mas se não fosse pelo dinheiro não tinha qualquer relação com os cachorros. Via as pessoas a adularem-nos constantemente e não conseguia perceber isso. Um cão era um animal, nada mais. Pelo amor de Deus, os chineses comem-nos como se fossem galinhas, pensava ele por vezes para com os seus botões.

Foi com grande irritação que Emil recebeu o pedido de Mrs. Anderson para vender dois cães arraçados. Não gostou da sugestão de que os podia vender como «beadles» ou «poogles» invulgares. Um arraçado era um arraçado. Era um animal sem valor que custava muito, muito menos do que um dos seus cães com *pedigree*. O custo de alimentar um cão arraçado, de o lavar e de limpar a sua casota todos os dias, era provavelmente mais do que o dinheiro que receberia por o vender. Também o preocupava que pudesse malbaratar a sua reputação, tão cuidadosamente preservada, ao vender cães arraçados na sua loja.

Mas Mrs. Anderson era uma das suas melhores criadoras. Ele sabia que *King* gerava sempre *beagles* lindos, e *Lola* caniches afáveis e amorosos, do tipo que aquelas mulheres que ele achava serem umas «cabras ricas» de

Cambridge gostavam. Sabia que Mrs. Anderson era uma velha maluca que vivia numa herdade sozinha, mas não quis aborrecê-la e perder uma boa criadora que aceitava sempre, sem regatear, o seu primeiro preço. Portanto, concordou em levar os dois cachorros rafeiros que ela lhe queria vender. Emil ficou aliviado por ela ter encontrado um comprador para os outros três cachorros da ninhada numa loja de animais no Connecticut.

Todavia, assim que viu os dois cachorros arrependeu-se da decisão. Como acontecia frequentemente com este tipo de ninhadas, os dois cães pareciam bastante diferentes um do outro. O mais pequeno, a fêmea, era razoavelmente engraçada, mas o macho tinha uma coloração estranha, em especial à volta dos olhos. Parecia um cão dos desenhos animados. O pelo deles também era estranho: nem macio como o de um *beagle*, nem felpudo como o de um caniche. Espetava para todas as direções. Ele achou que talvez pudesse uniformizá-lo cortando-o antes de os vender.

Para Emil, o pior de tudo naqueles cachorros era a cauda. As pessoas que compravam um cachorro de raça gostavam de os ver com as caudas cortadas. Era prática corrente. Todos os seus criadores entregavam os cachorros desta forma vendável e, normalmente, Mrs. Anderson também o fazia. Claro que ela não se preocupara em cortar a destes arraçados talvez porque, também ela, não estivesse muito interessada em animais sem *pedigree*, concluiu.

Com efeito, Mrs. Anderson costumava tirar a cauda aos cachorros quando eles tinham dois ou três dias, mas nunca gostou de o fazer. Algumas pessoas diziam que os cães não sentiam nada, mas ela sabia que sim.

Ganiam sempre pesarosamente depois de ela pegar neles com firmeza e de lhes cortar a cauda com uma faca afiada. O coração doía-lhe sempre que punha desinfetante e ligava o pequeno resto de cauda que sobrava. Mas sabia que dentro de um dia os cachorros estariam como habitualmente, e também sabia que tinha de o fazer para assegurar um preço decente às suas ninhadas.

Porém, algo dentro de si resistira a tirar a cauda de *Nelson* e à sua família. Se os cachorros eram arraçados, pensou, não havia razão para lhes tirar a cauda. Esforçou-se por imaginar como se pareceriam quando fossem mais velhos e achou que talvez beneficiassem daquilo que a sua avó costumava chamar «a quinta perna de um cão». Ela dizia que uma cauda equilibrava um cão na sua marcha.

Mas Emil estava convencido de que para vender estes cachorros teria de lhas cortar. Nunca o havia feito, por isso precisava de marcar uma consulta no veterinário logo que possível. Iria diminuir ainda mais o lucro desses malditos cães. Lembrou-se que tinha um pequeno expositor livre na zona da loja onde expunha os cachorros, ao fundo. Pusera para já ali os dois rafeiros, mas se não fossem vendidos quando recebesse a sua nova fornada de lulus-da-pomerânia, teriam de sair.

A loja dos animais era limpa, luminosa e bem cuidada. Os clientes de Emil eram, em geral, pessoas abastadas e ele percebera desde logo que gostavam de um local com uma certa classe. Havia filas com uma parafernália de coisas à venda para cães e gatos, e os cachorros estavam todos colocados em pequenos expositores ou boxes que orlavam a parede alta de um dos lados da loja. A zona dos cachorros era feita de chapa metálica branca e cada cubículo encontrava-se bem iluminado. A água caía em gotas de um sistema central e os cachorros, sempre que precisavam, bebiam-na pelo tubo. Colocada numa pequena taça, de cada um dos lados do cubículo, via-se ração para cão. Do outro lado da zona dos cães, numa área reservada para Emil, havia portas independentes com acesso a cada cubículo.

A parte da frente da zona onde se encontravam os cães estava protegida por vidro. Isto era para prevenir potenciais compradores de meterem os dedos por entre a rede, deixando que os cachorros os lambessem e mordiscassem. Emil receava que alguma «cabra rica» o processasse ou coisa parecida se algum dos cachorros a mordesse com demasiada força. Como tal, uma cliente teve de pedir que um cachorro fosse colocado num parque para bebés, para que ela pudesse passar algum tempo a brincar ali com ele.

O pequeno cubículo branco de metal onde *Nelson* e a irmã se encontravam era estranhamente desprovido de odores. Havia o cheiro a água, mas era diferente do da água na herdade. *Nelson* conseguia discernir químicos esquisitos na água da loja dos animais e evitava bebê-la tanto quanto podia. Havia um odor distante a outros cachorros, mas o vidro e a chapa metálica pareciam impedir que grande parte dos cheiros entrasse na pequena câmara. *Nelson* e a irmã reconfortavam-se mutuamente, aninhando-se o mais que podiam no pelo um do outro. O cheiro da sua irmã era intenso e no pelo dela ele podia sentir o da sua mãe, *Lola*, e de Mrs.

Anderson. Inalou profundamente, embora não fizesse ideia de que dentro de dias aqueles odores iriam desaparecer para sempre.

Havia um outro cheiro estranho no cubículo, um granulado que estava numa taça a um dos cantos. *Nelson* reconheceu-o como sendo comida de cão.

Mrs. Anderson havia-lho dado em quantidades limitadas, juntamente com pão e leite, e outros petiscos deliciosos que lhes trazia da cozinha. Mas esta ração sabia e cheirava horrivelmente. Durante algum tempo, *Nelson* não conseguiu comer nada, mas, por fim, a fome tornou-se tão esmagadora que teve de o mastigar, obrigando-se a engoli-lo.

Ouvia-se pouco barulho no pequeno cubículo. A pequena irmã de *Nelson* gania e a água gotejava muitíssimo devagar, mas ele não conseguia ouvir muito mais coisas. Na loja, podia entrever seres humanos a andarem de um lado para o outro vagorosamente. Via-lhes muitas vezes os pés enquanto eles olhavam para os cachorros nas boxes por cima dele. Alguns punham-se ao seu nível e ao da irmã. Ocasionalmente, via-os com um esgar e a sorrir quando olhavam para eles, mas, grande parte das vezes, olhavam de relance e desapareciam.

Nelson habituou-se a ansiar pelas noites na loja dos animais. Todos os dias, por volta das cinco horas, Emil começava a fechar a loja e então chegava um homem mais velho, de pele negra. Sem grande cerimónia, Emil saía da loja e o homem começava a varrer o chão e a lavar os vidros.

Depois, abria as boxes dos cachorros uma a uma. Quando *Nelson* o ouvia, à distância, a começar a fazer isso, ficava logo muito agitado, como se soubesse que não tardaria a sua vez e a da irmã. A porta abrir-se-ia e as mãos grandes, calorosas de Vernon McKinney tiravam os dois cachorros do seu cubículo. Costumava afagá-los por instantes, tal como Mrs. Anderson fazia. Depressa se habituou a beijar *Nelson* na cabeça e o cão lambia-lhe a cara. Vernon tinha um sabor diferente do de Mrs. Anderson, mas *Nelson* gostava. O homem também parecia gostar das lambidelas do cachorro.

Depois, Vernon colocava os dois cachorros no pequeno parque perto da zona dos cães. Dentro do parque havia muitos brinquedos – pequenos animais de peluche, bolas e brinquedos que chiavam. *Nelson* gostava destes, e começava logo a brincar animadamente com eles e com a irmã. Mas, ainda mais interessante, conseguia sentir que muitos outros cães haviam ali

estado. Farejava cada milímetro do parque à procura de novos cheiros que, de imediato, eram todos catalogados no seu cérebro ainda em desenvolvimento.

Com intervalos de alguns dias, Vernon costumava dar banho aos cães. *Nelson* adorava – estar apenas na água deixava-o logo infinitamente mais feliz. No entanto, não gostava da parte final; Vernon segurava-o com as suas mãos grandes enquanto lhe dava uma secagem extra com o secador de cabelo. Mas logo devolvia os cachorros aos seus espaços assépticos e sem cheiro. Vernon limpava os excrementos dos cachorros, enchia as taças de comida e substituía alguma da palha em que eles se haviam deitado durante o dia, caso estivesse suja. O cheiro forte a químicos, por vezes, fazia com que *Nelson* quisesse vomitar. Mas ele cheirava a pele de Vernon e ela cheirava bem. Se ele se concentrasse no cheiro do homem e da irmã, conseguiria adormecer. Sonharia com relva e salsichas.

Depois de três dias na loja dos animais, uma das jovens que espreitaram para dentro do cubículo de *Nelson* e da irmã desapareceu, mas regressou uns momentos mais tarde acompanhada por Emil. Pouco depois, Emil içou *Nelson* para fora do cubículo, e o cachorrinho sentiu-se assustado. Ouviu a irmã a ganir assim que a porta se fechou atrás de si. Emil levou o cachorrinho para o parque de brincar e pousou-o ali. A mulher que ele vira a olhar para ele entrou também e sentou-se. Ele olhava para ela, sem saber ao certo o que fazer. Ali próximo, Emil observava-o atentamente. Isto amedrontou-o. A jovem aproximou-se e pegou em *Nelson*. Afagou-lhe a cabecinha, examinando-o com curiosidade. *Nelson* lambeu-lhe os dedos algumas vezes. Sorriu, depois afagou-o mais um pouco.

Porém, após uns momentos, pousou o cão e desapareceu sem olhar novamente para ele. *Nelson* ficou ali sozinho cerca de dez minutos. Depois Emil entrou e pegou nele bruscamente, magoando-o nas suas pequenas costelas. Ao ver Emil a falar-lhe de forma ríspida, farejou o ar. Sabia que o homem não era de fiar e a sua fúria fez com que *Nelson* se sentisse muito inquieto. Faria tudo o que pudesse para o evitar. Pouco depois, *Nelson* foi atirado para o seu cubículo onde ficou, a tremer, ao lado da sua irmãzinha.

* * *

Ao longo da semana seguinte, *Nelson* e a irmã foram tirados do cubículo várias vezes e colocados no pequeno parque onde potenciais compradores brincavam com eles. *Nelson* chegou a rezear esses momentos. Não era os clientes que temia. O seu cheiro revelava-se frequentemente reconfortante e ele desejava passar horas a brincar com eles. Na verdade, aprendeu que Emil ficava muito menos zangado com ele se brincasse tanto quanto possível com as pessoas no parque. Quanto mais brincasse, mais eles sorriam, e mais ele podia cheirar a sua felicidade.

Porém, logo que cada potencial comprador decidia não levar *Nelson* para casa, Emil tratava o cachorro com o maior dos desdêns. *Nelson* tinha agora mais de dois meses e ainda não era muito maior do que uma mão humana. Era forte para a idade, mas um pouco mais de força no movimento de Emil quando o devolvia ao cubículo podia ser bastante doloroso. Um dia, Emil atirou-o descuidadamente contra a parede do cubículo e *Nelson* ganiu de dor. Doeu-lhe durante dois ou três dias. Assim, numa tentativa de travar amizade com Emil, tentou certa vez lambe-lhe a mão, mas ele detestou e gritou ao cãozinho. Depois disso, *Nelson* tremeu durante uma hora.

Quando a porta do cubículo se abria, e a mão de Emil aparecia, *Nelson* sentia também o medo da irmã. Se Emil a fosse buscar, ele ficava temporariamente aliviado, mas, depois, receava pela irmã. Esperava ansiosamente assim que Emil a levava, e logo que a porta se abria e ela voltava ao cubículo ele sentia-se aliviado. O seu pequeno coração batia sempre descompassadamente quando ela regressava e ele lambia-a e mordiscava-a meigamente na orelha para a reconfortar.

* * *

Certa manhã, bem cedo, a porta abriu-se inesperadamente. *Nelson* não havia ainda dado por qualquer cliente na loja. Emil retirou *Nelson* e a irmã do cubículo, apertando-os firmemente nas suas mãos. Pô-los numa pequena transportadora, parecida com aquela em que eles haviam sido transportados na viagem de comboio, e fechou a portinhola. Praguejou e olhou para eles. Depois, Emil atirou a cesta para a parte de trás da sua velha carrinha. *Nelson* e a irmã assustaram-se assim que o veículo se pôs em marcha, seguindo depois aos solavancos. A transportadora andava de um lado para o outro e *Nelson* e a irmã ganiam. *Nelson* pressentiu estarem novamente na

cidade. Havia muito barulho, sobretudo de carros, e sentiam-se odores tóxicos por todo o lado.

Pouco depois, a carrinha parou e Emil tirou-os da parte de trás. A sala de espera do veterinário tinha um cheiro asséptico semelhante ao cubículo deles na loja dos animais. *Nelson* sentia a impaciência de Emil enquanto esperava com os dois cachorros ao colo, dentro da transportadora. Um jovem que se encontrava próximo deles, a segurar um enorme *labrador* pela trela, olhou para os dois cachorros e fez um sorriso rasgado. Começou a conversar com Emil, mas *Nelson* ouviu a resposta seca do homem e a conversa ficou por ali. *Nelson* sentia a presença de outros cães na sala de espera, e de humanos também. Com Emil ali ao lado era difícil lembrar-se de que a maior parte das pessoas emitia um aroma caloroso e reconfortante, mas, mesmo assim, *Nelson* farejava-o, ali, no compartimento. Após algum tempo, um homem alto de fato branco, com cabelo ondulado, entrou e chamou Emil. Na sala de observações, o veterinário tirou *Nelson* e a irmã da caixa transportadora e segurou-os nos seus braços calorosos, afagando-lhes a cabeça. *Nelson* gostou logo dele. Havia algo no seu cheiro, e o toque suave mas firme das suas mãos no corpo de *Nelson* deixaram-no relaxado. Emil e o veterinário falaram e em breve a conversa se tornou ligeiramente acalorada. A dada altura, Emil puxou ao de leve a pequena cauda de *Nelson*. Pouco depois, Emil praguejou e saiu da sala, a abanar a cabeça.

Foi assim que um simpático veterinário de Boston declinou o pedido de Emil para cortar a cauda de *Nelson* e da irmã. O veterinário sabia que os cachorros tinham já idade em demasia para que isso acontecesse. Não iria infligir tal tipo de sofrimento a um animal. Como se a agradecer ao veterinário, *Nelson* e a irmã olharam para ele e abanaram as caudas que podiam ter perdido. O veterinário limitou-se a sorrir.

Segurou em *Nelson* e pegou numa seringa reluzente. O cãozinho não gostou do cheiro do líquido que estava no interior, mas confiava no veterinário. Sentira uma ligeira dor no lombo das três vezes que fora vacinado. O sítio onde recebera as injeções esteve dorido durante vários dias, mas *Nelson* sabia que eram para seu bem. O veterinário vacinou também a irmã e *Nelson* mordiscou-lhe meigamente a orelha assim que ela ganiu.

Na noite seguinte, e logo que Vernon chegou, retirou *Nelson* e a irmã do cubículo antes de qualquer outro cachorro. Soubera dos planos de Emil para lhes cortar as caudas e ficou aliviado por ver o animal a abaná-la energicamente. Nessa noite, havia trazido alguns restos de carne de um churrasco que a família fizera nesse fim de semana, e *Nelson* e a irmã deliciaram-se. Emil ficaria zangado se descobrisse, mas Vernon não conseguia resistir a trazer-lhes comida adicional.

Geralmente, na loja de Emil, os cachorros eram vendidos no espaço de uma semana, mas haviam passado já quase três semanas desde que *Nelson* e a irmã tinham chegado e ainda ninguém os comprara. Vernon não percebia muito bem porquê. À medida que os dias passavam, achava que os cachorros estavam cada vez mais engraçados. O pelo começava agora a crescer-lhes um pouco e aquelas pequenas caudas a abanar enterneciam o seu coração todos os dias. Ele achava que a clientela que frequentava a loja de Emil era provavelmente bastante enfatuada e queriam somente cães que tivessem um certificado de *pedigree*.

Vernon era uma pessoa curiosa que, apesar da sua falta de instrução, passava o tempo livre a ler acerca de todo o tipo de assuntos invulgares que o interessavam. Devorava artigos sobre as tartarugas das Galápagos, as primaveras quentes na Islândia e a história da China. Portanto, achava que a curiosidade que via em cada olhar de *Nelson* faziam dele um cachorro bastante fascinante. Claro que não eram verdadeiramente os seus olhos que satisfaziam a curiosidade de *Nelson*. Eram os cheiros que o moviam. Mas Vernon não estava enganado quando reconhecia um pouco de si no cão.

Vernon sabia que Emil era movido pelo dinheiro e uma parte de si preocupava-se com o que pudesse fazer com estes cachorros se ninguém os comprasse. Emil pagava-lhe o ordenado a tempo e horas todos os meses e em oito anos de trabalho ali na loja apenas gritara consigo uma vez. Vernon era um trabalhador muito consciencioso, portanto, nunca havia grandes motivos para Emil se zangar com ele. Mas sabia que o patrão não gostava de cães. Às vezes, Vernon assustava-se com a expressão no olhar de Emil que quase fulminava *Nelson* e a irmã.

Portanto, foi com ansiedade que Vernon chegou à loja certa noite e reparou de imediato que a pequena irmã de *Nelson* já não se encontrava com ele no cubículo. Olhou para o cãozinho ali sozinho, com um olhar desolado. Vernon tirou-o do cubículo, sentindo a tristeza do cachorro.

Geralmente, quando pegava nele, *Nelson* ficava num turbilhão de alegria. A cauda abanava e lambia as mãos e a cara de Vernon, mordendo-o meigamente. Nessa noite, no entanto, deixou-se ficar apático, praticamente imóvel, ignorando o pedaço de carne seca que Vernon tirou do seu saco.

Por um momento aterrador, Vernon pensou que Emil fizera algo inqualificável à pequenita. Mas quando olhou para a parte da frente do expositor havia um letreiro «VENDIDO» por baixo do que dizia «Beadle Fêmea».

Passou cerca de meia hora a abraçar *Nelson*, a afagá-lo e a tentar animá-lo. O cão lambeu algumas vezes as mãos de Vernon, porém, continuava triste. Não chegara a despedir-se da irmã. A porta do cubículo abriu-se e, como de costume, sentiu apreensão ao cheirar as mãos de Emil. A irmã foi retirada do cubículo e a porta fechou-se. Ele esperou ansiosamente pelo seu regresso. Mas as horas passaram e não havia sinais dela. Nessa noite, na altura em que Vernon chegou, uma tristeza profunda havia caído sobre ele.

Nelson sentia ainda o cheiro da irmã no seu pelo. Mas por muito que tentasse já não sentia o de *Lola*, a sua mãe, ou o de Mrs. Anderson. Recordava-se ainda de forma muito intensa das suas fragrâncias, mas o seu nariz já não as conseguia localizar nas imediações. Algures dentro de si sabia que o aroma da sua irmã também desapareceria, lentamente, do seu mundo.

Vernon reconfortou *Nelson* naquela noite, o suficiente para ele conseguir dormir. O pequeno cachorro deixou-se levar por sonhos pungentes, preenchidos pelo odor de Emil. Talvez pressentisse que Emil estava acordado, na sua cama, fazendo mentalmente o inventário de cachorros, e notando que não haveria espaço para *Nelson* quando os quatro novos *chihuahua* chegassem no dia seguinte. Aquele cachorro iria precisar de ser apagado do inventário.

4

Katey Entwhistle apreciara as duas semanas de lua de mel passadas em Itália, embora não tivesse havido muito tempo para descansar. Don era um turista implacável e tinha também um apetite voraz para fazer amor, razão por que, regressaram à América bastante cansados. Mas, não obstante, ela sentia-se mais feliz do que nunca.

Haviam vagueado por Roma à noite e comido intermináveis refeições deliciosas. Andaram pela Toscana e pela Úmbria num pequeno *Fiat* já cansado, absorvendo o verde surpreendente das regiões rurais e a inspiradora arte renascentista. Por fim, passaram uns dias em Positano, a explorar o cenário escarpado e montanhoso e as águas cintilantes. Ambos estavam bronzeados e cheios de entusiasmo.

Katey sentia-se culpada por não ter tocado o seu querido piano durante duas semanas inteiras, o período mais longo que esteve sem o fazer desde os tempos de criança. Mas ela também sabia que isso podia esperar. A vida regressaria ao normal assim que voltassem, com a exceção de ter agora um marido que amava muitíssimo.

* * *

O voo da Alitalia para Boston foi longo e sem incidentes. Por sugestão de Don, decidiram parar ali durante alguns dias antes de regressarem a Albany, por estrada, num carro alugado. A sua mãe estava demasiado doente para assistir ao casamento deles em Nova Iorque, e embora tivesse uma noção mínima do que acontecera, achou que ela iria gostar de os ver.

Durante o tempo que passaram em Boston, aproveitaram algumas horas por dia para a visitar no lar onde se encontrava. O seu quarto, como o resto do local, tinha aquele cheiro a pessoas idosas por todo o lado – uma mistura

de desodorizante barato, amido, alimentos cozidos por comer e um vago odor a urina. Não era necessariamente desagradável mas fazia-nos saber exatamente onde nos encontrávamos.

Katey via que Estelle, a mãe de Don, havia sido uma mulher bela, e também muito ativa. Ouvira fragmentos de narrativas suas e Katey desejava apenas poder compô-las ou prever a história inteira antes de Estelle se deter, repentinamente, a olhar para o ar, confusa. Após uns instantes retomava a conversa, mas sobre um assunto completamente diferente. Don impacientava-se passado algum tempo e sugeria muitas vezes que se fossem embora antes de Katey achar que já eram horas para isso. Ela tentou, ao máximo, travar conhecimento com a mãe de Don, que não conhecera antes de adoecer. Por vezes, Estelle achava que Katey era sua irmã, a filha que nunca tivera, a antiga namorada de Don e, uma vez, a senhora da limpeza. Por mais que o filho repetisse que Katey era agora a sua bonita mulher, Estelle não conseguia recordar-se disso. Gostara muito do saboroso queijo *Truffle* que Katey escondera no meio da bagagem para ela, em Itália. Portanto, Katey começou a trazer-lhe comida todos os dias, o que Estelle apreciava imenso.

Quando regressou de Itália, Katey sentiu uma estranha sensação de estar a ser enganada, e viu que Don sentia a mesma coisa. A vida deveria ser como na sua lua de mel – passear e conhecer locais bonitos, apreciar refeições saborosas a dois e fazer amor até às primeiras horas da madrugada. Katey deleitara-se no sorriso afetuoso de Don, na sua paixão pela história e no animado sentido de humor. Ela gostaria que a vida pudesse ser para sempre como havia sido em Itália. Tentaram estender ao máximo a lua de mel com jantares românticos em Boston e passeios por lugares conhecidos. Mas os famosos barcos em forma de cisne no pequeno lago pareciam algo insignificantes comparados com aqueles em que exploraram as enseadas ao largo da costa italiana.

Uma tarde, depois de visitarem a mãe de Don, deambularam sem pressas pelas ruas de Boston, de braço dado, aos risinhos, como fazem os recém-casados. Comeram um *pretzel* e espreitaram as montras das lojas de antiguidades. Tinham praticamente tudo o que precisavam na pequena casa em Albany, e os presentes de casamento preencheriam as falhas. Mas ainda

procuravam aquela pequena lembrança da lua de mel que pudessem guardar para um dia mais tarde recordarem. Esta era mais uma ideia de Katey do que de Don. Ele havia tirado bem mais de seiscentas fotografias com a sua sofisticada máquina e estas seriam recordações mais do que suficientes para eles, dizia. Durante a viagem a Itália, Katey encontrara por vezes uma pequena estátua, uma peça de porcelana, e compraram algumas. Mas, de certa forma, nada do que encontravam parecia ser a lembrança exacta. Katey era supersticiosa e continuava a esperar que pudessem encontrar algo especial. Era uma tradição dos seus pais – trazer sempre para casa, das viagens, alguma coisa que de certo modo contivesse em si o significado da viagem. Muitos anos antes, quando Katey tinha nove anos, a mãe entrara no seu quarto e anunciara-lhe, tristemente, que o pai, um soldado, não regressaria a casa. Perdera a vida num país distante. Durante anos, Katey encontrara consolo num crocodilo de brincar que os pais haviam comprado quando, certo ano, fizeram férias na Florida. Quando se apertava o brinquedo, tocava uma música de Elvis. A avó ralhara sempre com o filho pela falta de gosto, mas, depois de ter perdido o pai, Katey ficou muito grata pelo crocodilo de mau gosto.

Foi Don quem sugeriu que entrassem numa pequena loja de animais por onde passaram numa das ruas secundárias. A mãe de Don tivera periquitos e um papagaio quando ele era criança, e sempre que podia gostava de observar aves. Assim que perceberam que a loja não tinha pássaros, Don quis logo sair. Porém, nessa altura, Katey deteve-se a olhar para a zona dos cachorros de um dos lados da loja. Embora não tivesse pensado muito em cães desde adulta, adorara-os enquanto criança. Era claro que aquela loja tinha uma seleção muito boa: *lulus-da-pomerânia*, *terriers*, *pugs*, caniches e *chihuahuas*. Havia também um enorme cachorro *Grand Danois* numa das boxes maiores e um *labrador* preto. Katey podia passar horas ali, mas via a impaciência de Don e, portanto, dirigiram-se para a porta. *Nelson* comprimia-se na pequena caixa transportadora para onde Emil o atirara uma hora antes. Enquanto aguardava no balcão, ao lado da caixa registadora, o cachorro tivera tempo para cheirar tudo o que havia na pequena loja. Ainda que sob circunstâncias normais isto tivesse significado um festim de odores, a sensação irreprimível que *Nelson* sentiu enquanto aguardava na pequena transportadora foi medo. Emil cirandava pela loja, a abrir caixas e a fazer outras tarefas. Ocasionalmente, sorria de forma

entusiasta a novos clientes que se passeavam pela loja e *Nelson* sentiu a sua felicidade ao vender um pequeno *chihuahua* a uma senhora de idade. Mas, a maior parte das vezes, o cachorro sentia apenas a sua raiva, especialmente quando Emil olhava para ele, praguejando alto e bom som. Mal reparou quando o jovem casal entrou na loja uns momentos antes. Observava Emil atentamente, e viu apenas pelo canto do olho que a jovem mulher olhava para todos os cachorros na zona de exposição. *Nelson* ficou surpreendido quando, uns instantes mais tarde, ela estava já a meter os dedos pela porta da pequena caixa transportadora onde ele estava, sorrindo-lhe.

Katey reparou no cachorro sentado com ar abandonado na transportadora assim que ela e Don estavam prestes a sair da loja. Era pequeno e bastante penugento, com uma pelagem de cor mista – manchas de cor branca, castanho-amarelado e castanho. Os olhos eram dignos de nota, como se alguém tivesse pintado à sua volta – uma mancha castanha no lado esquerdo e uma branca no direito. A cauda era também notável e com cerca de metade do tamanho do resto do corpo, com pelo multicolor. Porém, ela ficou impressionada com a tristeza do cachorro e meteu a mão na transportadora para o tentar animar. No início, o pequeno cão ignorou Katey, mas depressa a começou a lamber, animadamente, olhando para ela com os seus grandes olhos castanhos.

Há muito tempo que Katey nem sequer pensava em ter um cão. Também não fora possível, a morar há tantos anos em apartamentos. Ela sabia que outras pessoas mantinham cães de pequeno porte dentro de apartamentos, levando-os à rua duas vezes por dia, no entanto, sabia que se tivesse um cão teria de ter um jardim para ele brincar. Desde criança que o sabia. Mas quando ela e Don se mudaram para uma casa meses antes, a ideia de ter um cão não lhe havia sequer passado pela cabeça, talvez porque estivessem muito ocupados a desempacotar e a aprender a viver a vida a dois.

Assim, quando brincou com aquele cachorrinho na loja de animais de Emil naquele dia, o desejo de o levar para casa com ela tornou-se rapidamente irresistível. O cão lambia-lhe energicamente a cara e saltava à volta dos brinquedos, pedindo-lhe pois que brincasse com ele. Quando Katey lhe pegou ao colo, aconchegou-se naturalmente a ela e cheirou-a. Ela olhou para o marido de forma inquiridora assim que ele lhe sorriu. *Nelson* sentiu-se logo reconfortado pela fragrância fresca, pela suavidade e pelos bondosos olhos castanho-escuros. Quando ela olhou para ele, com o seu

sorriso acolhedor emoldurado pela pele macia, cor de pérola, e o cabelo preto levemente encaracolado, o corpo de *Nelson* descontraíu.

Depois de ter pegado nele e de o ter levado novamente para o balcão, *Nelson* esperou que *Katey* o entregasse a *Emil*, tal como muitos outros clientes o haviam feito após terem brincado com ele durante alguns minutos. Mas não. Houve uma conversa. *Emil* foi cordial e amistoso para a jovem mulher. A mulher falava docemente, num tom que *Nelson* achou bastante tranquilizante. O homem com quem ela estava juntou-se também à conversa. Conseguia sentir muito do cheiro da mulher no homem, e muito do homem na mulher, os quais pareciam muito ligados um ao outro. *Nelson* notou também um odor em ambos que nunca havia encontrado, intenso, vivo e bastante envolvente. Mais tarde aprenderia que era o odor do desejo humano.

O corpo de *Nelson* tornou-se mais tenso quando a mulher o colocou, com suavidade, novamente na transportadora e fechou a porta com firmeza. Aninhou-se perto da porta, tentando lambe-lhe os dedos e ganindo baixinho. Olhou para *Emil*, que o fitou por instantes, e o cão estremeceu. Mas não foi *Emil* que o levou da loja naquele dia, como rezeira. Foi *Katey*.

Naquele dia, *Nelson* ainda não sabia que era ela o Grande Amor da sua vida.

5

Os primeiros seis meses da vida de *Nelson* com Katey e Don foram rapidamente marcados por uma feliz rotina. O cachorro tornou-se desde logo ciente de uma palavra que ambos usavam de forma repetida quando olhavam para ele ou o afagavam, e cedo começou a responder pelo nome «*Nelson*» quando o chamavam sempre que estava no jardim.

Houve uma certa discussão na viagem de carro de Boston para Albany sobre o nome que deveriam dar ao cão. Era um animal difícil de dar um nome já que tinha características e um comportamento muito específicos. Após algumas horas a experimentar muitos dos que eram comuns e previsíveis, Katey folheava a papelada que Emil lhes dera depois da compra do cachorro e reparou que o cachorro nascera em *Nelson*, no New Hampshire. De alguma forma, o nome *Nelson* parecia ser perfeito para o cachorro. Don gostou porque o fazia lembrar Lorde Nelson, o almirante inglês que ele tanto admirava e de quem falava com grande entusiasmo às suas turmas na universidade. Katey achou que o nome soava bem, pois Nelson Mandela fora sempre um homem que ela admirara muito. *Nelson* nem gostava nem deixava de gostar do nome, mas haver esta palavra especial para si fazia-o sentir feliz e a voz de Katey a chamá-lo deixava-o logo com o coração aos pulos.

A casa em Albany era bastante pequena, com dois quartos de dormir, um deles minúsculo. A casa de banho e a cozinha eram antigas e o telhado precisava de um arranjo. Mas estava pintada de fresco e Katey dedicara-se a decorá-la de forma pensada. Era luminosa e alegre. Mais importante ainda para *Nelson*, cheirava bem. Cheirou-lhe bem no momento em que entrou

pela porta da frente com Katey e Don e foi farejando tudo enquanto eles davam um beijo à francesa para celebrar a chegada a casa.

A casa ficava num subúrbio coberto de folhas e *Nelson* adorava a frescura do ar e os aromas melódicos que pairavam na brisa constante. No interior, a casa era reconfortante e acolhedora. Mais uma vez, *Nelson* sentiu o aroma a lavandaria. Os saquinhos de alfazema que Katey deixara em sítios cuidadosamente escolhidos rematavam uma simpática paleta de cheiros. Lá fora havia um jardim. Não era grande como o de Mrs. Anderson, talvez dezoito metros quadrados. Mas com o passar do tempo, o cãozinho desenvolveu uma relação muito chegada com aquele jardim. A crescer muito depressa na altura em que encontrou um lar com Katey e Don, o seu nariz foi crescendo também. Veio a conhecer cada centímetro daquele jardim com um pormenor extraordinário. Embora nunca pudesse ser capaz de o expressar, em breve traria na sua cabeça uma história maior do que uma bíblia. Não era uma história humana, ligada por uma narrativa inteligível. A história na cabeça de *Nelson* estava meramente definida por uma miríade de cheiros relacionados. Ele trouxe à luz esta história simplesmente ao explorar a relva no jardim de Katey. Era um conto de criaturas pequenas e grandes que haviam vivido naquelas terras durante milénios. Um conto sobre a água que caía dos céus e fazia crescer a relva e as flores. Era uma história bonita e, por vezes, triste, com que *Nelson* sonhava todas as noites e aumentava todos os dias.

Katey e Don haviam plantado vários canteiros com bonitas flores – balsaminas, malmequeres, margaridas e rosas. Quando as rosas desabrochavam eram irresistíveis para o cachorro. Mas as suas flores favoritas eram as belas tuberosas brancas que Katey plantara uns meses antes. O seu aroma era muito agradável durante o dia, mas *Nelson* gostava particularmente de as inalar à noite, quando a sua fragrância verdadeira, mística, emergia. Katey e *Nelson* iam muitas vezes para o jardim depois do jantar e cheiravam juntos as tuberosas. Ela abraçava-o, afagando-lhe a cabeça com os seus dedos compridos, como ele gostava, e cheiravam o aroma forte das flores. Deixavam-no zonzo. Katey gostava das flores brancas esculpidas desde que a sua colega indiana de quarto, na faculdade, as trazia frequentemente de casa para o dormitório.

À medida que *Nelson* crescia, a energia ia-se libertando dele de forma incontrolável. Comeu pouco nos seus primeiros dias com Katey e Don, mas logo que percebeu que Emil era apenas uma má recordação o seu apetite tornou-se devorador. Limpava as duas taças de ração que Katey lhe dava diariamente e devorava qualquer outro petisco humano que ela ou Don lhe pusessem à frente. Katey adorava ver se ele comia alimentos diferentes, evitando uvas e chocolate, como os livros ensinavam. *Nelson* comia tudo de boa vontade, absorvendo primeiro o seu cheiro e, depois, engolindo vorazmente.

A primeira refeição era pela manhã, depois de Katey e Don tomarem o seu pequeno-almoço. Pouco depois, Don saía de casa para o seu dia de trabalho e, apesar de *Nelson* ficar ligeiramente preocupado por ele poder não regressar, era logo distraído por Katey. Dava-lhe o seu pequeno-almoço, perdendo alguns minutos a afagar-lhe a cabeça e lutando corpo a corpo com ele com um dos seus brinquedos. Arrumava a loiça da cozinha e ele sentava-se perto dela enquanto fazia a sua ginástica matinal, tomando um duche a seguir. Depois, durante quatro horas, estudava piano. *Nelson* adorava esta parte do dia. Deitava-se debaixo do piano de cauda, um Steinway que herdara da avó e que estava metido a custo a um canto da sala de estar do casal. Katey movimentava as mãos para cima e para baixo com graciosidade e sons por vezes suaves, por vezes ruidosos, saíam do piano. *Nelson* achava a música clássica muito relaxante. Embora os seus ouvidos não pudessem interpretar aqueles sons de forma tão precisa como os humanos, conseguia notar as variações gerais de tom e ritmo e achava-os, a maior parte das vezes, agradáveis. Na verdade, podia ouvir muitas frequências e sons musicais que humano algum conseguia.

No entanto, ainda melhor para o cachorinho era o cheiro do piano. O aroma de Katey estava em toda a parte. Mas o piano também emitia fragrâncias mais distantes, porém sedutoras. Por fim, *Nelson* conseguiu distinguir trinta, talvez quarenta, tipos diferentes de madeira usados para fazer o instrumento. Algumas eram novas, outras velhas. Em cada uma havia uma história, uma história de vida de uma árvore, o seu crescimento, os tempos de abundância, os tempos de escassez. Por vezes, *Nelson* distinguia histórias mais pequenas sobre os animais que viveram na árvore, confinados à terra ou aves. Juntas, todas essas histórias eram fascinantes para o cachorro. Nunca as compreendeu em palavras ou numa forma linear.

Eram histórias contadas na linguagem efémera, dinâmica, imprevisível do olfato.

Todos os dias, sempre que Katey acabava de estudar as suas peças de música clássica, batia vigorosamente com os pés no chão e começava a tocar uma das suas canções *pop* preferidas: «Here Comes the Sun», dos Beatles. Em criança, quando estava a aprender a andar, o pai ouvia o LP enquanto a aconchegava no seu colo. Os acordes alegres da canção eram o escape perfeito à estrita devoção que a sua formação clássica exigia. Depressa *Nelson* se habituou à sua rotina diária. Durante o seu estudo sabia que não a podia perturbar. Mas quando os pés começavam a bater, o ritmo fazia vibrar-lhe o corpo todo e ele saltava para o banco do piano, lambendo-a entusiasticamente enquanto Katey cantava para ele com um tom de voz completamente descontraído, jovial. Cresceu a reconhecer e a gostar profundamente da canção porque sabia o que vinha a seguir. Quando a canção acabava, Katey agarrava na trela e saíam para o passeio diário, a sua parte preferida do dia com ela.

Durante meia hora, às vezes mais, vagueavam pelos arredores, próximo de casa. Era difícil para *Nelson* não esticar a trela, mas depressa aprendeu a ficar o mais próximo de Katey possível. Aquele passeio era uma visita diária a um concerto de cheiros. Nunca havia tempo suficiente para absorver todos eles, para os catalogar no seu cérebro em expansão.

Assim que *Nelson* cresceu, e a capacidade do seu faro se tornou maior, novos e poderosos impulsos apoderavam-se por vezes dele nos seus passeios diários. Havia aromas mais distantes que o fascinavam, fragrâncias que entravam pelas suas narinas e desapareciam passado meros instantes – cheiros de florestas longínquas e montanhas e cidades. Aprendeu rapidamente a reconhecer os cheiros de certos humanos, cães e outros animais que andavam habitualmente pelas redondezas. Mas sentia com frequência muitos outros humanos e animais nesse mundo mais afastado. O que seria aquilo ao longe? Seria o universo infinito, como o sugeria o seu nariz? Por vezes, esticava a coleira desesperado por encontrar algumas respostas. Então Katey puxava-o para trás, e a sua fragrância dominava-o novamente e *Nelson* esquecia os seus impulsos quanto a cheirar o tal mundo mais afastado. Voltavam depois para casa. Assim que lhe tirava a trela, pegava nele, e ele lambia-lhe a cara para lhe agradecer pela sua aventura desse dia.

Durante as tardes, Katey deixava-o no jardim. Por vezes pressentia-a dentro de casa, mas, por outras ouvia o estalido da porta da frente e o *bip* da porta do carro a abrir, e ela ausentava-se de casa por umas horas. Isto preocupava-o muito. Entretinha-se a bisbilhotar o jardim e a brincar com os seus brinquedos. Mas esperava ansiosamente que Katey regressasse. Quando a ouvia a fechar o carro, ao voltar, a reação do seu corpo era incontrolável. A cauda abanava-lhe de contentamento e o seu ladrar cada vez mais forte estrondeava. Em breve ela estaria lá fora para o saudar e ele dar-lhe-ia as boas-vindas com todas as forças do seu ser, orgulhoso por ter mantido a propriedade em segurança enquanto ela esteve ausente.

Ao final da tarde, ela dava-lhe o jantar e pouco depois disso Don chegava a casa. A atenção de Katey voltava-se então para o marido, mas *Nelson* nem se importava muito. Don não lhe ligava muito, mas quando o fazia era geralmente amigável. Por vezes, *Nelson* cheirava nele uma certa irritação e, por uma ou duas vezes, os primeiros indícios de fúria quando Don queria Katey só para ele. Quando pressentia isto, *Nelson* saía silenciosamente do quarto ou ficava a um canto, fazendo os possíveis para deixar Don sozinho.

Nelson não estava autorizado a sentar-se perto da mesa enquanto Katey e Don jantavam. A porta que dava para a zona da pequena lavandaria, nas traseiras da casa, estava fechada e ele esperava ansiosamente ao lado dessa porta, enquanto os aromas e os sons da refeição da noite chegavam até si. Katey e Don conversavam enquanto um deles preparava a comida. Nos primeiros tempos de casamento, *Nelson* cheirava a felicidade no ar à medida que tagarelavam sobre os acontecimentos do dia. Don gostava de cozinhar e *Nelson* ouvia-o a golpear e a cortar carne, frango, peixe, vegetais e, depois, a fritar ou a grelhar. Acontecia, o cachorro ficar com água na boca e à espera de umas sobras. A maior parte das vezes recebia os restos depois de o casal acabar de comer. Katey deixava-o entrar na cozinha e provocava-o, segurando bocados de pele de frango ou restos de esparguete no ar. Depressa *Nelson* aprendeu que, para receber estes petiscos, não devia saltar mas antes sentar-se. Então, Katey dava-lhos. Eram como a sobremesa para ele, depois do seu jantar de granulado e comida de cão.

De vez em quando deixavam o cão estar com eles enquanto viam televisão. Em algumas noites, Don assistia a jogos, gritando e fazendo um tal alarido diante do televisor que *Nelson* achava isso um pouco assustador. Deitava-se no colo de Katey enquanto ela lia um livro. Às vezes ela

abraçava-se a Don enquanto viam um filme ou um espetáculo. *Nelson* ficava aos pés deles e depressa aprendeu que este tipo de abraço entre Katey e Don os levava muitas vezes a fazer amor.

Isto era algo que acontecia quase todas as noites no andar de cima, no quarto deles, durante os primeiros meses do casamento de Katey e Don. Desde a primeira noite em que *Nelson* chegou a Albany que dormia na cama com eles. Sentiu uma certa apreensão da parte de Don quando Katey o trouxe para o quarto, mas, por fim, chegaram a acordo quanto a terem ali uma pequena casota, com um fecho-éclair na porta, onde ele pudesse dormir se eles quisessem ter privacidade. Na prática, dormia grande parte das noites com eles na cama.

Depois de Katey o deixar entrar na cama, a primeira tarefa de *Nelson* era procurar um rato de brincar, enorme e feio, que ela lhe comprara um dia no supermercado para o provocar. Rapidamente se tornou o seu brinquedo preferido, talvez porque, de alguma forma, resistia à destruição, o que não acontecia a outros brinquedos seus. Assim que localizava o rato, *Nelson* corria para Katey com ele e insistia para que houvesse um pouco de brincadeira. Katey tirava então à força o rato de *Nelson* e atirava-o para o outro lado do quarto para ele o ir buscar. Por fim, retirava-se para um canto, a roê-lo, enquanto Katey e Don se preparavam para dormir. *Nelson* tornou-se extraordinariamente inflexível quanto ao seu ritual noturno. De vez em quando, Katey pensava como as rotinas da família eram importantes para o pequeno cão. Parecia que muitas outras preocupações, como a ambição e o dinamismo e o ego lhe eram simplesmente irrelevantes.

Logo Katey, Don e *Nelson* se retiravam para a enorme cama de casal. *Nelson* sabia quando estavam prestes a fazer amor já que nessa altura odores fortes emergiam de ambos. *Nelson* nunca sabia o que fazer então. Mudava-se para o outro lado da cama quando a coisa começava e, por vezes, ficava a olhar para eles para tentar descortinar o que estavam a fazer. Don fazia sons ruidosos e às vezes Katey também. Era frequente fazerem amor durante muito tempo mesmo e então mais odores eram libertados dos seus corpos. Por fim, os cheiros atingiam um clímax e, a seguir, amainavam. Depois disso, adormeciam.

Durante o tempo em que faziam amor, *Nelson* entretinha-se a brincar com o seu rato. Quando sabia que haviam terminado, encontrava então o seu lugar para dormir. Katey gostava de abraçar Don e de adormecer naquela

posição, mas ele gostava de ter o seu espaço quando dormia e não tardava a que os seus corpos se separassem. A princípio, *Nelson* escolhia o local que parecia mais confortável, e muitas vezes era a zona peluda do corpo de Don – as pernas ou o peito. Mas Don não gostava de dormir com o cão mesmo ao seu lado. Libertava-se dele ou afastava-o, não o magoando mas apanhando-o de surpresa. Katey, por outro lado, adorava que *Nelson* dormisse ao seu lado. Ele enroscava-se junto à sua barriga, parecendo uma pequena bola, e adormecia docemente. A proximidade do aroma dela era calmante e agradável. Ficava junto a Katey, assim, durante a noite inteira. Por vezes, ela tinha pesadelos. Após tantos anos ainda acordava sobressaltada, com algumas recordações do seu pai já morto a persistirem. Outras, ouvia o zunido das metralhadoras ou vozes agressivas numa língua estrangeira que não conseguia compreender. À medida que os meses passavam, eram os pequenos roncos de *Nelson* que depois desses pesadelos a acalmavam mais do que tudo. Beijava o cachorro na cabeça enquanto o seu corpo subia e descia, lentamente, com a respiração. Em pouco tempo voltava a adormecer, onde sonhos mais calmos esperavam por ela.

Portanto, a vida do pequeno *Nelson* tornou-se intricadamente ligada a Katey. Sim, Don era também um membro da família, mas os dias e as noites de *Nelson* eram de tal forma definidos por Katey, e pela sua vida, que ela tornou-se a figura abrangente no seu mundo. A complexidade do seu aroma tornou-se a característica determinante do ar que ele respirava. Do fundo do coração de *Nelson* crescia um amor por ela. Não aconteceu do dia para a noite, mas ao longo de vários meses. Era um Grande Amor. Não tinha que ver com a comida que ela lhe dava, embora lhe estivesse grato por isso. Era um Grande Amor porque ela fazia do seu universo um lugar maravilhoso, um lugar que o deixava imensamente feliz. O cachorro ainda não conhecia o sentimento de perda, que viria um dia a experimentar de formas terríveis, mas até nas poucas horas em que Katey se ausentava, ele sentia muitíssimo essa ausência. Portanto, o seu amor cresceu. Com esse amor, outras emoções se desenvolveram no seu coração canino. Sentia necessidade de a proteger, necessidade de lhe mostrar o seu amor tanto quanto podia. Sentia necessidade de a enaltecer, de partilhar tudo o que tinha com ela. Sabia que a defenderia com todas as suas forças de qualquer coisa que a pudesse algum dia ameaçar.

Nelson sentia que *Katey* também o amava. Via-se na forma como ela o tocava e lhe afagava a cabeça. Via-se na forma como, frequentemente, falava com ele, sempre que acabava de estudar piano ou de arrumar a casa ou de cozinhar. Ele não percebia o que ela dizia, com exceção de algumas palavras estranhas aqui e ali, mas sabia que era dele que falava e adorava isso.

Um amor menor foi o que *Nelson* desenvolveu por ossos. Por vezes, *Don* trazia-os para casa, para ele. O cão ficava no jardim a roê-los. Assim que os seus dentes, cada dia mais fortes, mordiam o osso, cheiros começavam a ser emanados, histórias do animal que havia sido e o seu passado. Os ossos traziam com eles quase tantas histórias como a relva. Mas depois de *Nelson* já se ter entretido um bocado com o osso, gostava de escavar um pequeno buraco no jardim e enterrá-lo. Talvez *Katey* precisasse dele em qualquer altura. E se ela ficasse sem comida? Ele iria construir a sua própria reserva, uma reserva muito especial, para que *Katey* tivesse sempre de comer e nunca sentisse fome.

Às vezes, depois de enterrar um osso, *Nelson* costumava ladrar. Como era ainda pequeno, os seus latidos eram muito engraçados. Mas o ladrar do cachorro começava a tornar-se absolutamente notável. Tinha a intensidade de um caniche e a rouquidão gutural, grave de um *beagle*. *Katey* ria-se para consigo quando o ouvia ladrar no jardim. Nunca o fazia mais de duas ou três vezes seguidas, exceto quando chegava o carteiro. Ela sabia o que isso significava. *Eu, Nelson, o grande protetor de Katey Entwhistle, aqui me declaro, altaneiro, defensor desta casa, deste jardim e desta família.*

Uma manhã, em vez de estudar piano, *Katey* pegou na trela de *Nelson*. Ele ficou animadíssimo, como era costume quando ouvia o tinido da trela, mas sentia-se confuso. Normalmente, isto acontecia somente mais tarde. Todavia, *Katey* transmitia segurança e *Nelson* confiava.

Quando saíram de casa, *Nelson* puxou a trela para irem na direção que costumavam seguir no seu passeio diário, mas, em vez disso, *Katey* pegou nele e pô-lo no banco da frente do carro. Ela entrou também pelo outro lado e ligou o motor. *Nelson* continuava confuso. Estava com *Katey* há tempo suficiente para não reçar nada do que ela fizesse, porém habituara-se à rotina diária e a sua previsibilidade dava-lhe um grande prazer. Como se pressentisse a sua apreensão, *Katey* abriu a janela do lugar do passageiro

muito devagar, e os aromas do exterior jorraram para dentro do carro. Isto distraiu *Nelson* e ele inquietou-se com eles durante o resto da viagem até ao veterinário, que ficava a cerca de quinze minutos de distância.

Nelson ainda tinha uma lembrança bem viva da altura em que esteve no veterinário com Emil há uns meses. Os cheiros assépticos trouxeram Emil de volta à sua memória e o coração do cachorro bateu acelerado por momentos. Mas a fragrância afetuosa de Katey rodeava-o ainda, e ela afagava-lhe a cabeça e acarinhava-o, falando com ele como de costume. Ele estava certo de que tudo iria correr bem.

Porém, houve um laivo extra de tristeza nos olhos de Katey assim que ela lhe deu um beijo de despedida e o entregou ao veterinário. Quando entrou na sala de operações, não pensou no cheiro do veterinário, apenas que não era ameaçador. Pensava em Katey. *Nelson* gania por ela. Para aonde teria ido?

Serenou pouco depois, ligeiramente receoso assim que o veterinário e duas enfermeiras se amontoaram à sua volta e olharam para ele. *Nelson* farejou o líquido que pingava da enorme seringa que o veterinário segurava, mas antes que tivesse tempo para descobrir o que era, já ele lha aplicava e *Nelson* adormecia rapidamente.

6

Katey não queria castrar *Nelson*. Adorava o cachorro e alimentava ideias de o ver, um dia, ter filhos. Mas tanto Don como o seu veterinário haviam-na encorajado a fazê-lo. Trocara conversas por correio eletrónico com alguns ativistas a favor dos direitos dos animais que encontrara em fóruns de discussão na Internet e enquanto alguns eram um tanto estridentes para o seu gosto, chamando aos criadores «assassinos» e coisas do género, os mais acessíveis tinham um argumento persuasivo. Se centenas de milhares de cães eram abatidos nos canis, todos os anos, pelos Estados Unidos fora, onde estava a moralidade em permitir que o nosso cão procriasse? Sim, talvez encontrássemos um lar para esses cachorros, mas isso não significava que, algures, outros cães tivessem a mesma sorte e não fossem abatidos.

Portanto, Katey decidiu que isto era a decisão mais certa a tomar. Não obstante, o seu coração deu um salto assim que entregou *Nelson* ao veterinário nessa manhã, sabendo que ele iria passar por uma dor que não compreendia, e que voltaria para casa incapaz de se reproduzir. Ele estava ainda um tanto anestesiado quando o foi buscar umas horas mais tarde. Sentindo-se um pouco culpada pelo que fizera o cão passar, Katey comprou-lhe uma coleira de couro nova, castanha e decorada com tachas grossas de metal. Também lhe ofereceu uma placa de identificação de prata, gravada, com o nome dela e o número de telefone, para substituir a de plástico. Contudo, o cão parecia indiferente a estes presentes materiais, passando o resto do dia aparentemente a sofrer em silêncio por causa da operação.

Nelson tinha apenas uma vaga lembrança de acordar da cirurgia. Foi injetado mais umas duas vezes, e andou de máquina em máquina, todas fazendo um sonoro *bip*. Nessa noite, enquanto estava deitado com Katey,

tendo recebido um hambúrguer especial para o jantar, não estava particularmente consciente da operação a que fora submetido, para além da moinha que sentia atrás. Gania e Katey ficou cerca de uma hora a afagar-lhe a cabeça, como ele gostava. Don beijou-a e disse-lhe para não se preocupar que dentro de um ou dois dias *Nelson* estaria bem.

E estava. A energia voltou e a moinha passou depressa. Katey julgava ter notado uma ligeira alteração no seu comportamento, como se um certo vigor tivesse desaparecido. Estava um pouco menos travesso, menos turbulento. Don achava que havia tornado a sua personalidade ainda melhor.

Quando *Nelson* inalou o ar do jardim na manhã a seguir à sua operação, os cheiros do mundo exterior estavam intensos como nunca. Apenas a curiosidade ocupava o seu nariz nessa manhã, não o conhecimento de que não poderia nunca reproduzir-se. Se Katey não o tivesse castrado, talvez muitos dos seus filhos viessem eventualmente a correr mundo, alguns com sorte suficiente para encontrar um lar com humanos e outros a acabarem as suas vidas num triste canil algures. Mas isso não iria acontecer. *Nelson* estava destinado a ser o último da sua linhagem. Nunca na sua vida refletiria sobre o propósito da sua existência, se era não ter filhos. Katey era a única a meditar sobre este assunto.

Bastante mais preocupante do que a operação ao cachorro foi a viagem que Katey fez na semana seguinte. Estaria fora durante seis dias e *Nelson* dava conta de cada minuto em que ela se encontrava ausente. Don deixava-o no jardim durante o dia e regressava ao início da noite. Costumava levar *Nelson* a fazer o seu passeio diário, mas, por vezes, Don parecia um pouco aborrecido e absorto nestas saídas e, com mais frequência ainda, limitava-se a estar diante do televisor, a beber cerveja e a comer piza com *Nelson* por perto. Piza era, definitivamente, algo de que *Nelson* aprendeu a gostar. De vez em quando Don dava-lha já fria, de manhã. Era tão boa como quando estava quente. Outras vezes, Don atirava-lhe uma inteira, e o cão apreciava-a como se fosse um osso, roendo-a até desaparecer.

Enquanto fazia a sua pequena *tournee*, Katey sentia a falta de *Nelson* mais do que esperara. A sua atuação foi bem recebida em quatro cidades diferentes e sentia uma grande satisfação. O seu agente informava-a de mais contratações para o ano seguinte. Ela estava entusiasmadíssima com a sua

carreira em ascensão, mas também um pouco apreensiva. Uma parte de si não queria passar demasiado tempo longe de Don. Ou, se admitisse a si própria, longe de *Nelson*. Sentia-se surpreendida por, não obstante os concertos diante de milhares de pessoas, o encontro com músicos fantásticos e maestros de todo o mundo e jantares com os seus colegas em restaurantes caros ansiar, frequentemente, por estar em casa com o marido e o cão.

Quando finalmente chegou a casa, *Nelson* deu-lhe as boas-vindas durante mais de vinte minutos. A cauda agitava-se-lhe furiosamente no ar, saltava de um lado para o outro, ladrava cheio de alegria. Quando Katey pegou nele, ele lambeu-lhe a cara de forma entusiasta e o nariz inspirou o seu aroma em pequenas, rápidas inalações. Ela abraçou e beijou o cachorro. *Nelson* seguiu-a o dia inteiro, não a perdendo de vista. O seu contentamento não podia ser contido.

Nelson concluiu o seu crescimento na altura em que tinha cerca de um ano de idade. Mas continuava tão travesso como um cachorro, roendo tudo aquilo em que pusesse as patas. Aos dois anos, alcançara uma sentimento de maturidade. A sua cauda mantinha-se altaneira, como o estandarte do exército romano a anunciar a sua presença. Corria pelo jardim com grande entusiasmo. E nos seus olhos *Katey* imaginava ver uma certa sabedoria. Talvez fossem apenas os círculos coloridos que os rodeavam, mas pareciam olhar para ela com um profundo conhecimento.

Logo a seguir ao seu segundo aniversário, a vida de *Katey*, *Don* e *Nelson* começou a mudar rapidamente. De repente, *Don* começou a passar os dias em casa. A princípio parecia a *Nelson* que se tratava de um fim de semana sem fim, mas depressa sentiu que *Don* não se mostrava lá muito feliz por estar tanto tempo em casa. O cãozinho não sabia os acontecimentos que levaram ao seu injusto despedimento da universidade, mas observava a raiva e a frustração que exalavam pelos poros de *Don*. Adorara ser professor e ministrara as suas aulas de História com humor, pormenor e vivacidade. Quando uma onda de despedimentos na universidade seguiu os cortes no orçamento do estado, *Don* observou, em silenciosa consternação, que outros professores mantinham os seus empregos devido à antiguidade, ainda que tivessem há muito perdido a sua paixão e a vocação que ele tinha pela matéria e pelos estudantes. Depois de perder o lugar, passava várias horas por dia ao computador à procura de novas vagas, com um sentido de urgência. Também tentou ocupar o tempo a manter as suas leituras em dia e a escrever alguns artigos académicos. Mas à medida que os meses passavam, a possibilidade de encontrar um novo emprego no ensino parecia cada vez mais remota e, assim, começou a passar o tempo a ver televisão ou

a vaguear pela casa, sem objetivos. Quando *Nelson* cheirava uma garrafa de cerveja a abrir, circulava cuidadosamente. Nesses dias costumava haver discussões. Ele não percebia o que Katey e Don diziam; não percebia que o sentimento de fracasso de Don crescia à medida que a carreira de Katey prosperava. Mas o cão pressentia a tensão e a animosidade que cresciam nos seus tons de voz. Por vezes, pouco mais faziam do que falar. Don começava a gritar com Katey e uma vez ou duas ela gritou-lhe também. Isto deixava *Nelson* muito pouco à vontade. Enroscava-se a um canto e observava cuidadosamente, cheirando o ar denso.

De vez em quando, tentava consolar Don, lambendo-o, ou brincando com ele no jardim. Às vezes Don mostrava-se recetivo e *Nelson* ficava feliz por ver um sorriso no seu rosto e por cheirar a dissipação da sua negatividade. Outras, afastava-o simplesmente com uma palavra rude. Katey também precisava de consolo e a ela *Nelson* dava-lho sem restrições. O tempo que passavam juntos, enquanto ela fazia o seu treino diário ao piano, não voltou a ser como dantes. Com grande frequência, era interrompido por Don a entrar na sala e uma espécie de conversa negativa ocorria. Quando ele se afastava, ela continuava a tocar, mas *Nelson* sentia que os seus pensamentos estavam noutra parte qualquer, não com a música. Em várias ocasiões faltou ao ritual diário de cantar «Here Comes the Sun» a *Nelson*. O cão olhava para ela com olhos desolados, consciente de que algo mudara.

Se acontecia Don e Katey fazerem amor mais do que duas vezes por semana já era muito e não era marcado pela mesma explosão de odores que *Nelson* sentia anteriormente. Mantinham-se em silêncio e terminavam com rapidez. Mas *Nelson* reparava que ficavam ambos acordados por muito tempo antes que ele pressentisse que haviam adormecido. Então, aguardava sempre que eles adormecessem antes de ele próprio o fazer. Queria certificar-se de que estavam ambos bem.

Katey encorajava Don a levar *Nelson* a fazer o seu passeio diário várias vezes, pensando que lhe arejaria as ideias da mesma forma que acontecia consigo. Mas enquanto Katey deixava *Nelson* parar e cheirar as árvores e os outros cães que cruzavam o seu caminho, Don parecia ter sempre pressa de voltar para casa. Mantinha *Nelson* com rédea curta.

Nelson sentiu-se ligeiramente receoso, pela primeira vez em muito tempo, quando, certo dia, Katey se despediu de Don com um beijo trazendo

consigo uma mala enorme. Quando a via com aquela mala sabia que estaria fora durante alguns dias. Ela parecia sempre regressar, mas embora ele o soubesse, temia que um dia pudesse não voltar. No entanto, não era isto que preocupava *Nelson*. Era um cheiro estranho que ele estava a sentir em Don. Não era nada que tivesse cheirado antes. Isto deixava-o inquieto e preocupado.

Nessa noite, logo a seguir a um jantar de piza em frente ao televisor, Don tomou um duche e pôs água-de-colónia. *Nelson* estava apenas habituado ao cheiro dessa fragrância de manhã. Pouco depois, a campainha da porta da frente tocou. Como era seu costume, correu para a porta, a ladrar, ansioso por proteger a família de qualquer intruso. Conseguiu lá chegar antes de Don e abanou a cauda ao vê-lo chegar para lhe mostrar a boa ação que estava a desempenhar.

Don abriu a porta e do outro lado estava uma mulher. Tinha aproximadamente a mesma idade de Katey, vinte e muitos. *Nelson* sentiu-lhe logo o perfume e cheirou-lhe o verniz berrante das unhas. O seu coração batia descompassadamente. Quem seria esta mulher? Onde estava Katey? E então ladrar alto e bom som. A mulher riu, e Don também, nervosamente. Ele ajoelhou-se, tentando afagar o cãozinho, mas isso apenas fez *Nelson* ladrar mais alto. Assim que a mulher se aproximou e o seu cheiro desconhecido se misturou com o ar da casa, que continha sempre uma boa quantidade da fragrância de Katey, *Nelson* sentiu bem dentro de si que algo estava errado. O seu ladrar tornou-se frenético.

Don gritou para o cão parar. *Nelson* resistia, uma vez que a sensação de que alguma coisa se passava era muito forte, mas, por fim, cedeu quando o dono se aproximou e olhou para ele com um olhar vagamente ameaçador. Don pegou nele e levou-o para a lavandaria, fechando a porta ao sair. *Nelson* esperou ansiosamente perto daquela porta durante a noite inteira. Na penumbra ouvia Don e a tal mulher aos risinhos. Voltou a ladrar quando entraram na cozinha, e *Nelson* ouviu uma garrafa de vinho a ser aberta. Depois disso, ouviu-os a subir as escadas.

Foi a primeira vez que *Nelson* dormiu sozinho na lavandaria e detestou-o. Estava frio, até mesmo no cesto com almofadas que Katey pusera lá para ele se deitar quando ela estava a tratar da roupa. Quando Don chegou de manhã para deixar *Nelson* sair, encontrou um cocó de cão mesmo no meio do compartimento. Ralhou com *Nelson*, que tremia, mas Don não teve

coragem para dizer mais nada ao ver como o cão olhava para si de forma desconfiada.

Na noite seguinte, as coisas pareciam ter voltado à sua rotina. *Nelson* foi autorizado a estar no andar de cima e Don deixou-o dormir na cama com ele. Normalmente, isto teria deixado um cão feliz mas *Nelson* não dormiu praticamente nada. A mulher da noite anterior deixara o seu perfume pela cama toda. Era forte e com notas que ocultavam grande parte da fragrância doce e reconfortante de *Katey*. *Nelson* conseguia também sentir as notas do odor que Don emitia quando fazia apaixonadamente amor com *Katey*. Esta paleta de cheiros no quarto, nova e desagradável, perturbou o cão. Estava habituado a certas coisas de determinada forma e não queria que mudassem.

* * *

A mulher apareceu várias vezes enquanto *Katey* esteve ausente. Assim que *Nelson* aprendeu a reconhecê-la, com as sardas e o cabelo curto, deixou de ladrar-lhe tanto. Don, talvez sentindo-se culpado pelo frio que *Nelson* passara na lavandaria, deixava-o dormir no quarto, mas punha-o na sua casota do fecho-éclair. *Nelson* ali ficava, a fumar, enquanto Don e a mulher de cabelo ruivo faziam sexo durante horas a fio. Os odores ofendiam-no. Só desejava que *Katey* voltasse para casa.

Quando ela finalmente regressou, uma semana depois, sentiu uma certa contenção em *Nelson*, como se ele estivesse um pouco deprimido. Deu-lhe as habituais boas-vindas dignas de um herói, mas durante o resto do dia andou apático e sempre colado a ela. *Katey* perguntou a Don se haveria algum problema com *Nelson*, mas ele limitou-se a balbuciar qualquer coisa como resposta.

O amor que *Katey* e Don fizeram nessa noite foi insípido. Conversaram a seguir. *Nelson* sentia uma tensão silenciosa no ar. Uma espécie de normalidade regressou nas duas semanas seguintes, e o ar de felicidade de *Nelson* também se fez logo notar. Os acontecimentos com a tal mulher foram rapidamente esquecidos. Uma ou duas vezes achou ter sentido o cheiro dela em Don quando voltou a casa depois de umas horas fora. Mas o importante era *Katey* estar em casa.

Don e Katey não discutiam muito, mas também não falavam muito. Seguiam fielmente as suas rotinas diárias. Katey tocava piano agora durante mais tempo. Enquanto *Nelson* esperava debaixo do Steinway, ia apanhando uma certa melancolia no ar à medida que ela tocava. *Nelson* desejava poder dissipá-la para dar a Katey todo o amor que encontrava dentro de si. À medida que o seu amor por Katey crescia, Don tornou-se, a pouco e pouco, na mente do cãozinho, alguém a ser tolerado, mas não completamente respeitado como membro da família. Não lhe demonstrava muita afeição e, regra geral, tentava evitá-lo. À medida que uma certa frieza se instalava no relacionamento entre Katey e Don, ela passava cada vez mais tempo com *Nelson*. Sentava-se muitas vezes com ele à noite no jardim, durante várias horas. Continuavam a cheirar as tuberosas juntos, mas *Nelson* sentia que os pensamentos de Katey estavam em qualquer outro lugar. Sentava-se tranquilamente numa espreguiçadeira, a olhar para as estrelas, a afagar a cabeça de *Nelson*, ao seu colo. À distância, ele ouvia Don a assistir a jogos no televisor.

Mais cedo do que o esperado, Katey fez novamente as malas e partiu em *tournee*. *Nelson* deixou-se estar pesarosamente na porta da frente, enquanto ela e Don davam um abraço de despedida, nenhum deles o fazendo com muita intensidade. Katey deu também um abraço a *Nelson*, mas, depois de sair, o cãozinho sentiu-se despojado. Nessa tarde, Don passou umas boas horas a brincar com ele no jardim. Não era habitual, mas *Nelson* alinhou. Com alguma sorte, poderia significar que as coisas iriam melhorar. Don atirou uma bola a *Nelson*, e lutou com ele na relva. O sol estava quente e o prazer com que *Nelson* brincava era intenso. Nessa noite, o cão deitou-se feliz aos pés de Don enquanto este via televisão. Don afagava-o e fazia-lhe festinhas e embora *Nelson* sentisse a falta de Katey, o relacionamento com Don estava bastante melhor.

Mais tarde, nessa mesma noite, a campainha da porta tocou. *Nelson* deu um salto e correu para a porta. Sentiu que Don o seguia vagarosamente. *Nelson* conseguia sentir, por baixo da porta, o cheiro da tal mulher. Ladrou com todas as suas forças. Don parou em frente à porta. Depois abriu-a ligeiramente, pegando em *Nelson* e segurando-o nos braços. Disse-lhe para parar de ladrar e o cão obedeceu-lhe com relutância. Assim que a porta se abriu, o rasto do perfume da mulher entrou pela casa adentro.

Don manteve a porta entreaberta com a corrente ainda posta, e ele e a mulher falaram durante algum tempo. Por uma ou duas vezes, *Nelson* sentiu-a aproximar-se da porta, como se quisesse entrar. Mas Don não permitiu. Por vezes o tom da conversa tornou-se bastante acessível, todavia, terminou de forma tranquila. Don fechou a porta e ela foi-se embora.

Parecia distraído assim que voltaram para os seus lugares diante da televisão. *Nelson* tentou animá-lo, lambendo-lhe a cara, mas Don afastou-o. Don assistia a mais um jogo, mas não se deixou empolgar por ele como normalmente acontecia. Limitou-se a sentar-se, em silêncio, suspirando ocasionalmente e beberricando uma cerveja. *Nelson* adormeceu. Sonhou que estava no jardim e que as flores haviam começado a tresandar ao perfume da tal mulher. Quando acordou, umas horas mais tarde, Don estava ao telefone. Falava em voz baixa. O odor do desejo pairava no ar.

Nelson voltou a dormir na lavandaria nessa noite. Por vezes, ouvia os ruídos abafados de Don e da tal mulher a fazerem amor no andar de cima. *Nelson* arranhava a porta, desesperado para entrar no quarto e detê-los. Katey precisava de ser protegida. Mas a porta estava firmemente fechada.

Na manhã seguinte, *Nelson* ladrou a Don quando este entrou. Don foi à cozinha e voltou com um osso. Como *Nelson* insistia em ladrar, o dono gritou-lhe para parar. O cão obedeceu apenas porque sentiu raiva nos poros de Don e isso assustou-o.

Nelson ficou aliviado por ver Katey regressar mais tarde nesse dia. Sabia agora que ela precisava de ser protegida de Don. Manteve-se ao seu lado e ladrava ocasionalmente quando Don estava por perto. Este ria de forma nervosa, mas Katey estava surpreendida. Passou uma hora a sós com *Nelson*, no jardim, a brincar e a afagar-lhe a cabeça para tentar descobrir o que se passava com ele. Receava que as suas frequentes deslocações afetassem de alguma forma o cão. Punha a hipótese de o levar com ela, mas com a rigidez dos horários de uma digressão, não seria muito prático. Gostaria de poder perguntar simplesmente a *Nelson* o que se passava, mas, claro, ele limitava-se a olhar para ela, confuso, quando o tentava fazer.

Nessa noite, Katey foi para o quarto antes de Don. Ele quis ficar a ver um programa de televisão até tarde e ela nem sequer o tentou dissuadir. Sentia-se cansada da viagem. Deixou subir *Nelson* e levou-o para o quarto.

Pousou-o perto da cama e foi até ao espelho para escovar o cabelo, algo que a deixava sempre relaxada antes de dormir.

Nelson saltou para a cama. Sentia o cheiro da outra mulher por todo o lado. Era como se ela estivesse naquele quarto, naquele mesmo momento. *Nelson* inalou, detestando o cheiro mas querendo descobrir de onde vinha. Ela estava ali algures, nos lençóis da cama por fazer e nos cobertores. Mergulhou de nariz, abrindo caminho em direção à fonte de cheiro intenso. *Katey* ouviu de repente *Nelson* a ladrar energicamente. Pediu-lhe para parar, mas ele não o fez. Ladrava com intensidade e ela correu para a cama, receosa de que houvesse um intruso ou coisa parecida. Ele permanecia no meio dos lençóis e dos cobertores, a ladrar, e *Katey* saltou para a cama para o acalmar. Foi quando viu uma peça prateada de roupa interior que não lhe pertencia.

8

Nelson pressentiu as emoções fortes de *Katey* nas semanas seguintes. Não compreendia a razão de ela estar a sentir. Não percebia o que era ver a frágil jarra de um casamento feita em bocados. Não entendia o abalo muito próprio dos humanos de se sentirem traídos. Mas tinha a profunda noção de que esses sentimentos eram dolorosos e horríveis, e haviam abalado o coração do seu Grande Amor. Portanto, o cãozinho fez o que podia para a animar, e para lhe recordar que o mundo podia ainda ser um local feliz. *Katey* habituou-se a deitar-se na relva com *Nelson* durante horas quando o Sol brilhava. Não queria brincar, mas *Nelson* convencia-a e pulava em cima do seu corpo. Quando ela chorava, ele lambia-lhe as lágrimas. Quando Don e o pai dela se confundiam em pesadelos estranhos, *Nelson* estava ao seu lado assim que o seu corpo se agitava com emoções aflitivas. Enroscava-se junto a ela e a pouco e pouco as sombras da noite que a rodeavam pareciam menos opressivas.

Houve vários conflitos enormes entre *Katey* e Don. Perante a descoberta de roupa interior de outra mulher na cama deles, *Katey* esperou meia hora, refletindo bem antes de, calmamente, confrontar o marido. Ele respondeu aos soluços e isto levou-a a gritar-lhe com uma intensidade a que *Nelson* nunca assistira.

O cão não estava assustado. Era uma raiva muito centrada, dirigida ao marido, e ele sabia que ela nunca magoaria os dois fisicamente.

Don não saiu de casa. Durante semanas, dormiu no sofá da sala de estar. Falava frequentemente com *Katey*, às vezes a chorar, mas era-lhe difícil deixá-lo aproximar-se muito. Por vezes, Don também se mostrava zangado.

Mais ou menos uma semana depois, Don começou a fazer todas as tarefas domésticas. Limpava a casa, e cozinhava, não falando muito com *Katey*,

mas fazendo-lhe constantemente pequenos favores. Ela ignorava-o, mas, a pouco e pouco, *Nelson* sentiu que alguma da sua fúria amainou. Lentamente, o odor da outra mulher foi-se dissipando de casa e *Nelson* sentiu o começo de um certo regresso à normalidade.

Passado um mês, Don começou novamente a dormir com eles no andar de cima. Ele e Katey não se tocavam nem falavam. Ela deitava-se de costas para ele. *Nelson* sentia-os acordados. Pelo menos havia silêncio.

Katey levava *Nelson* aos seus passeios diários. Não tinham pressa. Katey deixava muitas vezes *Nelson* demorar-se o tempo que quisesse numa determinada árvore ou canteiro de flores. Ele ia cheirando também outros cães com grande interesse. A sua ânsia em farejar e compreender todo o universo limitava-se a crescer e ele esticava constantemente a trela. Por vezes, Katey levava-o a um parque nas redondezas e deixava-o correr livremente pela vastidão dos relvados. Quando começava a afastar-se muito, ela chamava-o e ele voltava a correr, atirando-se para cima de si. *Nelson* regressava a casa dos seus passeios cansado mas satisfeito. A sua boa disposição só era diminuída pela tristeza silenciosa de Katey.

Uma noite, Don aproximou-se e começou a afagar suavemente as costas de Katey. *Nelson* rosnou-lhe, mas ela puxou o cão para perto de si e acalmou-o. Ela não reagiu a Don, porém, deixou-o continuar. Ele continuou a afagá-la durante cerca de uma hora, parando apenas quando sentia Katey a respirar fundo. *Nelson* dormiu tranquilamente nessa noite.

Nas noites seguintes, Katey e Don começaram novamente a fazer amor. Era tudo muito silencioso e sem grandes movimentos. *Nelson* pressentia algum prazer, mas não se comparava ao do casal que regressara da sua lua de mel em Itália, uns anos antes.

Numa manhã de verão de julho, *Nelson* estava no jardim quando ouviu uma enorme discussão dentro de casa. Katey e Don gritavam um com o outro. *Nelson* ouvia sem fazer barulho. O cheiro a fúria intensa saía da janela da cozinha. Era tudo o que *Nelson* conseguia observar, não o teor da discussão, o ressentimento de Don por Katey não estar a ser suficientemente compreensiva quando mais uma das suas candidaturas a um emprego, e que parecia ter hipótese, fora rejeitada no último instante. Nessa noite, *Nelson* sentiu-se aliviado por os ver abraçarem-se quando Katey fez a mala e se encaminhou para a porta da frente, para o táxi que a esperava.

Essa noite decorreu sem incidentes. Don adormeceu diante do televisor, com *Nelson* aos pés. Na manhã seguinte, Don acordou mal-humorado. *Nelson* observou-o enquanto ele tomou um duche, fez a barba e se vestiu. Não tinha a certeza mas parecia-lhe que Don pusera mais água-de-colónia do que habitualmente. *Nelson* ladrou-lhe. Don voltou-se e perdeu a paciência com o pobre animal. Pô-lo no jardim, onde *Nelson* ganiu discretamente. Uns momentos mais tarde, Don trouxe-lhe uma pequena taça de comida e pousou-a, olhando furioso para o cão.

Don apareceu no quintal uma hora mais tarde. Havia nele uma expressão arrogante e ligeiramente zangada e *Nelson* sentiu que algo de errado se passava. Voltou a ladrar a Don, furiosa e voluntariosamente. Ignorou o osso que Don lhe atirou e continuou a fazer-se ouvir. Don gritou e rogou pragas ao cão, mas *Nelson* sentia-se compelido por algo dentro de si e continuou a ladrar alto e bom som.

Don afastou-se, resignado, batendo com o portão lateral atrás de si. Correu para o carro e ligou o rádio alto. Depois partiu para se encontrar com a namorada.

O portão lateral que dava para o jardim tinha um fecho complicado. Se se fechasse o portão com cuidado, uma pequena lingueta de metal trancava-o. Quando Don o bateu com força nesse dia, o portão não fechou adequadamente. Parecia fechado mas o trinco não estava no sítio e, na verdade, ficara uma polegada aberto. Normalmente, ele e *Katey* verificavam duas vezes o portão antes de saírem, porém, nesse dia ele não o fez. Umhas horas mais tarde, uma ligeira brisa abriu-o mais um pouco.

Nelson esteve muito sossegado no quintal depois de Don sair. Sentia-se muito preocupado com *Katey*. Gostaria que ela voltasse para casa. À medida que o dia foi passando, andou a farejar um pouco pelo jardim, como normalmente fazia. Durante o dia fazia várias visitas à parte da frente da casa para ver se estava alguém a chegar. Por volta do meio-dia, era costume fazer vigílias frequentes para ver se o carteiro andava ali perto. Hoje, as suas deslocações tinham um propósito explícito. Estaria *Katey* por perto? Estaria a voltar para casa?

O cãozinho ficou confuso assim que viu o portão aberto. Normalmente, só estava como tal quando *Katey* o levava a passear. Deteve-se uns minutos, a cheirar profundamente. Sentiu a familiar paleta de cheiros de casa, de *Katey* e Don. Mas a brisa trazia aromas vagos da zona a montante do rio

que serpeavam por Albany. *Nelson* havia sentido estas fragrâncias há um ano. Olhava para o lado de fora do portão com os seus olhos muito abertos e, por um momento fatal, a forte curiosidade do cão assumiu o controlo. Esqueceu *Katey*, e *Don*, e a sua casa ali em Albany. Queria saber que aromas distantes eram aqueles. Queria cheirar o universo que sabia estar do lado de fora daquele portão. O impulso era forte e irresistível. Naquele momento, era tão forte e irresistível quanto os seus sentimentos pelo seu Grande Amor.

Nelson saiu do portão aberto e começou a sua caminhada.

9

O cãozinho corria pelo meio da avenida. De ambos os lados, carros roncavam a grande velocidade, com as buzinas a estrondearem aos seus ouvidos. *Nelson* arfava, com o coração a bater acelerado. No passeio, os miúdos do liceu da vizinhança riram-se para ele. Alguns adultos chamavam-no assim que havia uma aberta no trânsito, mas ele só respondia ao chamamento de *Katey*. Inalou grandes golfadas do ar frio da tarde, procurando pela sua fragrância. Ela não se encontrava em parte alguma ali perto.

A tarde de *Nelson* começara alegremente assim que deixou a casa de *Katey* e de *Don*, e vagueava livremente pelas ruas que havia percorrido antes de trela. Era uma sensação estranha. Quando desejava explorar um rasto de cheiros com maior pormenor, ou um odor sedutor o atraía para uma direção inesperada, não precisava de esticar a trela, umas vezes para ver o seu desejo satisfeito e, outras, para o ver ignorado. O coração de *Nelson* flutuava. Devorava a paleta de cheiros, marcando território com o seu próprio cheiro por todo o lado e, pela primeira vez, seguindo o seu nariz com total liberdade. Não pensou sequer em *Katey* na sua primeira hora longe de casa.

À medida que os cheiros do universo exterior o atraíam em todas as direções, *Nelson* desconhecia que se afastava lentamente do subúrbio pacato, coberto de folhas que era a sua casa. Os jardins tornavam-se um pouco mais pequenos, as casas um pouco mais gastas, e os níveis de poluição do ar aumentaram lentamente. *Katey* nunca o passara em sítio algum que não fosse uma rua pacata dos arredores. A avenida que dava para o coração da cidade tinha quatro faixas de rodagem e *Nelson* nunca havia

visto, na sua pacata rua com lombas redutoras de velocidade, carros que zurziam ao passar a grande velocidade. Mas do outro lado da avenida havia odores que o chamavam. Ele tinha de saber o que eram. Viviam ali cães e humanos, plantas e relva. Ele era atraído por histórias com que nunca sonhara. Tinha medo dos carros, mas quando não estivesse a passar nenhum daria rapidamente uma corrida e conseguiria chegar ao outro lado onde o seu nariz se poderia regalar. Pelo menos era esse o plano. *Nelson* não sabia bem como se deixara encurralar no meio da avenida, esquivando-se aos carros de ambos os lados. Os cheiros que o haviam atraído eram agora quase impercetíveis. Havia apenas a poluição de uma centena de automóveis, e o cheiro era repulsivo e o barulho ensurdecedor.

Por momentos o trânsito parou. *Nelson* estava paralisado no meio da avenida, ofegante. Antes que tivesse tempo de reagir, foi agarrado e levado por um homem malcheiroso, com uma barba muito comprida, que correu com ele ao colo para o passeio. O homem sentou-se com *Nelson*, agarrando-o com uma força que o cão não gostou. Olhava diretamente para os seus olhos e falou-lhe de uma maneira irritada. O seu longo cabelo fedia, as roupas estavam sujas, o corpo tresandava a algo que se parecia com a cerveja que Don costumava beber diante do televisor à noite, mas mais forte. *Nelson* contorcia-se mas o homem apertava-o ainda mais. Ali perto havia um pilha de qualquer coisa que tresandava a lixo para *Nelson*. O homem meteu lá a mão e encontrou um osso de galinha a cheirar mal, com moscas a zumbirem à sua volta, e meteu-o à frente do seu focinho. O cão desviou-o. O homem meteu-lhe o osso à força na boca. O cão ladrou e o homem começou a gritar. Três crianças andavam ali perto e berraram com o homem. Ele gritou-lhes também. Enquanto discutiam, deixou por instantes de segurar *Nelson* com tanta força e o cãozinho libertou-se, conseguindo tirar a cabeça da coleira de couro que *Katey* lhe comprara apenas umas semanas antes. O sem-abrigo foi deixado com a coleira e a sua reluzente placa na mão. No dia seguinte, vendeu-a por um dólar.

Nelson corria o mais que podia. Uma rua coberta por folhas do género que ele conhecia bem atraiu-o para a direção oposta. Precipitou-se para lá. Quando o fedor do sem-abrigo havia desaparecido por completo, *Nelson* aninhou-se debaixo de uma árvore à sombra e fechou os olhos, ofegante. Onde estaria *Katey*?

Quando acordou uma hora mais tarde, havia salpicos de cheiros que lhe eram familiares. Estava perto de casa. Sabia-o. Sentia o cheiro de outros cães que detetara anteriormente na relva. A relva era parecida à da rua onde ficava a sua casa. O nariz farejava o ar e absorvia todos os odores sedutores que o haviam atraído para além do portão umas horas antes.

O cãozinho subia vagarosamente a rua numa direção em que as fragrâncias pareciam dizer que o guiariam até casa. Contudo, estava um dia ventoso. Os aromas que pairavam no ar mudavam constantemente. Não eram de confiança, mas *Nelson* não conseguia identificar qualquer marca visual que o levasse a casa. Deambulou assim durante horas. Por vezes, as pessoas na rua vinham ter com ele. Algumas pareciam amigáveis, mas depois do homem malcheiroso *Nelson* não podia confiar nelas. Quando se aproximavam demasiadamente, ele fugia, rosnando-lhes.

Começava a ficar cansado e com fome. Eram quase horas do seu jantar. Haviam passado talvez oito horas desde que Don lhe dera o pequeno-almoço. Sentia um buraco no estômago e começava a doer-lhe. Tinha a boca seca e arfava incontrolavelmente. O coração caiu-lhe aos pés quando percebeu que percorrera a mesma rua uma hora antes. Todavia, os aromas pareciam familiares. Devia estar próximo de casa.

Nessa tarde não havia sentido o cheiro a *Katey* uma única vez e era por essa fragrância que ele ansiava mais do que tudo. À medida que o seu nariz filtrava a complexa união de cheiros que enchia cada respiração sua, era a sua fragrância intensa que ele procurava com todo o seu coração. Mas não se encontrava em parte alguma. O Sol desapareceu do céu, ventos ansiosos agitavam as árvores ao seu redor, e a noite chegou.

Depois, passadas umas horas, vinda não se sabe de onde, ele ouviu a sua voz. Ao início, começou a ouvir-se ao longe. *Katey* chamava por ele. A princípio a voz estava tão distante que ele achou ser talvez imaginação sua. Mas depois tornou-se mais audível. Era *Katey*. Não havia dúvida. Até mesmo à distância sentia o desespero na sua voz. Ele queria saltar-lhe para os braços. Queria beijá-la e reconfortá-la e fazer com que ela soubesse que estava tudo bem.

A voz que chamava aproximou-se cada vez mais. *Nelson* ladrou o mais alto que pôde. Olhava ao seu redor tentando encontrá-la. Engolia enormes golfadas de ar, o nariz frenético, tentando localizar o seu cheiro. Estava convencido de que ela estava muito próximo. Com toda a energia que lhe

sobrava, *Nelson* desatou a correr na direção de onde imaginava que a voz vinha. O chamamento de *Katey* tornou-se mais e mais audível. *Nelson* voltou a ladrar com todas as forças que tinha.

Depois, fez-se silêncio por momentos. *Nelson* parou de ladrar, com o coração a bater descompassadamente. *Katey* tinha de estar perto. A qualquer momento iria vê-la e voltaria para casa e comeria o seu jantar. Pouco depois a voz dela recomeçou a chamá-lo. Estava tão, tão perto. Por instantes, a sua fragrância encheu-lhe o nariz. Ele inspirou-a numa explosão de profunda alegria. Encaminhando-se para o cheiro, correu por uma ruela abaixo tão rápido quanto podia.

Inexplicavelmente, a voz desapareceu lentamente. Desvaneceu-se no ar da noite numa questão de segundos. A fragrância desapareceu, juntamente com o barulho do seu carro desapareceram na noite.

O cãozinho estava agora em pânico. Ladrava e ladrava. Uma mulher saiu de uma casa ali próximo e gritou-lhe para se calar. Com a cauda entre as pernas, fugiu a correr.

A noite caiu e *Nelson* deitou-se, a arfar, por baixo de uma árvore alta. Enquanto uma brisa fria lhe enregelava os ossos, sentiu pela primeira vez o que era estar perdido.

10

Quando Katey chegou a casa nessa tarde e viu o portão aberto entrou em pânico. Correu para o quintal, esperando ainda encontrar *Nelson* ali. Mas ele não estava em parte alguma. Telefonou a Don mas atendeu o *voice mail*. Deixou-lhe uma mensagem. Correu pelas redondezas à procura de *Nelson*, chamando-o, esperando vê-lo correr na sua direção como fazia sempre, com a cauda a abanar furiosamente. Perguntou a alguns vizinhos se tinham visto o cão, mas ninguém vira. Era uma sensação terrível, um vazio, não saber onde estava *Nelson*. Certamente que o iria encontrar. As pessoas passavam a vida a encontrar cães perdidos. Ela já sabia que devia ter sido Don a deixar por descuido o portão aberto, mas reprimiu a onda de revolta que sentiu surgir dentro de si. Sabia que não a ajudaria a encontrar *Nelson*.

Uma hora depois, Katey voltou a casa e voltou a procurar no jardim mas *Nelson* ainda não estava lá. Correu para o carro e tentou sistematicamente alargar a sua procura à vizinhança mais próxima. Uma vez, o telefone tocou com um número que ela não reconheceu e esperou que fosse algum vizinho a ligar, com *Nelson* são e salvo. Era engano. Também estava vagamente consciente de que Don ainda não lhe retribuía o telefonema.

As horas passaram. O Sol desapareceu assim que uma brisa fria envolveu a noite recém-chegada. Katey não levava uma camisola com ela e tiritava de frio. Mas nem sequer dava por isso. Chamava *Nelson* sem parar, percorrendo para cima e para baixo as ruas, de carro, várias vezes, procurando-o antes de passar à próxima. Por fim, mesmo depois das nove horas ouviu um ladrar característico a romper a noite, aumentando e descendo de volume, intermitentemente. Tinha a certeza de que era *Nelson*. Era o ladrar que lhe dava as boas-vindas a casa quando ela chegava das

digressões. Parou o carro por instantes, gritando por ele, tentando localizar de onde vinha o ladrar. Tinha de estar próximo. Tentando permanecer calma, esquadrinhou as ruas escuras à sua volta, avançando lentamente, esperando que *Nelson* surgisse numa das ruelas ou quintais. Ouvia-o ladrar sem parar, algures nas redondezas, como se soubesse que ela estava perto.

Mas tanto o som como o cheiro pairavam de forma enganadora numa atmosfera que não estava imóvel. Tal como o som da voz de Katey a chamar por ele desapareceu dos seus ouvidos, também o seu ladrar desapareceu dos dela. Ela não desistiu de o procurar durante muitas horas, percorrendo com perseverança as mesmas ruas, uma e outra vez. Mas *Nelson* depressa adormeceu debaixo de um árvore frondosa num bosque cerrado, deixando de ouvir os seus chamamentos por ele. Finalmente, às quatro horas da manhã seguinte, Katey voltou para casa. Tudo estava às escuras e não havia sinais do marido. Ela deixou esse assunto para mais tarde, depois de encontrar *Nelson*.

Assim que se deixou cair no sofá da sua sala de estar, exausta, interrogava-se se *Nelson* teria comido ou bebido alguma coisa. Se estivesse na rua, tinha de estar enregelado. Durante um longo momento, pensou se algum carro o teria atropelado. Voltaria a procurá-lo logo pela manhã.

PARTE 2

Caminhada

11

Nelson teve um sono irregular. Acordou a tremer várias vezes, mas até a noite fresca não o impedia de voltar a adormecer pouco depois. Os acontecimentos do dia haviam deixado o pobre animal exausto. Andara e corraera durante horas e fora bombardeado por centenas de estímulos que nunca sentira antes.

Sonhou com o seu Grande Amor. Estava deitado na cama dela. Estava deitado debaixo do piano. Brincava com ela no jardim onde as flores eram salsichas e a relva era feita de tiras de queijo. Antes de estar completamente acordado na manhã seguinte, sonhava com Don. Coberto pelo pivete da sua amante, mordida o corpo todo de Katey. *Nelson* sentia o cheiro a sangue. Saltou para Don, tentando impedi-lo. O sonho foi violento, intenso. Acordou com o coração aos pulos.

Nelson inalou o aroma dos arredores. Conseguia ainda cheirar alguma da familiaridade de casa, mas a maior parte eram odores novos e praticamente desconhecidos para si. Farejou o cheiro a cães, a humanos e a esquilos a toda a sua volta. Katey não estava em parte alguma. O cãozinho sentou-se, imóvel. Ganiu, mas ninguém o ouviu. À distância, um cão enorme ladrava. *Nelson* manteve-se imóvel.

A fome atingiu-o. Brotava de dentro de si como nada que ele tivesse já sentido na sua vida ainda jovem. Há um dia que não comia, o período de tempo em que esteve mais tempo sem comida, e quando a fome chegou, era intensa e insaciável. Acordara com um desejo avassalador de encontrar Katey, mas isso foi logo substituído por uma necessidade muito mais imediata. Precisava de comer.

Nelson observava o ar. Normalmente o seu cérebro categorizava e analisava cheiros de acordo com uma variedade de fatores, a sua

curiosidade suprema. Hoje, o seu intenso farejar resumia-se à procura de comida. Cheirava e cheirava, tentando encontrar algum odor que pudesse conduzir à satisfação da sua fome.

Nelson havia já perseguido por diversas vezes, de forma brincalhona, pássaros e esquilos. Não sabia que estes pequenos impulsos eram, na verdade, o comportamento adolescente de lobos, que eram educados pelos seus pais na arte de matar para comer. *Nelson* não havia nunca capturado um pássaro ou um esquilo, e nunca os considerara como comida. Enquanto esquadrihava o ar nessa manhã à procura de uma refeição, uma pequena andorinha saltitava no solo perto de si, a cantar. Sem pensar, *Nelson* saltou na direção da ave. Mas nunca ninguém o ajudou quando brincava anteriormente às caçadas, nenhum lobo mais velho a guiá-lo, e, portanto, não conhecia os movimentos certos requeridos para matar com êxito um animal mais pequeno do que ele. O pássaro escapou, desaparecendo em direção ao céu. *Nelson* ficou a vê-lo voar. O seu cheiro era semelhante ao de muitos outros pássaros que ele cheirara antes, mas esta era a primeira vez que aquele odor se tornava algo potencialmente comestível. Era uma sensação estranha para o cão.

Quando um casal de esquilos corria pelo passeio relvado ali próximo, sensações parecidas despontaram no cérebro de *Nelson*. Com as patas dianteiras firmemente colocadas no solo e a parte traseira levantada, o cãozinho olhava atentamente para os dois esquilos enquanto se cortejavam um ao outro. Como se demoraram mais uns instantes naquele namoro, *Nelson* saltou desajeitadamente, tentando imobilizá-los. Um fugiu de imediato. Conseguiu pousar a pata no outro, mas o esquilo libertou-se dele em segundos. Desapareceram ambos no meio de uma árvore, onde continuaram o namoro. E assim, *Nelson* não pôde saborear a carne crua que, pela primeira vez, pareceu tão apetitosa ao seu palato. Se tivesse vivido a vida inteira num lar, nunca teria sequer considerado animais vivos como comida, feliz por continuar para sempre adolescente nas suas técnicas de caça caninas, com uma dieta saborosa que lhe era fornecida pelos seus donos humanos.

Numa casa ali perto, um homem fritava ovos e *bacon* para o pequeno-almoço. Os aromas flutuavam pela janela da cozinha e *Nelson* deteve-se, com água na boca. Ganiu uma e outra vez e não parou. Por fim, o homem

que comia o seu pequeno-almoço ouviu o cão e olhou para fora. Mas *Nelson* assustou-se e fugiu.

À medida que percorria sem pressa as ruas desconhecidas à procura de comida, ia ocasionalmente encontrando água em poças nas bermas, lambendo-a. Após algumas horas, desesperado de fome, foi atraído para uma viela que dava para as traseiras de uma fila de casas. Antes daquele dia, o cheiro a lixo não era um dos que associava a comida. Mas ao farejar os odores que emanavam dos contentores discerniu, por entre aquele cheiro nauseabundo, vestígios de comidas de que gostava, as sobras da mesa de Katey e Don. Havia ali o cheiro a ovos crus e a restos de carne e outras sobras. Correu em direção a um dos caixotes de lixo e inspirou fundo. Havia comida ali dentro. Conseguia cheirá-la. Sabia que a sua fome seria em breve saciada e, depois, procuraria novamente Katey.

Mas *Nelson* era um cão pequeno. Saltava mas não conseguia chegar ao contentor. Tentou derrubá-lo sem sucesso, e pouco depois teve de desistir. Esfomeado, correu de contentor em contentor. Por fim, perto já do final da viela, encontrou três caixotes a abarrotar e um grande saco de lixo preto ao lado de um deles. *Nelson* mordeu o saco, desfazendo-o em bocados. Já sentia o pequeno-almoço à sua espera. Vasculhou por entre garrafas vazias, papéis de rebuçados e outros detritos. Finalmente, encontrou o que procurava. Comeu um bocado de galinha *kung pao*, decerto com uma semana, e pão duro, e mordiscou um bocado de queijo já duro. Pouco depois estava satisfeito. Ali próximo, uma outra casa deitara fora um velho sofá partido para ser recolhido. *Nelson* saltou para o sofá e voltou a dormir sob o sol acolhedor.

Na manhã seguinte, o enorme camião de recolha do lixo circulava lentamente pela viela, esvaziando os contentores. *Nelson* teve medo do ruidoso camião e desapareceu por baixo de alguns arbustos antes que ele chegasse ao sofá onde passara a noite. Ouviu os homens do lixo a praguejar quando viram a confusão que ele deixara. A pouco e pouco, livraram-se do lixo do saco preto atirando-o para dentro da traseira do camião e, depois, esvaziaram os restantes caixotes.

Nelson sentiu o cheiro nauseabundo do camião de recolha. Cheio de lixo, emanava odores muito intensos. Ele havia gostado da sua refeição do dia anterior e pressentia que naquele camião havia muitas mais refeições. Por

instantes, quase desatava a correr como uma seta e saltava para dentro do camião, mas os homens, de algum modo, assustaram-no. Na mente do cãozinho, todavia, lixo e comida estavam a tornar-se sinónimos. Nas semanas que se seguiram, o lixo tornou-se o cheiro que *Nelson* procurava constantemente. Nos momentos seguintes a terminar uma refeição, antes de adormecer num sono inquieto, pensava em Katey. Inspirava o ar à espera da sua chegada. Mas a sua saudade por Katey era sempre rapidamente dominada pela procura por comida. Às vezes, encontrava a sua refeição com facilidade. Noutras ocasiões, passava um dia inteiro, talvez mais, sem comer. Por vezes as refeições eram saborosas, sobras de um jantar da noite anterior. *Nelson* devorava então frango assado, ou os restos de hambúrgueres, ou piza fria que o fazia lembrar-se de Don. Noutras ocasiões, havia pouca coisa que valesse a pena comer numa pilha de lixo. Foram várias as vezes em que *Nelson* ficou extremamente doente por causa de uma refeição, em especial restos que haviam permanecido no frigorífico de alguém durante demasiado tempo. *Nelson* aprendeu a evitar chocolate. Por duas vezes lambeu um papel de um Hershey e vomitou uma hora mais tarde. Um dia, acabou um cacho meio comido de uvas e voltou a vomitar descontroladamente. Não voltou a comer uma uva, ainda que o cheiro delas fosse tentador.

Ao seguir o cheiro do lixo, o cãozinho percorria diariamente quilómetros e quilómetros. Em pouco tempo, não havia aroma que pudesse identificar, ainda que vagamente, como sendo o de casa. O seu lar desaparecera, era algo que existia apenas nos seus sonhos à noite. Dormia debaixo de arbustos ou árvores, ou, por vezes, em alguma almofada velha e suja, ou ainda em peças de roupa que alguém deixara perto dos contentores. *Nelson* aninhava-se tanto quanto possível para se manter quente, enroscando-se como se fosse um novelo compacto e tentando imaginar que era no colo caloroso de Katey que ele se estava a instalar.

Desde a sua experiência na avenida, *Nelson* aprendera a evitar carros tanto quanto possível, e trilhava o seu caminho por passeios, vielas e ruas desertas. Ao fim de dez dias longe da casa de Katey, *Nelson* encontrava-se na extremidade mais distante de Albany, nos bairros degradados, onde farejava frequentemente agressão e medo no ar. O cheiro a carros do lixo era constante, tornando-se cada vez mais concentrado. Aos poucos e poucos

entendeu que se aproximava mais e mais de um lugar onde havia pilhas enormes de lixo, detritos a perder de vista, um lugar com comida sem fim. *Nelson* sentia-se impelido por um lugar assim. O cãozinho de olhos grandes e coração de ouro, passava horas a fio a tentar descobri-lo. E em pouco tempo deu por si à entrada da lixeira da cidade. Era muito parecido com o que havia imaginado. Rodeavam-no quilómetros e quilómetros de lixo. O cheiro era avassalador mas, nesse fedor, o olfato apurado de *Nelson* conseguia já distinguir o que era comestível. O coração batia-lhe de forma acelerada.

De um lado da lixeira, geradores enormes processavam o lixo, transformando-o no material que os camiões iriam transportar para o aterro. Zoavam a noite inteira. *Nelson* dormiu a sua primeira noite na lixeira perto deles, já que emanavam calor. Dormiu tranquilamente, com o corpo mais quente do que havia estado em semanas.

Em quinze dias, *Nelson* percorrera cinquenta quilómetros desde a sua casa. Não ponderou o facto de que muitos cães, especialmente os de maior porte que precisam de muita comida, morriam em apenas dois ou três dias depois de estarem longe de casa do seu dono, devido ao cansaço provocado pelo calor ou por falta de comida e água. Ele não sabia isso. Tudo o que sabia era que estava desesperado por encontrar o seu Grande Amor, e, até lá, precisava de comer.

12

Depressa *Nelson* se acomodou a uma rotina na lixeira. Havia adorado o seu dia a dia em casa de Katey e Don. Na sua mente, alguma função procurava a rotina, independentemente das circunstâncias. De certa forma fazia-o sentir como se fizesse parte de uma família, apesar de se encontrar agora completamente só.

Rapidamente aprendeu a vasculhar a lixeira à procura de comida, quer ao nascer do dia, quer ao anoitecer. Durante o dia, havia trabalhadores por todo o lado e camiões a chegarem para despejar o lixo que traziam. Em algumas ocasiões, um trabalhador mais agressivo corria atrás de *Nelson*, tentando afugentá-lo com um ancinho e ele escapava por um triz. Depois disso, aprendeu a ser discreto e cuidadoso quando se esgueirava para a lixeira.

Nunca tinha fome. Porém, aprendeu a ser cauteloso na procura que fazia nas pilas de lixo. Cortou-se várias vezes em lâminas velhas. Uma vez picou-se numa seringa que não viu escondida por baixo de uma pilha de cascas de cenoura. A pata doeu-lhe durante dias e não conseguia dormir. Lambia-a, tentando tirar a dor, mordendo a ferida. Finalmente, a dor cedeu.

Havia vários outros cães que viviam na lixeira. Quando *Nelson* os encontrou, abordou-os de forma brincalhona, esperando algum companheirismo. Mas todos, sem exceção, lhe rosnaram, avisando-o para se manter à distância. Enquanto cheirava o ar, assimilando os seus cheiros, grande parte do que sentia era medo e dor. Ainda não sabia a que cheiravam a morte e a doença, mas eram estes os odores que emanavam dos corpos daqueles cães, e ele não gostou.

Havia também ratos por todo o lado. Apressavam-se à sua volta à medida que vasculhava a lixeira à procura de comida. Ele não gostou das criaturas e do seu cheiro pestilento, o que na sua mente os tornava muito diferentes do

boneco com que gostara tanto de brincar. Tentaram mordê-lo algumas vezes e ele reagiu agressivamente, afugentando-os.

Durante as noites, *Nelson* dormia perto do calor da maquinaria de processamento do lixo. Havia sombras onde se sentia seguro. Sentia o cheiro a outros cães ali próximo, mas deixavam-no em paz se ele fizesse o mesmo. Todas as manhãs, quando acordava, via-se envolto em tristeza ao perceber que não estava na cama de Katey, prestes a ir para um quintal relvado. Havia poucas plantas nestas redondezas, apenas uma meia dúzia de arbustos pardacentos e árvores cansadas da vida. *Nelson* farejava-as regularmente, saudoso dos aromas da natureza. Muito pouco do que por ali havia cheirava bem a *Nelson*. Por todo o lado sentiam-se os gases de escape e as colunas de fumo pestilentas das fábricas que salpicavam as zonas industriais adjacentes. Ocasionalmente, em dias ventosos, *Nelson* sentia uma lufada de ar fresco vindo do rio, ou de florestas ou montanhas longínquas. Reanimava-o e enchia-o de energia. Nessas noites tinha sonhos felizes. Porém, esses momentos não eram frequentes.

Durante o dia, *Nelson* fazia os possíveis para evitar problemas. Isso significava manter-se longe dos carros do lixo e dos trabalhadores. Alguns humanos pareciam viver na zona, mas cheiravam como o homem que o salvara do tráfico e lhe roubara a coleira. Os seus poros destilavam álcool e outras substâncias. *Nelson* sentia muitas vezes o cheiro a solidão e a tristeza nessas pessoas sem-abrigo, e pensava em reconfortá-las. Mas em apenas poucas semanas longe de casa, aprendera a proteger-se a si próprio do perigo e evitava contacto humano. Nenhum dos humanos que ali encontrou tinha a fragrância acolhedora que Mrs. Anderson, Vernon, o veterinário ou o seu Grande Amor emanavam.

Por vezes, quando cachorro após ter acabado de comer à vontade, deambulava pela lixeira por mera curiosidade. Era interessante ver o que os seres humanos punham no lixo. Chegava a passar horas mergulhado no odor de roupas velhas e toalhas esfarrapadas. Os odores humanos eram muito complicados e ele ansiava por compreendê-los. Havia ocasiões em que encontrava velhas bonecas partidas ou animais de peluche, e então levava-os com ele para o sítio onde dormia à noite, onde brincava sozinho, sacudindo-os e imaginando que Katey estava ali com ele. Assim que um outro cão lhe rosnava a bom rosnar, *Nelson* deixava cair um rato de brincar estragado e fugia. O cão roubava-lho e ficava a mastigá-lo. Algo em *Nelson*

o aconselhava a fazer sempre o que estes cães grandes queriam. Arranjaria um outro brinquedo para si no dia seguinte.

Uma noite, *Nelson* reparou que um novo cão começara a dormir por ali. O seu cheiro era forte e parecia agressivo. *Nelson* passou grande parte da noite meio acordado. Não era somente o medo que o mantinha desperto. O novo visitante, de ladrar sonoro e hostil, não se calou durante a maior parte da noite. Era um som lancinante e quando *Nelson* acordou na madrugada seguinte, tendo dormido pouco, sentia-se cansado e irritável. Deambulou sozinho pela lixeira e pisou um rato morto. Afastou o animal e procurou o pequeno-almoço.

Nessa noite, o ladrar ruidoso do cão continuou. Mas desta vez, após uma hora de barulho, um homem corpulento saiu de um dos edifícios que controlava a maquinaria de processamento do lixo. Nalgumas ocasiões, *Nelson* cheirava os trabalhadores noturnos quando saíam ou entravam no edifício, mas só os vira de relance uma ou duas vezes. Era a primeira vez que via um deles de tão perto. O homenzarrão saiu a gritar e trazendo consigo um jornal. Também tinha uma lanterna. *Nelson* observava enquanto ele gritava para o enorme cão que ladrava, um animal preto que lhe respondeu a rosnar. Assim que o homem lhe bateu com força no focinho, o animal ganiu e desapareceu no meio das sombras. O trabalhador voltou para dentro.

Mas no dia seguinte, o cão voltou a ladrar estrondosamente. Desta vez, o homem apareceu com um dos seus amigos. Aproximaram-se de *Nelson*, que se sentia exausto por estar duas noites seguidas sem dormir, mas era o cão grande que eles procuravam. Ele ladrou sonoramente e rosnu assim que se acercaram. Desta vez, quando o homem bateu ao animal com o jornal ele não recuou e, em vez disso, saltou em direção aos humanos, tentando atacar o homem corpulento.

Nelson sentiu o sangue fresco a voar pelos ares. Não sabia o que era o rápido clarão prateado que saía do bolso do amigo do homenzarrão, mas tremeu assim que soaram disparos e a explosão ecoou à sua volta. O cão grande correu o mais que podia. *Nelson* ficou paralisado por instantes. Enquanto o homem ferido gritava, o amigo procurava em redor com a ajuda da lanterna. Viu três ou quatro cães apanhados pelo feixe de luz, e a arma

voltou a ser disparada várias vezes. *Nelson* ouviu o guincho agudo de um dos outros cães assim que uma bala o atingiu e sentiu-se pregado ao chão.

Nelson fugiu para as ruas escuras. À distância, ouviu mais dois disparos. Ali próximo sentia o cheiro de outros cães que também fugiam da lixeira. Houve mais rosnadelas e latidos. A adrenalina de *Nelson* disparou e desapareceu no meio da noite. O cãozinho de olhos arregalados seguia vagarosamente pelo pavimento fendido, sem saber para onde ir. Era uma paisagem desoladora de betão, apenas com ocasionais candeeiros de rua. Havia poucos cheiros que pareciam ser acolhedores. Os sem-abrigo acocoravam-se em caixotes de cartão, a ressonar ou aos soluços ou a falar de um modo que perturbava *Nelson*. O cheiro a drogas estava por todo o lado. Ratos e fumo e lixo completavam a onda de maus cheiros.

A uns quarteirões de distância, *Nelson* farejou o cheiro de carne de hambúrgueres e cebolas num grelhador. Não tinha fome mas este era o único aroma que parecia significar alguma segurança nesta caminhada a meio da noite. O passo de *Nelson* acelerou e ele meio andava, meio corria em direção ao jantar tardio. Assim que se aproximou. Viu um fila de vinte, trinta camiões parados ali perto em parques de estacionamento enormes. O aroma a bens prontos a serem transportados também pairava na sua consciência – legumes frescos e roupas novas, e carne crua, tudo embalado em grandes grades de madeira e plástico. Aqueles odores pareciam ser opostos ao do lixo. Eram aromas de coisas prontas para consumo humano, muito antes de os seus restos serem atirados fora e lançados num aterro algures. O pequeno restaurante de estrada estava aberto até muito tarde e a razão era óbvia. Mesmo às duas da manhã eram vários os camionistas que paravam, ou porque acabavam de chegar de longas viagens pelo Oeste, ou apenas porque lhes apetecia uma refeição ligeira depois de uma noite de bebidas e festas antes de partirem para a estrada, no dia seguinte, com uma nova carga.

Thatcher Stevens saiu do restaurante levando um hambúrguer de queijo e ovo num saco de papel. Acabara de comer um. Os hambúrgueres eram especialmente bons neste pequeno restaurante e ele fazia questão de comer um, ou mais, sempre que estava em Albany. O que levava iria saber-lhe bem ao pequeno-almoço do dia seguinte. Aquecê-lo-ia no pequeno forno microondas que restolhava na parte de trás da sua cabina. Estava a caminho

do seu caminhão quando viu o pequeno cachorro a tremer por baixo das enormes rodas de um outro veículo. Thatcher gostou sempre da companhia de cães desde miúdo e três *labradores* pretos foram os seus companheiros de brincadeira, aos fins de semana, em casa da avó. Nunca tivera um mas, às vezes, pensava nisso. A ideia nunca passara disso porque ele não tinha um lar estável, para além da pequena casa a norte da região metropolitana de Nova Iorque que os pais lhe haviam deixado, onde apenas ficava três ou quatro semanas por ano.

Thatcher chamou o cachorro com um assobio, mas ele limitou-se a recuar para o meio da escuridão. Subiu então para a enorme cabina e deitou-se na cama estreita onde dormia grande parte das noites. A altas horas da noite passavam reposições de séries policiais no seu televisor minúsculo e, normalmente, punham-no logo a dormir.

Por razões que ele próprio não conseguia discernir, nessa noite Thatcher não adormeceu como de costume. Não deixava de pensar naquele cachorro. Algo nos seus olhos e na forma como olhou para ele cruzava-lhe constantemente o espírito. Por fim, desceu da cabina com uma lanterna e andou à volta dos camiões à sua procura.

Nelson não se mexera na última hora. O cheiro do restaurante era consolador, mas ele não tinha fome, portanto não se aproximou muito. Iria deixar-se estar ali quieto, o que de certa forma o tranquilizava. Quando o homem alto, com rabo de cavalo e barbicha, surgiu uma segunda vez e chamou por ele, o seu instinto foi afastar-se. Nenhum dos humanos que encontrara nas últimas semanas havia sido caloroso para consigo. Mas depois o homem começou calmamente a cantar-lhe enquanto segurava na sua pata. A sua voz quente e áspera flutuava no ar da noite, e serenou *Nelson* tal como *Katey* quando tocava piano. O tom da sua voz não tinha a raiva ou a frustração ou a loucura das outras pessoas que ele havia encontrado no mês passado. Assim que o homem estava a um palmo do cão, *Nelson* avançou um pouco e cheirou-lhe a mão. Tinha um odor sincero, caloroso, parecido com o de *Vernon*. *Nelson* lambeu-lhe a mão. Sabia a sal e a suor, e era um sabor bastante bom. O homem retribuiu com um afago e um sorriso, e *Nelson* voltou a lambê-lo assim que ele continuou a cantar. Haviam passado semanas desde que ele tivera um verdadeiro contacto com um ser humano, e esquecera-se de como poderia ser bom e natural.

Thatcher adorava ouvir as canções de Willie Nelson pela noite dentro quando precisava de descontrair, portanto não via motivo para que um cão não reagisse da mesma forma ao seu canto. Após alguns minutos a brincar com o cão, Thatcher tentou pegar nele e levá-lo para o caminhão consigo. A isso o cachorro libertou-se dele e rosnou-lhe num tom baixo. Thatcher hesitou, depois voltou a estender a mão e a cantar novamente umas canções de Willie Nelson. Cuidadoso, o cão voltou a lambê-lo a mão. Depois, lentamente, Thatcher levantou-se e encaminhou-se em passos pequenos para o caminhão, não deixando de observar o cãozinho, que o seguiu também de forma cautelosa. De volta à sua cabina, Thatcher subiu e foi buscar o hambúrguer ainda quente que estava a guardar para o pequeno-almoço. Partiu um bocado e desceu. O cão manteve-se a uns metros de distância. Thatcher fez-lhe um sinal, segurando no bocado de hambúrguer.

Nelson cheirou o ar. O hambúrguer cheirava bem e era fresco. A comida fresca era muito diferente dos restos que ele andara a consumir na lixeira. Não tinha muita fome, mas, contudo, precipitou-se para a frente e devorou o bocado de hambúrguer. Em poucos minutos, tinha ido metade. Quando Thatcher tentou pegar novamente nele, *Nelson* já o deixou. Na cabina do caminhão, o cãozinho acabou o resto do hambúrguer, com Thatcher a afagá-lo e a rir por entre dentes já que estava a gostar. O odor forte do cãozinho fazia-lhe comichão nas narinas, mas sentia-se demasiadamente cansado para dar banho ao animal a uma hora tão tardia da noite. Abriu completamente os vidros do caminhão e *Nelson*, se quisesse, poderia ter-se escapulado com facilidade. Mas assim que Thatcher caiu num sonoro ressonar, o cão enroscou-se a seus pés e dormiu também. Estava calor na cabina e o ar cheirava bem, apesar de ser um pouco bafiento por causa do fumo do tabaco. No espaço de um mês, aquele era para *Nelson* o cheiro que mais se aproximava da casa de Katey e, como tal, deixou-se ali ficar, caindo num sono profundo.

Quando *Nelson* acordou na manhã seguinte, o caminhão roncava já pelo campo. A princípio o cão ficou desorientado com o ruidoso roncar do veículo à medida que avançava a grande velocidade pelo asfalto. *Nelson* deslizou pelo assento de trás assim que o caminhão abrandou e fez uma curva apertada. Mas os vidros estavam abertos e o cheiro da relva inundou-lhe o coração. No lugar do condutor, Thatcher acompanhava alegremente uma estação de rádio de música *country*. O corpo de *Nelson* descontraíu e sentiu

a sua cauda a agitar-se. Pouco tempo depois, abanava de forma descontrolada.

13

Thatcher Stevens era um homem solitário, embora não estivesse particularmente consciente desta desventura. Quando pensava na sua vida, achava que era boa. Nada de mulher ou filhos para o prender. O dinheiro era seu, para fazer o que quisesse. Tinha um emprego interessante. Estava sempre a viajar para novos lugares, conhecendo mais do grande esplendor natural do seu país, a América. Sabia que outros ansiavam por viajar como ele. Durante a sua infância assistiu a constantes discussões entre a mãe e o pai. A mãe queria desesperadamente viajar, mas o pai era uma pessoa muito caseira. Este não era o problema central de um casamento fracassado, mas ele sabia que contribuiria para isso. Quando se lançou na sua carreira como camionista há doze anos, depressa percebeu o que a sua mãe perdera. Viajar para lugares desconhecidos significava um impulso de adrenalina. Paisagens novas, pessoas novas e comida nova eram tudo coisas que ele apreciava.

Como tal, não achava que tinha muito por que se queixar. A sua vida tivera certamente momentos de verdadeira felicidade. Quando estava de partida para uma nova rota, com uma nova carga, para um sítio onde nunca estivera, punha o aparelho de rádio no máximo e cantava. Era o seu *alter ego*, pensava. Enquanto rapaz acalentara fantasias de se tornar cantor e embora nunca se tivessem tornado realidade, continuava a acreditar em si como tendo talento. Nesses momentos, com a estrada diante de si, sentia um grande entusiasmo e sentido de antecipação pelo que estava para acontecer. Muitas vezes, passavam-se semanas enquanto atravessava as grandes cordilheiras e florestas da América e também ao longo dos seus imensos rios e lagos.

Se a solidão enraizada nele vinha à superfície, era apenas em alturas em que a condução contínua se tornava entediante. Grande parte da paisagem dos Estados Unidos é uniforme, e com o mundo da forma em que está nos dias de hoje, a maior parte começou a parecer-se com tantas outras do imenso território com as suas cadeias de lojas, centros comerciais e urbanizações. À medida que a estrada se prolongava indefinidamente em direção a nenhures, um sentimento de inutilidade crescia em Thatcher. A sua tristeza era sempre plácida, já que não era um homem dado a extremos, exceto nos tempos em que bebera muito ou estivera envolvido noutras formas de abuso de substâncias.

Uma tristeza semelhante pairava sobre Thatcher assim que chegava ao fim de uma viagem e voltava para a sua pequena casa em Sullivan County, a norte de Nova Iorque. Era uma bela parte do mundo, mas Thatcher passava a maior parte do tempo dentro de casa quando ali estava. Nunca mudara o mobiliário velho e pesado e os cortinados dos pais, e eles próprios já não os mudavam há muitos anos antes de falecerem. Thatcher deitava-se na sua cama, via televisão, bebia uma ou outra cerveja e aquecia uma das refeições congeladas da Hungry Man. Olhava em redor, para as paredes, e lembrava-se que tinha de arranjar umas gravuras novas da próxima vez que andasse na estrada, embora nunca o fizesse. Insistia consigo próprio para consertar a torneira a pingar e, talvez, comprar uns novos e coloridos cortinados, mas todas estas coisas pareciam constar de uma lista de afazeres futuros que nunca se tornava propriamente realidade. Na noite que antecedia uma nova partida, uma sensação de alívio dominava-o. No dia seguinte, na estrada, o roncar do motor do camião e a imprevisibilidade do novo cenário que irá envolver o dia, também ocultará a solidão que começa a fazer-se sentir na sua existência.

Thatcher era um homem atraente. A comida dos restaurantes de estrada deixara-o, aos trinta e oito anos, algo rechonchudo, mas a estatura larga disfarçava bastante bem a barriga. O cabelo louro-acastanhado pendia num rabo de cavalo, e a barbicha enquadrava um rosto amigável, com olhos azuis penetrantes. Por diversas vezes nas suas viagens encontrara mulheres por quem se apaixonara verdadeiramente. Mas depressa aprendeu que era virtualmente impossível alguém manter qualquer tipo de relacionamento quando viajava tanto quanto ele. Um amor de juventude, Ivy, durara apenas uns oito meses, mas, na verdade, ele havia passado apenas dezasseis dias

com ela durante esse tempo, e embora ela também estivesse apaixonadíssima por Thatcher, por fim optara por trocá-lo por outro rapaz que vivia e trabalhava na sua cidade natal, no Wisconsin.

Outras paixões de Thatcher tornaram-se longos relacionamentos mistos. Na sua pequena agenda telefônica, havia dez ou quinze mulheres espalhadas pelo país a quem ele ligava quando estava de passagem. Encontravam-se para um jantar de frango e entrecosto, ou o que quer que fosse a especialidade local, e depois faziam sexo em casa da amiga ou em algum motel, ou então, a maior parte das vezes na cabina do caminhão de Thatcher. Por alguma razão, as mulheres gostam de fazer sexo ali em cima. Excita-as. Ele também gostava. Quando ocasionalmente dormia em casa delas era sempre um pouco difícil deixar uma cama quente, numa casa aquecida, a horas tardias da noite, especialmente quando estava frio no exterior.

Thatcher falava em assentar um dia, mas à medida que os anos passavam percebeu que isso se tornava uma possibilidade cada vez mais inconcretizável. Iria precisar de continuar a trabalhar até aos sessenta e cinco anos e não sabia que outra coisa podia fazer para além de conduzir um caminhão. Sabia também que mulher alguma casaria consigo quando grande parte da sua vida era passada na estrada, longe de casa. Portanto, contentava-se com as quatro ou cinco noites de intimidade que tinha mensalmente com as suas conquistas regulares, ou com ligações de uma noite, na estrada.

Quando *Nelson* acordou com o cantarolar de Thatcher nessa manhã de verão, estava a ser transportado rapidamente para longe de Albany e de Katey. Depois de se ter deleitado com o irresistível cheiro a relva que entrava pela cabina, farejou a pequena área da cabina de Thatcher onde dormira na noite anterior. O sofá tinha o cheiro do couro velho, gasto, e os cobertores há muito não eram lavados. O odor de Thatcher estava por todo o lado. Notava-se igualmente o cheiro a tabaco saído de uma caixa de charutos guardada debaixo do sofá, e o vago fedor a cigarros já fumados passava pelos cobertores e pelo acolchoamento, atravessando as gretas do cabedal. *Nelson* cheirou ainda os restos do hambúrguer da noite anterior, bem como os palitos de chocolate, as Pringles e a mistura de frutos secos. O cheiro a roupa lavada que Thatcher lavara numa máquina automática uns

dias antes lembrava-lhe a sua casa. Fazia-o querer ficar com Thatcher, como se de alguma forma isso o devolvesse a Katey. Uns perfumes baratos estavam também guardados por ali, bem como barras de sabão e frascos de champô. Havia aromas que *Nelson* associava a casa e que acalmavam o cãozinho.

À frente de *Nelson*, Thatcher batia com as mãos no volante e acompanhava a estação de música *country* a cantar. Saltou para o banco da frente ao lado de Thatcher que parecia feliz por ver o animal e o afagava enquanto conduzia. *Nelson* lambeu-lhe os dedos e abanou a cauda, olhando para ele.

A paisagem que passava a correr invadiu a cabina do camião. Thatcher conduzia depressa e os aromas de novas árvores e plantas acorriam ao nariz de *Nelson*. Depois do pivete a fumo e a lixo a que se acostumara no último mês, *Nelson* sentia como se o interior do seu ser estivesse a ser limpo e purificado. O medo das últimas noites desapareceu rapidamente e o jovem cão sentiu-se novamente animado.

Duas horas mais tarde encostaram o camião num posto de abastecimento. Thatcher pegou em *Nelson*, que não lhe ofereceu resistência. Levou também numa barra de sabão e uma toalha e *Nelson* depressa deu por si nos chuveiros públicos das redondezas. Thatcher esfregou-o cuidadosa e energicamente. Era um pouco mais brusco do que as suas sessões de limpeza com Katey, mas o cão gostava. Depois de lavar *Nelson*, Thatcher tomou também um duche e o cão esperou aos seus pés. Thatcher limpou-se primeiro à toalha, depois secou muito bem *Nelson*. Katey secava-o com o secador, não à toalha, mas ele preferia a sensação de frescura que tinha agora. Abanou-se de uma forma muito característica e sacudiu a sua grande cauda peluda a Thatcher, que ria.

Thatcher nunca comprou uma trela para *Nelson*. Andava com ele ao colo ou deixava-o seguir atrás de si. Mantinha um olhar vigilante no cão e assobiava ou chamava-o se ele se afastasse. Reconheceu no animal a mesma curiosidade incurável que constituía também o seu traço distintivo. Sabia que a curiosidade era algo que levava às coisas mais maravilhosas da vida, mas era também algo que podia ser uma armadilha.

Depois do banho, Thatcher foi almoçar. As regras da maior parte dos restaurantes de estrada que frequentava era a não admissão de animais de estimação. Mas gostavam dele nos locais em que comia, ainda que as

empregadas que o tratavam pelo nome apenas o vissem uma ou duas vezes por ano. O brilho dos seus olhos azuis era digno de memória. Portanto, foi com satisfação que o deixaram entrar com o cão. *Nelson* sentou-se tranquilamente no assento ao lado de Thatcher enquanto ele analisava atentamente o menu. Sub-repticiamente, foi dando a *Nelson* pequenos bocados de bife e batatas fritas, e até mesmo da tarte de maçã com natas que pediu para a sobremesa, que o cãozinho devorou. No tempo que *Nelson* passou com Thatcher acostumou-se a comer a comida dele e, depois disso, não voltou a considerar ração como uma alternativa viável. O seu aparelho digestivo fora concebido para sobras da comida dos humanos e à medida que se aproximava da idade adulta evitava a comida de cão. Tornou-se normal para ele comer uma pequena porção de todas as refeições de Thatcher.

Por vezes, nas suas viagens através dos Estados Unidos, Thatcher alugava um quarto de motel só para uma noite. *Nelson* habituou-se ao cheiro desses lugares, que eram sempre os mesmos independentemente da cidade ou estado onde se encontrassem. Havia o odor persistente a tabaco, toalhas e lençóis lavados com lixívia a mais. Nos motéis mais antigos a carpete cheirava a uma espécie de mofo. Por vezes, ouviam-se ruídos estranhos durante a noite enquanto Thatcher dormia, e *Nelson* tomou a seu cargo guardá-lo, rosnando e ladrando se algum dos residentes do motel parecia de alguma forma ameaçá-lo. Thatcher tinha um sono pesado e ressonava alto, e nem sequer acordava quando *Nelson* ladrava ante os barulhos de estranhos a fazerem amor no quarto ao lado, ou com o comportamento desordeiro de alguns humanos que haviam bebido em demasia. *Nelson* lambia a cara de Thatcher para o acordar na manhã seguinte, e Thatcher, de *boxers*, arrastava-se para o exterior para ele fazer chichi. Esta era a recompensa de *Nelson* por um trabalho bem feito.

Por vezes, Thatcher deixava-o sozinho no quarto do motel durante umas horas. *Nelson* sentiu-se um pouco receoso quando foi posto pela primeira vez nessa situação. Mas o pequeno cão estava a aprender a enfrentar corajosamente o medo. Em vez de se esconder, assustado, deixava-se estar de modo altaneiro ao lado da cama, à espera que Thatcher regressasse, ao mesmo tempo que guardava a casa temporária dos dois. Uma vez, uma empregada de limpeza entrou no quarto e voltou costas apressadamente

assim que *Nelson* lhe ladrrou alto, impedindo o seu acesso. Incidentes como este reforçavam a crescente convicção do cão de que era forte e poderoso não obstante o seu tamanho.

Thatcher regressava por vezes sozinho, com o hálito a tresandar a álcool. Isto deixava *Nelson* nervoso, já que lhe despertava a ténue lembrança do sem-abrigo que lhe roubara a coleira. Mas Thatcher geralmente adormecia de imediato quando estava sob influência do álcool, ressonando apenas mais alto. Um dia, Thatcher adormeceu depois de uma breve borga com uma mulher alta que trouxera de um bar, e ela encaminhou-se discretamente para as suas calças de ganga à procura da carteira. Mas *Nelson* não estava a dormir e ladrrou muito alto. Quando Thatcher acordou com a mulher a remexer com ar culpado nas suas calças percebeu que *Nelson* acabara de lhe salvar centenas de dólares. A mulher saiu a correr do quarto e Thatcher recompensou o cão com o um prato de *bacon* só para ele ao pequeno-almoço. Thatcher dormia quase sempre na cabina do seu camião. *Nelson* acabou por adorar estar ali. Gostava do facto de ser um espaço pequeno comparado aos quartos dos motéis onde por vezes ficavam. *Nelson* gostava de estar numa área confinada que achava que podia proteger bem. Fazia-o sentir-se muito seguro e confiante. A princípio, o cão dormia aos pés de Thatcher, mas nas noites frias aninhava-se mesmo ao lado do seu peito largo e dormia como um cachorrinho apesar dos roncos insistentes de Thatcher. Este tornou-se o seu local de repouso preferido. Às vezes, Thatcher acordava durante a noite e encontrava *Nelson* em cima do seu peito, a dormir profundamente, e sorria para consigo.

Como Thatcher deixava ocasionalmente *Nelson* sozinho num quarto de motel, também o deixava às vezes, à noite, durante umas horas, na cabina do camião. Deixava um dos vidros um pouco aberto e os aromas das redondezas mantinham o cão entretido até ao seu regresso. *Nelson* depressa se habituou a ver mulheres regressarem com Thatcher, para depois fazerem amor, desajeitadamente, no pequeno espaço da cabina. A cabina abanava por vezes de um lado para o outro já que Thatcher era uma pessoa bastante impetuosa. Sempre que o cão julgava ter encontrado um lugar para relaxar e dormir, era desalojado novamente por corpos suados em cima dele. Até chegava a ladrar para que Thatcher e a mais-que-tudo soubessem que o estavam a incomodar, mas limitavam-se a rir e continuavam com o que estavam a fazer. As mulheres compensavam-no por terem perturbado o seu

sono ao brincarem com ele depois de terem terminado. *Nelson* gostava da atenção, bem como a ocasional carne seca ou os amendoins que tiravam das suas malas.

* * *

Durante o tempo em que *Nelson* passou com Thatcher, chegaram a atravessar a América pelo menos dez vezes. Seguiam a autoestrada 20 e passavam por Chicago, atravessavam as planícies do Iowa, as montanhas de Montana para entregar, por fim, uma carga no Oregon. Seguindo a estrada 2 desde Seattle, encurtavam caminho junto à fronteira canadiana, passando novamente por Montana, através das Grandes Planícies, onde *Nelson* conheceu o cheiro inconfundível a búfalo, e em direção aos bosques do Minnesota, com os seus variadíssimos animais e os aromas das suas plantas. Tomando a 50, atravessavam o Mississípi, eventualmente subindo as íngremes Montanhas Rochosas, onde *Nelson* sentia o cheiro de águias e falcões, e de antigos esconderijos de ameríndios. Deslocavam-se então pela Sierra Nevada, e aí os cheiros intensos do deserto encantavam o nariz do cachorro. Atravessavam tranquilamente o país pelo extremo sul, próximo da fronteira mexicana, onde *Nelson* cheirava petróleo e gado no Texas. Finalmente, isto dava lugar ao aroma da população Cajun dos deltas do Mississípi. Encaminhavam-se então para a espinha dorsal dos montes Apalaches, e *Nelson* passava um fim de semana em Sullivan County, na casa dos pais de Thatcher. O cãozinho ansiava por perscrutar os bosques e os rios que farejava à distância, mas Thatcher queria ficar apenas dentro de casa.

A curiosidade do animal não se saciava com as descobertas intermináveis que o seu nariz fazia estrada fora. À medida que aumentavam as histórias que as fragrâncias de cada estado deixavam no ar, *Nelson* queria conhecer cada vez mais. Em Albany, imaginara que o mundo era um lugar fascinante. Agora, sabia que o era e o seu desejo por mais era apenas atenuado nos momentos em que se recordava do seu Grande Amor, e sabia que nada a poderia nunca substituir. Sonhava acordado com tuberosas brancas que lançavam a fragrância de Katey à noite.

Certa noite, na Carolina do Norte, um estado de que Thatcher gostava, e que combinava uma belíssima linha de costa e cordilheiras fascinantes, uma mulher veio visitá-lo. Ele não a via há mais de um ano e estava ansioso por isso. O sexo que faziam era sempre excitante e algo que o deixava feliz. Mas mais do que isso, a última vez que se encontraram ela fizera umas alusões estranhas a algo que precisava de contar-lhe, embora se tivesse fechado em copas quando ele a pressionou, balbuciando qualquer coisa como da próxima vez. Thatcher sentiu-se desorientado e uma pequena parte dele esperava, secretamente, que ela pudesse querer algo mais sério, embora ele não conseguisse conceber o que isso significaria para a sua vida. Teve um cuidado especial ao fazer a barba nesse dia, e pôs um pouco da água-de-colónia cara que só usava em ocasiões muito especiais. *Nelson* observava-o enquanto ele cortava as unhas e sabia que Thatcher previa uma noite interessante.

A mulher bateu à porta por volta das seis da tarde. *Nelson* ladrou e pôs-se de guarda perto da porta. Thatcher, que estava deitado na cama do motel a ver a *Vida Animal*, deu um salto e verificou o cabelo uma última vez. Fez um gesto a *Nelson* para ficar sossegado e depois abriu a porta.

A mulher que ali estava era bonita, com cabelo castanho. *Nelson* estranhou não sentir o aroma habitual das mulheres que conhecia de noites passadas na rua: perfume, batom e laca. Tinha um cheiro agradável, mas o odor mais forte que emanava era das calças de ganga e da *T-shirt* acabadas de lavar. Thatcher estava prestes a abraçá-la, mas deteve-se quando viu o rapaz de quatro anos que estava ao lado dela.

O miúdo ficou excitado no momento em que viu *Nelson* e correu para dentro do quarto, começando a brincar com ele. Thatcher gostava de andar com um cãozinho de brincar e uma bola para *Nelson*, e havia também um grande *T-bone* do jantar da noite anterior. O rapaz, cheio de energia, brincava ao jogo da corda com *Nelson* e a sua pequena corda de puxar. *Nelson* gostava da energia das crianças quando brincavam, e nem sequer tomou atenção à conversa entre Thatcher e a mulher. Ele estava preparado para passar a noite sozinho no quarto e, em vez disso, usufruiu de uma hora de brincadeira com um garoto. Na verdade, este rapaz era filho de Thatcher Stevens.

Thatcher telefonou para uma pizaria das redondezas e, pouco depois, duas enormes pizzas eram entregues à porta. Thatcher deixou o filho dar a *Nelson*

bocados pequenos. Houve alguma conversa, desta vez com o miúdo. A dada altura, Thatcher fez-lhe sinal para o acompanhar e deram um breve abraço. *Nelson* sentia a emoção na pele de Thatcher, mas o rapaz estava muito mais preocupado em regressar e brincar com *Nelson*, e foi mesmo um breve abraço.

Umás horas mais tarde, *Nelson* reparou que o rapaz começou a ficar cansado e logo depois mãe e filho deixaram o quarto, com um abraço de despedida. Nessa noite, *Nelson* não dormiu muito sobretudo porque Thatcher não dormiu de todo, a mexer-se e às voltas na cama. *Nelson* estava tão habituado ao seu ressonar constante que se sentia pouco à vontade na sua ausência.

De manhã, houve uma série de telefonemas apressados. *Nelson* não estava acostumado a passar o dia num quarto de motel. Geralmente, entravam à uma da manhã, se não dormissem no camião, e saíam cedo, muitas vezes antes sequer de o Sol nascer. Na noite seguinte a Thatcher ter conhecido o filho, passaram grande parte do dia no quarto, a ver filmes e a comer restos de piza. *Nelson* sentia a ansiedade na pele do homem. Por volta das quatro da tarde, a mulher e o rapaz voltaram. A maior parte do tempo que ali passaram foi semelhante ao da noite anterior. *Nelson* gostava do seu novo companheiro. Mas depois de terem jantado comida chinesa, a conversa entre Thatcher e a mulher depressa subiu de tom e começaram aos gritos. *Nelson* foi transportado para as discussões entre Katey e Don, muitos meses antes. Raiva era coisa que ele não havia cheirado muitas vezes em Thatcher, e era um odor que deixava o pequeno cão com o estômago às voltas. Como a gritaria não passava, o rapaz recuou para um canto do quarto e pouco depois chorava. *Nelson* dirigiu-se a ele e lambeu-o para tentar que se sentisse melhor. O rapaz pegou nele ao colo, porém, continuou a chorar. Após alguns instantes, quer Thatcher quer a mulher calaram-se. A mãe aproximou-se do filho para o consolar, mas ele soluçou ainda mais. Thatcher também tentou, mas ambos o afastaram, saindo pouco depois.

Nessa noite, Thatcher também chorou. *Nelson* deitou-se ao seu lado, silenciosamente, sem saber o que fazer com este seu comportamento inesperado. Por fim, Thatcher adormeceu, mas *Nelson* manteve-se acordado, pressentindo que se avizinhavam algumas mudanças. Aninhou-se no peito de Thatcher que afagava o cão à medida que ele passava por sonhos inquietos.

Thatcher esteve mais contido nas semanas seguintes, enquanto ele e *Nelson* esquadrihavam a América no seu grande caminhão. O cãozinho apanhou-o com frequência de lágrimas nos olhos. Deixou de cantarolar tantas vezes ao som do rádio, coisa que fez sempre com grande entusiasmo. Dantes havia sempre uma mulher, às vezes duas, por semana, a partilhar a cama com Thatcher e *Nelson*. Agora eram apenas eles os dois.

Nelson também reparou numa fúria latente em Thatcher. Não estava visível grande parte do tempo, mas, ocasionalmente, quando um condutor parava diante do seu caminhão demasiado depressa, ou o pedido num restaurante demorava mais a chegar, essa fúria vinha ao de cima. Thatcher praguejava e indignava-se de um modo que *Nelson* mal vira antes.

Voltaram a ver a mãe do filho de Thatcher, e o filho, mais duas vezes. Parecia que Thatcher saíra da sua rota para voltar à Carolina do Norte pelo caminho, conduzindo por vezes quinze horas por dia o que o deixava cansado e irritável durante longos períodos de tempo, perdido em pensamentos. O encontro seguinte com o rapaz não ficou dessa vez marcado por qualquer discussão. Houve um silêncio controlado entre Thatcher e a mulher, assinalado apenas por um breve confronto quando a pilha de contas para pagar que ela lhe entregou não agradou a Thatcher. *Nelson* sentiu emoções fortes quando Thatcher abraçou o filho e observou-o enquanto ele tentava interagir com o rapaz. Durante uma hora ou duas jogaram futebol no parque de estacionamento do motel. *Nelson* fez parte da ação e gostou.

Nelson sentia-se confuso com as diferentes emoções que caracterizavam agora Thatcher. O seu amor pelo rapaz era bem visível, todavia, de vez em quando, revelava-se esta estranha e nova raiva. Assim que a solidão, que havia sido o único ruído de fundo na vida de Thatcher, emergiu com intensidade após a descoberta do seu filho, a alegria que sentira como um viajante permanente diminuiu. Sentia-se como um fantasma ao atravessar interminavelmente as autoestradas e estradas secundárias do imenso país. Sempre que via o filho, emoções confusas e difíceis de dominar sobre a sua própria infância, e que ele reprimira durante tanto tempo, precipitavam-se para a superfície. *Nelson* era uma bênção, Thatcher sentia isso. Deus enviara-lhe este cãozinho na altura certa. Deus sabia que o seu filho entraria em breve na sua vida e mandara-lhe *Nelson* para o ajudar. À noite, afagava

o cão durante horas e mantinha-o junto a si. Tentava telefonar ao filho tanto quanto possível, e era *Nelson* que segurava ao colo enquanto tentava comunicar com a criança que entrara na sua vida.

Mas Thatcher começava a perceber que seria muito difícil mudar a sua vida para nela incluir inteiramente o filho. De súbito, ambicionava tudo aquilo que julgava detestar. Queria uma vida estável com uma família; não queria viajar constantemente. Mas era difícil mudar a sua vida. Como iria ele ganhar a vida a fazer outra coisa que não a conduzir um camião? Embora amasse o filho, sabia que não amava a mãe do rapaz. Ela fora uma ótima companheira de sexo durante bastantes noites, mas tão-somente isso, e ele não conseguia imaginar o relacionamento que teriam ao ser algo mais. Portanto, ali estava ele, quase com quarenta anos, com uma determinada vida que criara para si. Começava de repente a perceber que já não era bem aquilo que queria, mas não tinha outra hipótese senão aceitar as coisas como eram. Talvez pudesse haver algumas pequenas mudanças que ele conseguisse levar a cabo, mas não existia uma nova e abrangente vida que trocasse como se fosse um carro usado. Sentia-se frustrado perante a sua incapacidade de ser um bom pai para o seu filho ainda pequeno e, de certa forma, sentia que a culpa era dos seus pais embora soubesse em absoluto que isso era irracional e injusto para com eles.

Uma noite, Thatcher parou o camião numa pequena cidade em Montana chamada Kalispell. Acordara mal-humorado nessa manhã. *Nelson* estava muito sossegado na parte de trás do camião, a dormir em cima dos cobertores, sem se arriscar a ir para o banco da frente. Pressentia que Thatcher queria estar sozinho.

Quando pararam no parque de estacionamento, *Nelson* sentiu o cheiro a abetos. Thatcher estacionou, pegou no cão e saiu. *Nelson* farejou aqui e ali e fez o que tinha a fazer. Gostava destas cidades pequenas. Os parques para camiões nas cidades maiores cheiravam sempre a fumo e às zonas industriais que *Nelson* encontrara à volta da lixeira. Nas cidades pequenas havia imensa natureza e isso deixava o coração do cãozinho animado.

De volta ao camião, Thatcher partiu umas Pringles aos bocados pequenos e deu-as a *Nelson*. Não se despediu propriamente antes de sair, deixando o vidro ligeiramente aberto.

A noite chegou e *Nelson* mantinha-se sossegado, por vezes sonolento mas alerta, guardando o caminhão enquanto esperava que Thatcher voltasse do restaurante ou de onde quer que estivesse. O cão passara por esta situação muitas vezes. Sentia-se completamente seguro na cabina do caminhão e por muito que esperasse por Thatcher não se importava de o fazer.

Mais tarde nessa noite, ouviu o barulho de arruaceiros, bêbados, ali perto, e isso deixou-o desperto. O animal não sabia que horas eram, e muito menos que eram três da manhã, passando largamente a hora em que era habitual Thatcher voltar. *Nelson* sentiu uma enervante inquietação. Quando os primeiríssimos raios do amanhecer penetraram na cabina, *Nelson* percebeu que algo se passava. Thatcher nunca o deixara assim sozinho durante a noite inteira.

À medida que a madrugada se transformava em dia, e a temperatura aumentava dentro cabina, *Nelson* começou a ladrar furiosamente. Detestava fazê-lo, mas, por fim, em desespero, urinou no banco da frente. Mais uma vez, a fome terrível que o atacara quando se perdeu em Albany, voltava agora a fazer-se sentir. Revolveu as coisas de Thatcher e encontrou um pacote de *pretzels* que o deixou satisfeito. Porém, sentia sede e começava a ficar terrivelmente quente ali dentro. *Nelson* deitou-se à sombra, por baixo do volante, tentando conservar energias.

Do dia se fez noite e *Nelson* sentiu-se aliviado por a temperatura ter arrefecido. Comeu os pãezinhos que sobraram e saltou para o banco da frente, perto do local onde havia urinado.

Nelson estava preocupado com Thatcher. Gostava que estivesse ali consigo. Sem ele a guardá-lo, coisas más iriam acontecer-lhe, *Nelson* sabia-o. Na verdade, a raiva de Thatcher revelara-se finalmente num pequeno bar em Montana. Um empregado carrancudo ignorara os repetidos pedidos para ser atendido e uma discussão estalou. Thatcher era um homem cordial, não se deixava provocar facilmente. Mas já tinha bebido quatro cervejas quando se levantou e agarrou o empregado pela camisa, depois de ele ter chamado a Thatcher forasteiro e marginal. O empregado deu um golpe a Thatcher que se esquivou, respondendo com um enorme soco no estômago do homem, que caiu ao chão. Dois clientes ali da localidade eram amigos do empregado e juntaram-se à rixa. Thatcher era forte, mas era difícil enfrentar três

homens de uma vez. Esmurraram-no e deram-lhe pontapés até cair ao chão, implacavelmente.

Em bares de província como aquele não se sabia quem estava ou não armado. Thatcher nunca trazia arma. Quando era criança o pai gostava muito de armas e por uma ou duas vezes viu-o ameaçar a mãe com uma. Portanto, jurara a si próprio na adolescência que nunca andaria com nenhuma. Mas quando Thatcher olhou para os homens que o estavam a espancar, com o sangue do nariz a escorrer-lhe pela cara, viu o clarão do aço assim que um dos homens levou a mão ao bolso das calças de ganga, e Thatcher lançou um golpe na direção da arma para se proteger. Assim que os homens colidiram, a arma disparou, com a bala a voar para a canela de Thatcher. Os outros clientes que estiveram a ajudar à luta agiam agora de forma rápida, separando as partes. Enquanto Thatcher estava no hospital, com a perna a latejar de dor, a cara e corpo arroxeados por causa dos fortes murros, tentou pedir ao agente da polícia para olhar pelo cão quando levassem o camião para o parque da Polícia. Mas o agente já estava com cinquenta e muitos anos e também tinha os seus problemas. Assim que subiu para a cabina de Thatcher, pensava nos níveis de colesterol e no filho problemático, e não empreendeu qualquer esforço para ir atrás do cãozinho que saiu que nem uma seta do camião, e desapareceu no meio dos bosques, mal ele abriu a porta. Pensou que podia tentar procurá-lo depois de levar o camião para o parque da Polícia a duzentos metros de distância. Mas depois de passar meia hora a limpar o chichi e o cocó de *Nelson*, e com a mulher a telefonar a avisar que o jantar de macarrão e queijo estava a arrefecer, o polícia decidiu que diria a Thatcher que o cão fugira e que não o conseguira encontrar, embora tivesse tentado.

Thatcher soluçou de forma descontrolada quando a enfermeira no hospital lhe transmitiu que o seu cão fugira e não fora encontrado. Implorou ajuda à enfermeira, mas ela foi pouco prestável pois era prima de um dos homens com quem Thatcher andou à luta. O Vicodin e os antibióticos deixaram-no num longo e pesado sono. Sonhou que se encontrava encurralado num poço muito fundo, no meio de uma floresta densa. *Nelson*, no cimo do poço a ladrar furiosamente era a única esperança de Thatcher de que alguém o pudesse encontrar.

O pequeno cão também sonhava. A sua vida ainda era jovem, muito jovem, se a comparássemos à idade de algumas outras criaturas com quem partilhava o planeta, mas a sua mente tinha já recordações pormenorizadas e admiráveis escondidas nos seus labirintos, recordações compostas por uma rede complexa de cheiros. Quando *Nelson* sonhava, os muitos aromas, doces e pungentes, que encontrara na sua vida combinavam sob formas novas e invulgares, e ligavam-se a emoções profundas, esperanças e receios, amor e tristeza que o cachorro sentira na sua vida na Terra.

Quanto *Nelson* sonhava, o seu nariz estremecia enquanto navegava um caminho complexo desde as flores e a relva com aroma doce da quinta de Mrs. Anderson às mãos calorosas de Vernon na loja dos animais. Sonhava com as múltiplas camadas de madeira do piano do seu Grande Amor. A maior parte dos seus sonhos situava-se na linguagem dos cheiros, mas neste sonho ele podia também ouvir as frequências mais altas do piano de Katey, as notas celestiais de que os humanos apenas ouviam ecos. A fragrância da madeira e os sons do piano eram maravilhosos, mas no seu sonho estavam constantemente a ser invadidos por odores sombrios e assustadores, e a ressoar dos caixotes de lixo sem fim e das pilhas de detritos humanos que *Nelson* fora obrigado a explorar. Embora procurasse Katey por todos os lados no sonho, o Grande Amor não estava em lugar algum.

O aroma de Thatcher estava ainda no cão e no seu pelo. O homem encontrava-se presente na psique do animal e ele esperava vê-lo já que entrou nos momentos semiconscientes entre o adormecer e o acordar. Tal como Katey havia sido outrora, Thatcher tornara-se o centro do quotidiano de *Nelson*. O cão ansiava por uma rotina baseada num lugar, numa casa, mas nas suas longas viagens com Thatcher aprendera que não precisamos

de um endereço geográfico para nos sentirmos enraizados. Thatcher enraizara-o, tanto quanto *Nelson* o fizera a si.

Mas, quando *Nelson* acordou nessa manhã, Thatcher não estava em lado algum. O cão estava debaixo de uns pinheiros altos na orla de um pinhal que se estendia ao longo de quilômetros. O seu nariz inalava o ar fresco da manhã. Não era desagradável. Árvores e relva jamais o podiam ser. Do âmago do bosque flutuavam odores de outros animais – pequenos roedores, aves, e outras criaturas que *Nelson* não sabia bem identificar. Havia cheiros que eram semelhantes ao cheiro dos cães, mas eram de certa forma mais intensos, mais bravios. O pelo do dorso de *Nelson* eriçava-se ligeiramente quando os cheiros distantes dos lobos e dos coiotes atacavam as terminações nervosas do seu nariz volumoso.

Mas qualquer que fosse o receio, cedia rapidamente. *Nelson* sentia os odores familiares de uma povoação ali próximo. Havia o rasto tentador do cheiro de hambúrgueres a grelhar e de batatas fritas. Havia relva acabada de cortar, e carros, e chuva a cair no alcatrão, e madeira, cortada, tratada e marcada como os humanos sabiam fazer. Quando as pessoas usavam madeira nas suas habitações e nas suas lareiras, tinha um cheiro característico, diferente do da madeira natural, do das árvores, que cresciam, vivas, igualmente seres do inventário de aromas de *Nelson*. Ele gostava do cheiro das árvores, mas, para ele, a madeira dos humanos significava casas seguras, e, sobretudo, estar deitado por baixo do piano do seu Grande Amor.

O cão levantou-se. A cidade estava próxima. Quando fugiu do camião de Thatcher, no dia anterior, sentia-se desnorteado e teve de correr sem pensar muito, descansando, por fim, debaixo de uma árvore na orla do bosque e passando ali a noite. Agora, seguia vagarosamente em direção ao centro da cidade. Inalou, à procura de Thatcher. Por momentos, julgou tê-lo cheirado e, com efeito, ele estava apenas a umas centenas de metros de distância, numa cama de hospital, a dormir profundamente. Mas os dois não estavam destinados a reencontrar-se.

Nelson sentia outra vez fome. Isto não provocou nele o terror e desespero de outros tempos. Já com uma experiência de vida de um ano e meio, sabia agora que a comida chegava sempre até si de alguma forma. A fome criava-lhe um doloroso vazio no estômago, mas o cão inalava o ar fresco da

pequena cidade rural de Kalispell, em Montana, e sabia que seria passageira.

O cheiro a hambúrguer e a batatas fritas que havia sentido antes vinha de uma pequena hospedaria construída em sequoia, onde os camionistas ficavam, e comiam num enorme restaurante que servia não apenas hambúrgueres, mas bifés, frango frito, *burritos* e panquecas. O lixo do restaurante era colocado num enorme contentor no exterior, esvaziado de três em três dias, pelo que geralmente estava a abarrotar na altura em que os homens do lixo chegavam. *Nelson* foi atraído para o restaurante não apenas pelo cheiro da comida, mas também pelo dos camiões. Claro que o odor de Thatcher era único, mas exibia também características genéricas de camionista, uma combinação muito particular do suor que resultava das longas horas passadas numa cabina confinada, rodeada por ar condicionado, sabonete barato de motel e uma alimentação contínua de comida caseira de restaurantes como aquele que *Nelson* encontrou nesta pequena cidade. O cão estava ainda à espera de encontrar Thatcher tal como acontecia todas as manhãs, e o cheiro de camiões por todo o lado era reconfortante para o cãozinho.

Havia um buraco no fundo do contentor onde o restaurante colocava o lixo. Ratos e outras pequenas criaturas usavam-no frequentemente. Já familiarizado com essa situação dos meses passados na pilha de lixo em Albany, *Nelson* foi buscar o pequeno-almoço ao enorme contentor. Apreciou as *hash browns* manchadas de ovos estrelados, e a gordura de uma costeleta que um camionista obeso relutantemente tirara. A comida era boa e *Nelson* gostou dela, tendo sido muito fácil de encontrar. Enquanto comia, a cozinheira estava a vê-lo. Marta Herrera, uma mulher robusta nascida no México, sorriu para consigo quando viu o cão a devorar os restos da sua comida. Em qualquer outra parte da cidade, um cão vadio perto do lixo provocaria uma reação agressiva, mas Marta era oriunda de Ciudad Juarez, onde era comum haver animais vadios, estando implícito que podiam ficar com as sobras que iam para o lixo. Na verdade, Marta ficava sempre surpreendida com a insistência do marido americano para comprar comida de cão para o pastor alemão deles, e com a sua recusa em dar-lhe os restos das refeições. O marido era militante quanto a isto, declarando que os restos faziam mal ao cão e que o poriam doente. Marta detestara a dor e o sofrimento de muitos dos cães vadios que via no México

em criança. Mas sabia que restos de comida eram uma boa alimentação para um cão. O pai dissera-lhe que os cães descendem dos lobos que procuravam os restos em redor das fogueiras há milénios, e que não havia razão para não continuarem essa tradição.

Portanto, Marta deixava *Nelson* comer tanto quanto queria quando rondava o restaurante. Sempre que via alguém do seu pessoal a enxotá-lo, repreendia-o educadamente, e ficou desde logo assente que podia comer os restos do restaurante sempre que assim o desejasse.

Por vezes, de manhã, Marta punha de lado umas sobras especiais, como um lombo meio comido ou um bocado de *cheesecake*, e dava-os pessoalmente a *Nelson*. Até lhe passou pela cabeça levar o cão para casa, mas o marido nem sequer queria ouvir uma coisa dessas. Marta gostava daquela expressão de curiosidade no focinho de *Nelson*, e a forma como a sua cauda se agitava no ar, como um elefante a abanar um marajá, e imaginava-o a tornar-se num belo cão. Mas o marido queria apenas um puro-sangue, e um cão de grande porte ainda por cima.

Nelson nunca fez tenção de ficar na pequena cidade. Foi uma combinação de acontecimentos que o levou a permanecer por lá. Foi todo aquele cheiro a ar fresco, os cozinhados de Marta, a vontade de encontrar Thatcher, que foi desaparecendo gradualmente. Mas na altura em que Thatcher era uma recordação distante, *Nelson* havia-se já ambientado a Kalispell.

Porém, acima de tudo, o que manteve *Nelson* em Kalispell foi uma fêmea.

15

Lucy não fizera uma caminhada como a de *Nelson*. Sim, também ela errante, mas nunca havia saído de Montana. Para um animal que combinava tantas raças, era impossível isolar a sua genealogia só de olhar para ela. *Lucy* pertencia a uma ninhada de quatro, nascida nas ruas de Helena, em Montana. O pai era rafeiro, e a mãe também. O pai morreu antes de ela nascer, atropelado por um caminhão. A mãe deu à luz nos constrangimentos de uma exígua e escura tubagem de um aparelho de ar condicionado, cravado num dos velhos edifícios de Montana. Sentia-se exausta depois do parto, mas, contudo, encontrou forças para vasculhar os caixotes de lixo das redondezas para que pudesse comer e ter leite para alimentar os seus filhotes insaciáveis.

No entanto, o leite não era suficiente para que todos os cachorros sobrevivessem, e dois morreram. Uma noite, um homem e a filha ouviram os latidos dos restantes cachorros que pediam por mais comida. A mãe estava fora, à procura de qualquer coisa que matasse também a sua fome. A filha do homem implorou ao pai que a deixasse levar os cachorros para casa. Relutante, acabou por concordar. A irmã de *Lucy* morreu dois dias depois, mas ela sobreviveu. A sua dona, Caitlin, pôs-lhe o nome da canção dos Beatles. Era uma cadela cor de areia, pequena, com pernas curtas e olhos perscrutantes. A cauda era penugenta e expressiva, não como a de *Nelson*. Depressa esqueceu a mãe e a irmã, e Caitlin tornou-se no seu Grande Amor.

Seis meses mais tarde, a mãe renegada de Caitlin ganhou finalmente a custódia da filha e ela viajou para a Califórnia para viver com a mãe. Caitlin adorava *Lucy* e, desesperada, queria levá-la consigo. Mas a mãe era alérgica a cães e gatos e considerava-se a rainha da casa. Caitlin chorou durante uma

semana. O pai ficou com *Lucy* mas não gostava particularmente de cães e fê-lo como forma de engodo, apenas para tentar que Caitlin o visitasse com frequência.

Porém, *Lucy* não desistiu de Caitlin. Depressa percebeu que precisava de fugir da casa do pai de Caitlin e procurar por ela. *Lucy* era perita em escavações e, sub-repticiamente, começou a fazer um buraco por baixo da vedação que a libertaria. Sempre que o pai de Caitlin estava a trabalhar, *Lucy* escavava. O pai de Caitlin ficou surpreendido ao ver que a cadela não estava quando um dia chegou a casa, e depressa descobriu o buraco por onde ela se escapulira. Mas, no fundo, sentiu-se um tanto aliviado com isso e não se esforçou muito a procurá-la nos dias seguintes.

Tal como a jornada de *Nelson*, a viagem de *Lucy* para Kalispell fora por vezes complicada, sentira-se assustada e perdida. As probabilidades de um cão vadio sobreviver durante muito tempo não eram muito grandes. Mas *Lucy* era muito expedita, tinha uma disposição enérgica e um coração feliz. Como tal, sobreviveu. A sua intenção inicial de encontrar Caitlin foi rapidamente contida pela necessidade de sobreviver.

Nelson não era geralmente acordado por um cheiro da mesma forma como uma pessoa pode ser despertada por um ruído. Mas uma manhã, aproximadamente um mês após a sua chegada a Kalispell, acordou sobressaltado quando um poderoso e intoxicante perfume invadiu a sua consciência. *Nelson* ganhara o hábito de dormir perto da saída de ar dos aquecimentos da hospedaria onde tomava o pequeno-almoço todas as manhãs. O inverno estava a chegar, mas a lufada de ar quente mantinha-o aquecido grande parte das noites. Sentia que o tempo arrefecia a pouco e pouco, mas o pequeno cão não se apercebia de que se aproximava um duríssimo inverno. Ter-se-ia assustado muito se soubesse.

Nelson sonhava com Thatcher e Katey. Dormia ao lado deles numa casa que não conhecia, construída de madeiras exóticas. Sentia o cheiro dos ratos nas vigas e debaixo do soalho. Mas este sonho perturbador foi interrompido pela fragrância de *Lucy*. Não era um aroma vulgar. Quando *Nelson* se levantou completamente desperto, caía uma chuva fraca, embora a luz do Sol ainda espreitasse através das nuvens pardacentas lá no alto. Embora a chuva limpasse geralmente o ar de certos odores, o aroma que pousara nas narinas de *Nelson* parecia, de certa forma, tornar-se ainda mais poderoso,

melhorado pelas gotículas de chuva. *Nelson* sabia que se tratava do cheiro de um outro cão. Mas era o cheiro de algo mais. Estava repleto de vida e de uma fragrância universal imprescindível, completamente empolgante. Fez-lhe um sinal, não, agarrou-o e disse-lhe para procurar a sua fonte.

Lucy deambulava pelas redondezas do parque de estacionamento à procura de comida. Naquela manhã encaminhara-se cedo para a cidade. Sentia-se exausta mas não conseguia dormir de estômago vazio. Sempre que estava com o cio, a sua fome acelerava dramaticamente e tornava-se difícil encontrar comida suficiente para saciar o apetite inesgotável.

Ela fora atraída a Kalispell pelos aromas de comida que pairavam na interestadual. Sabia sempre bem encontrar comida humana. Quando chegava a uma cidade onde podia passar algum tempo sem sentir perigo, aproveitava sempre. Um dia foi agarrada por um apanhador de cães e posta num deprimente canil que detestou.

Inalava o cheiro nauseabundo da morte nas traseiras. Por vezes, outros cães ali à volta eram levados rapidamente, de forma relutante, pelos voluntários que trabalhavam no canil para um lugar não muito distante, onde os familiares cheiros canídeos se transformavam em algo que *Lucy* achava ser profundamente inquietante. Sentia-se o pivete a fogo e fumo, e somente um ligeiríssimo odor a cão ficava a pairar no ar. *Lucy* sentia-se determinada a escapar a esse destino e o medo eriçava-lhe o pelo do dorso.

Os cães pequenos tinham mais hipóteses de escapar do canil, de se escapulirem por entre as pernas das pessoas que os enjaulavam e fugir a correr, e *Lucy* conseguira-o com êxito.

Das suas experiências, *Lucy* desenvolvera um sentido apurado para saber quando é que as suas hipóteses de sobreviver numa cidade sem ser apanhada por apanhadores de cães valia o risco de ali permanecer. Em algumas cidades, as pessoas perseguiam ativamente qualquer cão sem coleira e trela. *Lucy* sentia que muitas eram bem-intencionadas, mas ela não queria voltar para o canil. Noutras, as pessoas deixavam um cão vadio sozinho à vontade, dando-lhe apenas, ocasionalmente, um bocado de comida, de que *Lucy* gostava sempre.

Quando chegou a Kalispell, nesse dia, não estava certa se seria uma cidade acolhedora para um animal como ela. Mas de qualquer forma não era nisso que pensava. A sua preocupação era arranjar comida, portanto não

foi propriamente coincidência ter sido atraída para a hospedaria dos camionistas onde *Nelson* dormia. O delicioso aroma dos cozinhados de Marta pairava no ar salpicado de chuva.

Lucy sobressaltou-se quando *Nelson* se aproximou a correr, vindo de trás, e começou de forma agressiva a aconchegar-se a ela, tentando montá-la. Também *Nelson* estava surpreso com a sua própria atitude. Ainda era virgem e não fora preparado para o ato sexual com informação passada pelos pais, ou pelos pares, como as pessoas. O aroma de *Lucy* incendiara-lhe simplesmente os sentidos e o seu corpo reagiu. Visto que um cheiro pode ser uma magnífica cor viva, intensa, sem misturas, a fragrância de *Lucy* era um arco-íris que lhe invadiu o coração e a mente. Ele tinha tão-somente de estabelecer ligação e ser apenas um com esta outra pequena criatura que entrara na sua vida com tanto fervor sensorial.

Lucy não quis dar-lhe confiança. Rosnou-lhe e olhou-o nos olhos, com o nariz em riste para interpretar o que aquele outro cão queria. *Nelson* não a deixara inebriada como o odor dela o deixara a si. Mas ela achou o seu cheiro estranhamente agradável e, de certa forma, magnificante. Portanto, deixou de rosnar e latiu-lhe apenas. Portanto, ele voltou ao ataque, lambendo-lhe o focinho e mordendo-a suavemente por baixo do pescoço.

Ela estava esfomeada e queria comer, por isso fugiu dele tão depressa quanto pôde. Mas ele continuava a segui-la implacavelmente. *Lucy* deteve-se perto da pilha de lixo, ao lado da hospedaria, ao encontrar a mesma fonte de comida que mantinha *Nelson* bem nutrido desde a sua chegada a Kalispell. Devorou uma omeleta meio comida cheia de queijo *cheddar* e carne picada, e empanturrou-se de batatas fritas onduladas.

Na altura em que acabou de comer já *Nelson* havia conseguido montá-la. *Lucy* também era virgem e fora apenas por estar desesperada a pensar em comida que dera sem querer a *Nelson* a hipótese de obter o que queria. Quando a fome de *Lucy* finalmente abrandou, as pequenas patas de *Nelson* agarravam-na e ele penetrava-a. Foi bastante doloroso e sentiu o cheiro do seu sangue. Mas por alguma razão que ela não entendeu bem, deixou-o continuar a entrar e a sair de dentro de si. *Lucy* inalou novamente o cheiro de *Nelson* e, desta vez, achou-o ainda mais agradável. Era um belo cão.

Da janela da cozinha, Marta observava os dois cães a acasalar. Uma parte dela sentia-se feliz ao pensar nos cachorrinhos que iria decerto encontrar por ali daí a uns dois meses. Dar-lhes-ia de comer e talvez os deixasse ficar

na cozinha durante a noite. Mas também se sentia triste porque sabia onde acabavam a maior parte dos filhotes de uma ninhada indesejada: mortos na rua.

Ela não sabia que *Nelson* havia sido castrado e que embora *Lucy* estivesse fértil não havia hipótese de ele a engravidar. Nem um nem outro faziam ideia de que todo aquele sexo gerava normalmente filhotes. Para eles, o ato sexual era uma apenas atividade nova e empolgante, repleta de vida e com um belo arco-íris de cheiros no qual flutuavam com enorme felicidade. Assim que os seus corpos se ligaram, e ele sentiu o calor e o pelo dela em contacto com o seu, *Nelson* sentiu-se realizado e era como se todo o seu corpo vibrasse extaticamente. Quando o seu orgasmo chegou, o cãozinho parecia explodir de alegria. Embora as emoções de *Lucy* fossem menos intensas, conseguia sentir a alegria do cãozinho a entrar em erupção dentro de si, e, não obstante fosse totalmente inesperado, também ela se sentia feliz.

Contudo, era jovem e forte, e não estava disposta a dar a ninguém, especialmente a um outro cão, algo a que não estivesse decidida. Ao primeiro sinal de cansaço de *Nelson*, libertou-se dele e fugiu a bom fugir. Portanto, o dia continuou. Fizeram amor muitas vezes nesse dia – talvez umas dez ou quinze vezes. Se *Nelson* fosse fértil, talvez *Lucy* tivesse engravidado várias vezes.

O dia foi uma maré alta e uma maré baixa entre os dois, com *Nelson* a levar a melhor sempre que conseguia os seus intuitos, mas com *Lucy* pouco depois a fugir-lhe a sete patas por toda a cidade e para o meio do bosque que a rodeava. Pela quarta ou quinta vez deixou de ser doloroso para *Lucy* e ela começou a desfrutar tanto quanto ele.

Mais tarde, nesse dia, a fome voltou a atacá-los, por isso apreciaram os restos de frango frito da pilha de lixo. Eram cães e não havia nenhum vínculo verbal entre eles, nenhum acordo de que agora estavam juntos. *Nelson* encaminhou-se para o seu local de descanso, perto das saídas de ar quente, e sem nada melhor para fazer, *Lucy* deixou-se cair ao seu lado. A paixão pelo sexo, que tanto haviam apreciado juntos, deu lugar, no final do dia, a um espírito muito prático. A noite estava mais fria do que as anteriores e, ao enroscarem-se um no outro, ajudavam a combater a brisa fresca que a noite trouxera. Nos meses que se seguiram, nem mesmo o calor dos seus corpos e do ar quente que saía dos tubos de ventilação era

suficiente para os manter aquecidos durante a noite. De manhã, acordavam a tremer. Se estivessem a dormir sem a companhia um do outro provavelmente, quer *Nelson*, quer *Lucy* teriam morrido de frio. Juntos, escaparam a esse destino ainda que, por vezes, estivessem insuportavelmente enregelados. O período de acasalamento de *Lucy* durou alguns dias, e o arrebatado namoro continuou. Ao cabo de algum tempo, os seus odores tornaram-se muito reconfortantes para ambos, pelo que sentiram assim que o temperamento de um complementava o do outro. A natureza do amor entre cães não era comparável ao Grande Amor que um cão pudesse sentir pelo seu dono. Eram apenas questões práticas que mantinham *Nelson* e *Lucy* juntos. Era o calor e o sexo ocasional, e os sentimentos de força e arreigamento que advinha de serem membros de um grupo. Porém, algures nos seus corações caninos havia também amor.

16

Herbert Jones não se considerava propriamente um homem sem sorte. Vivera uma vida longa e razoavelmente feliz, com a sua mulher e os três filhos. Trabalhara como supervisor numa serração durante grande parte da vida, gozando de uma vida estável. Gostava das pessoas da sua cidade, e era considerado por todos um chefe e colega justo e cordial. Herbert achava o seu trabalho bastante gratificante e aos fins de semana, quando tinha tempo, também se entretinha a fazer pequenas esculturas de madeira de pássaros e esquilos, a partir de bocados que sobravam na serração. Quando se reformou, aos 65 anos, esta tornou-se a sua atividade predominante, e vendia os pequenos animais de madeira a lojas de recordações num raio de 100 quilómetros.

Todavia, aos oitenta anos, Herbert Jones podia ser considerado de certa forma um homem desafortunado. A maior parte das mulheres sobrevive aos maridos. Em todas as casas de idosos isto era por si mesmo evidente. No seu espírito, Herbert nunca levou muito a sério a possibilidade de perder a mulher. Após cinquenta anos de casamento, as suas vidas haviam-se tornado de tal modo interligadas que era quase impossível separá-las. Quase todos os pormenores do quotidiano do casal foram moldados por anos de compromisso, marcados por momentos de conflitos, sempre mitigados por um amor duradouro. Com qualquer outro casal que tenha passado tantos anos juntos eram, um para o outro, como uma peça de vestuário usada. Pode ter havido alguns buracos que precisavam de cerzidura, e alguns botões em falta, mas em geral a roupa era tão confortável e tão familiar que nunca seria trocada, e, com efeito, a idade e os consertos menores necessários eram parte do que a tornavam tão perfeita.

Quando Herbert fez 72 anos, a mulher, com 69 anos, contraiu um cancro pancreático e morreu pouco depois. Sempre pareceria um pouco mais forte do que ele, tomando a rédea dos pormenores da vida do dia a dia de ambos de uma tal forma que parecia inconcebível que partisse primeiro. Ela própria ajudara e contribuíra para a ideia de que iria sobreviver a ele, assegurando-lhe que depois de ele morrer, ela se encarregaria de deixar a casa, certificando-se de que todos os seus restantes animais de madeira encontrariam bons lares. Costumava planejar a maneira como seriam divididos os poucos bens que tinham por entre os três filhos e quatro netos, todos a viverem já muito longe de Kalispell.

No início, após a morte da mulher, Herbert empreendeu uma negação substancial. Durante grande parte do dia estava convencido de que ela estava ainda a seu lado. O seu espírito sentava-se e via-o a preparar o pequeno-almoço, dando-lhe dicas. Ele esperava então que rebentassem umas bolhinhas à superfície da massa das panquecas antes de as virar, porque a mulher dizia que ficavam melhor assim. Lembrava-se de acrescentar amaciador a uma carga de roupa apenas porque o espírito da mulher continuava com ele, arreliando-o meigamente quanto à sua falta de inclinação para as tarefas domésticas. À noite, ia buscar as almofadas dela e abraçava-as enquanto dormia um sono irregular, convencido de que eram a sua mulher.

Mas, por fim, após praticamente um ano, o espírito da mulher partiu também de casa e Herbert Jones foi deixado a sós consigo mesmo. Sentia-se triste, terrivelmente triste, pois parecia ter passado uma eternidade. Herbert esforçou-se muito para curar essa tristeza com a rotina. Sabia o quanto a mulher e as suas rotinas o deixaram feliz e reconfortado pelos anos fora, de uma tal forma que, sem precisarem de falar muito, isso lhes permitia ajudarem-se mutuamente durante o dia a dia. Quando ela estava ainda viva havia, logo pela manhã, uma chávena de café a fumegar com dois torrões de açúcar, uma taça de papas de aveia, com algumas uvas passas, e leite quente à sua espera. À noite, habituou-se a ansiar por lhe massajar os pés, como ela tanto gostava, até mesmo quando estavam um pouco malcheirosos depois de um dia atarefado.

Antes, a mulher fazia as compras de mercearia, que geralmente completava com uma compra semanal maior, chegando a casa um pouco afogueada e impaciente com o peso de três ou quatro sacos. Ao construir a

sua própria rotina, quando ela faleceu, Herbert veio a perceber que se não passasse algum tempo fora de casa todos os dias, a sua tristeza tornar-se-ia avassaladora. E, claro, como a avó lhe dissera um dia, o exercício era a peça-chave para uma mente saudável. Como tal, começou a caminhar as centenas de metros que iam da sua pequena casa, nas imediações de um pinhal, até à rua principal de Kalispell. Caminhava vagarosamente pela rua estreita e cheia de curvas que levava à cidade. Parava na loja de conveniência para tomar um café e comer um cachorro-quente ou uma empada de frango. Aproveitava então para comprar qualquer outro artigo de mercearia que precisasse ou, por vezes, ia ao supermercado se a loja não tivesse o que lhe faltava. Resistia a comprar o que quer que fosse em grandes quantidades, uma vez que fazia que os seus passeios diários parecessem inúteis.

Depois do tempo que passava na cidade, voltava com dificuldade para casa, carregando as compras. Todas as pessoas o conheciam e muitas chegavam mesmo a regular as suas horas de almoço pela altura em que ele surgia na rua. Quando chegava eram quase 12h30, horas de almoço, portanto. Durante três anos, Herbert levou a cabo esta jornada. Regra geral era agradável, com as endorfinas geradas pelo exercício a serem suficientes para afugentar a depressão. Somente o barulho e os gases de escape de alguns camiões, e o esporádico e infernal silvar dos *motards* interferiam na amenidade do passeio diário de Herbert.

Embora ainda pensasse na sua querida esposa todos os dias, muitas vezes, na verdade, conseguira de alguma forma ser novamente feliz. Gostava de esculpir os seus pequenos animais de madeira, e a cidade de Kalispell continuava a encantá-lo com o seu ar fresco, as árvores e as montanhas ao longe.

* * *

Nas suas jornadas à cidade, reparou várias vezes em dois pequenos cães. Via-os vaguear pelo campo arenoso mesmo perto da curva que dava para o centro da pequena cidade. Um dos cães tinha pernas curtas e fazia-o lembrar um que a família tivera aquando da sua infância no Arizona. Mas foi o outro cão que lhe chamou a atenção. Tinha uma cor curiosa, especialmente no focinho. Quando o cão olhava para uma pessoa, parecia

estar a perscrutar-lhe a alma com um olhar inquiridor mas caloroso. Quando a cauda farfalhada abanava, era um pouco como um halo tremeluzente sobre o seu focinho invulgar. A princípio, Herbert limitava-se a observar os cães. Mas certo dia, pegou nuns restos do seu pequeno-almoço, umas rodelas de panquecas, e levou-os num saco de plástico quando partiu para a cidade, dando-os depois aos dois cãezinhos. Eles comeram-nos alegremente, embora não tivessem uma fome devoradora, como ele havia antecipado.

Isto tornou-se um ritual diário. Herbert dava todos os dias o seu passeio, exceto ao domingo, e os cães lá estavam por ali perto, quase sempre. Pouco tempo depois, já os dois cãezinhos aguardavam pacientemente no mesmo local e apreciavam o petisco diário. Depois de lhes dar comida, Herbert seguia o seu caminho e, no início, os dois animais tentaram segui-lo, especialmente o que tinha a pelagem de cor invulgar.

Herbert gostava muito de cães em criança. Quando casou, antes de terem filhos, Herbert pensou que um cão seria um excelente acrescento ao clã incipiente que estava a criar com a mulher. Mas ela era alérgica a cães e gatos. Só de entrar numa casa onde tivesse estado presente um animal a deixava logo a espirrar e com os olhos lacrimejantes. A chegada dos anti-histamínicos, muitos anos mais tarde, ajudou um pouco, mas não muito.

Portanto, claro que as suas alergias afastaram a possibilidade de terem qualquer animal de estimação. Herbert nunca o lamentou grandemente uma vez que o amor da mulher era uma recompensa mais do que suficiente. Apenas se lembrou das alegrias de ter um animal de estimação anos mais tarde, quando os filhos e a filha se queixaram da falta de um canino no lar.

Agora que a mulher morrera, Herbert podia acolher um cão ou dois. Por vezes, o pensamento de levar para casa os dois cãezinhos a quem dava de comer todos os dias cruzava-lhe o espírito. Pareciam estar a precisar de um bom banho. Mas Herbert desistia logo da ideia, pois, de certa forma, parecia desrespeitoso para com a mulher.

Como tal, quando *Nelson* e *Lucy* o seguiam, ele enxotava-os. Depois de alguns dias, deixaram de tentar fazê-lo. Herbert não tinha bem a certeza, mas parecia ter visto nos olhos de *Nelson* um entendimento de que não seria correto levá-los para casa dado os problemas alérgicos da mulher. Ela podia estar já morta, mas os seus desejos deviam continuar a ser respeitados.

Nelson e *Lucy* sentiam-se felizes juntos. Eram dois animais vadios e, portanto, a sua existência no mundo não era fácil. As noites eram frias e, por vezes, no tempo em que passaram juntos, adoeceram, tossindo e espirrando continuamente. Nessas alturas, um sentia a exaustão, a fadiga e a tristeza do outro. Se estivessem sozinhos, podia ser o suficiente para os matar. Mas um dava ao outro calor adicional à noite, e brincavam os dois quando estavam doentes, portanto, os seus corações estavam suficientemente animados para os manter vivos. Quando a saúde voltava, a brincadeira aumentava. E assim, apesar das condições adversas em que viviam, eram felizes juntos.

Brincavam sem parar, correndo um atrás do outro, ladrando um ao outro, mordendo-se meigamente. As brincadeiras não eram muito diferentes das dos lobos bebés e ainda jovens que viviam na floresta apenas a oito ou quinze quilómetros deles. Mas a brincadeira para um cão tornou-se não apenas uma fase da sua vida, mas a sua característica distintiva. Estava-lhes enraizada na alma. Os tamanhos aproximados de *Nelson* e *Lucy* fazia deles companheiros perfeitos. Nem um nem outro conseguiam ter verdadeiramente domínio nas suas contínuas brincadeiras e tentativas de ser o elemento alfa da sua pequena matilha. *Nelson* era líder por pouco tempo, nunca por muito. Algo no coração canino de *Lucy* despertava para a ação, reafirmando assim o seu domínio sobre o parceiro. Somente durante os cios bimensais de *Lucy*, *Nelson* voltava a ganhar terreno, mas nunca por muito tempo.

Com o tempo, o cheiro de *Lucy* tornou-se reconfortante para *Nelson*, da mesma forma que o de *Katey* e *Thatcher* haviam sido. Mesmo sem uma casa a sério, *Nelson* e *Lucy* construíram uma espécie de rotina entre eles.

Dormiam e comiam no mesmo lugar, todos os dias. Habitaram-se a passar grande parte do dia num afloramento arenoso, perto da entrada da cidade, numa curva que levava à rua principal. Era geralmente um local sossegado e tinham menos possibilidades de encontrar seres humanos bem-intencionados que os apanhavam e levavam para o canil. Mais importante ainda, era mais quente ali. A sua situação significava uma exposição ao sol durante quase todo o dia, e, por ser um terreno arenoso, o calor não evaporava, por incrível que parecesse, do solo coberto de relva. Como havia areia, *Nelson* e *Lucy* podiam escavar, o que a fêmea gostava particularmente, construindo um depósito secreto para os ossos de costeletas, ou de frango, que encontravam na pilha de lixo do restaurante. Por vezes, depois de uma noite particularmente fria, os dois cãezinhos enterravam-se a si próprios na areia, aquecendo assim os corpos enregelados. Lentamente, a energia voltava e eles emergiam, com o pelo desgrenhado, e brincavam um com o outro até o Sol começar a pôr-se, altura em que se encaminhavam para a cidade e para as saídas de ar quente da hospedaria para passarem a noite.

O velhote que lhes dava de comer todos os dias também se tornou parte das suas rotinas. Assim que o seu cheiro se fazia sentir desde a sua casa, mal ele abria a porta, *Nelson* e *Lucy* esperavam, ansiosos, pelo almoço que Herbert lhes trazia. Tinha um odor caloroso e nada ameaçador, embora *Nelson* sentisse também outro cheiro no velhote. Era um odor estranho, a declínio e idade, a uma doença lenta que crescia dentro de si. *Nelson* não gostava muito desse cheiro, e ainda não sabia o que significava.

Nelson e *Lucy* passavam grande parte do tempo apenas a inalar e a observar o ar fresco de Kalispell. As velhas montanhas, e as florestas e lagos que rodeavam a cidade por centenas de quilómetros, proporcionavam uma história caleidoscópica e marcada por mudanças contínuas da região. Tal como as histórias contadas pela relva de Albany, o ar de Kalispell narrava uma longa e maravilhosa fábula sobre a ascensão e queda das montanhas e rios, e sobre a flora e as criaturas que cresceram e desapareceram nesta bela terra.

Nelson não tinha a certeza do que fazer com o cheiro a lobos que tantas vezes sentia no ar de Kalispell. A princípio, pensou que se tratasse de outros cães, mas, embora o odor o atraísse, como aconteceria se fosse de um canino, havia algo vagamente ameaçador no cheiro de um lobo, uma nota

sombria que o deixava confuso. Em várias ocasiões, o odor penetrou à noite nos seus sonhos. *Nelson* não sabia o seu significado, ou o porquê da sua recorrência.

Nelson e *Lucy* também deram muitas vezes pelo cheiro a coiole nas leves brisa de Montana. Ao passo que o cheiro a lobo era um cheiro distante e almiscarado como um livro antigo, o viço do dos coiotes tomava de assalto os narizes dos dois cãezinhos. O odor dos coiotes era muito parecido ao dos outros cães. Na mente de *Nelson*, um coiole era tão-somente uma variedade de cão. Mas era um cão de que *Nelson* fugiria de imediato porque a sua agressividade assim o determinava. O odor invocava imagens de presas, e sangue, e suor, e guinchos na noite.

Havia, no mínimo, dez coiotes a viver nas imediações da cidade de Kalispell. Tal como *Nelson* e *Lucy*, os coiotes eram pelo menos até certo ponto dependentes dos seres humanos que viviam na terra. Os restos de comida eram uma fonte alimentar essencial para eles. Mas enquanto *Nelson* e *Lucy* gostavam do contacto com as pessoas, e povoavam os seus sonhos com uma vida em lares humanos, os coiotes eram, sem sombra de dúvida, animais selvagens. Sentiam instintivamente aversão pelos seres humanos e matá-los-iam se tivessem oportunidade.

À noite, os coiotes vagueavam com muita frequência por Kalispell, silenciosa e sub-repticiamente, à procura de comida. Frequentemente, as pessoas avistavam algum, mas atribuíam de imediato esse avistamento à imaginação, dado os coiotes serem excepcionalmente hábeis a desaparecer na noite como que por magia, quais aparições noturnas.

Os coiotes comiam muitos tipos de restos deixados pelas pessoas, pássaros pequenos, ratos e esquilos. Ao contrário dos cães, era comum matarem animais pequenos para comer. Por vezes, os coiotes decidiam acasalar com cães do seu tamanho, e nasciam cachorros híbridos. Todavia, os coiotes sentiam pouca afinidade com as raças mais pequenas de cães. Podiam reconhecer alguma semelhança nos seus cheiros relativamente aos da sua própria espécie, mas isso não provocava neles qualquer sentimento fraternal. Um animal pequeno podia facilmente ser morto e ingerido. As famílias humanas que sabiam que os coiotes gostavam de comer cães de pequeno porte, protegiam os seus animais de estimação à noite e mantinham-nos atrás de vedações durante o dia.

18

Nelson estava a ter um pesadelo. Corria, fazendo-o a toda a velocidade através de uma floresta sombria. Algures à distância, *Lucy* latia e gania, mas ele não a conseguia encontrar. Pairava no ar o cheiro da morte, o cheiro do velhote que os alimentava todos os dias. A floresta era densa, mas não se sentiam os aromas da natureza. *Nelson* esbaforido, arquejava enquanto corria pelo bosque à procura de *Lucy*. O odor pungente que o asfixiava era o cheiro nauseabundo de um coiote.

Por vezes, a teor dos sonhos humanos podem associar-se a sons do mundo real assim que a pessoa acorda. O som de um despertador ou o ranger de uma janela partida no quarto podem tornar-se acessórios nos nossos sonhos, mas com um significado diferente. O fedor de um coiote nos sonhos de *Nelson* não estava visualmente associado a essa criatura.

Mas quando *Nelson* acordou estremunhado, o seu coração disparou assim que olhou para o outro lado da rua do passeio onde ele e *Lucy* estavam deitados, e viu o vulto esguio, anguloso de um coiote a fitá-lo com os seus olhos azuis gélidos. Por momentos, o coiote parecia um fantasma, uma aparição na noite nebulosa. Enquanto *Nelson* se adaptava ao seu sobressaltado despertar, o coiote não parecia passar de um espírito canino maligno saído das profundezas da sua consciência para o assustar. O breve momento em que *Nelson* e o coiote olharam um para o outro pareceu muito mais longo do que na verdade havia sido. *Nelson* nem sequer sabia se aquele momento fazia apenas parte do seu pesadelo. Mas quando o animal correu na sua direção e de *Lucy*, não houve dúvidas de que a criatura era mais do que real.

Costuma dizer-se que três em quatro sonhos humanos são maus, embora apenas uma pequena percentagem possa ser considerada como pesadelos.

Nos cães, os números são semelhantes. No momento em que o coioote saltava em direção a *Nelson, Lucy*, a dormir ao seu lado, estava, de facto, a ter um sonho bom, não um dos maus. O nariz estremecia, mas, de alguma forma, o cérebro antecipou o cheiro do coioote. Sonhava que estava dentro de uma cozinha muito bonita, rodeada pela família do seu Grande Amor e pelos aromas da cozinha *gourmet*.

O que a despertou não foi o cheiro a coioote, mas o odor à adrenalina de *Nelson*. Nunca o havia sentido nele em quantidades tão tóxicas. Estava ainda meio adormecida quando deu pelo cheiro de um coioote apenas a uns metros de si. O coioote saltou para cima de *Nelson*, que caiu contra o muro. O coioote precipitou-se novamente para ele mas falhou. Estava uma noite muito fria e carregada de nevoeiro, e os cãesinhos não conseguiam ver para além de dois ou três metros de distância. Porém, correram ambos o mais rápido que podiam.

O coioote estava habituado a movimentar-se em todas as texturas da noite, e a fraca visibilidade não o intimidava. O seu olfato estava primorosamente afinado e o cheiro dos dois cães irradiava uma luz brilhante através do nevoeiro. Na verdade, conhecia bem o cheiro de *Nelson* e de *Lucy*. Durante meses, seguira-os pela brisa da cidade à noite. Sentia água na boca, agora que os seus odores lhe entravam pelas narinas.

Enquanto *Nelson* e *Lucy* corriam, a adrenalina dava-lhes uma força que, anteriormente, não tinham consciência de possuir. Até no pânico do momento, sentiam a adrenalina um do outro e isto também lhes dava uma coragem acrescida, um poder inato numa matilha unida pelo medo. Portanto, conseguiram escapar à força feroz no seu encalce por umas dezenas de metros enquanto ziguezagueavam pelas esquinas da cidade e por ruas desertas. Mas o coioote era experiente na arte de encurralar as suas presas e desenvolvera uma grande capacidade de antecipar os passos dos seus adversários. Depois de perseguir os dois cãesinhos pela cidade num frenesim que durou uns dez minutos, pressentiu o momento de atacar e saltou pelo ar aterrando em cima de *Lucy*. O seu pequeno corpo ficou pregado ao passeio de betão. *Nelson*, com os sentidos sobrecarregados com o pânico do momento, reagiu rapidamente e atacou o coioote, defendendo *Lucy*. *Nelson* cravou os dentes na pata traseira do animal. Mas o coioote estava muito excitado com o sabor da presa na boca e mal sentiu *Nelson* a mordê-lo. O coioote mordeu a nuca de *Lucy*, que deixou escapar um guincho

de cortar o coração. *Nelson* saltou freneticamente para o focinho do coiole, tentando ganhar tempo. Nesse mesmo instante, um homem numa casa ali próxima acendeu as luzes e abriu a janela, gritando.

O homem não era uma ameaça imediata para o coiole, mas a criatura aprendera que desaparecer rapidamente era a melhor estratégia para lidar com os humanos. Por vezes, quando confrontado com a presença de crianças, podia ser tentado a tratá-las como um pedaço de carne mas os humanos mais velhos eram uma ameaça para ele, com as suas armas e lanternas e forquilhas. Por momentos, o coiole hesitou. Olhou para *Lucy*, com o sangue a escorrer-lhe lentamente da pequena ferida que lhe fizera no pescoço. O coração do coiole batia acelerado só de pensar em comer aquela carne fresca. Ponderou agarrá-la com as mandíbulas e fugir a correr com ela para longe dos humanos. Mas o outro baixote continuava a abocanhá-lo, ladrando furiosamente, e iria, sem dúvida, impedir uma escapadela silenciosa no meio da noite enevoadada. O coiole adorava caçar para comer. Vivia para os momentos finais de uma matança, e para a primeiro pedaço da presa acabada de caçar. Mas também sabia que, às vezes, esses momentos podiam ser ilusórios. A sua própria sobrevivência era sempre primordial. Como tal, o coiole desapareceu noite adentro, sozinho.

Nelson lambeu *Lucy*, arfando de preocupação. Ela limitava-se a ganir, desoladamente, soando quase a um cachorrinho que perdera a mãe. O homem na casa conseguia, ainda que a custo, distinguir as pequenas silhuetas dos cães no passeio, e ouvia *Lucy* a ganir, pesarosa. Mas a cama quente chamava por ele. Não lhe apetecia ter trabalho com dois cães vadios. Pelo menos, aquele uivo arrepiante desaparecera. Devia ter sido algum coiole. Ou um lobo. Mas fora-se embora. Os seus filhos estavam em segurança. Fechou a janela, desligou as luzes e voltou para a cama. As pessoas que vivem nas cidades e vilas americanas desconhecem muitas vezes que os coiotes rondam as suas habitações à noite, agressores silenciosos que passam ao seu lado enquanto dormem. É mais simples para os humanos não pensarem nisso.

Nelson estava sobre o corpo quente de *Lucy* e sentia o sangue a pingar para o passeio. Tentou parar a hemorragia lambendo-lhe a ferida tão rapidamente quanto podia. Quando os lobos jovens se mordem uns aos outros por brincadeira, como acontece frequentemente, a mãe lambe-lhes as feridas. A saliva dos lobos está concebida, na verdade, para ser um

unguento natural para feridas, estancando a hemorragia e matando as bactérias. E foi assim que *Nelson* manteve *Lucy* viva. Lambeu as suas feridas durante horas, depois dias, impedindo que se esvaísse em sangue.

19

Lucy conseguiu agarrar-se à vida nos dias que se seguiram ao ataque do coioite. O calor de *Nelson* mantinha-a viva à noite. *Nelson* costumava deixar cair bocados de comida perto dela pois era-lhe custoso mexer-se. Na manhã seguinte ao ataque, *Lucy* reunira forças para se arrastar até ao local onde dormiam, deixando um rasto de gotas de sangue. Mas nessa noite, enquanto *Nelson* guardava o sono de *Lucy*, sentiu o cheiro do coioite nas redondezas, e ouviu os seus uivos através do nevoeiro. Acordou *Lucy* e levou-a para as traseiras do restaurante, perto dos caixotes do lixo. Parecia mais seguro, era um lugar mais fechado, embora *Nelson* continuasse acordado grande parte da noite, alvoroçado.

No dia seguinte, mudaram-se para um pequeno centro comercial, a uns quarteirões de distância, onde *Nelson* descobriu que as saídas de ar de uma lavandaria automática, num ruela sossegada, proporcionavam algum calor. Embora o local parecesse mais seguro, o cãozinho era constantemente acordado pelo odor do coioite, quer fosse real ou imaginário. Por vezes, *Lucy* também sentia o cheiro do coioite e o seu corpo tremia de aflição. *Nelson* sentava-se silenciosamente, a perscrutar a paisagem que os rodeava com o nariz, os olhos e os ouvidos, enquanto ia calmamente lambendo *Lucy* para a tranquilizar. Na verdade, o coioite não se esquecera do sabor do sangue de *Lucy* e ansiava por mais.

Lucy estava dependente de *Nelson* para comer. Ele andava sempre cá e lá, na zona do lixo do restaurante, fazendo-a comer um novo pedaço de carne. Deixava cair um bocado de frango meio comido, ou carne, mais ou menos a um metro de distância de *Lucy* e rosnava baixinho, fingindo estar a proteger a comida, arrelhando-a para que tentasse tirar-lho. Quando ela reagia, *Nelson* oferecia pouca resistência e ela roubava-lho.

Os pensamentos de *Nelson* abrangiam cheiros e emoções encadeados numa única linguagem no seu cérebro canino. Deste modo, ele nunca articulava, como um humano pode fazer, a sensação de perda que sentiu na mudança de *Lucy*. A lembrança do coioote teimava em persistir, e ele era deixado com uma companheira diferente. As suas brincadeiras eram menos intensas, a energia e a vitalidade de *Lucy* eram apenas um vestígio do que havia sido anteriormente. A sua tristeza afetava *Nelson*. Sentia-se angustiado por um mal-estar silencioso.

Muitas vezes, à noite, tinha sonhos intensos com *Katey*. Abundantes em aromas dela e da sua casa e do seu piano, vivia então uma espécie de êxtase durante o sono, como se o seu Grande Amor o tivesse chamado. Brincava jogos sem fim com ela e com aquele rato de brincar horrível, a fragrância distinta de *Katey* a perfumar os seus sentidos. Via o seu rosto mesmo diante de si, com os olhos castanhos a cintilar, o sorriso cheio de vida. Mas o rato de brincar tornava-se um rato verdadeiro a espernear na sua boca. Ele não era capaz de o segurar com firmeza nas suas pequenas mandíbulas. Assim que o rato se conseguia libertar, mordida *Katey*. *Nelson* saltava então para a frente, para a proteger, mas, de repente, os seus membros ficavam paralisados. O rato transformava-se num enorme e poderoso coioote que se precipitava em direção a *Katey*, empurrando-a para o chão. *Nelson* acordava, abalado. O seu Grande Amor estava longe, algures, inalcançável, independentemente de quão profunda era a saudade que sentia por ela. Abriu-se um buraco no seu coração canino, um buraco fundo e escuro que se batia por dominar a sua natureza curiosa, divertida e nobre. Tornou-se parte da sua vida, uma característica nova e permanente da sua existência.

Nelson e *Lucy* não voltariam a fazer amor um com o outro. Ela esteve com o cio uns meses após o ataque do coioote e *Nelson* andava ansioso por sexo. Mas quando tentou penetrá-la, ela mordeu-o impiedosamente. O seu corpo não estava pronto para ter sexo depois do choque da mordedura do coioote. Era impossível para *Nelson* manter-se afastado dela nesses dias, já que o seu odor continuava inebriante, porém *Lucy* não o deixava aproximar-se.

Durante as semanas que se seguiram ao ataque, os dois cãezinhos deixaram de fazer a sua visita diária ao quente e arenoso parque fora da cidade. Herbert Jones sentia a falta deles. No primeiro dia em que não apareceram,

trazia, num pequeno saco de plástico, os restos de panquecas com xarope de açúcar para eles petiscarem. Parou e aguardou meia hora, esperando que aparecessem. Toda a gente da cidade que se encontrava dependente da chegada de Herbert para assinalar o intervalo para almoço, viram o seu tempo fugir-lhes. Por fim, entrou na cidade, triste por os cães terem desaparecido. Voltou a trazer-lhes comida uma semana depois, esperando que andassem novamente por ali. Quando viu que não, começou a recear o pior. Pensou que talvez tivessem sido atropelados ou atacados por coiotes. Herbert sabia da existência desses animais nos bosques das redondezas, e sabia também que, de vez em quando, podiam comer animais pequenos. Rezou para que os dois cães tivessem escapado às suas garras. O casal de cães era apenas uma pequena parte da vida de Herbert, animais que via alguns minutos por dia, mas perder a mulher deixou-o sensível a qualquer perda e deu por si desperto, à noite, preocupado com eles. Talvez devesse tê-los levado consigo para casa, deixá-los viver com ele. Talvez a mulher tivesse querido que ele o fizesse.

Uns meses mais tarde ficou encantado quando, de repente, os cães reapareceram quase tão misteriosamente como quando desapareceram. Assim que os viu deitados na areia quente percebeu logo que havia qualquer coisa de diferente neles. O brilho dos seus olhos havia, de alguma forma, esmorecido. Uma crosta castanha, grossa, formara-se no sítio onde *Lucy* fora mordida, e um novo pelo nascera, cobrindo a pele macerada. Como tal, Herbert não conseguiu descobrir o que lhes acontecera especificamente, mas sabia que devia ter havido um motivo sério para a sua ausência e reaparecimento. Regressou a casa, pegou num monte de puré de batata com molho de carne que sobrara e que estava no frigorífico, aqueceu-o e levou-o aos cãesinhos em duas pequenas taças. *Nelson* e *Lucy* comeram calmamente, depois lamberam-lhe as mãos como forma de pedir mais assim que acabaram. Herbert sentia-se feliz por os ter de volta.

As coisas voltaram assim a um certo estado de normalidade para Herbert e para os dois cães. Tendo decidido que deveria adotá-los formalmente na sua vida, Herbert tentou, na verdade, por diversas ocasiões, aliciá-los a irem para sua casa. Beneficiariam de um lar decente, pensou, e ele gostaria que dormissem aos pés da sua cama à noite, como os seus cães faziam quando era criança. Vivendo com ele estariam a salvo dos coiotes, pensou. Mas desta vez foram os cãesinhos que resistiram. Ele achou que estavam com

medo. Aceitavam todos os dias a sua comida, e sentavam-se tranquilamente com ele enquanto os afagava, lambendo-lhe os dedos. Porém, sempre que tentava que o seguissem até casa, afastavam-se cautelosamente. O cão com os olhos inquiridores olhava fixamente para ele, interrogando-o, era o que parecia.

Havia algo no coração de *Nelson* que lhe dizia para não se ligar ao velhote. Havia aquele cheiro que deixava o cão desconfiado. Mas apreciava o almoço diário que Herbert lhes dava. Portanto, desenvolveu-se uma certa amizade para com ele. A lealdade, quando criava raiz em *Nelson*, era sempre algo extremamente poderoso.

A doença que crescia no homem não era a mesma que matou a mulher. Não era propriamente uma doença. Apenas um certo espessamento do sangue que acontece às pessoas quando envelhecem. O sangue era bombeado pelas veias de Herbert há 85 anos, muito tempo. Mas o seu coração batia mais lentamente à medida que os anos passavam.

Certo dia, enquanto dava de comer a *Nelson* e *Lucy*, algum do sangue no cérebro de Herbert coalesceu, formando um pequeno coágulo, e a circulação ao resto do cérebro não aconteceu. Afagava os dois cães quando sofreu o ataque. A princípio, *Nelson* não percebeu bem o que estava a acontecer. O corpo de Herbert emitiu odores de pânico e o velhote caiu ao chão. A areia quente e macia amorteceu a sua queda e ele ali ficou, estendido, com os olhos abertos, a olhar para a floresta e para o céu de Montana de que tanto gostava. *Lucy* e *Nelson* ladraram-lhe, saltaram para cima dele, lamberam-no e tentaram reanimá-lo, mas Herbert continuava ali estendido, indefeso. *Nelson* sabia que ele estava a passar por uma situação de emergência. O cérebro dizia-lho, o nariz também. Precisava de encontrar ajuda, ajuda humana.

Nelson e *Lucy* haviam aprendido a manter-se afastados da estrada, exceto quando era absolutamente necessário. Aquelas enormes criaturas detestáveis, os automóveis, eram para ser evitados. Mas neste preciso momento, *Nelson* precisava de chamar alguém para ajudar o velhote. Enquanto *Lucy* esperava ao lado de Herbert, continuando a tentar reanimá-lo, *Nelson* estava no meio da estrada que dava para a cidade, altaneiro, e ladrava furiosamente, tentando chamar a atenção.

Passaram alguns carros, ignorando o cão, e passando de raspão por ele com os seus veículos. Normalmente, teria corrido se algum carro tivesse

passado assim tão próximo de si, mas a adrenalina corria-lhe nas veias, o cheiro do velhote moribundo pairava no ar e *Nelson* ladrava cada vez mais alto.

Por fim, um carro com gente nova abrandou quando viu o cão a ladrar daquela forma no meio da estrada e parou ao lado de *Nelson*, que ladrava ainda mais assim que eles baixaram os vidros. Afastou-se, seguindo na direção do velhote, e os jovens no carro viram o velhote estendido, mal respirando.

Mas quando *Nelson* se afastou, não reparou em três motocicletas que se aproximavam vindas de outra direção. Os *motards* fizeram a curva que dava para a cidade a alta velocidade, demasiado depressa para poderem ver o pequeno cão que estava no meio da estrada. Um dos motociclistas travou a fundo quando viu que o ia atropelar. Mas era tarde de mais. Desviou-se, porém a pesada motocicleta bateu no corpo de *Nelson*, de lado. O cachorro foi apanhado de surpresa, uma vez que estava tão concentrado em tentar salvar Herbert. Antes que desse pelo que estava a acontecer, o seu corpo assumiu o controlo e fez o que era melhor para ele. *Nelson* mergulhou nas profundezas do buraco escuro que havia dentro de si, na escuridão.

Lucy ficou desnorteada com tudo aquilo. A princípio, começou a ladrar furiosamente. Mas quando a ambulância e a polícia chegaram, fugiu para o meio do bosque. Não podia aproximar-se de *Nelson* sem correr o risco de uma interação com todos os humanos que, de repente, convergiram para o pequeno recinto arenoso que era o local de descanso dos dois. Mas sentia o cheiro a coiotes nos abetos na periferia da cidade, portanto, encaminhou-se para as ruelas que rodeavam a rua principal, dormindo perto da lavandaria como ela e *Nelson* sempre haviam feito. Sentia frio sem *Nelson* deitado ao seu lado. Acordava constantemente à espera de o encontrar ali. No dia seguinte, correu a cidade inteira à sua procura, ganindo sempre que achava ter sentido o seu cheiro, mas descobriu que se tratava tão-somente de um cheiro antigo. O afloramento arenoso onde passavam grande parte dos seus dias estava calmo, e Herbert não se avistava em parte alguma. Voltou a dormir perto da lavandaria, sem *Nelson*. Ao raiar da manhã seguinte, estava certa de ouvir o coiote a uivar à distância. Era tempo de deixar aquele local, diziam-lhe as vozes na sua cabeça, numa qualquer língua canina sem palavras. Quando o Sol nasceu, *Lucy* desapareceu da cidade, e jamais tornou a ver *Nelson*.

Os vestígios da sua ferida incomodaram-na para o resto da vida, doendo-lhe por vezes durante a noite e especialmente quando fazia frio. O seu espírito forte nunca recuperou inteiramente do ataque do coioite. Mais tarde na vida, quando vagueava por Montana, sentia o cheiro nauseabundo a coioite no ar, o que desencadeava a memória da sua experiência de quase morte.

PARTE 3

Perda

Quando *Nelson* chegou à urgência da clínica veterinária depois do acidente, o veterinário que o viu era um homem simples. Dougal Evans crescera numa herdade no Illinois, e herdara do pai o amor pelos animais. Criavam gado mas a toda a volta da sua propriedade havia muitas outras espécies – galinhas e cabras, ovelhas e porcos, um gato caçador de ratos, e cães, vários, *border collies*. Desde tenra idade, Dougal esteve presente no nascimento dos filhotes e cuidou de muitos cachorros e porquinhos até à idade adulta. Alimentava grande parte deles e, por vezes, dormia na mesma cama que eles. Quando terminou o liceu, e chegou a altura de escolher uma carreira, não havia qualquer dúvida sobre o que queria fazer na vida. Estudou numa das melhores faculdades de veterinária na Califórnia, a UC Davis, e foi um dos melhores alunos que algum dia por lá passou.

Depois de se formar, fez os turnos da noite num hospital veterinário em Los Angeles. Viu o pior da vida de um animal, em especial nos cães, tanto amados como, por vezes, terrivelmente maltratados pelos seus donos. Cinco anos depois, começou a estar muito cansado da cidade e, como havia poupado uma quantia considerável, quis viver num ambiente mais simples. Encontrou uma pequena clínica veterinária à venda em Montana, da qual pagou logo a entrada.

Nos vinte anos em que lá vivera, Dougal construía uma clínica bem-sucedida. Muitos animais passaram pela porta do seu pequeno hospital e muitos saíram de lá saudáveis. O seu trabalho era gratificante mas também angustiante. Sabia que não podia salvar alguns dos animais que chegavam ali para serem tratados. Mas, mais penoso ainda para Dougal, eram os que sabia que conseguia salvar mas que não tinham uma casa para voltar quando estivessem curados. Ficava com o coração despedaçado sempre que

uma pessoa bem-intencionada lhe trazia um animal vadio. Para onde iriam quando ele acabasse de os tratar? Sim, havia abrigos para animais na cidade. Uma meia dúzia de sortudos podia encontrar um lar. Porém, mais frequentemente, após uma semana sem interessados, os animais vadios eram levados discretamente para o canil e era-lhes administrada uma injeção que os adormecia.

Em todos os casos de cães vadios que passavam pela sua clínica, o Dr. Evans sentia-se extremamente tentado a levar o animal para casa. No início da sua carreira isso acontecera muitas vezes. Mas a mulher começara a queixar-se. Três cães, cinco gatos e quatro pássaros eram animais de estimação mais do que suficientes para terem a seu cargo. Portanto, assim que um cão vadio se encontrava suficientemente bem para deixar a sua pequena clínica e ir para o abrigo dos animais, ele tinha de arranjar forças para resistir. Ao despedir-se, Dougal afagava-o durante mais tempo do que fazia aos seus outros pacientes e, embora não fosse um homem religioso, rezava em silêncio para que o animal arranjasse um lar.

Dougal via beleza em quase todos os animais que tratava. Mas gostava mais de cães do que de outras espécies. Impressionava-o a profunda afinidade que mantinham com as pessoas. Sentia uma afeição idêntica por cães sossegados, adoráveis, maus ou loucos. O âmago de todos eles era único e maravilhoso. Como tal, a sua afeição por *Nelson* não era fora do comum para Dougal. Todavia, tornou-se muito forte durante o tempo que *Nelson* passou nas instalações de Dougal.

Alguns veterinários talvez tivessem sugerido adormecer *Nelson* quando foi trazido por um casal ainda jovem depois do acidente. Dougal considerou seriamente essa opção quando viu o cão. Mas o casal contou-lhe como *Nelson* salvara a vida de um velhote. Foi somente por causa do ladrar de *Nelson*, no meio da estrada, que eles pararam e chamaram uma ambulância para o levar. Sabiam que o velhote estava nos cuidados intensivos, mas sobrevivera. Como podiam deixar morrer o cão, quando ele salvara uma vida humana?

Nelson estava ainda inconsciente quando o médico começou a examiná-lo. O casal embrulhara-o num cobertor velho que traziam na bagageira do carro. O impacto com a motocicleta fora forte, mas, na realidade, apenas o atingira na pata traseira esquerda. A maior parte do corpo fora poupada. No entanto, a lesão no pequeno membro era extensa. Os ossos ficaram partidos

e esmagados, e os músculos dilacerados. Dougal observou atentamente a pata, examinando-a, enquanto os jovens olhavam para ele, ansiosos. O aparelho de raios X estava avariado mas ele podia desde logo avançar, apenas de olhar para o cão, o que teria de ser feito. Disse-lhes que a vida do cão podia ser salva, mas que tinha de amputar a perna.

21

Nelson acordou com uma dor forte. Sentia-se baralhado. Confuso por o veterinário desconhecido e o jovem casal estarem debruçados sobre ele. Confuso com este local que nunca havia cheirado, embora o odor a químicos lhe trouxesse recordações distantes de outras clínicas veterinárias por onde passara muitos anos antes. Mas o seu desnorte não durou muito, já que a dor intensa do seu ferimento lhe atacava o sistema nervoso. Precipitou-se para o veterinário, tentando mordê-lo. Dougal fora apanhado de surpresa quando o cão acordou, mas conseguiu retirar o braço a tempo. Deitou mão a uma seringa e injetou-lhe um anestésico. *Nelson* caiu novamente no sono. Os jovens ainda ponderaram esperar até depois da operação, mas após alguma reflexão decidiram que tinham de se fazer à estrada pois tinham o casamento do irmão dali a três dias, no Wisconsin. Ficaram de telefonar depois de chegarem a Madison, para saberem se *Nelson* sobrevivera à operação.

Dougal operou *Nelson*, com a ajuda de dois assistentes, num curto período de tempo. Quarenta e cinco minutos depois de entrar na sala de operações *Nelson* saía. A perna fora amputada e ele estava totalmente limpo e com ligaduras.

O cãozinho não reparou no seu membro em falta, uma vez que os efeitos da anestesia demoravam a passar e ele ainda estava meio inconsciente.

Estava fortemente sedado e, de qualquer forma, não queria levantar-se. Cheirou o ar. Onde estava *Lucy*? O seu aroma não se sentia em lado algum. Havia três outros cães e um gato na sala, todos em boxes confortáveis. Dormiam. Sentia o odor ao desinfetante que caracterizava todos os hospitais veterinários. Ali perto, uma enfermeira trabalhava numa mesa. *Nelson*

soltou um ganido ténue e um jovem recentemente chegado do México, chamado Juan, olhou para ele. Juan aproximou-se, abriu a boxe e, meigamente, afagou o cãozinho. Prostrado, *Nelson* lambeu-lhe as mãos. A enfermeira trouxe-lhe uma pequena taça com água e *Nelson* conseguiu beber um pouco. Deixou uma pequena tigela com ração húmida na boxe de *Nelson*. Este farejou-a e não cheirava nada bem, comparada com a comida a que estava habituado, no restaurante da zona descanso dos camionistas. Mais tarde nesse dia sentiu tanta fome que fez um esforço para comer quando a enfermeira lhe deu de comer na mão.

O dia foi indistinto. *Nelson* dormiu grande parte do tempo. Ocasionalmente, abria-se uma porta e ele despertava, esperando que *Lucy* tivesse acabado de entrar no quarto. Deixou escapar um latido fraco quando viu que era apenas a enfermeira. Talvez se lardasse, *Lucy* soubesse onde ele estava. Mas não tinha força suficiente para o voltar a fazer. Ainda não se apercebera de que lhe faltava a pata, e ficou surpreendido quando uma poça quente da sua própria urina se espalhou por baixo de si pela boxe. A enfermeira rapidamente limpou tudo.

Quando *Nelson* acordou na manhã seguinte, gania com uma dor intensa. No lugar da perna havia uma sensação de entorpecimento mas, ao mesmo tempo, sentia uma dor cortante. A enfermeira do turno da noite, uma mulher jovem, Suzi, correu para ele e deu-lhe uns analgésicos. *Nelson* também sentia fome e devorou a comida que ela lhe deu, bebendo agora a água toda.

Nelson começou a gostar muito de Juan e de Suzi. Dougal Evans esforçava-se por encontrar pessoas para trabalhar no seu pequeno estabelecimento que gostassem realmente de animais, e dedicava-se de corpo e alma ao cuidado dos seus pacientes. Mas no dia a seguir à operação, *Nelson* passou grande parte do tempo a suspirar por *Lucy*. Percorria com o olhar as outras boxes, à espera de a ver numa delas. Mas quando inalava, sabia que ela não estava por perto. A sua vida nos últimos anos tornara-se tão entrelaçada com a dela que não a ter ali era, em primeiro lugar, mais digno de nota do que o facto de ter perdido um membro.

Assim que o choque do acidente e os vestígios da anestesia começaram a desaparecer, ao melhorar, *Nelson* sentiu que algo lhe faltava. A primeira vez que tentou levantar-se e abanar-se, como sempre fazia, caiu logo. Era uma sensação estranha, não ter uma das suas quatro patas. Juan observava o cão

a tentar levantar-se e a cair. Tirou-o da boxe e começou a brincar com ele, tentando segurá-lo para que ele pudesse manter-se em pé.

Nelson continuava a cair. Quando Juan o manteve em pé, segurando-o, olhou para ele com os seus olhos inquiridores, e a cauda ergueu-se, e ele abanou-a fracamente. Juan não pôde deixar de sorrir. Mas depois *Nelson* caiu novamente.

A perda de *Katey*, a perda de *Thatcher* e a perda de *Lucy* foram coisas que *Nelson* nunca esqueceu. Os seus aromas perduraram eternamente no seu espírito, flutuando sobre ele em momentos inesperados, por vezes induzidos por outros cheiros e emoções. Quando os imaginava na sua mente, sentia muitas vezes tristeza por a verdadeira origem dos seus cheiros não se encontrar em parte alguma. Mas a vida iria afastá-lo das suas fantasias perfumadas e, durante algum tempo, esquecer-se-ia da sua perda. A princípio, quando a perda de *Katey*, *Thatcher* e *Lucy* ainda doía, os seus aromas tornavam frequentemente a *Nelson*. Mas à medida que os anos passaram, a precisão dos aromas imaginados tornou-se cada vez menos fiel, cada vez mais esbatida, e, passado algum tempo, era apenas a ideia das suas fragrâncias, mais do que as próprias fragrâncias, de que *Nelson* se recordava.

A perda da sua pata foi uma questão diferente. Constrangia tanto os seus movimentos que lhe absorveu todo e qualquer segundo do seu dia a dia no primeiro mês que passou na clínica veterinária de Dougal Evans. No início, o cão estava tão confuso com os acontecimentos dos dias anteriores que a sua vida não lhe parecia inteiramente real. Mas à medida que os efeitos da anestesia iam passando, e o veterinário reduziu a medicação, o entorpecimento e o latejar no local da pata deram lugar a uma dor mais intensa que trazia constantemente consigo. O cão estava consciente do seu membro perdido a todas as horas do dia e da noite.

Há muitos anos que *Nelson* tomava conta de si e, antes disso, na sua vida com *Katey* fora sempre um cão muito ativo, ansioso por participar em tudo o que o rodeava. De repente, não poder andar, não poder movimentar-se livremente era um ataque à natureza do pequeno cão. Um sentimento triste e depressivo abateu-se então sobre ele. Tornou-se resignado, submisso, passando praticamente o tempo deitado, comendo pedaços pequenos de comida e bebendo pouco, apenas o suficiente para o manter vivo. Era a

lembrança de *Lucy* que o distraía e o afastava da depressão total. Juan via como *Nelson* olhava sempre que uma porta se abria, espetando as orelhas como se estivesse à espera especificamente de alguém. Juan interrogava-se sobre quem teriam sido, em tempos idos, os donos do cãozinho.

Todos os dias durante uma hora, o veterinário assistido pela enfermeira de serviço, tirava *Nelson* da boxe e passava algum tempo com ele, tentando ajudá-lo a andar novamente, a equilibrar-se nas restantes patas. Dougal era um homem ocupado e sabia que ninguém iria pagar-lhe pelo seu tempo com aquele paciente. Mas enquanto aquela pequena clínica ganhasse para custear uma vida suficientemente decente para si e para a sua família, todos os animais que cruzassem a sua porta receberiam o melhor tratamento possível, na esperança de saírem dali curados. O veterinário sabia que, em última instância, seria o animal a decidir se iria ou não funcionar com a perda de membro. Vira animais debilitados antes e, não obstante o que fizesse enquanto médico, encontrava alguns animais com uma vontade férrea de sobreviver, e outros que, a determinada altura, perdiam a vontade de viver. Nos primeiros dias após o acidente, o veterinário não tinha a certeza a que tipo *Nelson* pertencia.

Enquanto o veterinário e as enfermeiras tentavam arduamente reabilitar *Nelson*, a sua frustração por não ser capaz de andar crescia. Apesar da melancolia que o dominava por vezes, o motivo por que *Nelson* desejava tanto andar era bastante simples. Se o pudesse fazer, talvez conseguisse encontrar *Lucy*. Ela precisava de quem olhasse por ela. Precisava de ser protegida do coiote. Somente a andar poderia um dia encontrar o Grande Amor. No seu coração canino, a vontade de se movimentar outra vez livremente nas suas três patas tornou-se assim um propósito firme e inabalável.

Não tardou que algo parecesse intensificar o brilho que o veterinário via luzir nos olhos do pequeno animal. *Nelson* caía continuamente, por vezes ganindo quando o veterinário e a enfermeira tentavam segurá-lo para que se pudesse equilibrar. Mas de vez em quando a sua bela cauda abanava e o veterinário achava que talvez isso indicasse que *Nelson* começava a sentir uma certa autoconfiança ao apoiar-se nas três patas. Dougal reparou então numa coisa interessante. O cão inclinava a cauda ligeiramente para um dos

lados, na direção contrária à pata em falta. *Nelson* tentava assim equilibrar-se com a ajuda da cauda.

Um belo dia, cerca de três semanas depois do acidente, o cão levantou-se sozinho. A sua cauda grande e felpuda mantinha-se para o lado e equilibrava-o, o corpo suportava-o de pé.

Dougal e Juan aplaudiram e *Nelson* sentiu a felicidade de ambos pelo que acabara de conseguir. Ficou nas três patas por momentos, sentindo esta nova sensação física. Havia ainda um entorpecimento no lugar da pata perdida, mas o coração batia-lhe aceleradamente.

Caía muitas vezes ao chão, mas não tardou para que se sentisse relativamente confortável na sua nova e característica pose. O corpo estava um tudo-nada inclinado para um lado, e a cauda pairava ligeiramente para o outro. Passaram mais umas duas semanas até *Nelson* ser capaz de dar uns pequenos e arrastados passos em frente. A princípio, eram pouco mais do que pulinhos casuais, mas depois de alguns dias melhorou bastante. Dougal, Juan e Suzi estavam admirados com os progressos do cão. Não passou muito tempo até se movimentar livremente nas três patas, agitando sempre a cauda na sua forma muito peculiar de encontrar equilíbrio. A cauda tornou-se verdadeiramente uma quarta perna. Embora as patas dianteiras se movimentassem de modo relativamente normal, era como se saltitasse na que lhe restava atrás, e a cauda grande e felpuda agitava-se em contínuo no ar para o manter equilibrado. *Nelson* nem sequer perdeu tempo a pensar no veterinário que, muitos anos antes, lhe salvara a cauda de Emil. Com efeito, a sua recuperação teria sido muito mais difícil sem ela.

O desejo de *Nelson* de voltar a andar normalmente tornou-se cada vez mais forte. Todas as manhãs, mal acordava, levantava-se imediatamente e ficava a observar atentamente da sua boxe a enfermeira para ter uma ideia de quando o deixariam sair para brincar, quando o levariam a passear para que ele pudesse praticar a sua nova técnica de andar. Juan e Suzi tentavam levar o cão a dar passeios pequenos várias vezes ao dia. Era um animal único, com a sua cauda dominadora, três patas e olhos bonitos. A sua forma de andar era desajeitada mas, ao mesmo tempo, detentora de uma dignidade e elegância únicas. De vez em quando caía, e frequentemente sentia-se desconfortável. Atraía então os olhares à sua volta, alguns admirados, outros zombeteiros. Mas sabia bem cheirar novamente a relva nos passeios

e farejar à distância os pinheiros e as montanhas. *Nelson* procurava continuamente o aroma de *Lucy* nas brisas que passavam.

Juan e Suzi eram primos. Falavam entre si sobre a melhor forma de encontrarem um lar, entre os seus familiares da zona, para o cão de três patas. Ambos haviam pensado em levar *Nelson* para suas próprias casas, mas depois viram que não era viável. Juan vivia num estúdio com a mulher e dois filhos pequenos; Suzi morava com a avó bastante idosa num pequeno apartamento. Seria difícil cuidar de um cão. Pediram a alguns dos seus familiares para acolherem o cãozinho, mas todos se riram quando souberam que ele tinha apenas três patas. Por que razão haveria alguém de querer um cão com três patas? Como iria ele apanhar ladrões? Juan zangou-se com o seu próprio tio, um eterno parodiante, que imitou um cão com três patas a andar enquanto a família ria estridentemente. Era como se somente Dougal, Juan e Suzi vissem a beleza de *Nelson*. Sabiam que os seus sentimentos não resultavam apenas da experiência de terem reabilitado o cão para que pudesse andar novamente. Havia algo no coração daquele pequeno cão que o engrandecia.

As funções corporais de *Nelson* também se alteraram. Teve de aprender a urinar como uma fêmea, agachando-se, e sentia a falta de marcar território, de perna alçada, como sempre o fizera. No início era muito desconfortável e sentiu algumas vezes o líquido quente a molhar-lhe as patas, mas, pouco depois já nem sequer pensava duas vezes no assunto.

À noite, os seus sonhos eram ainda profundamente agitados. Sonhava constantemente com *Lucy* e *Katey*, imaginando-as em situações difíceis. Precisava de as salvar, do coiote, de Don, dos homens com armas na lixeira. Às vezes era capaz de o fazer, outras não. Quando sonhava não era limitado pelas suas três patas. Era rápido e poderoso, até mesmo contra inimigos que, eventualmente, nunca conseguiria vencer. Mas a ansiedade de *Lucy* e *Katey* correrem permanentemente perigo, acompanhava-o inclusive durante o dia. Estava sempre no seu pensamento e, com frequência, isso fazia-o sentir-se impotente e inquieto. Por vezes, Dougal observava-o enquanto dormia, inalando o ar em lufadas ansiosas, e interrogava-se sobre qual seria a sua história. Sentia tratar-se de uma vida bastante complexa.

Três meses depois, tornou-se evidente que o jovem cão havia recuperado tanto quanto lhe era possível. Era capaz de se movimentar à vontade, embora não tão depressa como antigamente, mas a perda de um membro não era incapacitante. *Nelson* acostumara-se à sua rotina na clínica veterinária – a alimentação diária e os passeios. Apesar de não ter chegado ainda ao ponto de considerar Dougal, Juan e Suzi como família, por ainda pensar muito em Katey, *Lucy* e Thatcher, gostava muito deles e certamente que se haviam tornado parte do seu dia a dia.

Dougal não falara ainda muito com Juan e Suzy sobre a decisão que se aproximava e que ele tinha de enfrentar. Sabia que lhe competia a si decidir quando é que *Nelson* estaria apto a deixar o seu pequeno hospital. Evitou o assunto durante algum tempo, dizendo a si próprio que o cão estava ainda a melhorar, mesmo quando era evidente que havia atingido uma espécie de estabilização na convalescença. Juan e Suzi costumavam reconhecer muitas vezes quando era chegada a altura de um animal estar suficientemente bem para deixar a clínica, mas Dougal reparou que sobre *Nelson* não se manifestavam sequer. Não queriam aceitar a ideia de o ver partir.

Dougal alimentava a ideia de o manter simplesmente ali com eles como convidado permanente. Era de alguma forma tranquilizador tê-lo por perto. O abanar da cauda, a expressão do olhar, o seu modo de andar invulgar. Dougal sentia-se feliz quando encontrava *Nelson* sempre que chegava ao trabalho de manhã.

Mas Dougal também sabia que era injusto mantê-lo ali para sempre. O objetivo do seu hospital era tratar animais, não ser uma casa para eles. Outros animais beneficiariam de espaço adicional criado quando *Nelson* partisse.

Todos os dias o tempo era pouco para eles, e os minutos passados a cuidar de *Nelson*, a levá-lo a passear, a alimentá-lo, eram minutos e energia que podiam ser canalizados para animais necessitados.

Mais tarde nessa noite, deitado mas desperto, Dougal percebeu que tinha de libertar o cão de três patas e mandá-lo para o abrigo dos animais para ser adotado.

Nelson pressentiu que se avizinhavam mudanças. Nos seus seis anos de vida, tornara-se extremamente consciente dos sinais de mudança. Tratava-se de pequenos e, a princípio, imperceptíveis ajustes no comportamento dos que o rodeavam, muitas vezes acompanhados por mudanças nos seus aromas. *Nelson* conhecia demasiado bem os cheiros da raiva atenuada, da ansiedade a ferver e da tristeza silenciosa, pequenos cheiros que irrompiam pela superfície de uma existência rotineira e assinalavam que mudanças muito maiores podiam em breve surgir sob a superfície. Sentira o descontentamento no hálito de Don, o que o levou um dia a esquecer-se de fechar o portão da sua casa e da de Katey em Albany; sentira a tristeza das lágrimas de Thatcher à noite, o que o levou a uma rixa que iria mudar a sua vida e a de *Nelson*; sentira a morte que crescia lentamente no corpo de Herbert Jones, e que levou à perda da sua pata.

O pelo do dorso do pequeno cão de três patas eriçou-se assim que cheirou as primeiras pequenas adversidades da iminente mudança nas brisas que se infiltravam na clínica de Dougal. Havia uma expressão vagamente ansiosa que emanava de Dougal, Juan e Suzi; eram notoriamente mais afetuosos do que o habitual em relação a ele, passando longos minutos a dar-lhe palmadinhas e a afagá-lo e a abraçá-lo. Mas havia mais do que afeição nos seus poros. Havia inquietação. Em relação a quê, o cão ainda não sabia.

Uma noite depois do trabalho, Juan levou *Nelson* consigo para o seu pequeno apartamento. Estava cheio de gente, mas um aroma convidativo de comida ao lume fez *Nelson* sentir-se em casa. Brincou tranquilamente com os dois filhos de Juan, um rapaz e uma rapariga. Juan trouxera dois pequenos brinquedos da clínica e as crianças gostaram de brincar com eles e com *Nelson*. Não era tão ágil como antes do acidente, mas ainda gostava

de puxar os brinquedos das mãos das crianças e correr para os apanhar quando eles os atiravam pelo chão do pequeno apartamento.

Juan e a mulher começaram a discutir. Ela não mostrara qualquer afeição por *Nelson* durante esta visita e o cão pressentia de alguma forma estar associado à discussão. Silenciosamente, foi sentar-se a um canto, a tremer, com a cauda entre as patas. Juan pegou nele ao colo e levou-o de volta para a clínica, passando meia hora a afagá-lo e a brincar com ele antes de o deixar sozinho na sua boxe onde passou a noite.

Três dias mais tarde, Dougal e Juan levaram *Nelson* para o abrigo dos animais. Suzi era a enfermeira de serviço nesse dia, mas Juan compareceu de qualquer forma, com roupas normais, calças de ganga e uma *T-shirt* e camisola. Os três passaram algum tempo a dar a *Nelson* uma refeição especial de frango em pedaços pequenos e arroz, e brincaram com ele durante aproximadamente uma hora. *Nelson* desfrutou da atenção e do afeto, mas era também suficientemente perspicaz para perceber que era assim que os humanos gostavam de se despedir. Quando Juan levou *Nelson* para o abrigo na sua carrinha *pickup*, o cãozinho permaneceu imóvel ao colo de Suzi enquanto ela lhe afagava a cabeça tal como Katey costumava fazer. Confiava em Juan e Suzi, mas pressentia que estava prestes a despedir-se deles.

Havia dois abrigos de animais em Kalispell. O que ficava no centro da cidade era um abrigo contra o abate, dirigido por funcionários calorosos e dedicados. Era o destino preferido para os animais vadios que saíam do hospital veterinário de Dougal. Mas estava também a abarrotar e com problemas de financiamento, e Dougal ficou consternado ao saber que não havia espaço para *Nelson* ficar, apesar de vários telefonemas para cá e para lá. Dougal sabia que só lhes restava esperar que tudo corresse pelo melhor. O outro abrigo em Kalispell era um pequeno edifício sombrio nos arredores da cidade. Juan levou *Nelson* para dentro, afagando-o meigamente na cabeça. A senhora gorda na receção reconheceu Juan e juntos preencheram a papelada. *Nelson* cheirava o ar, apreensivo. O odor dominante era a cão. Conseguia isolar dez, não, quinze outros cães nas imediações. As suas orelhas também o confirmaram já que uma cacofonia de ladrares preenchia o ar. Alguns eram cães de grande porte e assustavam-no. *Nelson* tremia. Mas havia também outro cheiro no ar. Era sinistro e sufocante e em nada

parecido com o que ele havia encontrado anteriormente. Cheirava a algo como odor de cão, mas com nuances perversas e uma intensidade ameaçadora.

Nelson tentou tranquilizar Dougal e Juan assim que eles lhe disseram adeus. Sentia que a sua partida não era uma coisa que quisessem fazer. Lambeu as lágrimas dos seus rostos assim que o abraçaram e lhe fizeram festinhas uma última vez.

A senhora gorda, Cecilia, era um dos dois humanos que *Nelson* veria com frequência na semana seguinte. Cecilia encarregava-se da papelada e de algumas das tarefas menores na manutenção do abrigo e do canil. Um homem, Eddie, limpava as instalações diariamente e dava de comer aos cães. Quando *Nelson* cheirou Cecilia pela primeira vez, havia poucos sinais de emoção, quer positiva quer negativa. Nem gostava nem desgostava de cães. Eddie trazia consigo uma dor desconhecida e não tinha muita empatia com nenhum dos cães no canil. No tempo que *Nelson* passou no canil, nunca manteve uma ligação como a que usufruiu na clínica de Dougal. O abrigo era um local sombrio, triste.

Nelson tremeu de medo quando Cecilia entrou na zona principal do abrigo onde seis enormes boxes continham catorze cães. Pelo menos metade dos cães eram *pit bulls*. Acontecia muito frequentemente as pessoas adquirirem esta raça, obcecados com a sua força, mas depressa aprendiam que eram cães difíceis de lidar e entregavam-nos ao abrigo. Os cães rosnaram e ladraram quando Cecilia entrou trazendo o recém-chegado. *Nelson* ganiu submissamente. Os *pit bulls* e um pastor alemão cruzado voltaram a rosnar, observando *Nelson* com os seus olhos ferozes. Embora Eddie tivesse de levar os cães para o exterior todos os dias, fugia muitas vezes ao dever. A energia reprimida dos cães fortes transformava-se, frequentemente, em agressão.

Cecilia abriu a porta de uma boxe nas traseiras para cães mais pequenos. Pousou *Nelson* e ele caiu, desequilibrando-se por instantes. Dougal e as enfermeiras costumavam fazê-lo com cuidado depois de pegarem nele, mas Cecilia nunca lidara com um cão de três patas anteriormente. Não o ajudou quando ele caiu, fechou a boxe e desapareceu. Não esperava ver o cão por ali muito mais tempo.

Os dois outros cães da boxe de *Nelson* rosnaram-lhe furiosamente. Um era de tamanho médio, um rafeiro branco e preto com olhos tristes e pelo

desigual. *Nelson* cheirou várias feridas antigas no corpo débil. O outro era um *corgi* cruzado, um cão jovem cheio de energia que viria a ser adotado dois dias depois. Instintivamente, *Nelson* afastou-se de ambos e recolheu-se a um canto, em cima de um velho cobertor esfarrapado. Deixou-se estar imóvel enquanto os *pit bulls* fervilhavam. Farejou o ar, tentando descobrir o que era aquele cheiro de fundo, nauseabundo e sinistro.

Havia alguma luz que entrava pelas janelas, situadas bem ao cimo do compartimento. Mais tarde nesse dia, Eddie entrou e colocou taças com ração dentro de cada uma das boxes e novas tigelas com água. *Nelson* sentia uma fome devoradora apesar do pequeno-almoço saboroso, mas assim que se encaminhou para a comida, os outros dois cães rosnaram-lhe, com o *corgi* cruzado a interpor-se entre ele e a taça, ameaçador. Apenas mais tarde, quando os outros cães estavam a dormir, *Nelson* conseguiu comer a pequena quantidade de ração que sobrara. Bebeu água e foi dormir. O compartimento era aquecido, pelo menos durante a noite. *Nelson* acordou algumas vezes, surpreso por se encontrar num local estranho, e não no familiar espaço da clínica veterinária. Mas o medo deixara-o cansado, e dormiu durante quase toda a noite.

Nelson já não se recordava dos seus tempos de cachorrinho na loja de animais de Emil. Se assim não fosse, teria sentido por vezes sensações parecidas já que havia semelhanças entre esta sua experiência, enjaulado num abrigo, e a de cachorrinho travesso fechado numa pequena boxe na loja. A várias alturas do dia, havia pessoas a entrar na zona principal do canil, guiadas por Cecilia. Percorriam as boxes à procura de um animal de estimação que pudessem levar com elas para casa. Algumas saíam, repugnadas pelo ambiente triste e deprimente. Outras apontavam para um determinado cão. Cecilia ou Eddie iam então buscar uma trela, punham-na no cão e as pessoas levavam-no para o exterior para terem uma noção melhor acerca do animal. *Nelson* nunca soube o que isso era. Ou olhavam incessantemente para o cão de três patas ou se riam dele. Com a fraca iluminação do canil, ninguém se demorava a olhar para os seus olhos maravilhosos ou para a enérgica cauda. Tudo o que viam era um cão de três patas e quem iria querer levar um cão assim para casa?

Nelson observava enquanto o pequeno *corgi* da sua boxe era tirado de lá várias vezes. Por fim, uma garota e a mãe levaram-no com elas. *Nelson* e o

velho rafeiro preto e branco ficaram sozinhos na boxe. O rafeiro continuava a rosar quando chegava a hora de *Nelson* comer, mas um dia ele ladrou-lhe furiosamente e, depois disso, partilharam a comida sem questiúnculas.

Enquanto o *corgi* lá esteve, ninguém levava o rafeiro para brincar. No dia a seguir ao *corgi* partir, um homem de meia-idade, com ar triste, apontou para ele. Cecilia pôs-lhe uma coleira e ele arrastou-se pesadamente para o exterior com o homem, regressando uns dez minutos depois. Cecilia voltou a colocá-lo na boxe e tirou-lhe a coleira. O homem foi-se embora, cinco minutos depois, sem levar cão algum com ele.

Nelson observava todo este vaivém atentamente. Passara tempos maravilhosos com seres humanos e como gostaria de saltar e brincar com estas pessoas, lambe-lhes o sal da pele e afocinhá-las. Mas algo o retraiu e deixou-se estar sossegado. O golpe da amputação começara novamente a doer-lhe. Eddie levou o rafeiro para um passeio, mas nem sequer se deu ao trabalho de pôr uma trela a *Nelson* e de o levar também. Embora por vezes se levantasse e se esticasse, não fazia o exercício diário de que precisava para manter o seu corpo com força.

Depois de *Nelson* estar no canil há cinco dias, Eddie pôs a trela no rafeiro e saíram. O cão não voltou. *Nelson* estava agora sozinho na boxe e farejou o ar, interrogando-se por onde andaria o rafeiro. Mais tarde, nessa noite, sentiu o odor do corpo do cão no ar, misturado com o cheiro nauseabundo e sinistro que ele não conseguia identificar. Cheirara o rafeiro branco e preto vivo, mas *Nelson* a princípio não sabia que o estava a cheirar morto, reduzido a cinzas no pequeno crematório do outro lado do edifício. Quando *Nelson* percebeu o significado do odor sinistro, todo o seu corpo estremeceu e começou a tremer de forma incontrolável. Passou grande parte da noite acordado, aterrorizado. Enquanto os *pit bulls* dormiam, *Nelson* aproximou-se da extremidade da sua boxe, com o corpo a tremer agora de adrenalina. De forma ritualista, tentou furiosamente escavar um buraco no chão frio de pedra. Em breve, ficou de rastos, mas pôs-se novamente em pé com um salto. O desejo de escavar era irreprimível. Os *pit bulls* acordavam ocasionalmente com o barulho e olhavam para *Nelson*, mas voltavam a adormecer de imediato. Sabiam que as boxes eram seguras e que era impossível fugir delas.

23

Eddie tirara a vida a milhares de cães nos seus dezassete anos de trabalho no canil. Começara aos 29 anos, recém-casado e muito apaixonado pela mulher. Tiveram um filho e ele via o emprego no canil como um mal necessário, algo para pagar as contas até surgir uma ocupação melhor. Sonhava ter um negócio seu, uma oficina de reparações de automóveis ou qualquer coisa parecida, e esperava sair do canil em dois ou três anos.

O bebé chegou e desde o início que ficou bem claro tratar-se de uma criança difícil. Havia um choro constante, e frequentes idas ao hospital. Eddie continuou com o seu emprego no abrigo e também aceitou um segundo emprego, à noite, a trabalhar numa loja de conveniência para conseguir pagar todas as despesas. A chegada de uma criança também causou danos no casamento de Eddie. No pouco tempo que passavam juntos, Eddie e a mulher não faziam outra coisa senão discutir. Dois anos após a chegada do bebé, Eddie chegou a casa inesperadamente a meio do dia e encontrou a mulher a traí-lo com outro homem, enquanto a criança gritava. Ela insistiu que era apenas a segunda vez que aquilo acontecia e ele acreditou nela, mas duas vezes era bastante e Eddie nunca recuperou completamente. Tentaram salvar o casamento mas seis meses mais tarde Eddie pediu o divórcio.

Apesar de tudo, manteve o emprego no abrigo dos animais e sem que desse conta haviam passado seis, sete, oito anos. Cabelos grisalhos enfeitavam-lhe as têmporas e a linha de cabelo retrocedia. Não apareceram outras ofertas de trabalho. À noite, sentia-se demasiado cansado para pensar sequer em montar um negócio. A sua vida era dedicada a arranjar o dinheiro suficiente para criar o filho com as coisas de que ele precisava. Por mais que tentasse, não conseguia uma ligação emocional com o filho. A

mãe do rapaz passava grande parte do jantar a dizer ao filho como o pai a desiludira e que era um falhado. As mentes jovens são impressionáveis e o rapaz acreditava nela.

Quando era novo, apaixonado e não tinha ainda sido magoado, Eddie sentia-se horrivelmente mal assim que, todas as sextas-feiras, lhe era pedido que exterminasse os cães que ali se encontrassem há mais de uma semana e que não tivessem sido adotados. Quando começou a trabalhar, lera artigos de muitas organizações de animais que explicavam a razão de ser a coisa mais humana a fazer, dados os recursos à disposição dos abrigos por todos os Estados Unidos. Deixados à sua própria sorte, os cães vadios levavam vidas terríveis pelas ruas da América, com frio e fome. Espalhavam doenças e podiam representar muitas vezes uma ameaça para a vida humana. Não era viável manter animais nos abrigos por mais de uma semana ou por qualquer outro período de tempo que os recursos locais assim determinassem. Lamentavelmente, tirar a vida a esses animais era a coisa mais humana a fazer, dadas as circunstâncias.

A princípio, Eddie vivia apavorado com a sua tarefa das sextas-feiras. Às quintas à tarde, era-lhe dada uma lista com os cães que precisavam de ser abatidos. Inicialmente, esta lista vinha de uma rapariga de ar muito jovem, chamada Holly, que era uma verdadeira amiga dos animais, pelo que detestava a tarefa. Mas casou e mudou-se para a Califórnia. Eddie nunca gostou da sua substituta, Cecilia. Mas embora não fosse uma mulher afável, Eddie sabia que Cecilia fazia um ótimo trabalho a gerir o canil. Nunca nos seus anos de trabalho com ela houve um único engano na papelada. A sua lista de quinta-feira estava sempre correta. Habitou-se a respeitá-la, e ela deixava-o entregue aos seus pensamentos, a sós com a sua melancolia.

Regra geral, três ou quatro cães eram abatidos todas as sextas-feiras, às vezes mais, às vezes menos. No início, Eddie tentou desempenhar a função de forma a mostrar algum amor e dignidade pelos animais. Dava-lhes uma refeição final, e afagava-os, antes de lhes administrar uma injeção de pentotal sódico. À medida que os anos foram passando, começou a sentir que qualquer amor demonstrado pelo animal era simplesmente inútil. Se iam unir-se a Deus numa espécie de vida depois da morte, receberiam então amor suficiente. Portanto, depois de os levar das boxes para a zona do crematório, na porta ao lado do abrigo principal, injetava-os rapidamente.

Assim que cada cão morria, embrulhava o corpo num saco cinzento próprio. Havia três tamanhos. Os cães maiores eram, por vezes, difíceis de levantar.

Depois de executar todos os da lista, Eddie fazia um intervalo de meia hora, comia uma sanduíche e bebia uma chávena de café instantâneo, com duas colheres de açúcar. Estabelecera esta rotina desde os seus primeiros tempos como efetivo no canil, e, a princípio, era uma reação ao ato de exterminar os animais. Inicialmente, rezava um pouco enquanto comia e bebia, e revia, na sua própria mente, as racionalizações do porquê dos atos que executava serem bastante humanos. Mas quando o seu casamento se desmoronou, tornou-se imune à morte dos animais que o rodeavam e deu por si a pensar antes na mulher e no filho enquanto comia a sanduíche e bebia o café. Na altura em que *Nelson* estava no abrigo, Eddie não sentia praticamente nada pelos animais que matava. Fazia apenas parte do seu trabalho.

Depois do intervalo, carregava os corpos para o pequeno forno do crematório. Havia um interruptor e um mostrador na parte de trás do forno que ele ligava e em quinze minutos os corpos dos animais estavam em cinzas. Eddie regressava à zona central do canil durante uma hora ou duas para limpar as boxes dos animais. Quando as cinzas no forno já não estavam quentes, voltava ao crematório e punha-as em sacos de lixo. Depois de dezassete anos ainda odiava aquele cheiro, e começara a usar tampões de nariz para esta parte do processo. Terminava-o tão rapidamente quanto podia, livrando-se dos sacos com as cinzas nos enormes contentores nas traseiras do edifício. Quando começou a trabalhar no canil, chegou mesmo a escrever uma carta às autoridades a sugerir que as cinzas dos animais fossem usadas como fertilizante, mas nunca recebeu resposta. Os milhares de animais exterminados no canil tornaram-se, finalmente, aterros algures na América.

Quando nessa semana Cecilia entregou a Eddie a lista de quinta-feira, chovia. *Nelson* observava-os atentamente. Ele não sabia que constava da lista a ser exterminada no dia seguinte. Mas o cheiro do rafeiro branco e preto após a cremação na semana anterior ainda pairava no nariz de *Nelson*. O cão de três patas mal dormira nos últimos seis dias, já que sabia que um horror indescritível se passava naquele local. A ferida do acidente de *Nelson* doía novamente, mas o cheiro sinistro ultrapassava isso e tudo o resto. Havia momentos em que o cão se sentia destruído. Quando o medo se abatia sobre ele, tudo parecia perdido. Parecia inevitável que o cheiro nauseabundo da morte também o consumisse. Mas na véspera do dia em que estava previsto morrer, *Nelson* dormiu finalmente de pura exaustão e sonhou. Sonhou que estava num jardim. Era um jardim imenso, repleto de árvores esplêndidas e flores, algumas do jardim de Mrs. Anderson. O seu Grande Amor, Katey, flutuava ao seu redor, com o seu aroma a impregnar tudo. O cheiro da madeira do piano fazia circular um perfume rico, a essência profunda e destilada das tuberosas na mais fragrante das noites. Os aromas que rodeavam *Nelson* eram intensos e tranquilizadores. Ele flutuava, feliz e delirante. Acordou no canil húmido e frio, mas o seu sonho continuou consigo. Manteve-se desperto, com o nariz em riste, o seu sonho ainda vívido. O seu corpo sentiu-se reanimado.

Na manhã seguinte, Eddie entrou na boxe com o pequeno-almoço. Efetuava esta rotina todas as manhãs, até mesmo nos dias de extermínio. *Nelson* estava alerta, seguindo cada movimento seu. Eddie tinha sempre cuidado quando abria as portas das boxes dos cães maiores, já que frequentemente algum tentava escapular-se. Por vezes, tentavam saltar-lhe de forma agressiva. Mas Eddie tinha o cão de três patas como um animal

passivo, que se deixava estar tranquilamente sentado sempre que ele abria a boxe para lhe dar de comer. Foi assim tomado de surpresa nessa manhã e, antes que pudesse reagir, já o cão de três patas se punha em pé e, com uma ligeireza extraordinária, escapava pela porta aberta, por entre as pernas de Eddie, correndo em direção à porta do escritório do canil. Eddie praguejou e os outros cães começaram a ladrar furiosamente.

Quando *Nelson* fugiu da boxe nesse dia, não havia medo no seu coração, apenas um desejo ardente de sair daquele lugar terrível. A adrenalina corria pelo seu corpo, dando vitalidade às suas três patas, enquanto ele corria pela vida. Deixou a zona principal do abrigo em direção à parte administrativa, diante do edifício. A secretária de Cecilia dava para a porta de trás, e esta gritou a Eddie quando viu o desconjuntado animal a entrar no compartimento. A porta da frente estava fechada e *Nelson* procurava por onde escapar. Cecilia levantou-se e pegou numa vassoura. Eddie entrou, vindo da zona do canil, sem fôlego. Os dois enfrentaram *Nelson*, completamente surpreendidos pelo súbito e veemente dinamismo do pequeno animal. Assim que se aproximaram dele o pequeno animal rosnou-lhes, ladrando depois furiosamente. Eddie estava muitíssimo confundido uma vez que o julgava um animal perfeitamente dócil. Assim que *Nelson* lhes rosnou, sentiram-se de repente assustados. Houvera casos de animais doentes e uma vez um deles mordera Cecilia. Recuaram. Eddie desapareceu pelas traseiras para ir buscar uma espingarda de dardos que podia disparar sedativos ao animal. Cecilia observava receosa enquanto *Nelson* se sentava perto da porta da frente, a rosnar, seguindo tudo atentamente.

Nesse momento, antes de Eddie regressar, chegou a irmã de Cecilia, com café e *donuts* para ela. *Nelson* ouviu a porta abrir e, sem que Cecilia tivesse tempo de avisar a irmã, já o cão de três patas se pirava em direção à porta, e por entre as suas pernas.

Eddie e Cecilia nem sequer tentaram apanhar o cão. Estava a chover muito e, de qualquer forma, para quê? Tinham outros afazeres. *Nelson* correu disparado para o meio da enorme chuvada.

Nelson corria, a tremer, pela rua molhada. E não tinha destino em mente. Era o medo que o conduzia, um instinto para fugir tanto quanto podia do lugar da morte onde havia passado somente a última semana. Havia poucas pessoas à volta. Assim que a chuva começou a cair, abrigaram-se nas suas casas aquecidas, ou nos locais de trabalho, consolando-se com café e *donuts*, alguns a queixarem-se por causa de umas fendas nos seus telhados. Poucos viram o cão de três patas a galopar tão depressa quanto podia pela chuva, e os que viram podiam muito bem ter visto um fantasma.

A adrenalina corria pelas veias do pequeno cachorro. O seu corpo tiritava de frio, mas, por dentro, não sentia dor. Os seus sentidos estavam inundados, o nariz farejava o ar incontrolavelmente. Estaria ali ainda o cheiro nauseabundo da morte? Seria o aroma a relva do jardim do seu sonho na noite anterior real? Continuou à procura de ambos os cheiros, correndo, correndo muito em direção ao dia frio e cinzento.

Caiu a noite. *Nelson* encontrava-se num subúrbio desconhecido de uma cidade de Montana. A chuva arrastara grande parte dos aromas. Sentiu-se subitamente exausto. Quando abrandou a marcha, o frio cortante atingiu-o pela primeira vez e o corpo doía-lhe como se tivesse um carregamento de pedras às costas. Perscrutou a noite que chegava e farejou o ar à procura de pistas. Ali perto, uma pequena loja de conveniência era a única fonte de luz. *Nelson* deteve-se próximo da porta das traseiras. O dono, de descendência estrangeira, levava o lixo e reparou no pequeno animal de três patas a olhar para ele com olhos indagadores. O homem não objetou a que *Nelson* entrasse à socapa no compartimento das traseiras da loja e se enroscasse a um canto, a tremer, esquivando-se sempre que ele se aproximava. O homem também tinha cães e atirou um cobertor a *Nelson*, que se esfregou nele até

secar. O homem vira muitos cães com três patas durante a sua infância num país distante e sentiu pena do animal. Havia dois cachorros-quentes dentro do forno na loja e o homem sabia que não estariam bons no dia seguinte. Portanto, cortou-os em bocados pequenos e colocou-os num prato de papel perto de *Nelson*, que os devorou assim que o homem se afastou. O homem estava com receio de voltar no dia seguinte e de encontrar o quarto com chichi e cocó, mas não conseguiu resistir a acolher o cão vadio durante a noite, e deixou-o lá ficar fechado quando acabou o trabalho, com uma pequena lâmpada acesa a um canto.

Nelson continuou a tremer até mesmo depois de comer. Mas tão cansado estava que mergulhou num longo e profundo sono. Dormia ainda quando o homem regressou às seis horas da manhã seguinte para abrir a loja. *Nelson* acordou sobressaltado quando a porta se abriu. Ainda sentia o corpo todo dorido, mas já não estava com frio. Os dois cachorros-quentes e o cobertor haviam-no de alguma forma revitalizado.

Quando acordou, algo o fazia querer fugir de todos os humanos. Isto era uma sensação nova para *Nelson* que sempre estimara a companhia das pessoas. Mas os acontecimentos das semanas anteriores tinham-no deixado num profundo desnorteamento acerca da humanidade. Salvara um homem mas perdera a perna como consequência. Depois, os humanos curaram-no. Contudo, depois disso, mandaram-no para um sítio para morrer. Nada fazia sentido, especialmente para um cérebro canino. Não se podia confiar nos humanos. Tinha de se afastar o mais possível deles. Não sabia para onde ir, ou como iria encontrar o seu caminho, mas uma parte de si queria fugir dos homens para sempre, e encontrar uma outra forma de viver, separada deles.

Portanto, podia ter aguardado nessa manhã e esperado que o homem da loja de conveniência olhasse por ele, como outras pessoas o haviam feito. Mas *Nelson* não o fez. Assim que a porta se abriu acordando-o, o seu corpo impeliu-o a sair dali, tal como fugira do canil no dia anterior. O homem quase tropeçou quando o cão de três patas saiu precipitadamente e desapareceu. O homem tinha trabalho a fazer e, pouco depois, já não pensava em *Nelson*.

Havia ainda nuvens cinzentas no céu, mas a chuva amainara e salpicos de sol iluminavam as árvores próximas. Um humano conseguia ver a milhas de distância em ambas as direções, uma vez que a chuva limpava o ar e a

visibilidade era excelente. Também *Nelson* conseguia sentir da mesma forma o cheiro do que o rodeava. O ar estava fresco e luminoso, e caminhos fragrantes eram claramente visíveis ao nariz do cão.

Nelson estava perto da periferia de uma cidade, e o cheiro a florestas e a montanhas pairava à distância. Nos seus anos de vida, *Nelson* sentira-se sempre em casa nas aldeias e nas cidades. Quando o pequeno e belo cão se sentou nessa manhã no solo frio, e inspecionava o mundo com o seu nariz poderoso, algo mudara nele. Sentia-se ambivalente e dilacerado quanto ao aroma dos humanos e do seu mundo. Outrora havia-se sentido em segurança, mas agora aqueles cheiros pareciam ameaçá-lo de muitas formas.

Para lá do mundo dos humanos, os aromas antigos, empedernidos, bafientos das montanhas chamavam-no, pacificamente. Longe da cidade havia rios que corriam com águas frescas e salmões; havia florestas verdejantes sem fim que o cheiro dos humanos não dominava; havia lama e solos ricos que o nariz de *Nelson* dizia existirem há uma eternidade; havia relva, farta e admirável, que tanto seduzia *Nelson*.

Também cheirava insetos, as formigas e as suas colónias, lagartos e cobras que deslizavam pelo território bravio à sua frente. O seu nariz neste dia límpido eram os seus binóculos. Ainda mais complexo do que os animais cujos aromas penetravam nas suas veredas neurais, eram as intermináveis plantas e flores que salpicavam a paisagem diante de si.

Mas ali perto havia humanos e as suas casas, carros e lojas. Havia a sua comida, que sempre atraía *Nelson*. Por muito que se sentisse aliciado pelas fragrâncias da natureza, o cão vivera a sua vida em povoações humanas, e o cheiro da comida nos contentores de lixo mantinham-no nas imediações da cidade, na fronteira entre a vida humana e a natureza, naquela linha verdejante onde esta começa a ganhar terreno. Era um sentimento estranho para o cão, ser atraído em direções opostas. O trauma do tempo que passara no abrigo deixara-o confuso, inseguro do seu lugar no mundo, do sítio onde se sentia verdadeiramente em casa. Nos dias seguintes a ter fugido do canil, *Nelson* viveu um interregno inquietante, afastado do mundo que adorava, todavia receoso de abraçar a imensidão que se entendia diante de si.

Por uma ou duas vezes, voltou a sentir o cheiro a coioite nas brisas da manhã. Quando isso acontecia, também o impelia a correr novamente para a

segurança da povoação. Mas depois o medo do canil impedia-o de se aventurar demasiado pelas casas, estradas e parques da cidade.

Havia um odor nas brisas que ele reconhecia. Sentira-o muitas vezes sempre que era trazido através dos longos ventos até Kalispell. Era um cheiro que em tempos o assustara, que parecera estranho e ameaçador. Mas agora atraía-o tanto quanto o repelia. Parecia extraordinariamente ameaçador. Era rico e misterioso e não muito diferente do seu próprio cheiro. Era selvagem e antigo. Era o cheiro a lobo.

A mãe loba sentia-se triste. A tristeza chegava por vagas, mas por vezes vencida-a. Não conhecia bem as duas crias, dado que morreram no espaço de três dias depois de as ter dado à luz. Portanto, talvez a perda não fosse tão intensa como quando um outro membro da alcateia morria. Quando um dos mais velhos sentia esse odor, o odor que dizia que em breve iria cair por terra e deixar de caçar, e matar, e comer com a alcateia, a mãe loba sentia um pesar profundo. A tristeza de perder um dos seus filhotes era diferente e talvez fosse atenuada pela necessidade imediata de cuidar dos três restantes. Eram exigentes, mamando constantemente. O seu corpo estava a gerar enormes quantidades de leite para os filhos e ela própria se sentia esfomeada, ansiando constantemente por carne fresca, com o nariz num formigueiro ao sentir nas brisas qualquer alusão a um jovem animal nas redondezas que ela podia facilmente matar e devorar. Regra geral, os lobos gostam de caçar à noite, mas a mãe loba dava por si a deambular, por vezes, durante o dia, com os filhotes por perto, na esperança de poder encontrar uma pequena refeição adicional que saciasse o seu apetite sempre a crescer.

O pai lobo ajudava-a, facilitando-lhe a caça tanto quanto podia. A família de cinco elementos mantinha-se quente na sua toca durante a noite. Quando a mãe loba inalava o cheiro do pai lobo e dos seus três filhotes a saturar o ar, sentia uma sensação de profundo contentamento e satisfação. Mas depois a lembrança da perda dos outros filhotes voltava e a tristeza caía sobre ela.

Perto da toca, os outros quatro membros já crescidos da alcateia guardavam a zona, três fêmeas e um macho. Por vezes, a mãe loba ouvia os seus uivos à noite e, enquanto os filhotes mamavam, ela sentia-se satisfeita por estarem a salvo, protegidos pela alcateia. Ocasionalmente, o cheiro a

urso ou coioote entrava-lhe pelo nariz, e ela latia em tom baixo para dizer à alcateia que tinham de estar vigilantes. O pai lobo passava então rapidamente em revista a área circundante, por vezes lembrando bruscamente aos outros lobos que a segurança dos seus filhos estava em jogo e que não eram permitidos intrusos. Quando o pai urso estava por perto, os outros ursos curvavam-se perante ele. Já os havia mordido a todos e depois curava-os com a sua saliva, lambendo-lhes as feridas. Castigava e amava, fazendo ambas as coisas com grande paixão. Eles sabiam que ele os amava, mas também aprenderam a nunca questionar a sua autoridade, ou a da mãe lobo.

Os pais lobo já chefiavam a alcateia há quatro anos e meio, e nesse tempo haviam procriado exclusivamente um com o outro. O seu território era mais perto das cidades do que desejariam, mas à medida que saíram das terras dos seus próprios pais, este foi aquele onde por fim se estabeleceram sem a ameaça de outros clãs de lobos. O odor um do outro era a força mais poderosa no seu pequeno universo. Quando a mãe loba estava com cio, o pai lobo mal podia conter o seu desejo intenso e, juntos, haviam gerado mais de trinta filhotes. Desses, pelo menos metade não sobreviveu ao frio ou aos dentes dos ursos e dos coiootes, ou aos micróbios de doenças estranhas que se arrastam na pelagem dos ursos. Mas os outros filhotes haviam-se tornado em belos lobos-cinzentos.

Os pais lobo amavam os filhos intensamente, e em pequenos eram o centro das suas vidas. Mas quando cresciam, chegava sempre a altura em que tinham de partir, tal como a mãe e o pai lobo haviam deixado os clãs dos seus próprios pais. Lobo algum da alcateia podia tornar-se suficiente poderoso para desafiar a autoridade dos pais. O pai lobo era sempre o primeiro a senti-lo, a reconhecer o momento em que um filhote se tornara um lobo suficientemente forte para, talvez, o desafiar. Começava então a morder o jovem lobo, com as suas mandíbulas enormes. Os laços que a mãe lobo mantinha com as crias eram muito fortes e, a princípio, ignorava o comportamento do pai lobo. Mas em breve também ela se juntava a ele, magoando os filhos violentamente. Era a forma que ambos tinham de amar os filhos, de os afugentar para o meio da natureza para que pudessem formar as suas próprias famílias. Sim, a mãe loba sentia perda quando os seus filhos, com as feridas ainda a sangrar das mordidas do pai, desapareciam na imensidão para não voltarem a ser vistos. Mas acordava

sempre feliz na manhã seguinte. Fora uma boa mãe, criando filhos saudáveis e fortes, prontos a sobreviverem sozinhos.

A mãe loba sentia-se sempre mais segura nas primeiras semanas do crescimento dos filhos. A maior parte do tempo era passado na toca, e o seu leite era tudo quanto precisavam. Mas os filhotes cresciam rapidamente e em breve iriam necessitar de algo mais do que apenas leite. Por instinto, começavam a lambê-lhe a boca e a pôr as suas pequenas línguas lá dentro. Ela sabia o que isso significava. Duas a três semanas depois, ela começava a regurgitar muitas das suas refeições, como um acrescento à criação de leite. Os filhos regalavam-se então com a comida regurgitada, não diferentemente da comida humana meio cozinhada que iria começar a treinar os seus estômagos jovens para carne crua que seria afinal a sua alimentação.

Juntamente com esta mudança nas suas dietas, os jovens lobos abriam os olhos e os seus corpos, que cresciam rapidamente, começavam a sentir-se limitados na pequena toca subterrânea que os pais haviam escavado. O pai lobo e a mãe escoltavam cuidadosamente os filhos para o exterior todos os dias. Ali, brincavam em cima de uma pequena colina no meio do território dos lobos. A mãe e o pai lobo observavam atentamente enquanto os filhotes turbulentos lutavam entre si, e com os outros lobos da alcateia. Por vezes, durante o dia, a mãe loba, esfomeada, deixava o seu território a passo lento, com os filhotes à mão, esperando encontrar um pequeno pitéu adicional.

A alcateia caçava regularmente à noite e, durante esse período, ela ficava sozinha a cuidar dos três filhotes, enquanto aguardavam uma hora, às vezes duas, por vezes três, para que o pai lobo, e o resto do bando, regressasse com comida. Os filhotes eram demasiado pequenos para saberem o perigo potencial em que se encontravam. Em tempos idos, uma pequena cria que vagueava apenas uns metros para além do perímetro do olhar atento da mãe, havia sido apanhada por um coioote como um jantar fácil. Portanto, a mãe lobo sentia-se sempre exposta durante estas caçadas noturnas.

Sentia-se aliviada quando a alcateia voltava, trazendo um jovem veado ou um enorme coelho nas mandíbulas, e o colocava diante de si. Ela e o lobo pai comiam primeiro. As entranhas do animal eram a parte mais saborosa. Os pais lobos saboreavam os rins e o fígado da presa, encontrando-os com o seu faro preciso, e empanturrando-se com a carne premiada. Os outros lobos da alcateia aguardavam enquanto eles comiam ao seu próprio ritmo,

antes de permitirem que se juntassem a eles para se banquetear com o resto da matança.

As crias corriam à volta da peça, mas ainda não apreciavam carne crua. Quando a mãe acabava de comer, apinhavam-se à sua volta, lambendo-lhe os beiços e, às vezes, mamando até à última gota da sua reserva de leite prestes a acabar. Aproximadamente uma hora depois, quando os seus sucos estomacais haviam dissolvido de forma razoável a carne em sangue que acabara de comer, o estômago dava uma volta e ela vomitava grande parte da refeição. As crias comiam então até ao último bocado. Tal como a gravidez a deixara extenuada, e ter de gerar leite também, o ciclo contínuo da regurgitação também a enfraquecia. Mas adorava os seus filhotes, e adorava vê-los crescer dia para dia, e estava determinada a mantê-los a salvo.

A mãe loba não sabia por que razão as outras duas crias tinham misteriosamente morrido na primeira semana de vida. Quando deixaram de respirar, o pai lobo pegou nelas com a boca e levou-as para fora da toca. Os outros lobos da pequena alcateia comeram-nas quando a mãe e o pai lobo não estavam por perto. Assim, agora eram apenas memórias no espírito da mãe lobo. Mas a saudade persistia.

A saudade estava presente quando deambulava numa bela manhã de domingo. Acordara com fome e exausta de cuidar dos filhos. Sentou-se a roer um osso que sobrara de uma presa que o pai lobo e os outros lobos haviam trazido há duas noites. Na véspera, a caçada não fora bem-sucedida, como acontecia frequentemente. Apesar de não ter conseguido alimentar-se na noite anterior, os filhotes andavam inflexivelmente à sua roda, determinados em arranjar leite ou comida regurgitada. Caçar era a última coisa que lhe apetecia fazer já que o seu corpo estava fraco e cansado de alimentar constantemente as crias. Mas, por fim, levantou-se e afastou-se lentamente do centro do território dos lobos na esperança de poder encontrar comida. Os três filhotes cabriolavam à sua volta.

A mãe loba evitava geralmente humanos. Tivera alguns encontros com eles ao longo dos anos. Uma vez, dois caçadores com uma espingarda entraram involuntariamente no território dos lobos. Ela precipitou-se para eles, a rosar, e a enorme espingarda disparara. Nenhuma bala a atingiu já que ela e o pai fugiram de imediato. Ouviu soar um outro disparo e, depois,

o barulho de passos apressados dos caçadores que fugiam agora, receosos dos lobos. Não esqueceu aquele incidente.

Tal como o próprio *Nelson* se mantinha nos limites das povoações por causa da comida, foi precisamente esse cheiro que atraiu a mãe loba à cidade nesse dia. A direção do vento nessa manhã enviara um aroma a carne saído de um *barbecue* diretamente para o seu arguto nariz. Era a quilómetros de distância mas, não obstante, ela sentia-se tão esfomeada nessa manhã que se levantou e caminhou vagarosa mas decidida na direção da origem do cheiro. Os filhotes seguiam atrás de si, mordiscando-a ternamente nas patas.

Ao aproximar-se da cidade, ficou sem saber muito bem o que fazer do animal que estava deitado ao sol, a cinco metros da estrada. Se o resto da alcateia ali estivesse, seria pouco provável que *Nelson* tivesse sobrevivido ao seu encontro com a mãe loba e as suas crias. No desejo de proteger os filhos, o pai lobo, ou um dos outros lobos mais jovens, teriam matado de imediato o cão e, provavelmente, tê-lo-iam comido. *Nelson* teria sido facilmente esmagado pelas fortes mandíbulas de um lobo selvagem.

Quando a mãe loba viu *Nelson* pela primeira vez, matá-lo foi o seu primeiro instinto. Não era um membro da alcateia. Não tinha o direito de estar ali. Precipitou-se para a frente, aterrando a poucos metros do cão, pronta para saltar e eliminá-lo. Rosnou ao olhar para os olhos de *Nelson*. Os seus enormes dentes incisivos pairavam no ar diante do cão, enquanto as enormes mandíbulas batiam uma na outra. Preparou-se para saltar novamente e matar o animal que estava à sua frente.

Mas os filhotes ainda não tinham aprendido a matar e a sua reação imediata a *Nelson* foi vê-lo como um companheiro de brincadeira. Antes que a mãe pudesse saltar, já as crias lhe davam patadas e o afocinhavam como se fosse um deles. A mãe loba conteve-se por momentos, com os sentidos já algo entorpecidos do cansaço.

O ar ficou a tresandar a loba durante, pelo menos, uma hora ou duas. Havia algo nisso que intrigava *Nelson*. Mas quando a grande mãe loba de pelo cinzento se pôs diante de si, ele sentiu medo como nunca sentira antes. O animal era enorme e magnífico, mas ele sabia que estava pronto para o matar. *Nelson* reconheceu a força e o poder do lobo que tinha à sua frente. Sentiu-se paralisado por instantes assim que ela se precipitou para ele. Mas

depois as crias afocinharam-no e isso deu-lhe tempo para pensar. Cheio de medo da mãe loba, rolou de costas, expondo-lhe o pescoço, ganindo.

Enquanto estava deitado no chão diante dela, os filhotes viram a sua submissão como um outro sinal para brincarem. Rebolaram para cima de *Nelson* e ele aceitou o convite. Os três pequenos lobos e o cão de três patas rebolaram assim pela areia, a mordiscarem-se, a empurrarem-se uns aos outros e a saltarem de um lado para o outro.

A mãe loba aproximou-se do cão e cheirou-o, cheirou-lhe o medo nos poros, a ferida onde ele perdera a pata. Rosnou meigamente. Tal como *Nelson* e outros da sua espécie, o lobo é um animal profundamente emocional e a tristeza de ter perdido as suas crias voltou a fazer-se sentir. Farejou-o calmamente e, embora *Nelson* não fosse um lobo, não era muito diferente, e ela afastou-se. A sua atenção foi também atraída por uma carcaça de galinha meio comida que *Nelson* apanhara no caixote do lixo no dia anterior. A mãe loba agarrou-a e retirou-se para baixo de um arbusto para a comer. Fechou os olhos e fez uma sesta, feliz por poder descansar durante alguns minutos das contínuas exigências dos seus filhotes.

As três crias continuaram a intensa brincadeira com *Nelson*. Eram quase do seu tamanho e, durante sete anos, brincara como eles com humanos e outros cães. Tal como os pequenos lobos, *Nelson* era um especialista em brincadeiras. Enquanto se afocinhavam, e se enrolavam e caíam em cima uns dos outros, o cheiro deles espalhava-se por toda a pelagem de *Nelson*.

Vinte minutos depois, a mãe loba levantou-se e começou a percorrer de volta o caminho para o centro do seu território. Os filhotes seguiam-na. *Nelson* sentiu afinidade com aquelas criaturas, e sem pensar muito, seguiu-os também. Os filhotes saltitavam com ele, o seu novo companheiro de brincadeira.

Quando chegaram à toca, uma hora depois, a alcateia reparou na chegada do cão de três patas, mas já cheirava como um deles, como uma das crias. Um dos lobos mais novos do bando, um animal grande com uma invulgar faixa branca ao longo do corpo, na parte lateral, rositou a *Nelson*, mas a mãe loba deu rapidamente um salto em frente e mordeu o lobo com a risca branca na coxa. Este retirou-se a ganir. Quando a mãe loba se deitou e os filhotes se aninharam à sua volta, ela lambeu a barriga de *Nelson*, tal como fazia à sua prole. A mensagem para todo o bando era clara. *Nelson* é um dos filhotes. Não lhe façam mal.

No início, *Nelson* comia pouca quantidade da carne crua regurgitada que a mãe loba lhe dava a ele e às crias. Parecia natural lambe a boca da admirável criatura como os seus filhotes faziam, meter a língua dentro daquelas enormes mandíbulas. *Nelson* não havia associado este instinto a comida anteriormente, embora tivesse lambido todos os seus companheiros humanos, e *Lucy*, da mesma forma. Quando a mãe loba fez o primeiro esforço para vomitar e uma papa quente de saliva cheia de pedaços de carne meio mastigada lhe saiu da garganta, *Nelson* foi apanhado de surpresa. Enquanto as três crias comiam furiosamente, ele livrou-se de o fazer. Provou um pouco e, a princípio, não era do seu agrado.

Mas à medida que as horas passavam e a sua fome aumentava, deu por si a comer a mistura primitiva de forma voraz. Era um pouco como comida humana meio cozinhada. Era comida concebida para alimentar um corpo jovem, cheia de sucos naturais que podiam parecer repulsivos a um humano, mas que na verdade ajudava a revigorar ossos, pelagem, olhos e nariz de um jovem lobo. A espécie de *Nelson* tinha muito em comum com estes lobos. Outrora, há muitos milénios, havia sido uma só. Como tal, a comida da mãe loba em breve lhe soube e cheirou deliciosamente. Fortalecia-o e curava as suas feridas. O seu pelo adquiriu brilho, a cauda cintilava ao sol da manhã, os olhos reluziam, o nariz absorvia todos os detalhes subtis das colinas e das florestas e do território dos lobos que o rodeava.

Nelson era, com efeito, mais velho do que a mãe e o pai lobo. Os seus sete anos eram uma idade avançada para um lobo na natureza. Mas ele nunca passaria de um filhote para a alcateia. Brincar era uma parte vital da natureza de *Nelson* e ele sentia uma afinidade natural com as crias. Porém,

os lobos adultos haviam há muito deixado de brincar. A sua vida centrava-se na sobrevivência, na proteção do bando e na procura de comida para viverem o dia a dia.

Nelson nunca se atreveu a ameaçar um dos lobos maiores. Sempre que havia o mínimo indício de agressão por parte de um dos adultos – um rosnar, um olhar, uma farejadela interrogativa, *Nelson* afastava-se, curvando-se, ou deitando-se de costas, a ganir, submisso. Frequentemente, o jovem macho com a faixa branca olhava para ele fixamente e batia as mandíbulas numa tentativa de fazer valer o seu lugar na hierarquia do bando. Mas o cheiro do cão de três patas era agora o mesmo da alcateia e assim o lobo mais novo aprendeu a aceitá-lo ou a arriscar a ira da mãe e do pai lobo. Na sua primeira noite com a alcateia, *Nelson* seguiu os filhotes para dentro da toca onde dormiam todas as noites com a mãe e o pai lobo. Os pais lobo não o impediram. Deitaram-se próximos uns dos outros. A mãe loba lambeu-lhe a barriga e, descendo, passou muito tempo a tratar-lhe da cicatriz no local onde ele dantes tivera a quarta pata, certificando-se de que a sua saliva lhe penetrava na pele.

Pela primeira vez em meses, *Nelson* sentia-se aquecido com o calor da família lobo a entranhar-se-lhe nos ossos. Ficou acordado ainda algum tempo enquanto os lobos à sua volta dormiam. No exterior, ouvia os murmúrios da noite, as ocasionais brigas dos outros lobos adultos, o rumorejar de uma brisa noturna, os bramidos distantes de animais a proclamarem o seu território. Mas o respirar tranquilo da mãe e do pai lobo enquanto dormiam dizia-lhe que estavam completamente seguros.

Nelson mapeava as suas memórias largamente através dos cheiros e não havia um caminho linear, explicações racionais, análises reais dos elos complexos entre Katey e o seu piano e Thatcher e *Lucy* e o cheiro nauseabundo a morte no canil. Não pensava no que o impelira para ali, para viver com os lobos. Mas sentia-se seguro naquela noite e sabia que no dia seguinte não iria prosseguir a sua caminhada. Ficaria ali a viver durante algum tempo. O cão fechou os olhos e deixou-se embalar em sonhos ricamente perfumados. A mãe e o pai lobo dominaram os seus sonhos naquela noite, protegendo-o, cuidando dele, amando-o como se fosse um filho seu.

Em poucos dias, *Nelson* sentia-se em casa no clã dos lobos. Os lobos não viviam nos terrenos seguros de uma casa como aquela em que vivia o Grande Amor. Aragens frias infiltravam-se, por vezes, na toca durante a noite. *Nelson* sentia os eriçares do pelo constantes no dorso dos pais lobos enquanto inspecionavam o ar selvagem à procura de ameaças potenciais aos seus filhotes. *Nelson* sabia que o bando morreria para o defender a si e às crias. Para os filhotes, *Nelson* era um deles, talvez numa versão mais fraca, que caía ao chão com mais facilidade do que eles e se cansava mais depressa. Mas brincava como eles. Punha os seus pequenos membros nas mandíbulas e mordia-os meigamente, puxava-lhes a cauda, saltava para cima deles. As crias respondiam com a mesma jovialidade. Estava na sua natureza, tal como estava na de *Nelson*. Desconhecia que a interminável brincadeira dos filhotes, guiados pela mãe loba, era, na verdade, um treino para o dia em que matariam outros animais.

Muitas vezes ao final da tarde, o pai lobo e os outros lobos adultos partiam para o meio da noite que se aproximava. A mãe loba rosnava então meigamente aos seus filhotes e eles depressa aprenderam a brincar mais próximo dela enquanto a mãe os observava atentamente. Uma noite, quando o cheiro intenso a coioite irrompeu pelas suas narinas adentro, *Nelson* correu a ganir para o lado dela. A mãe loba também o havia sentido e perscrutou o matagal com os olhos frios como aço. Um uivo sonoro saiu das suas entranhas e atravessou a noite. As crias imitaram-na. Porém, isto não deteve o coioite que os rondava. Era a fome. Uma cria de lobo seria um jantar delicioso. *Nelson* tremia atrás do enorme vulto cinzento da mãe loba assim que o desgrenhado e sujo coioite surgiu do matagal. Era primo do que tentara matar *Lucy*.

Os dois canídeos selvagens olharam fixamente um para o outro. A mãe loba não esperou para ver o coioite a aproximar-se. Saltou pelo ar e aterrou a dois metros do coioite esfomeado. *Nelson* assustou-se quando viu, pela primeira vez, esta criatura assanhada, selvagem que vivia dentro da mãe loba. Ela rosnou perigosamente e as suas mandíbulas bateram uma na outra. O coioite, destemido, rosnou-lhe também e deu um passo em frente. A mãe loba não hesitou, saltando e atingindo o pescoço do animal. A ganir, o coioite desapareceu no meio do matagal. A mãe loba voltou a uivar e os filhotes juntaram-se a ela. Minutos mais tarde, o pai lobo e os outros adultos regressaram. Juntos, o clã selvagem uivou na noite. Como cantores num

qualquer coro primitivo, os diferentes lobos assumiram diferentes tons enquanto uivavam, formando acordes antigos e apaixonados que ecoavam na imensidão. *Nelson* nem sequer estava consciente disso quando, de forma espontânea, se juntou ao coro de lobos, mas a sua afinidade com estas criaturas compeliu-o a fazê-lo. A mensagem era clara para o coiole à medida que fugia dos lobos com os seus uivos a perfurarem-lhe os ouvidos. Animal algum entrava no território dos lobos com atitudes agressivas e era educadamente recebido.

Após este incidente, *Nelson* mantinha-se cauteloso quando os outros lobos partiam para a caça. Sabia quais os riscos que a mãe loba receava. Num abrir e fechar de olhos, os seus filhotes podiam ser comidos e desaparecer para sempre. As crias não entendiam o significado do medo e divertiam-se sem parar. *Nelson* brincava com eles mas já havia cheirado horrores suficientes no mundo para se sentir sempre um pouco assustado. Sentia-se grato à mãe loba pela sua proteção.

* * *

O pai lobo e os outros lobos adultos regressavam a casa com comida cerca de metade das noites. Às vezes, era apenas um coelho-bravo ou um pequeno castor que traziam nas mandíbulas. Noutras, vinham todos a arrastar uma cabra ou um alce ou veado, jovem ou doente.

O pai lobo e a mãe começavam pelas entranhas. À medida que as semanas passavam, o pai lobo e a mãe começaram a encorajar as crias a comer carne fresca antes que os outros adultos fossem autorizados a juntarem-se ao festim. Os filhotes tratavam os animais mortos, que eram a sua comida, com o mesmo espírito brincalhão com que se tratavam uns aos outros. Puxavam pela carcaça e pela carne ensanguentada como se fossem meros brinquedos. Após algum tempo, os pais lobo rosnavam e os outros lobos substituíam as crias. Gradualmente, os estômagos das crias foram-se adaptando e começaram a preferir o cheiro da carne crua às refeições regurgitadas que a mãe lhes começou a dar cada vez menos.

Nelson depenicava a carne da carcaça que os lobos traziam para a toca, mas nunca desenvolveu verdadeiramente um gosto por isso. Aos sete anos era um cão maduro, começando até a ficar um pouco velho. Durante sete anos comera sobretudo comida humana cozinhada e o seu estômago havia-

se adaptado a ela. Aliás, vomitou no primeiro dia em que comeu carne crua. As crias comeram o seu vomitado. Depois disso, comia pequenos pedaços mas preferia as regurgitações quentes da mãe loba.

Depressa *Nelson* se habituou ao cheiro do sangue. Estava por toda a parte: nas carcaças que os lobos arrastavam para o local onde viviam; nas mandíbulas e nos dentes dos lobos adultos. Manchava-lhes até frequentemente o pelo. *Nelson* sentia a excitação dos lobos quando o cheiro a sangue fresco dominava a atmosfera circundante. Não percebia bem o êxtase que aquilo gerava para eles, mas aceitava-o. O sangue de cada criatura era diferente e vital. Era um cheiro que não encontrou muito durante a sua vida em povoamentos humanos.

Por vezes, *Nelson* sentia no ar a raiva dos outros lobos adultos diante da prioridade de comer que era dada às crias. O lobo com a faixa branca precipitou-se um dia contra *Nelson* assim que ele deu um passo à frente para comer à frente dos adultos. O lobo recebeu de imediato uma dentada das mandíbulas do pai lobo. A hierarquia no bando era rígida e ordenada. Constituíam uma unidade altamente funcional e qualquer lobo que se atrevesse a desafiá-la teria de pagar por isso. A mãe e o pai lobo eram animais enormes, magníficos para o pequeno cão, e ele sempre foi deferente para com eles. Sabia que gozaria da mesma proteção que eles davam às suas crias apenas enquanto agisse como uma. Respeitava o seu lugar no grupo e sentia-se seguro em consequência disso.

Mas quando os pais lobo não estavam por perto, *Nelson* apanhava frequentemente o olhar cortante do lobo da faixa branca a fitá-lo, com o nariz a aspirar avidamente o ar. *Nelson* franzia então o dorso, ou, por vezes, deitava-se com um ganir submisso para deixar que o lobo pensasse que também ele era o seu amo.

À medida que as semanas e os meses passavam, as crias cresciam rapidamente. *Nelson* não queria que crescessem. Queria que ficassem do seu tamanho para sempre, que fossem os seus companheiros de brincadeira para poder ficar a viver ali com eles uma vida que lhe parecia ser segura. Com frequência, acordava ainda com pesadelos do cheiro sinistro do canil. Acordava com o ganir do velho rafeiro branco e preto que morrera na fomalha daquele local horrível. Suspirava muitas vezes pelo Grande Amor, e por *Lucy*, mas quando os odores negativos e as imagens do abrigo agitavam os seus sonhos à noite, ele continuava determinado a manter-se o mais afastado possível da vida humana. A sua sobrevivência parecia estar em jogo.

À medida que as crias cresciam, as suas constantes brincadeiras começaram a cansar *Nelson*. Estavam a tornar-se demasiado fortes para ele. O mordiscar permanente, em tempos inofensivo, começava agora a furar-lhe a pele. A mãe loba lambia o sangue das suas feridas, que pareciam curar rapidamente, porém instalou-se um certo sentimento de impotência. Não podia parar o crescimento das crias. Em breve seriam o dobro do seu tamanho.

Nelson habituara-se à sua rotina diária no bando. Sabia que todas as noites os adultos partiam durante umas horas e que regressavam com comida, ficando a mãe loba, nesse entretanto, a guardá-lo a si e aos filhotes. Mas pressentia uma crescente inquietação na mãe loba enquanto olhava por eles. Uma noite, desapareceu com o resto dos adultos. *Nelson* e as crias ficaram sozinhos. Os filhotes ganiam e deambulavam ansiosamente pela toca. *Nelson* era muito mais velho do que os lobos e sentiu necessidade de os

proteger, embora fosse muito mais pequeno do que eles. Ficou de guarda até à mãe loba regressar com os outros adultos. Arrastava um pequeno cervo pintalgado para o meio do enclave. O seu sangue salpicou-lhe o pelo. *Nelson* sentia ainda a adrenalina a pulsar nas veias da mãe loba, a excitação. Deleitou-se com as vísceras do jovem animal com uma crueza especial.

Nas noites seguintes ela não partiu com os adultos, mas exibiu uma ligeira agressividade para com as crias. Umas noites depois, quando os adultos estavam prestes a partir para a caça, rosnou-lhes de forma agressiva. Quando os outros adultos partiram, seguiu-os vagarosamente, rosnando em tom baixo às crias quando as deixou. No início, os pequenotes não sabiam o que fazer. Um deles, o mais forte, seguiu-a para o meio da noite. Os outros dois fugiram para a toca e *Nelson* seguiu-os. Enroscaram-se na brincadeira, mas o cão não sabia o que pensar daquelas mudanças de rotina.

Algumas horas depois, *Nelson* e os dois filhotes que ficaram para trás ouviram uivar e saíram da toca. Os adultos dilaceravam uma pequena fêmea de alce. A cria que se aventurara com o grupo estava já no meio dos adultos, ajudando a despedaçar a presa ensanguentada diante deles. *Nelson* e os outros filhotes encaminharam-se para a peça, como sempre fizeram, habituados a terem a proteção da mãe e do pai lobo enquanto comiam. Porém, desta vez, a mãe loba rosnou-lhes quando eles se preparavam para comer. Rapidamente, o lobo com a faixa branca deu um salto e rosnou a *Nelson*. A mãe loba não defendeu o cão. *Nelson* recuou, a ganir, enquanto o lobo se atirou à peça, comendo vorazmente. Os outros dois filhotes tentaram novamente comer, mas foram mais uma vez avisados pela mãe para não o fazerem. Os outros lobos atiraram-se à carne, devorando-a. Por fim, afastaram-se da carcaça, empanturrados e com os dentes manchados de sangue, deixando os restos para *Nelson* e para os filhotes, que comeram em silêncio. O lobo com a faixa branca levantou-se por instantes e dirigiu-se a *Nelson* enquanto este comia. A mãe loba observava de perto, e um rosnar saiu-lhe da goela. O lobo recuou e deitou-se outra vez.

Algo mudara no bando. Nos dias que se seguiram, a mensagem das mudanças tornara-se mais clara para *Nelson*. Se queria comer, então tinha de participar na caçada. Um dos outros filhotes juntava-se ao grupo assim que partiam para a caça. Apenas a cria mais pequena e *Nelson* ficavam para trás. Tremiam na noite fria, à espera que o seu bando voltasse.

Nelson e o pequeno lobo uivaram juntos, e o cão apanhou o rasto de um coiote no vento. Dois dias mais tarde, quando o grupo saiu novamente para caçar, *Nelson* e a cria ficaram inicialmente para trás. Mas assim que o bando desapareceu no matagal, o lobo com a faixa branca esperou com o cão de três patas e a cria. Mostrou os dentes a *Nelson* e, por momentos, parecia que ia saltar-lhe em cima. Mas a mãe loba voltou, latindo furiosamente ao lobo maior, defendendo *Nelson* e a cria. Mas assim que se afastou novamente para acompanhar o grupo de caça, não restava alternativa a *Nelson* e ao pequeno lobo senão seguirem-nos também.

O bando de lobos-cinzentos movia-se como uma sombra na noite. Ocasionalmente, os olhos gélidos olhavam de relance para o luar e a relva sussurrava à sua passagem. Mas apenas um olhar experimentado os teria visto.

Os filhotes seguiam atrás do bando. Os animais brincalhões, amorosos com que *Nelson* costumava brincar desapareceram. Estavam silenciosos e sérios, já conscientes do que estava para acontecer. Quando o filhote mais fraco ganiu, a mãe loba voltou-se rapidamente e rosnou-lhe em tom baixo, mas com ar de grande seriedade. Filhote algum se atreveu a proferir um som depois disso. A cria mais forte seguia tão próxima dos adultos quanto lhe era possível. A caça começava já a ser a sua segunda natureza. Em apenas uns meses deixaria de brincar completamente, altura em que se tornaria lobo adulto. A brincadeira fora tão-somente uma preparação para a caça que, essa sim, iria satisfazer a sua natureza insondável.

Durante algum tempo, o bando vagueou ao longo de quilómetros na região rural circundante. *Nelson* debatia-se para os acompanhar, com as suas três patas a esforçarem-se duramente. Caso se separasse da alcateia, seria um alvo fácil para o lobo da faixa branca. *Nelson* habituara-se a circular pouco fora da zona que rodeava a toca dos lobos. Era uma criatura curiosa mas não era assim que gostava de explorar. Corria para se manter a par dos outros animais e havia algo agoirento no vento. Tinha o bando por uma família unida, dedicada e protetora, mas esta noite os seus poros exalavam algo bem diferente.

De repente, o grupo abrandou e agacharam-se nos arbustos. Os sentidos de *Nelson* estavam bem apurados e cheirou rapidamente a lebre-brava que andava por ali. Espreitou pela vegetação rasteira e viu o animal a comer

erva. O pai lobo preparava-se para saltar quando a pequena criatura deve ter apanhado o odor a lobo no ar. A lebre fugiu. Por instantes, parecia que o pai lobo a ia perseguir, mas limitou-se a rosnar e prosseguiu vagarosamente. O grupo seguiu-o. Não havia um sentimento de decepção. De qualquer forma, a lebre não chegaria para todos.

Vinte dias mais tarde, *Nelson* foi o primeiro a dar por uma família de veados nas aragens noturnas. Rosnou baixinho, um reflexo destinado a proteger o grupo. Mas não era o grupo que precisava de proteção. Quando *Nelson* rosnou, os lobos voltaram-se rapidamente para trás e olharam para ele. O lobo com a faixa branca rosnou como que a avisar *Nelson* que não perturbasse o ritual de caça deles. Mas o pai lobo também sentiu a presença desses mesmos veados e saltou velozmente na direção dos animais. O grupo avançou furtivamente atrás dele.

Os dois veados adultos pastavam tranquilamente ao luar. As suas pelagens pintalgadas luziam sob a luz prateada. Se um bando de lobos não estivesse nas redondezas daria um belo quadro. Os dois adultos eram ambos fêmeas. O macho com quem uma delas acasalara uns sete meses antes pastava a uns metros de distância. Era uma criatura alta, majestosa, com chifres impressionantes e olhos perseverantes.

Mas não foram os dois veados adultos que despertaram a atenção do pai lobo. Foi a bebé veado que pastava sossegadamente à sombra deles. A fêmea tinha apenas uns meses. Só muito recentemente começara a comer erva, sobrevivendo antes disso do leite materno.

O pai lobo agiu de forma expedita, liderando o grupo na caçada. Um momento de hesitação e a oportunidade podia estar perdida. Os dois veados conheciam bem o cheiro a lobo e a coioite dos seus anos na selva. Haviam conseguido evitar muitas vezes as poderosas mandíbulas dos cães selvagens. Quando aquele odor intenso chegou ao nariz dos veados, o primeiro instinto foi correr, correr o mais que podiam. Um dos veados desapareceu rapidamente no meio do matagal. Mas o instinto da mãe veado foi proteger a sua cria. Empurrou-a rapidamente para a frente com o focinho, tentando que ela fugisse dos lobos.

Mas a cria não tinha ainda noção dos perigos do mundo e, teimosamente, recusou mexer-se. Nessa altura era já demasiado tarde. Os lobos deram um salto em frente. Três deles, ajudados pelo filhote mais forte, morderam as patas da mãe veado, com o lobo da faixa branca a abocanhá-la deixando-lhe

o sangue a jorrar. Ela gemia de dor. A mãe loba e o pai lobo saltaram para cima da cria, atirando-a ao chão. Ela debatia-se mas estava mal preparada para lidar com as poderosas mandíbulas e os corpos pesados de dois lobos enormes.

Os dois outros filhotes correram instintivamente para a frente e *Nelson* seguiu-os. Porém, deteve-se a uns metros de distância da matança que começava. Sabia, também por instinto, que o veado era um animal jovem. Para ele, um animal jovem era uma criatura com a qual se brincava, com a qual se tinha carinho. Observava, perplexo, enquanto a mãe loba dilacerava a garganta do filhote veado que berrava com uma dor atroz. A mãe veado observou por instantes, com o seu coração animal despedaçado, mas desapareceu no meio da noite, agora atenta à sua própria salvação. Sabia que ao seu filhote restava apenas um momento de vida. A umas centenas de metros de distância, o pai veado ouviu o seu pranto mas sabia o que acontecera. Não iria tentar deter o grupo de lobos.

Quando a mãe veado fugiu noite adentro, os lobos adultos apinharam-se em redor da jovem presa, enquanto a mãe loba sugava o sangue fresco das suas veias. Os outros adultos abocanhavam-lhe as patas à medida que a vida do pequeno animal escoava, caindo, frouxo, ao chão.

O grupo estava todo ali. Não havia necessidade de arrastar o animal até à toca agora, pois a mãe e os filhotes não se encontravam lá. Comeriam a presa acabada de caçar. O pai lobo e a mãe loba abriram rapidamente caminho para as suas entranhas, pilhando-as e empanturrando-se com elas. Os lobos adultos e os filhotes seguiram-se, arrancando violentamente a carne fresca, jovem. O cheiro a sangue fresco pintalgou o ar.

Nelson observava, desorientado. Enquanto os lobos devoravam a sua presa, sentia que algo insondável na sua natureza estava a ser expresso. Mas aquela não era a sua natureza. Vivera uma profunda afinidade com aqueles animais, particularmente com os filhotes, quando partilhou a toca com eles. Era como se fosse um deles. Mas no momento da matança, *Nelson* sentiu algo diferente. Sentiu-se estranho e só. Simplesmente não estava na sua natureza matar, como os lobos faziam. Não era esse o seu propósito. Se tivesse encontrado a bebé veado sozinho, talvez tivesse sido uma companheira de brincadeira.

Os cães evoluíram dos lobos. Milénios antes, os humanos pegaram em crias de lobos e deixaram-nas sozinhas no meio da natureza, depois de os

seus pais terem sido mortos por ursos ou outros predadores. Alimentaram-nas à volta das suas fogueiras, e as crias, com o seu instintivo sentido de hierarquia, fizeram das tribos humanas o seu lugar. Tornaram-se parte integrante da sociedade humana. O Homem era bom a domesticar animais e, com o passar do tempo, as características particulares dos lobos que mais se adaptavam aos humanos foram otimizadas. Como os lobos evoluíram para cães através da sua especial interação com o Homem, mantiveram grande parte do seu passado enquanto lobos dentro deles. Mas eram alimentados de restos, de comida humana. Já não havia necessidade de caçarem. Como tal, perderam aquele desejo intenso de matar que os caracterizava. Os cães nunca passaram do espírito brincalhão dos filhotes lobos para a verdadeira caça. Continuaram permanentemente lobos adolescentes, divertidos, amorosos e caracterizados pela sua folia.

Portanto, *Nelson* sentia-se confuso diante dos lobos naquela noite, vendo-os matar e comer o pobre bebé veado. Naquele momento, quando estava diante deles, sentiu pela primeira vez um impulso para deixar aquelas criaturas. As crias que amava começavam agora a tornar-se diferentes, algo em que ele próprio nunca poderia transformar-se. Quando o lobo com a faixa branca olhou para *Nelson*, os olhos como punhais a perpassar a noite, as mandíbulas manchadas de sangue fresco, o cão sentiu um arrepio a revoltar-lhe as entranhas.

Quando qualquer criatura pressente que a mudança está no ar, a sua primeira reação é sempre negar a sua existência, continuar a viver da forma que sempre viveu. *Nelson* passara por muitas mudanças na sua breve vida. Mas o corpo começava a cansar-se delas. Aprendera a viver com ligeireza com as três patas que lhe restavam, mas, não obstante, o acidente roubaralhe anos de vida. Nos seus primeiros meses na companhia dos lobos, o cão sentira-se enraizado e seguro. Porém, na noite em que regressaram da caçada, a mãe loba e o pai lobo empurraram as jovens crias e *Nelson*, para fora da toca pela primeira vez. O cão não ofereceu resistência, mas sentiu-se triste. Não sabia que era a primeira de uma série de rejeições que culminariam, por fim, com a mãe loba e o pai a afugentarem os filhotes da alcateia quando comesçassem a pôr em causa o seu predomínio. As crias formariam assim bandos seus se sobrevivessem no meio da natureza. Era esta a maneira de ser do lobo. Na complexa vida dos cães e dos seus donos humanos, separarem-se uns aos outros nunca fazia parte do plano estabelecido. Um cão nunca deixava de ter vontade de permanecer com o seu amo. Quando o Grande Amor estava selado, nunca se extinguia.

Nelson não conseguiu dormir nessa noite, ainda que o calor das crias o tranquilizasse. Ele era agora um bom bocado mais pequeno do que eles. Os três rodeavam-no como se fossem um cobertor aquecido. Ganiu um pouco a meio da noite, apanhado num qualquer sonho estranho, e as outras crias lamberam-no calmamente, afocinhando-o. Mas ele não voltou a adormecer. Os lobos adultos andavam por perto.

A mãe loba criara *Nelson* como se fosse um dos seus filhotes durante aqueles meses. Não sabia por que razão ele parecia diferente e cheirava também, a princípio, um pouco diferente dos seus filhotes. Mas ela não era

animal para questionar todas essas coisas. Algo na sua mente o havia registado como filhote no dia em que se conheceram, e os seus instintos maternos assumiram o controlo. Criara-o tal como aos outros, alimentara-o, mantivera-o quente à noite e protegera-o dos predadores.

Mas começava a notar cada vez mais as diferenças entre ele e os seus outros filhotes. Eles evoluíam de criaturas meigas e brincalhonas para lobos adultos e fortes, aprendiam a caçar e a matar. Pressentia que não tardava a chegar o dia em que precisariam de ser eLivross da sua casa e da do pai lobo. Mas não sabia o que fazer com *Nelson*. Não estava a mudar como se habituara a ver acontecer com as suas crias. Havia uma parte da mãe loba que amava *Nelson* tal como amava os outros filhotes. Todavia não era uma criatura amorosa na mesma forma que um cão ou que os humanos podiam ser. O bando, a segurança do bando, e o seu predomínio e o do pai lobo sobre ele. Estas eram as suas preocupações primordiais.

Nelson sentia a antipatia crescente da mãe loba e do pai lobo, e já não se aproximava das crias como antigamente, quando passava o tempo a brincar com elas o melhor que sabia. À medida que se tornavam cada vez mais fortes era mais difícil fazê-lo. Deitava-se frequentemente de costas e gania, demonstrando-lhes a sua submissão. A brincadeira dos filhotes tornara-se mais agressiva desde que se juntaram ao bando, já que era agora uma metáfora para caçar e matar. Ele vira-os a morderem-se de tal forma uns aos outros que o sangue jorrava. Ao render-se a eles continuamente, evitava feridas.

No dia a seguir a *Nelson* ter seguido os lobos na caçada, as criaturas voltaram a juntar-se para partirem rumo à noite.

Nelson sentia-se assustado por ficar sozinho na toca mas não queria ir caçar com os lobos naquela noite. Sentou-se e não se mexeu. A mãe loba olhou para trás, para ele, enquanto avançavam pela calada na noite fria, uivando. A vontade de matar o cão de três patas passou-lhe pela cabeça. Enquanto o bando desaparecia na noite, ela voltou silenciosamente atrás em direção a *Nelson* e fitou-o com o seu olhar intenso. Rosnou. Ele estava a perturbar a ordem do bando, ao quebrar a natureza das coisas. O cão de três patas rolou de costas, submisso, esperando que a mãe loba o deixasse em paz. Mas ela aproximou-se muito dele, com a boca abruptamente aberta,

revelando os dentes afiados. O pelo de *Nelson* eriçou-se. As mandíbulas da mãe loba estiraram assim que se preparou para saltar.

À distância, o pai lobo uivou sonoramente. Queria a mãe loba ao seu lado na caçada. No bando, apenas o poder do pai lobo era maior do que o dela e, como tal, virou costas e desapareceu na noite. *Nelson* voltou-se, com o corpo a tremer de terror.

Se o cão tivesse ficado nessa noite, teria sido decerto morto pelos lobos. Nunca o soube. Depois de os lobos terem partido para a caça, deixou-se estar durante algum tempo a cheirar a aragem noturna. Tinha frio e voltou para a toca para se aquecer um pouco. Lá também estava frio, sem o calor do corpo dos outros animais para o aquecerem. Portanto, farejou a zona no exterior da toca. Desenterrou o osso de um veado que os lobos haviam enterrado e mordiscou-o por um bocado, sugando o tutano. Satisfez-lhe a fome durante algumas horas.

Os cães não pensam como os humanos, e portanto *Nelson* nunca tomou a decisão consciente de deixar a toca dos lobos. Mas o medo no seu coração depois de a mãe loba quase o ter liquidado não amainava. A toda a sua volta sentia-se também o odor intenso do lobo com a faixa branca que o andava a perseguir. O medo não parava de aumentar, ainda que *Nelson* estivesse sozinho naquele momento. A princípio foi-se afastando lentamente da toca, na direção oposta ao trilho que os lobos tomaram nessa noite. Mas após alguns minutos, corria já a bom correr.

Quando os lobos regressaram nessa noite, *Nelson* havia desaparecido. Ainda o procuraram à volta da toca. A mãe loba farejou brevemente o caminho que ele trilhara e ponderou segui-lo. Mas estava empanturradíssima com a refeição que havia acabado de devorar, bebera bastante água do rio e, saciada, queria dormir. No seu espírito, *Nelson* já não era um dos deles. Portanto, foi para a toca e dormiu. Sonhou com sangue.

O lobo com a faixa branca também reparara que o cão desaparecera, e um sentimento beligerante de triunfo cresceu dentro dele. Provara o seu domínio sobre o animal mais pequeno. As crias sentiram uma certa tristeza com a perda do irmão. O mais fraco dos três sentiu essa perda mais profundamente. Era agora quem tinha de comer por último, e via-se forçado pelo resto do bando a mostrar a sua constante submissão. Mas era um mal

que vinha por bem. Os seus outros dois irmãos foram afastados do bando, dois meses mais tarde, pelo pai e pela mãe. O mais forte dos filhotes rosnara certa noite à mãe assim que ela começou a comer primeiro do que ele. No dia seguinte, foi mordido pelo pai e desapareceu a coxear no meio da imensidão. A cria do meio foi igualmente corrida uns dias mais tarde. Estas crias não resistiram às contrariedades da natureza e morreram alguns meses mais tarde, sem encontrar um outro bando para liderar. Mas o filhote mais novo viveu a sua longa vida de nove anos com o grupo, mesmo quando a mãe e o pai por fim envelheceram e foram substituídos por um dos outros adultos.

A mãe loba e o pai lobo eram onnipotentes nessa noite, quando se encontravam na sua toca. Mas alguns anos mais tarde, um inverno frio enfraqueceu-os e esgueiraram-se do bando para se deitarem debaixo de uma árvore e morrerem.

31

Nelson corria agora. Primeiro afastara-se da toca a passo lento, sem qualquer motivo especial. Mas sem que o soubesse dera por si já muito longe do que fora a sua casa nos últimos quatro meses, e sentiu o cheiro a urso e a coioite no ar.

Corria sem razão noite adentro, tropeçando por baixo de arbustos e árvores, por vezes próximo de tocas de criaturas grandes e pequenas.

Um observador externo teria visto um pobre diabo. *Nelson* era um cão magricela de três patas, com um pelo comprido emaranhado, desmedidamente sujo, e um odor repugnante. Ninguém deste mundo teria dado por ele, caso *Nelson* se tivesse deitado nessa noite debaixo de uma árvore e morrido. As folhas do outono tê-lo-iam coberto e animais pequenos e larvas tê-lo-iam feito desaparecer deste mundo. Não haveria corações despedaçados. *Katey*, *Thatcher*, *Lucy* e todos os outros que foram tocados pela curta vida de *Nelson*, nunca teriam sabido que esta fora a noite em que ele deixara a doce Terra para sempre.

Nelson sentia-se confuso, enregelado e faminto. Não sabia para onde ir. O cheiro a lobo não era seguro para ele, mas o mesmo acontecia com o das aldeias e cidades. Fora a sua natureza curiosa que o levava a encetar a sua caminhada muitos anos antes e, por esta altura, o seu faro havia feito o levantamento e catalogado vastas faixas do mundo. Era um reservatório profundo de saber, aromas e odores e emoções e esperanças e medos, tudo interligado. Era a parte mais possante da sua consciência, o seu mapa a desintegrar-se num mundo impiedoso. Mas de alguma forma confiava nele, e numa qualquer profundidade da sua mente canina queria viver, sobreviver. Deixar-se morrer nessa noite, sob uma lua gélida, nunca foi algo em que

tivesse perdido tempo a pensar. Seguiria o seu olfato até encontrar um lugar melhor.

Rick Doyle não era um apanhador de cães típico. Adorava História desde os seus oito anos e cresceu fascinado com a Guerra Civil Americana. A sua paixão pelo assunto aumentou de ano para ano, inspirado por bons professores e pela pilha de livros de História que o avô lhe deixara. Não havia dúvida sobre qual seria a sua especialização na faculdade. Mas quando acabou o curso, a vida atingiu-o como um raio. As contas do empréstimo que pedira para estudar amontoavam-se e a sua paixão pela História não chegava para pagar a renda. Viu um anúncio colocado pela Animal Services na cidade de Chico, na Califórnia, que ficava a cerca de 650 quilómetros de Los Angeles, onde ele acabara os estudos de licenciatura. Chico era a «Cidade das Rosas», uma cidade histórica agradável, com belos parques e uma universidade no centro.

Rick gostara sempre de cães, e de gatos também, já agora. Não gostava deles com a mesma paixão que tinha por História, mas simpatizava com eles o suficiente para o emprego lhe parecer vagamente apelativo até conseguir arranjar dinheiro para completar o mestrado e alcançar, talvez, um lugar como professor. O horário era bom e seria praticamente o seu próprio patrão, sem estar obrigado a um ambiente sufocante de escritório que tentava evitar a todo o custo. Teria tempo de sobra para estudar História enquanto andava pela cidade a recolher cães errantes. Em poucos meses, o tempo passado na carrinha, a pensar na sua paixão, levou ao começo de um livro, pelo que a escrita se tornou desde logo a sua atividade noturna preferida. Deixou de pensar em prosseguir os estudos já que o seu livro sobre as vidas de soldados desconhecidos durante a Guerra Civil levaria, pelo menos, alguns anos a concluir.

Rick era um homem muitíssimo inteligente e pensava nas consequências do seu novo emprego como apanhador de cães. A princípio, interrogou-se se os animais que apanhava não estariam melhor a correr livremente pelas ruas ou, inevitavelmente, se seria o melhor para os animais. Sem dúvida que representavam um perigo para a saúde pública. Mas pouco depois de ter começado a trabalhar, passou um dia no canil e viu como alguns dos animais que recolhia, depois de tratados, encontravam o seu lugar nos corações e nas casas das pessoas. No momento em que uma família escolhia um cachorro do canil, havia um amor incipiente nos olhos, quer da família, quer do cão em questão. Chico era uma cidade pequena e, por vezes, algumas semanas mais tarde, encontrava algumas destas famílias a brincar ou a passear pela cidade com os seus novos animais de estimação.

Os gatos encontravam também, frequentemente, lares felizes, embora ele continuasse a sentir-se dividido, sem saber se recolher gatos-ferais seria o melhor para eles. Os gatos haviam fugido de lares humanos, ou nunca viveram neles, regressando à natureza em todos os sentidos, desenrascando-se como faziam os gatos na selva, caçando e matando por comida. Comiam pequenos roedores e pássaros, e sentiam prazer em matá-los. Não estavam dependentes de quem lhes desse comida. Muito frequentemente, Rick encontrava gatos vadios reunidos à volta de pilhas de lixo ou de contentores nas ruelas secundárias à procura de comida. Não conseguiam sobreviver sem ela e eram péssimos caçadores. Mas os gatos domésticos eram diferentes.

Rick recolhia uma variedade de cães vadios, grandes e pequenos. Alguns haviam caminhado durante dias, outros durante semanas, e outros ainda durante anos. Por vezes, olhava nos olhos de cães errantes e gostava que o cão lhe pudesse contar a sua história, dizer-lhe por onde viajara, o que vira, como sobrevivera. Alguns dos cães que tinha de recolher eram agressivos, mas a maior parte eram passivos, muito mais assustados do que qualquer outra coisa. De vez em quando, os cães vadios andavam em grupo. Era raro Rick recolher mais do que um cão de cada vez. Se apanhava um, os outros da matilha desapareciam rapidamente nas áreas circundantes. Por vezes, voltava a vê-los alguns dias depois.

Rick conseguia encaixar cerca de seis animais na sua pequena carrinha, equipada com seis boxes embutidas na parte de trás. Fazia rondas por

períodos de três horas à procura de animais vadios, e regressava geralmente ao abrigo com a carrinha cheia. Muitas vezes ajudava a limpar e a vacinar os animais, as primeiras coisas a serem feitas assim que chegavam ao abrigo. Isto não fazia propriamente parte das suas tarefas, mas tornara-se amigo de Angie, a mulher que se ocupava disto todos os dias e ela deixava-o ajudar. Era sempre uma satisfação ver um cão imundo, que vagueara pelas ruas durante meses, transformar-se em algo próximo de um animal de estimação. A disposição dos cães melhorava visivelmente apenas por voltarem a interagir com seres humanos. Brincavam com a água e devoravam a sua primeira refeição no abrigo. Rick saía de lá geralmente feliz, com o coração eufórico. Nessas noites trabalhava cheio de satisfação no seu livro de História durante três ou quatro horas. Sentia o cheiro a cão nas suas roupas e muitas vezes entrevia também uma ligeira repugnância nas mulheres que trazia para casa, que notavam o mesmo cheiro por todo o seu apartamento. Isso nunca o incomodou.

Rick sabia que uma pequena percentagem dos cães que trazia para o abrigo nunca encontraria uma família que os acolhesse. Nunca visitara o canil onde os animais indesejados eram exterminados. Isto era feito numas instalações separadas do abrigo. Angie contara-lhe que era muito deprimente e ele não suportava a ideia de lá ir. Por vezes, já a noite ia avançada, questionava-se se recolher animais vadios fazia dele um assassino. Alguns dos cães que recolhia morriam no canil. Sabia que era um pensamento disparatado uma vez que muitos dos animais que recolhia encontravam lares maravilhosos. Mas e aqueles a quem isso não acontecia? Estariam melhor a vaguear pelas ruas das cidades, pelo menos vivos, ainda que não tivessem sido adotados?

De vez em quando, ao encontrar nas ruas um determinado cão com uma expressão triste, já velho, doente, ferido ou muito agressivo ponderava se não o deveria deixar ali. Sabia que as hipóteses de o animal ser adotado eram mínimas. Chegou mesmo algumas vezes a deixar uns quantos para trás por essa razão. Depois, sentiu-se atormentado e, por fim, confessou a Angie o que fizera. Ela ficou furiosa com ele. Disse-lhe que há vinte anos que trabalhava no abrigo e que ficava frequentemente surpreendida com os animais que eram adotados. Os cães que ela julgava perdidos eram muitas vezes levados por pessoas compassivas. Acusou Rick de fazer o papel de Deus ao decidir quais os animais que devia levar para o

abrigo. Ele ficou bastante impressionado com o argumento, mas na semana seguinte saíram para jantar e tiveram uma discussão mais tranquila e racional sobre a questão. Rick decidiu que nunca mais deixaria um cão na rua propositadamente.

Quando Rick encontrou um pequeno cão de três patas a deambular pelas ruas num dia frio de inverno, pensou por momentos qual o propósito de levar o cão para o abrigo. Estava convencido de que ninguém adotaria este animal. Tinha três pernas magricelas e caminhava vagarosamente. Rick não sabia de que raça se tratava. O seu pelo estava muito comprido, em desalinho e coberto de terra, relva e bichos. Via literalmente as pulgas a passearem-se pela pelagem do animal quando este parava para se coçar. Não fazia ideia como pudera sobreviver. No final, foi pura compaixão que fez com que Rick levasse o pequeno cão para o abrigo. Estava convencido de que ninguém o iria adotar, mas, pelo menos, seria tratado, comeria ainda umas boas refeições e não passaria frio até ao dia em que seria mandado para o canil. Decerto seria melhor do que morrer nas ruas, ao frio.

Quando Rick saiu da carrinha e se dirigiu para o pequeno cão, este olhou-o, através do pelo em desalinho, com uns olhos tristes e indagadores, mas não fugiu. Os dois olharam um para o outro por instantes. Mas assim que Rick deu um passo em frente para apanhar o animal na sua enorme rede, o pequeno cão ladrou-lhe com alguma energia. Rick agachou-se e, com calma, tentou avançar pouco a pouco. Mas o cão voltou simplesmente a ladrar alto e fugiu pela estrada fora. Rick seguiu-o. Apesar das suas três patas, o cão conseguia ainda movimentar-se de forma muito rápida, e Rick estava praticamente sem fôlego quando, por fim, o encurralou num beco sem saída, contra um muro de tijolo. O cão rosnou-lhe, olhando-o de frente. Rick precipitou-se para a frente com a rede, e o pequeno animal foi apanhado. Ladrava agora furiosamente. Rick conseguiu picá-lo com uma das seringas pequenas com sedativo que trazia sempre com ele e, em poucos minutos, *Nelson* dormia caído no chão.

Rick levou-o para a carrinha e pô-lo dentro da boxe. Meio acordado, *Nelson* olhou para Rick com olhos melancólicos. Rick nunca saberá a história de *Nelson*. O próprio *Nelson* já mal se recordava do seu último ano, passado a deambular pela América desde que deixara os lobos. Mas sobrevivera, e teria continuado a sobreviver pela estrada fora se Rick não o

tivesse recolhido naquele dia. Sabia o suficiente para encontrar comida que o mantivesse vivo. Seguia o seu faro, ainda curioso, quando não estava com frio ou esfomeado.

Quando *Nelson* chegou ao abrigo, o efeito do sedativo havia passado e entrou em pânico. Lembrava-se do cheiro do último abrigo e, embora não sentisse o odor nauseabundo a morte no abrigo de Chico, recordava-se de tudo muito bem.

O nariz de *Nelson* era a sua bússola. Não era um instrumento científico, e não estava garantido que fosse sempre exato. Contudo, era um instrumento de mistérios insondáveis e sabedorias antigas, e podia por vezes conduzir a resultados extraordinários.

Foi o olfato que o levou à Califórnia. Caminhara milhares de quilómetros desde que deixara os lobos. Não foi um trajeto linear, mas um percurso aos ziguezagues através de estradas e cidades, montanhas e florestas americanas. Sentiu muitas vezes frio e fome, mas o pequeno cão tinha uma vontade férrea de sobreviver. Para os que não têm um olfato como o de *Nelson*, torna-se difícil descrever o que, de forma lenta mas imparável, o levou à Califórnia. Foi algo nos odores emanados pelos solos áridos da Califórnia, e que significava sol e calor; foram os aromas dos frutos no vento que viajava milhares de quilómetros; foi o cheiro distante a sal e mar. *Nelson* não sabia o que era esta vaga textura salgada nas brisas, mas intrigava-o. Algures no fundo da sua memória de cheiros, associava-a com o aroma do oceano que pairava no ar de Boston e que enchia a loja de animais onde Katey o encontrara pela primeira vez.

Nelson não refletia no facto de o seu olfato o ter levado a um outro abrigo de animais. Se tivesse no cérebro o circuito que ligava estas coisas, talvez lamentasse que o nariz, com o seu fracasso, o conduzisse a um sítio melhor. Mas ele nunca duvidou do seu faro. Todavia, entrou em pânico quando chegou ao abrigo dos animais. Na rota que navegara desde que havia deixado a companhia dos lobos, sempre evitara qualquer odor que o fizesse lembrar o abrigo em Montana. O abrigo em Chico era um local mais quente e iluminado do que o outro. Também era maior e havia, pelo menos, seis funcionários a tempo inteiro. Sentiu o cheiro a amizade na pele de cada um.

Sim, o fedor nauseabundo a morte estava ausente, mas havia o suficiente no abrigo para que *Nelson* soubesse exatamente em que tipo de lugar estava.

Rick levou *Nelson* para o abrigo numa boxe, já que Angie estava cheia de trabalho nesse dia e não podia tratar dele de imediato. *Nelson* reagiu uivando de forma incontrolável, com um tom alto e intenso que emanava de um lugar estranho bem no fundo do seu pequeno corpo. O seu uivar pôs toda a gente no abrigo fora de si, exceto os cães. Durante grande parte do tempo limitaram-se a ouvir, se bem que alguns respondessem, como o antigo instinto de lobo os compelia a fazer, e uivaram também. O coro misterioso foi também ouvido para lá do abrigo. As pessoas na rua pararam para ouvir.

Rick pousou a boxe e tentou acalmar o cão, dando-lhe palmadinhas e afagando-o. *Nelson* havia esquecido o toque da mão humana. A princípio resistiu-lhe e continuou a uivar, mas após alguns minutos as mãos grandes e quentes de Rick, e o tom tranquilo da sua voz serenaram o cão, e *Nelson* deitou-se no chão, rendendo-se. Rick tentou ir embora mas *Nelson* começou a uivar novamente, portanto Rick ficou com ele até Angie poder tratá-lo. Abriu a porta da caixa e *Nelson* saiu sorrateiramente. Observava Rick atentamente.

O cão vivera longe dos humanos durante muito tempo. Angie tinha muita experiência a tratar de cães e aproximou-se dele com confiança. No entanto, uma parte de *Nelson* tornara-se selvagem e mordeu-lhe a mão. Ela afastou-se por instantes, olhando para ele enquanto se desinfetava. Depois, com Rick a assistir, deitou-se no chão e foi-se aproximando lentamente de *Nelson*, falando tranquilamente enquanto o fazia. Deixou-se estar ali deitada durante cerca de cinco minutos com o cão a observá-la. Por fim, estendeu-lhe a mão para ele a cheirar, o que ele fez. *Nelson* estremeceu de emoção. No momento em que cheirou Angie, absorvendo completamente o seu aroma, foi recordado do seu Grande Amor. Era um aroma poderoso e, de alguma forma, deitou abaixo as barreiras edificadas no coração de *Nelson* no tempo em que passou no meio da natureza.

Lambeu-a meigamente. Angie deixou-o fazer isso por algum tempo. Quinze minutos depois tinha já pegado no cão, e *Nelson* deixara-a dar-lhe banho na água quente. Há muitos anos que não tomava banho e era muito reconfortante. Depois de todo este tempo na natureza, os seus ossos sentiam-se permanentemente enregelados. O calor da água foi-se infiltrando

aos poucos, com Angie a massajá-lo, calmamente, ao mesmo tempo. Teve de substituir a água por três vezes enquanto o passava por vários champôs. Tanto ela como Rick estavam espantados com a sujidade que saía do cão. Por fim, na última passagem, Angie achou que o cão estava limpo. Voltou a pô-lo na boxe depois de o secar com uma toalha. O pelo estava comprido e emaranhado, e precisava de ser cortado, mas ela iria esperar para que estivesse completamente seco antes de o fazer.

Nelson estava calmo. Rick saía, mas o cão sentia-se bem com Angie por perto. Inalou o aroma fresco do seu cabelo e adormeceu. Angie acordou-o passado algum tempo e ele uivou novamente por breves instantes. Ela acalmou-o e colocou-o na mesa de tosquias. Devagar, foi cortando as longas e eriçadas madeixas de pelo do cão. Ficou com um nó na garganta quando chegou à pelagem. Vira muitos cães escanzelados na sua vida, mas este era só pele e osso. Conseguiu ver os contornos da cicatriz da amputação da perna. Afagou-o meigamente, interrogando-se sobre qual seria a sua história.

O cão de três patas ergueu os olhos e detiveram-se a olhar um para o outro. Angie adorava cães, claro, mas era raro derramar lágrimas por qualquer um das centenas de animais que lhe passavam pela pequena mesa de tosquias. Porém, havia algo na expressão daquele cão que a emocionou. Quando cuidadosamente lhe desbastou o pelo do focinho, os olhos dele olharam para ela ainda com uma maior tristeza e intensidade. Viu então pela primeira vez a coloração invulgar de *Nelson*. Os olhos eram tristes mas traziam consigo aquela enorme curiosidade indagadora que ele sempre transmitira aos humanos.

Angie não lhe cortou muito o pelo da cauda. Não estava muito emaranhado e ficou bastante limpa depois de três banhos. Afagou-lhe a cabeça e ele começou a abanar lentamente a cauda. Ela beijou então o pequeno cão. Sabia que Rick lhe havia dado uma taça de ração quando chegou, mas quebrou as regras do abrigo e deu a *Nelson* metade do seu almoço, que aqueceu no microondas. O cão devorou alguns bocados de frango e macarrão com queijo que Angie lhe deu a comer na sua própria mão.

Nelson comeu bem nas duas semanas e meia que passou no abrigo, e engordou. Detestava ração de cão, tal como os outros cães que ali estavam, mas Angie e alguns dos colegas davam-lhe regularmente, pela calada,

alguns petiscos. Passados alguns dias, Angie sentiu-se aliviada ao ver que as costelas de *Nelson* já não lhe perfuravam a pele.

Logo que tomou banho, *Nelson* foi posto na zona principal, onde eram colocados os cães para adoção. Era um compartimento muito maior do que o do canil em Montana. Devia haver cerca de trinta cães à espera de serem adotados. *Nelson* foi colocado na boxe para cães pequenos, juntamente com outros três do seu tamanho. Não estava com muita disposição para brincar e deixou-se estar deitado grande parte do tempo, rosnando ocasionalmente aos outros cães caso eles tentassem interagir consigo. Dormia muito. O barulho dos outros cães no enorme compartimento e o som dos humanos a passarem continuamente não o incomodava. As suas longas viagens pela natureza exigiam-lhe uma atenção constante, assim como era constante a sua procura por comida. Agora que as refeições estavam a ser-lhe fornecidas duas vezes por dia, podia descansar um pouco. O seu corpo havia-se exaurido nos anos anteriores e precisava de descansar para se restabelecer. Passava a vida a dormir.

Os seus sonhos eram agora os mais fantásticos da sua vida. O nariz sentira constantemente novos cheiros desde que havia escapado do canil em Montana, mas na sua vontade em sobreviver, *Nelson* não os havia processado a todos na sua totalidade. Assim que o seu cérebro anteviu um intervalo para descansar e recuperar, começou também a organizar os cheiros e os aromas no seu subconsciente, agrupando-os e estabelecendo ligações entre eles. Portanto, os sonhos de *Nelson* eram uma mistura de cheiros em configurações únicas. O seu cérebro era o resultado de milhões de anos de evolução canina, e havia uma lógica invulgar nos sonhos que vomitava para o espírito de *Nelson* enquanto este dormia. Estavam adaptados à sua sobrevivência, preparados para aperfeiçoar o seu olfato, a sua bússola.

Não havia o fedor a morte neste agradável abrigo de animais na Califórnia. Por vezes, *Nelson* ainda sentia necessidade de estar vigilante por causa das outras características do abrigo de Montana estarem presentes – a quantidade de cães colocada em boxes num espaço grande, e os seres humanos que por ali passavam, dia após dia, à procura de animais para adotar. Era demasiado familiar a *Nelson* e, de vez em quando, sentia um

arrepio de medo. Mas precisava de descansar e sentia-se extremamente cansado para recear o que estava para vir.

Algumas das pessoas que iam ao abrigo de Chico à procura de um animal de estimação para levar para casa, reparavam em *Nelson*. Observavam a sua bela coloração e a curiosidade arrebatada com que olhava para eles. Alguns até achavam que ele era um cão muito bonito. Mas logo que viam que só tinha três patas, descartavam de imediato qualquer ideia de o adotar. Ninguém queria um cão com três patas para animal de estimação.

O abrigo dos animais em Montana permitia que um animal ficasse durante uma semana antes de ser tomada a decisão de que tinha de ser abatido. No abrigo de Chico era-lhes dada mais uma semana antes de serem enviados para o canil do outro lado da cidade. Uns anos antes, um ator de Hollywood nascido em Chico fizera uma generosa doação ao abrigo. O dinheiro fora bem gerido e, como tal, o abrigo tinha melhores recursos do que a maioria. Duas semanas era um bom período de tempo para muitos dos animais que passavam pelo abrigo para ficarem a conhecer um dono adequado. O procedimento era familiar a *Nelson*. Um humano, ou uma família, passava pela área das boxes e olhava para todos os cães. Apontavam então para um e o funcionário do abrigo tirava o animal da boxe para um parque de brincar ali próximo onde o provável dono brincava com ele. Por vezes, isto repetia-se com outros animais. Quando o humano encontrava um animal de que gostava, tiravam-no da boxe com uma trela e entregavam-no ao felizardo que saía com ele, ansiosamente, em direção aos escritórios para formalizar a adoção. *Nelson* observava, em silêncio, enquanto os cães abanavam a cauda à saída.

Nelson era um cão, pelo que a esperança estava sempre no seu coração. Quando os humanos entravam no abrigo ele olhava para eles com os seus olhos luminosos e abanava tranquilamente a sua cauda felpuda. Por vezes, reconhecia um sorriso nos seus rostos, mas acabavam sempre por o deixar para trás. Não sabia porquê. À medida que os dias passavam, e o seu corpo recuperava dos seus tempos como cão vadio, uma ansiedade silenciosa começou a dominá-lo.

Assim que viu *Nelson*, Angie, tal como Rick, soube logo que seria extremamente difícil encontrar alguém disposto a adotar o cão de três patas.

Não abordou o assunto com Rick já que receava que pudesse reabrir a velha discussão sobre se seria melhor ou não deixar os animais à solta. Mas quando estava deitada na sua cama, à noite, ao lado do marido, o focinho do pequeno cão cruzava-lhe centenas de vezes o pensamento. Tal como muitos dos que trabalhavam nos abrigos, Angie era frequentemente confrontada com a hipótese de adotar ela própria um cão que, como ela bem sabia, provavelmente não encontraria um lar. Porém, vivia num edifício que não permitia animais. Começou então, aos poucos, a sondar os familiares que viviam na zona quanto a ponderarem a hipótese de adotar um animal muitíssimo especial.

Rick encontrava-se numa situação semelhante. Não podia adotar *Nelson*. Vivia sozinho num apartamento. Quem olharia pelo cão durante o dia? Não o podia levar consigo para o trabalho. Rick não tinha família na zona, mas perguntou a alguns amigos se não queriam adotar o cão.

Outros trabalhadores do canil também desenvolveram uma afinidade pelo animal. Mas à medida que se aproximava o limite das duas semanas para *Nelson* ser adotado, não havia interessados. Angie sempre o soube, Rick também. Só *Nelson* não sabia que estava apenas a uns dias de ver a vida ser-lhe tirada. Contudo, sentia um arrepio dentro de si. Sete longos anos no meio da natureza haviam-lhe apurado os sentidos e ele pressentia quando uma ameaça se aproximava. Não se lembrava da sua fuga do canil de Montana. Tudo o que recordava era o cheiro nauseabundo a morte que se espalhava pelo local. Podia ter tido hipótese de fugir da boxe e desaparecer do abrigo de Chico, mas o local era maior e havia mais pessoal, e *Nelson* nunca viu realmente grande oportunidade para isso. Na sua vida curta e acidentada, houve grandes atribulações e muitas aventuras, umas que recordava com carinho e outras com mágoa. Havia cães no abrigo que se limitavam a estar deitados, cansados de viver. Foram derrotados demasiadas vezes ou passado fome durante dias intermináveis. Serem enviados para um canil representava um certo alívio. Não para *Nelson*. Independentemente de tudo o que tinha passado na vida o tivesse mortificado, ainda sentia uma alegria incurável quando farejava o cheiro da relva no ar. A boa comida continuava a acelerar o seu coração de entusiasmo. Os momentos afetuosos que passava com as pessoas continuavam a ser um prazer precioso para o cão de três patas. E ainda sentia curiosidade pelo mundo que não explorara. Havia momentos, quando *Nelson* estava a descansar com os olhos fechados,

que ainda sentia felicidade. Não contemplava o milagre da vida como um humano. Não filosofava ou pensava acerca de Deus. Mas, não obstante, essa capacidade de respirar era poderosa e visceral para *Nelson* e suplantava o medo. Em momentos assim, tinha a certeza de voltar a encontrar um dia o seu Grande Amor. Portanto, a sua vontade de viver nunca esmorecia.

No dia anterior a estar agendado que *Nelson* seria enviado para o canil, Angie verificou no computador dos escritórios se havia, de facto, chegado o dia. Aceitara já a inevitabilidade da morte do cão. Sabia que não podiam retê-lo indefinidamente no canil, uma vez que outros cães também necessitavam de uma oportunidade para terem uma vida melhor. Mas queria ter a certeza que teria uma despedida decente. Falara com Rick sobre o assunto e concordaram em dar um banho quente a *Nelson* antes de ser enviado para o canil, já que sabiam que ele adorava água, e em dar-lhe bife e ovos que Angie cozinhará na manhã da sua partida. Rick fez a comparação entre a refeição final de *Nelson* e a de um homem prestes a ser executado. A diferença era que *Nelson* não cometera qualquer crime.

Quando Angie chegou e tirou *Nelson* da boxe nessa manhã, ele percebeu imediatamente que algo de errado se passava. Sabia que ela era uma mulher doce, mas reparou que estava mais carinhosa e meiga do que nunca, afagando-lhe continuamente a sua pequena cabeça. Na sala de tosquia, Rick observava Angie enquanto ela lavava ternamente *Nelson* e secava o seu pelo com o secador. *Nelson* adorava calor. Era ainda uma sensação nova para ele, após centenas de noites frias. Mas sentia uma tristeza em Rick e Angie e não sabia porquê.

Depois do banho, Rick pegou no cão ao colo e Angie deu-lhe bife e ovos cortados aos bocadinhos. A comida estava muito saborosa e *Nelson* deliciou-se. Rick fazia-lhe festinhas na cabeça. Quando acabou a refeição, Rick e Angie brincaram tranquilamente com *Nelson*. Ele lambeu-lhes os rostos e abanou a cauda, e disputaram na brincadeira um pequeno peluche que Angie tinha na sala de tosquias. *Nelson* não sabia por que razão os olhos de Rick e de Angie cintilavam.

Angie precisava de tosquiar outros cães. Rick tirara a manhã, portanto deixou-se estar descansadamente a brincar com o cão. O pequeno *Nelson* adormeceu pouco depois nos braços de Rick. Ainda estava admirado com as atenções recebidas, mas estava feliz com isso. Quando adormeceu e

sentiu o cheiro tipicamente humano de Rick, sentiu um consolo extremo. Em tempos havia fugido dos humanos. Vivera com lobos, os seus próprios antepassados. Mas, naquele momento, apenas a umas horas de ser morto, experimentou um profundo sentimento de felicidade e compreensão do seu lugar no mundo como cão. Estava inextricavelmente unido à raça humana. Ser cão era estar para sempre ligado a essa outra espécie misteriosa. No seu pequeno coração canino, tudo o que queria naquele momento era ficar para sempre nos braços de Rick.

Nesse mesmo dia estava agendado o extermínio de três cães. Havia um velho *pit bull* que desistira da vida; um rafeiro forte, com ascendência de *labrador* e pastor alemão, um tudo-nada enérgico de mais para os humanos que chegavam ao abrigo à procura de um animal de estimação. E *Nelson*. Às 11h30 o homem do canil chegou para os recolher, alojando primeiro os cães maiores na carrinha. Seguiu-se uma certa confusão quando chegou a altura de pegar em *Nelson*. O cão não estava na boxe e, a princípio, ninguém sabia onde se encontrava. Um dos outros funcionários lembrava-se de que Rick e Angie o tinham na zona de tosquia.

O homem do canil encaminhou-se para lá e bateu à porta. *Nelson* dormia profundamente nos braços de Rick. Com um tom de voz baixo, Rick disse que ele próprio levaria *Nelson* para a carrinha. O pequeno cão ainda dormia quando Rick o levou pelo corredor fora até aos escritórios para tratar da papelada. Ali, o funcionário do canil preencheu os documentos necessários para poder levar os três cães. Enquanto o fazia, Rick e Angie afagavam *Nelson* que entretanto acordara e olhava em redor, farejando de uma forma apreensiva. Rick e Angie tentavam acalmá-lo.

O homem anunciou que estava pronto para partir. Rick entregou-lhe então *Nelson*. Ele e Angie despediram-se do cão com um beijo. *Nelson* foi posto na carrinha do canil ainda meio a dormir. O funcionário não era agressivo, mas não demonstrou qualquer afeição pelo cão. Há muito tempo que aprendera a não se envolver emocionalmente com os cães que recolhia dos abrigos espalhados pela cidade.

Havia seis boxes na carrinha e estavam cheias. *Nelson* foi colocado numa com um outro pequeno rafeiro malhado, que gania baixinho. Em marcha lenta, dirigiram-se para o canil que ficava apenas a dez minutos de distância.

Assim que chegaram, *Nelson* sentiu o cheiro sinistro da morte e entrou em pânico. Começou aos saltos na boxe com toda a força que tinha, uivando descontroladamente. O homem do canil já vira este tipo de reação antes, mas não consolava os cães fazendo-lhes festinhas. Trazia sedativos no porta-luvas. Espetou *Nelson* com uma enorme seringa e o pequeno cão rapidamente caiu para o lado, com os olhos meio fechados. O mundo tornou-se uma mancha enevoada para *Nelson*.

O sedativo era forte e ainda que sentisse o cheiro da morte à sua volta, pouco podia fazer. Ele e os outros cães foram levados para a pequena sala de espera em frente ao canil. *Nelson* aguardava serenamente perto do crematório enquanto os outros cães à sua volta eram levados para a morte. Ouviu o último ladrar do melancólico *pit bull* e o alvoroço da mistura de pastor alemão e *labrador* ao serem levados deste mundo.

Nelson não viu Rick Doyle a entrar na pequena sala de espera do canil com outro homem e um rapazito. Houve uma pequena conversa entre Rick e o pessoal do canil e troca de papelada. *Nelson* mal sabia o que estava a acontecer quando Rick, o homem e o rapaz se encaminharam para ele e lhe afagaram a cabeça.

O rapaz pegou no pequeno cão ao colo, algo desajeitadamente, e levou-o, rumo à liberdade. *Nelson* caiu então num sono profundo.

PARTE 4

Casa

Foi Oliver quem salvou a vida de *Nelson*. O pai fora contra a ideia de adotar o animal. Mas quando o filho entrou no seu quarto às 02h00 da manhã, sem conseguir dormir e lavado em lágrimas porque não conseguia deixar de pensar no cão das três patas, o pai finalmente enterneceu-se e prometeu que iriam ao abrigo no dia seguinte adotar o cão.

O pai de Oliver, Jake, fora batizado como Jacob pelos pais, imigrantes do México determinados a que o filho nascido na América tivesse um nome bíblico. Jacob era uma escolha muito pouco usual para a altura, mas a mãe queria algo especial para ele, algo que o distinguisse. Quando tinha dez anos apenas era chamado pelo diminutivo «Jake». O amor da sua vida era uma mulher americana, de descendência irlandesa e alemã, Laurie. Haviam sido namorados desde os tempos do liceu. Laurie partira para frequentar a faculdade, mas regressou mais bonita do que nunca quatro anos mais tarde. Jake declarou-se umas semanas após o seu regresso e ela aceitou o pedido de casamento sem hesitação. Laurie engravidou no espaço de um ano e deu à luz um rapaz saudável que foi batizado como Oliver, o nome do avô de Laurie que morrera na Normandia. Laurie deixou de trabalhar para cuidar do filho e Jake sentiu o peso de sustentar a nova família. A sua oficina automóvel alcançou uma clientela fixa ao granjear uma reputação de fazer reparações rápidas e a preços razoáveis. O seu comportamento calmo tranquilizava os clientes e as senhoras apreciavam a aparência jovem que mantinha.

Jake era um homem prático mas inicialmente incapaz de surgir com soluções práticas quando a mulher morreu aos 28 anos. Isto não fazia parte do plano de Jake. Gostava da rotina e havia planeado uma longa e feliz vida com uma família numerosa. Os primeiros sinais de mudança aconteceram

quando Laurie começou a queixar-se de estar constantemente cansada. Jake atribuiu o facto ao cansaço de ser uma mãe jovem. Um dia, caiu de repente no chão. Telefonou a Jake que veio imediatamente e a levou ao hospital. Os médicos fizeram exames exaustivos e, por fim, concluíram que ela sofria de uma doença raríssima do sistema imunitário. Era algo muito estranho, uma aberração genética. Morreu um mês depois.

Jake ficou devastado. O pequeno Oliver sentia-se no início muito confuso. Jake disse à criança que a mãe havia partido. Oliver perguntou-lhe quando é que ela voltava. Jake respondeu-lhe que lamentava muito mas que ela não voltaria nunca mais. Depois pensou no assunto e decidiu que o filho merecia saber a verdade. Contou-lhe então que a mãe tinha morrido. Contudo, percebeu que a morte não era algo que as crianças compreendessem como natural. Na verdade, também não era compreendida assim pelos adultos. Jake dava por si acordado muitas noites num profundo estado de descrença quanto à morte da mulher. Era impossível compreender como uma presença tão dinâmica, encantadora e carinhosa na sua vida pudesse ter simplesmente desaparecido. Laurie literalmente não existia, já que pediu para ser cremada. Jake não conseguia apagar o número dela do seu telemóvel. Meses depois, várias vezes ao dia, ainda dava por si a pegar no telefone para lhe ligar.

Por vezes, Oliver parecia estar a aguentar-se. Mas debatia-se para dormir à noite, assaltado por pesadelos. Dois anos depois da morte da mãe ainda entrava no quarto de Jake a meio da noite, cheio de medo, por ter sonhado com serpentes famintas e tigres. A mãe de Jake, Norma, ajudava a tomar conta do neto durante o dia, e Jake reduzia sempre que possível as horas de trabalho para poder estar com o filho. Não sabia bem de que forma o garoto estava a ser afetado por dentro. Preocupava-se com ele, que danos a morte da mãe lhe iriam de algum modo causar. Portanto, preocupou-se com as lágrimas noturnas que o rapaz disse serem por causa do cão das três patas.

O dia anterior foi um domingo e foram convidados por alguns amigos para um churrasco. Jake e Oliver comiam hambúrgueres e tagarelavam com os primos, quando Jake reparou que Oliver ouvia a conversa de uma mesa próxima. Um homem falava da sobrinha que trabalhava no abrigo dos animais e como ela andava a tentar persuadir alguém da família a adotar um pequeno cão com três patas. O homem contou que restavam apenas uns dias antes que fosse levado para o canil para ser adormecido. Disse ainda, em

tom de brincadeira, sim, era um história triste, mas quem iria querer adotar um cão com três patas? Era um bom mímico e imitava os movimentos do animal tal qual os imaginava. As pessoas da sua mesa soltavam risinhos.

De repente, Oliver começou a gritar ao homem, chamando-o cruel e uma pessoa horrível. Jake acalmou-o e pediu desculpa ao homem pelo seu comportamento. Assim que as lágrimas foram enxugadas, Oliver disse que queria salvar o cão das três patas e, para acalmar as coisas, Jake disse que estava bem e soube junto do homem o nome do abrigo onde a sobrinha trabalhava. Na verdade, não estava certo de que iriam mesmo adotar o cão, mas queria serenar o filho num encontro público. Nunca vira o filho assim tão emotivo. Oliver tinha o temperamento calmo de Jake e a sua obsessão com o cão apanhou-o de surpresa. Oliver continuou a falar do cão durante o resto do dia e passou a noite a chorar por causa dele, e, como tal, o pai prometeu-lhe que iriam buscá-lo ao abrigo na manhã seguinte.

Quando chegaram ao abrigo na manhã em que Nelson ia ser exterminado, souberam que o cão já lá não estava e Oliver ficou inconsolável. Chorou de forma violenta e não racional, soluçando como não o havia feito depois da mãe morrer. Oliver repetia a gritar que o cão estava morto, o cão estava morto.

Jake sentou-se e abraçou o filho com o pessoal do abrigo a assistir. Estava preocupado em tranquilizar Oliver e nem reparou no telefonema que um funcionário estava a fazer, a falar sobre o cão das três patas. Foi com grande alívio que Jake soube que o cão ainda estava vivo e que o podiam ir buscar ao canil.

Nelson sonhou com o Grande Amor. Era outra vez cachorrinho. *Katey* alimentava-o, dava-lhe banho e brincava com ele. Estava deitado debaixo do enorme piano, sentindo a música a fluir através dela. Dali a nada estariam a dar um passeio juntos. As memórias intensamente perfumadas da sua infância jorravam novamente e inundavam-no, tranquilizando-o. Estas memórias seriam sempre as mais poderosas de todas. Aqueles momentos com o seu Grande Amor determinaram quem *Nelson* era no fundo do seu ser. O seu primeiro dono seria para sempre o seu Grande Amor. Assim acontecia com todos os cães.

Acordou atordoado, com os efeitos do sedativo ainda no organismo. Estava num quarto cheio de luz do Sol, deitado numa cama confortável feita de almofadas velhas. Assim que os seus olhos se abriram e o nariz se apresentou de novo à realidade, apercebeu-se da criança sentada perto de si. O rapaz aproximou-se, pegou nele ao colo e abraçou-o. As crianças exalavam uma versão mais pura dos cheiros dos adultos e *Nelson* achou-o reconfortante. O rapaz gritou e uns momentos depois um homem entrou no quarto, o que estava com o rapaz quando salvaram *Nelson* no canil. O rapaz passou o cão ao homem e ele segurou-o nos braços, afagando-lhe a cabeça.

Nelson não se recordava de nada do que acontecera no dia anterior, mas sentia-se completamente em paz nos braços de Jake, são e salvo. Jake pousou o cão nas almofadas. *Nelson* sentia-se ainda muito sonolento e deixou-se ficar deitado quando o homem desapareceu do quarto e voltou com uma pequena taça de leite quente, com algumas tortilhas cortadas aos bocados e misturadas no leite. *Nelson* levantou-se e comeu tranquilamente da taça de comida quente. Estava esfomeado. O rapazinho fazia-lhe festinhas enquanto ele comia.

Mais tarde, nesse dia, Oliver levou *Nelson* para o pequeno quintal da casa deles. Uma parte estava pavimentada, outra tinha ainda relva. Era um jardim desconexo em termos visuais, mas aromaticamente rico. Havia algumas roseiras pequenas em vasos e *Nelson* farejava-as alegremente. Oliver queria brincar com ele e o cão, atencioso, foi buscar a bola que Oliver atirou pelo jardim. Era tão fácil de fazer comparado com a tarefa de sobreviver dos últimos anos.

Jake estava impressionado com a agilidade do cão nas suas três patas. Sentia-se orgulhoso com o instinto do filho para salvar o cão. No final do dia, Jake não suportava pensar no facto de que este rafeiro com três patas estaria morto por esta altura se não o tivessem tirado do abrigo. *Nelson* olhou para Jake com os seus olhos curiosos e cintilantes e abanou a grande cauda peluda, e tanto Oliver como Jake souberam que o cão era um guarda. Toda a tristeza assustadora de Oliver se evaporou e Jake sentia-se grato a *Nelson* por isso.

Oliver e Jake tentaram lembrar-se de um nome para o cão e, por fim, decidiram-se por *Júpiter* que era o planeta favorito de Oliver. Jake achava que o nome não se adequava bem ao cão, mas alinou já que o seu filho estava muito entusiasmado com isso. *Nelson* começou a responder pelo nome rapidamente.

Nelson dormiu bastante nas suas primeiras semanas em casa de Oliver. A recuperação que começara no abrigo continuava. Ganhou peso e não tardou a desenvolver um estômago descaído, típico dos cães mais velhos. Jake tentou dar-lhe ração mas *Nelson* recusou-se a comê-la. Uma das vantagens de viver ao relento todos aqueles anos era a comida humana. Por vezes, havia sido uma luta terrível para a encontrar, mas as suas papilas gustativas estavam agora decididamente habituadas às sobras que as pessoas deixavam. A ração não cheirava nem sabia a nada e algo em *Nelson* acabara de decidir que não a voltaria a comer, independentemente das circunstâncias. No início, Jake estava preocupado com isso e tinha amigos que não davam restos de comida aos seus cães, dizendo que lhes fazia muito mal ao estômago.

Mas outros amigos argumentavam que a ração para cães era uma invenção humana, com menos de cem anos, e que os cães haviam, na verdade, evoluído ao longo de milénios a comer as sobras da mesa do

Homem. Jake veio a preferir este último argumento, mas não propriamente por escolha sua. *Nelson* não voltaria simplesmente a comer ração de cão.

Oliver e Jake davam-lhe sobras de carne e de frango, e arroz e tortilhas. Jake ouviu dizer que as cenouras faziam bem aos olhos dos cães e *Nelson* adorava-as. Passava a vida a trincar cenouras bebé, e também bocados de maçã. Jack supunha que eram ossos de várias espécies. Davam-lhe sobras de comida, mas nada que estivesse condimentado. Jake aquecia e fervia sempre as sobras para destruir as bactérias, e *Nelson* comia-as satisfeito. Oliver gostava de piza e logo descobriu que *Nelson* também. A princípio davam-lhe restos de piza fria de véspera, mas depois passaram a partilhá-la com ele ainda quente, na altura em que a encomendavam, ao fim de semana. Oliver partia uma fatia aos bocados pequenos para *Nelson*, que as devorava.

Oliver e a sua avó, Norma, passeavam o cão todas as tardes, quando Oliver regressava da escola. Norma estava com oitenta anos e fora submetida a um transplante da anca, portanto, andava devagar. *Nelson* não se importava. Aproveitava para farejar a zona com muito detalhe. Era um subúrbio que ficava algures entre a classe operária e a classe média, com casas pequenas, uma população variada e um ambiente comunitário. Havia uma grande diversidade de cães a viver na vizinhança, e *Nelson* veio a conhecer todos os seus cheiros. Alguns cheiravam-no avidamente quando se cruzavam na rua. A avó, o rapaz e o cão das três patas faziam já parte da paisagem. De vez em quando as pessoas abriam a boca de espanto quando viam *Nelson* e as suas três patas, mas ficavam impressionadas com a forma como ele parecia ser completamente alheio à sua deficiência.

Norma desenvolveu um verdadeiro amor pelo cão que conhecia como *Júpiter*. Era uma mulher tradicional que crescera numa pequena cidade do México, mudando-se para os Estados Unidos aos sete anos. Grande parte das manhãs, sentava-se tranquilamente com o cão num pequeno baloiço no jardim de Jake. Ele dormia então ao seu colo, ladrando ocasionalmente a barulhos do exterior ou aos pássaros que ali voluteavam. Se acordasse e começasse a farejar em redor, Norma entrava em casa por algum tempo, aproveitando para lavar a loiça e ouvir rádio. Norma gostava de ouvir canções antigas e acompanhava-as, cantarolando por entre dentes.

Não vivia com Jake mas sim num pequeno apartamento ali perto, e nos dias em que a idade apertava só lá ia quando eram horas de Oliver regressar

da escola. Nessas alturas, *Nelson* ficava sozinho no jardim, atrás de grades seguras, ou, nos dias mais frios, na pequena lavandaria nas traseiras da casa.

Tinha pouca noção da sua própria vulnerabilidade e rapidamente assumiu o papel de protetor da casa enquanto Oliver, Jake e Norma estavam ausentes. Ladrava ao carteiro de manhã, ou a outras visitas que aparecessem quando não estava ninguém – testemunhas de Jeová, vendedores ou amigos. Jake ria-se quando os vizinhos lhe diziam que grande protetor da casa era aquele pequeno cão.

Quando Oliver ou Jake chegavam a casa, *Nelson* dava saltos de contente, com a cauda a abanar, de língua de fora. A sua mudança para cão doméstico deu-se rapidamente. Era assim que ele ansiara viver novamente. O seu cérebro continha memórias e registos de milhares e milhares de cheiros que um cão doméstico comum nunca teria. Povoavam os seus sonhos à noite e, por vezes, farejava-os à distância nas brisas vizinhas. Mas nunca desejara voltar para o meio da natureza, para a vida de cão errante.

À noite, *Nelson* dormia na cama de Oliver. Oliver dormia agora profundamente todas as noites, deitando-se por volta das 21h00 e acordando mais ou menos às 06h30. A princípio, a avó Norma não gostara da ideia do cão dormir na cama do neto, dizendo que não era higiénico. Mas à medida que se foi afeiçoando a *Nelson* deixou logo de se queixar. Oliver passava pelo menos meia hora à noite a brincar com *Nelson* na cama, depois de o terem deixado sair para uma ablução final. Por vezes, Jake sentava-se na cama de Oliver e juntava-se a eles. Encontrou um enorme rato de brincar em peluche no Wal-Mart das redondezas a um sábado, e esta brincadeira tornou-se parte da rotina noturna de *Nelson*. Saltava em cima dele, e lutava com ele, e Oliver fingia que tentava arrancar-lho. Então *Nelson* rosnava de um modo brincalhão. Oliver e Jake riam sem parar com as travessuras do pequeno cão, sem saberem que há muitos anos ele vivera uma rotina semelhante. Também não sabiam que ele havia visto lobos a matar animais, e ter preferido brincar com animais a fingir era uma expressão da natureza afetuosa de *Nelson* face ao desejo de matar dos lobos. Jake dava um abraço de boas-noites ao filho e Oliver fechava os olhos, segurando em *Nelson*, ao seu lado. Achava reconfortante ouvir o seu cão a ressonar profundamente quando acordava na manhã seguinte. Oliver perguntou várias vezes ao pai o que é que ele achava que os cães sonhavam, e Jake respondeu que sonhavam com cheiros, ao contrário das pessoas.

Ocasionalmente, *Nelson* passava por pesadelos, mas depois de viver com Oliver e Jake tinha a maior parte das vezes sonhos felizes. Mas continuava a sonhar com Katey, o Grande Amor, continuamente, e acordava muitas vezes a meio da noite a suspirar por ela. Amava Oliver e Jake e a avó Norma, mas era um cão, com um coração profundamente leal e, mesmo depois de todos estes anos, queria estar novamente com o seu Grande Amor, protegê-la, servi-la, fazê-la feliz, amá-la. Esse desejo era tão intenso como sempre foi. Às vezes sonhava que ela estava ali em casa com Oliver e Jake, mas por mais que procurasse não a conseguia encontrar. Sonhava que Don estava a tentar magoá-la e que ele era o pai lobo a protegê-la dos golpes de Don. Sonhava que aquele cheiro sinistro e nauseabundo do canil de Montana a estava a tragar, e ele sentia o odor à sua adrenalina enquanto tentava escapar à sua morte. No sonho *Nelson* ladrava furiosamente, porém, não conseguia fazer com que o cheiro a morte desaparecesse. Acordava então cheio de saudades de Katey. Farejava o quarto de Oliver, ouvia a respiração pesada do rapaz, e cheirava-lhe o hálito. Lambia-lhe depois a cara com sentida afeição. O quarto estava silencioso e quente, e então a ansiedade de *Nelson* desaparecia, voltando a adormecer. Mas os sonhos teimavam em repetir-se.

Jake conheceu o sofrimento pela primeira vez quando perdeu o pai, uns anos antes da chegada de *Nelson*. Antes disso, a morte era uma coisa abstrata. Quando amigos ou conhecidos perdiam membros da família, davam-lhes as condolências. Mas foi apenas depois de perder o pai que sentiu compreender verdadeiramente a dor e o pesar que outros naquela situação sentiam. Parecia impossível descrever o sentimento de perda. Um dos seus amigos brincava com ele dizendo que quando se perde um ente querido as pessoas se tornam membros de um clube especial, um clube em que os membros passaram por uma experiência única que mais ninguém, em boa verdade, compreende. Jake achava tratar-se de uma descrição exata. A própria dor era física, mais do que mental. Sim, as emoções eram intensas, mas as funções vitais ficavam em farrapos e destituídas. As lágrimas começavam a correr descontroladamente nas alturas mais inusitadas. Era um sentimento intenso e em bruto, que parecia primitivo a alguns níveis.

A mulher, Laurie, estivera sempre do seu lado e reconfortou-o na altura da morte do pai. Antes de o perder, Jake sentira-se muitas vezes sem saber o que dizer a alguém que perdera um ente querido. Mas quando o pai morreu, percebeu que pessoas enlutadas não precisam de palavras. O que precisam é de presenças à sua volta que lhes façam saber que não estão sozinhas no mundo. Precisam do toque meigo de uma mão e de um abraço afetuoso. As palavras são praticamente vãs em alturas de grande sofrimento.

Perda era perda, e dor era dor, era o que repetia a si próprio quando perdeu Laurie. Perder o pai e a mulher não eram experiências quantitativamente diferentes, repetia também. Mas, de alguma forma, parecia que eram. Com Laurie, a acrescentar ao seu sofrimento, havia o sentimento de que fora enganado, enganado nos anos passados ao seu lado,

enganado quanto aos outros filhos que ela daria à luz, enganado quanto a uma velhice em que já não precisaria de trabalhar e poderia despender todas as suas horas com ela e a com a família. Este sentimento de ser enganado era forte e misturava-se com a sua dor numa infusão tóxica. As emoções prolongaram-se durante meses antes de assentarem, e embora a sua mãe e a família fizessem o possível para o consolar, essas tentativas lembravam-lhe continuamente que Laurie não estava ali para o reconfortar, tal como o fizera quando ele perdeu o pai.

A única coisa que impedia Jake de desmoronar era o filho. Estava determinado a ser um pai forte para Oliver em todos os minutos em que estivesse com ele. Sem o filho, talvez Jake andasse completamente à deriva, mas mantinha tudo firmemente unido por causa do amor que sentia pela criança. Com a chegada de *Nelson*, alguma da pressão que Jake sentia para ajudar o filho a superar a perda da mãe diminuiu. O amor de *Nelson* era grande e ele via Oliver feliz e animado com a presença do pequeno cão das três patas.

A mãe de Jake insistiu para que ele começasse novamente a sair, mais ou menos um ano depois da morte de Laurie. Racionalmente, Jake achava que talvez fosse a melhor coisa a fazer. Era um homem atraente e não faltavam mulheres a quererem sair com ele. Por duas ou três vezes ainda tentou. Uma vez até levou uma mulher para passar a noite em casa dele, mas não conseguiu fazer amor com ela e a mulher foi-se embora. Sentiu-se culpado por ter feito isto a alguém que era bastante agradável. Portanto, decidiu não sair com ninguém até se sentir completamente preparado. Isto deixara Norma frustrada, pois ela gostaria de ter mais netos à sua volta. Mas Jake disse-lhe que era assim que as coisas iriam ser.

Nelson estava com Oliver e Jake há cerca de seis meses quando decorreu o primeiro aniversário da morte de Laurie. Calhou a um domingo, e Jake e Oliver vestiram as suas melhores roupas e foram visitar a campa do pai e avô. As cinzas de Laurie tinham sido espalhadas pelo rio, mas Jake sentiu que naquele dia precisava de um local específico aonde pudesse ir e demorar-se um pouco. Comprou um enorme ramo de flores coloridas e pousou-o na campa. Estava sentado e *Nelson* saltou para o seu colo para o reconfortar. Oliver chorou um pouco, mas *Nelson* lambeu-lhe as mãos e ele logo se distraiu. *Nelson* e Oliver brincaram tranquilamente enquanto Jake esteve sentado na campa, durante cerca de uma hora.

* * *

Nelson não pensava muito na perda do seu membro. Ocasionalmente, um certo cheiro na aragem talvez o recordasse dos tempos em que andava nas suas quatro patas. Mas agora fazia-o com três e parecia-lhe bastante normal. Por vezes, nas noites mais frias, a zona onde fora amputado dava-lhe um pouco de comichão, ou latejava com uma dor silenciosa. Jake e Oliver notavam que ele se lambia no sítio onde perdera a perna e davam-lhe a medicação que o veterinário receitara a pedido deles. Como cão pequeno que era, *Nelson* nasceu com uma esperança de vida maior do que a dos cães de grande porte, e viveu saudável muitos anos antes de começar a sofrer de alguns dos padecimentos que acometiam os cães grandes em idades bastante jovens. Os maiores cães de todos, os *Grand Danois*, tinham a mesma esperança de vida dos lobos, seis ou sete anos, mesmo a viverem num lar cheio de afeto. Jake e Oliver não sabiam exatamente a idade de *Nelson*, embora a veterinária tenha dito que já era um cão adulto.

Sem o saberem, o seu décimo aniversário passou sem ser comemorado. Mas Jake reparou numa certa rigidez no seu corpo, que aconteceu por volta dessa altura. A marcha e a corrida tornaram-se um pouco mais lentas. Aproximadamente uma vez por mês caía, coisa que Jake nunca vira acontecer nos primeiros seis meses com eles.

Jake receava estar a assistir ao aparecimento dos primeiros sinais de velhice em *Nelson*. Um dos problemas de saúde enfrentados por cães com apenas três patas era, segundo a veterinária, a artrite e o ancilosar das articulações, algo que surgia sempre em cães mais velhos e que, nestes casos, podia aparecer um pouco mais cedo dado a enorme pressão adicional exercida sobre as restantes patas e articulações. Às vezes à noite, Jake massajava o pequeno corpo do cão e ensinava a Oliver como o fazer. O cão parecia gostar muito daquilo.

Uma manhã, Jake estava a arranjar-se para o trabalho quando Oliver o chamou, em pânico, do andar de baixo. Tinha estado a dar o pequeno-almoço a *Nelson* quando, de repente, ele se sentou recusando levantar-se. Quando Jake e Oliver tentaram forçá-lo a andar, ele deu-lhes uma rosnadela. Parecia estar num grande sofrimento. Oliver estava perturbado, mas Jake conseguiu deixá-lo na carrinha da escola, prometendo-lhe que *Nelson* estaria bem quando ele regressasse das aulas nesse dia.

Nelson confiava em Jake e deixou-o pegar em si cuidadosamente e embrulhar o seu corpo num cobertor pequeno. Depois, Jake levou *Nelson* para o carro e pô-lo no banco de trás. O cão gania de dor. Sempre que tentava mexer as pernas, uma dor cortante percorria-lhe o corpo. O trajeto até ao veterinário era curto e Jake transportou depois *Nelson* ao colo com muito cuidado, afagando-lhe a cabeça.

Jake e *Nelson* gostavam ambos da veterinária, a Dra. Richards. Era uma mulher ainda jovem, na casa dos trinta, que emanava um verdadeira conhecimento e afeto pelos animais. Disse a Jake estar quase certa de que *Nelson* estava a sofrer com problemas de calcificação nas articulações, mas que gostaria de fazer uma série de radiografias para confirmar. Isto seria coberto pelo seguro de assistência a animais domésticos que Jake subscrevera uns meses antes. Se fosse o que a veterinária pensava, *Nelson* ficaria melhor com uma injeção de cortisona.

Jake regressou ao trabalho por algumas horas. *Nelson* viu-o partir com olhos desolados, e Jake deu por si a pensar na mulher com mais tristeza do que a que sentira nos últimos meses. Ficou aliviado ao ver a veterinária a entrar com ar otimista na sala de observações, mais tarde, quando ele voltou à clínica. Melhor ainda, *Nelson* andava de trela com ela, um pouco vagarosamente, talvez, mas abanou alegremente a cauda mal viu Jake.

A Dra. Richards disse então a Jake que a radiografia confirmara uma calcificação a afetar as articulações de *Nelson*, mas a injeção de cortisona era muito eficaz a tirar a dor e a permitir que *Nelson* andasse sem queixas. Para além deste problema, continuou, *Nelson* parecia gozar de um ótima saúde. O cão olhou para eles, como se soubesse que falavam sobre ele, e abanou novamente a cauda. A veterinária recomendou que ficasse dentro de casa e vigiado atentamente nas semanas seguintes.

Oliver sentia-se muito feliz por *Nelson* estar bem, ainda que estivesse um pouco lento quando brincaram juntos nessa tarde. Norma também se tornara muito ligada ao cão, portanto, estava determinada a olhar por ele nos tempos mais próximos, como a veterinária recomendara.

Todas as manhãs, quando chegava a casa de Jake, dava uma massagem ao cão enquanto descansavam na sala de estar, a ouvir rádio. Achava melhor ser dentro de casa, onde estava mais quente, para que as articulações de *Nelson* melhorassem. O cão parecia adorar esta rotina, e Norma esperava estar a acrescentar alguns anos à vida do animal. No entanto, sentia-se

bastante impreparada para os acontecimentos que iriam ocorrer apenas uma semana depois de as articulações de *Nelson* terem paralisado.

Norma adorava música. Quando era muito jovem, no México, escapulia-se de casa contra a vontade dos pais e ouvia os *mariachis* pelas paredes do elegante clube na rua principal da sua cidade. Era como se a sua música a levasse a um lugar especial num outro universo, num mundo de felicidade sem fim. Quando a família se mudou para a América, ficou encantada pela imensa variedade de música *pop* americana. Em muitos aspetos definira a sua vida. Quando ouvia agora os êxitos antigos, Norma recordava frequentemente onde se encontrava quando ouviu uma determinada canção pela primeira vez. Recordava os tempos felizes e as contrariedades da sua vida, as muitas mudanças que o país atravessara. Havia reparado, ainda muito nova, que a maior parte das músicas eram sobre o amor. Era, sem dúvida, a palavra mais comum a aparecer nas canções, e ela pensava muitas vezes no porquê de ser algo que as pessoas mais queriam cantar.

Como tal, não eram muitas as vezes em que passava na rádio uma cantiga que não fosse explicitamente sobre o amor. Sempre gostara dos Beatles. As suas canções eram alegres e sentimentais ao mesmo tempo, e as letras muitas vezes invulgares e inteligentes. Portanto, numa bela e radiosa manhã da Califórnia sentiu-se feliz por ouvir passar no rádio uma das suas canções preferidas dos Beatles, «Here Comes the Sun».

Contudo, Norma não pôde apreciar a canção durante muito tempo. Foi a reação do cão das três patas que a arrancou daquela sua tranquila rotina matinal. Inexplicavelmente, saltou-lhe do colo e começou a saltitar vagarosamente pelo chão, num círculo irregular, como se o problema com as suas articulações nunca tivesse ocorrido. Era uma dança estranha. E depois começou a uivar. O som era alto e agudo, e completamente inquietante. Parecia a Norma que o cão estava a sofrer de uma dor anormal

e intensa. Chamou-o mas ele não respondeu, saltando sem parar e uivando cada vez mais alto. Quando ela desligou o rádio ele parou abruptamente. Deteve-se ali, por momentos, como se estivesse a acordar de um transe. Depois, lentamente, aproximou-se dela e lambeu-lhe os pés.

Norma contou a Jake o comportamento estranho de *Nelson* naquela manhã. Embora Jake tivesse ficado perturbado, Oliver limitou-se a comentar que *Nelson* deve ter gostado da canção. Depois do jantar, num impulso, Jake foi ao sótão e procurou a sua velha coleção de discos de vinil, que fora compilando religiosamente durante a adolescência. Tinha muitos discos dos Beatles, incluindo o *Abbey Road*, o LP que incluía «Here Comes the Sun». Jake conservava ainda o seu velho gira-discos e há alguns anos que andava a planear mostrar ao filho o que era o som analógico. Esta era uma boa altura para isso. Levou o gira-discos para o piso de baixo, juntamente com o LP.

Nelson andava por ali a rondar, interessado como sempre no que a família estava a fazer. Jake ligou o gira-discos e testou-o. Ainda funcionava, apesar de estar guardado há sete ou oito anos no sótão. Limpou o LP com muito cuidado e colocou-o no prato. «Here Comes the Sun» era a faixa que abria o lado 2. A conhecida abertura da canção com as cordas do *ukelele* começou a tocar. Olhavam todos atentamente para *Nelson*. Por momentos, ficou a olhar para eles, sem saber o que fazer da atenção recebida. Mas depois Jake começou a bater com os pés no chão, a bater também palmas, para acompanhar a canção. Oliver juntou-se a ele. E, mais uma vez, as memórias de Katey a cantar esta canção a *Nelson* quando ele era um cachorrinho foram desencadeadas, com o ritmo peculiar e as configurações de tom a colidirem na sua interpretação musical canina. Tal como o havia feito nessa manhã, *Nelson* sentiu uma vontade imensa e avassaladora de estar com Katey a brotar de dentro de si. Não havia outra forma de expressar esse sentimento senão uivando. Precisava que ela soubesse onde ele estava, para que talvez o pudesse encontrar. Precisava que ela soubesse que não a esquecerá. Precisava de reivindicar o seu território, tal como os lobos fazem, para que Katey soubesse que podia encontrar segurança e afeto ao seu lado.

Tal como Norma, Jake ficou impressionado com a natureza triste e lamentosa do uivo do cão. Também se sentia preocupado com a pressão que *Nelson* pudesse estar a exercer sobre as articulações, com a sua dança

estranha. Mas Oliver achava hilariante a curiosa dança a três patas, acompanhada de um uivo. Não conseguia parar de rir com o saltitar do cão pelo chão, e dançava também com ele, tentando imitar o uivo de *Nelson*. Mas Jake levantou rapidamente a agulha do LP e a música parou. Oliver perguntou-lhe por que razão ele parara a música, e Jake joelhou-se e afagou a pequena cabeça de *Nelson* enquanto ele acalmava e olhava, melancolicamente, para a família à sua volta. Jake respondeu então a Oliver que o pequeno cão estava triste e que não o deviam obrigar a dançar mais.

Jake não conseguiu dormir nessa noite. Esteve acordado, intrigado com o comportamento do cão. Sabia que os cães reagem de diversas formas à música, mas esta era uma reação invulgarmente intensa. Interrogara-se muitas vezes sobre o passado de *Nelson*, e sobre o que ele teria passado. Teria sido maltratado? Jake esperava que não. O cão das três patas curara o seu filho e ele defendê-lo-ia até à morte.

As memórias dos acontecimentos estranhos daquele dia esvaneceram-se pouco tempo depois. *Nelson* parecia estar a recuperar da sua rigidez nas articulações e a vida continuava. Jake foi apenas recordado dos efeitos da canção em *Nelson* cerca de três meses depois. A pedido de Norma, fez um churrasco no 4 de julho. Ela passava a vida a dizer-lhe que ele precisava de socializar mais, e a família queria saber por que razão ele não os visitava. Por fim, cedeu e convidou toda a gente. Na verdade foi bom rever muitos membros da família que não via desde o funeral de Laurie. Mas sentiu-se pouco à vontade com a presença de várias mulheres que alguns dos seus familiares trouxeram também, e que eram, claramente, possíveis namoradas para Jake. Teve, inclusive, de se afastar indelicadamente assim que o seu irritante primo Tony, já um pouco bebido e sempre a dar nas vistas, começou a entrevistá-lo, de câmara de vídeo na mão, sobre o que achava ele sobre determinada amiga ruiva da mulher que trouxera ao churrasco.

Jake estava no exterior, a grelhar carne, quando ouviu o «Here Comes the Sun» vindo de dentro de casa. De facto, o pranto de *Nelson* começou minutos depois. Jake tirou rapidamente a carne do grelhador para o lado e correu para casa. Quando chegou à sala de estar, cinco ou seis familiares batiam com os pés no chão, e aplaudiam também, enquanto *Nelson* saltitava ali à volta, na sua estranha atuação, uivando no meio deles. Jake percebeu que Oliver deve ter posto o disco a tocar, convencido de que a habilidade de

Nelson seria um bom entretenimento para proporcionar à família. De uma forma um tanto inebriante, toda a gente se ria para o cão. Jake zangou-se por instantes com Oliver mas sabia que o garoto não o fez por mal. Rapidamente, desligou o LP e a música parou. Por momentos, Jake perdeu a calma e gritou a todos para que deixassem o cão em paz. Ajoelhou-se e embalou *Nelson* nos braços. Ciente agora de que procedera mal, Oliver sentou-se timidamente a seu lado, olhando para o pai e afagando ao mesmo tempo a cabeça do cão. *Nelson* acalmou pouco depois, mas ficou triste e apático durante o resto do dia. Nessa noite, quando Jake lhe deu um beijo de boas-noites, o pequeno cão olhou para ele com os olhos profundamente entristecidos.

Sete meses depois, Jake recebeu um telefonema estranho do seu primo Tony. Não falava com ele muitas vezes e, regra geral, os telefonemas tinham que ver com dinheiro que o primo queria pedir emprestado para algum novo empreendimento comercial. Portanto, Jake hesitou quando viu no seu telemóvel que era Tony. Mas decidiu atender a chamada e despachar o assunto. Durante algum tempo, trocaram gracejos. Após alguns minutos, houve um silêncio desconfortável e Jake esperou que Tony lhe fizesse o habitual pedido de um empréstimo. Jake preparava-se para lhe dizer que desta vez não lhe emprestava dinheiro nenhum, já que muitos empréstimos anteriores não haviam sido liquidados.

Mas não foi sobre dinheiro que Tony falou. Disse a Jake que andava a receber *e-mails* constantes de uma mulher que o queria contactar e se Jake não se importaria que ele lhe desse o seu endereço. Por momentos, Jake pensou que se tratava de mais um esquema montado por Norma para o voltar a casar e respondeu prontamente que não estava interessado. Mas foi então que o primo deixou claro que a mulher em causa não o queria contactar por motivos românticos. Precisava de falar com ele porque dizia que o cão das três patas era seu.

Jake inspirou rapidamente. Mas de que diabo estava Tony a falar? Tony balbuciou durante alguns minutos e apenas foi direto ao assunto quando Jake lhe disse abruptamente para desembuchar.

Toni admitiu que fizera uns vídeos com o cão a saltitar de um lado para o outro e a uivar ao som daquela canção dos Beatles, no dia do churrasco. Jake ficou furioso ao saber que ele colocara os vídeos *online*. A primeira coisa que lhe perguntou foi se Oliver estava no vídeo, claro que estava. Jake perdeu a cabeça com o primo, perguntando-lhe como pudera ele postar um

vídeo de uma criança aos olhos de toda a gente. Tony balbuciou qualquer coisa sobre haver imensos vídeos engraçados com animais *online*, daí achar que um cão de três patas a dançar e a uivar seria um sucesso. Nessa altura, os pensamentos de Jake estavam já voltados para a mulher. Quem era, perguntou. Tony respondeu que sabia pouco sobre ela, exceto que vivia em Los Angeles. Estava desesperada por contactar Jake e ver o cão que dizia ser seu.

Jake passou uns dias a ponderar no que fazer com a informação que Tony lhe dera. Não fazia ideia como seria esta pessoa que reclamava ser a dona anterior de *Nelson* e se iria querer o cão de volta. Nesse período de mais de um ano que passara com *Nelson* soube que o pequeno animal era uma criatura especial. Quem não haveria de querer de volta um cão assim se pudesse? Sabia que se isso acontecesse, o coração de Oliver ficaria despedaçado. Por vezes, à noite, a horas já muito tardias, Jake ia ao quarto de Oliver ver como estava o filho e encontrava-o a dormir profundamente, com uma expressão tranquila no rosto. Às vezes encontrava *Nelson* a dormir também, mas, por outras, o cão olhava para ele com os seus olhos meigos e curiosos quando Jake espreitava para Oliver. Jake imaginava então *Nelson* a falar, dizendo-lhe, para o tranquilizar, que Oliver estava ótimo e estaria enquanto ele ali estivesse.

Jake não abordou o assunto com a mãe, já que sabia o que ela iria dizer. Sabia que ela também adorava o cão, mas que era uma mulher de princípios arreigados, educada como católica. Sabia que ela lhe diria que o correto seria descobrir quem a mulher era e se o cão era mesmo seu. Se ela quisesse o cão de volta, devia então ser devolvido.

A integridade de Jake sempre o beneficiou nos seus negócios. Depois de se debater com a sua consciência durante alguns dias, decidiu telefonar à mulher. Uma voz masculina atendeu o gravador de chamadas, e Jack deixou uma mensagem a explicar a situação.

Uma mulher devolveu o telefonema três minutos mais tarde, incrédula. Pediu a Jake que descrevesse o cão, o que ele fez com todo o pormenor. Começou por descrever os olhos e o pelo de *Nelson*, e depois disse-lhe que o pequeno cão tinha três patas. Ouviu a mulher retrair-se do outro lado da linha. Ela fez uma pausa e disse que o cão parecia ser um que ela conhecia, com exceção da pata em falta. Encontrara, por acaso, o vídeo

online. A imagem estava bastante desfocada e escura, e via-se apenas durante uns breves momentos o cão a dançar e a uivar, mas teve um forte pressentimento de que o cão lhe pertencera um dia. O coração de Jake caiu ao chão, porque sabia o que o teria de enfrentar com Oliver.

A mulher fez algumas perguntas sobre a sua família, e há quanto tempo tinham o cão. Jake sentiu-se de certa forma reconfortado por ver que ela parecia sensível face à delicadeza da situação. Perguntou então se podia fazer-lhes uma visita e ver o cão, e, talvez depois decidirem o que fazer. Quis saber se estariam disponíveis nesse fim de semana, talvez no domingo, daí a cinco dias. Jake respondeu que sim. Era uma viagem de cerca quatro horas de carro desde Los Angeles, portanto, chegaria por volta do meio-dia, se estivesse bem para eles. Jake confirmou que não havia problema. Ela agradeceu e desligou.

Nelson sentia o nervosismo na pele de Jake nos dias que se seguiram e respondia com muita afeição numa tentativa de acalmar as águas. Oliver, pelo menos, parecia ser ele próprio.

Embora *Nelson* tivesse noção de que algo afligia Jake, não estava de todo preparado para os acontecimentos dessa manhã de domingo. O dia anterior fora marcado, *Nelson* dera por isso, por uma enorme atenção adicional que lhe havia sido dedicada. Jake comprara churrasco para todos e dera pessoalmente a *Nelson* um prato de carne não condimentada, cortada em pedaços pequenos. Jake avisara Norma acerca da visita especial que teriam no dia seguinte, e ela também reagira dando a *Nelson* um dose extra de afeição.

Mais tarde nesse dia, *Nelson* reparou quando Jake chamou Oliver ao seu quarto e fechou a porta atrás de si. *Nelson* estava ao colo de Norma e escutava atentamente. A princípio conversavam calmamente, mas pouco depois Oliver começou a chorar e a gritar. Saiu do quarto do pai com lágrimas nos olhos e correu para o seu quarto. Jake seguiu-o. *Nelson* deu um salto do colo de Norma e correu para o quarto de Oliver onde Jake aflagava a cabeça do filho enquanto ele soluçava nas almofadas. *Nelson* subiu para a cama e lambeu o rosto do garoto, mas Oliver voltou-se e olhou para o outro lado. Os três ficaram ali durante cerca de meia hora.

Depois, Oliver levantou-se em silêncio e encaminhou-se lentamente para a sala de estar com ar carrancudo. Viram todos um DVD nessa noite.

Nelson sentia-se confuso com a distância que Oliver manteve de si nessa noite. Na cama, Oliver nem sequer lhe deu um abraço de boas-noites como normalmente fazia. *Nelson* acordou a meio da noite com o garoto a chorar baixinho.

Deitado na sua cama, Jake não conseguia dormir. Deu por si a rezar para que a mulher não fosse, na verdade, a dona do cão das três patas. Rezava para que ela chegasse no dia seguinte, visse o cão e lhes dissesse de imediato que não era seu. Certamente que havia grandes probabilidades de que não fosse. Afinal, foi apenas um vídeo desfocado e escuro que ela vira *online*.

Precisamente ao meio-dia do dia seguinte, a campainha da porta tocou. Jake lia um livro no sofá. Norma dormitava. Oliver brincava com os seus brinquedos no quarto. *Nelson* estava deitado, em sossego, respeitando a decisão do rapaz de não interagir com ele.

Jake abriu a porta. Gostou logo da mulher que estava à entrada. Tinha trinta e muitos anos e era bonita, mas foram os seus modos gentis que Jake apreciou. Foi atenciosa desde o início.

Nelson ouvira a campainha da porta da frente. Não queria deixar Oliver mas também sentia ser seu dever defender a casa de estranhos. Como tal, saltou da cama e desatou a correr para a porta. Jake falava com uma mulher.

Nelson inspirou a ar. O aroma que entrou no seu nariz era irresistível e intenso. Durante alguns momentos, os circuitos do seu cérebro bloquearam. Depois saltou para a mulher. Era ela. Era Katey. Era o Grande Amor. De uma maneira ou de outra, ela voltara.

O cão das três patas ficou doido de contentamento. Saltava para cima de Katey, esfuziando com uma alegria irreprimível ao vê-la. Ladrava de forma incontrolável à medida que o seu cheiro o submergia como um perfume intenso, doce, que envolvia todo o seu ser deixando-lhe o corpo a tremer de êxtase. O som suave da sua voz quando disse o seu nome pela primeira vez em nove longos anos, varreu todos os restos do cheiro sinistro e nauseabundo do seu coração.

Katey pôs-se ao seu lado e o cãozinho inundou-a com lambidelas por toda a cara. Ela envelhecera um pouco mas cheirava ao mesmo. Abraçava *Nelson* ao mesmo tempo que ele se contorcia, incapaz de se controlar. Afagou o local da pata amputada e *Nelson* provou o sal das suas lágrimas

pela primeira vez em tantos anos. Enxugou-as, lambendo-as energicamente. O encontro continuou durante vários longos minutos. Katey afagou-lhe a cabeça da forma como costumava fazer. Ele olhava-a nos olhos, com o rosto dela a milímetros do seu focinho, tal como o sonhara durante anos passados no meio do frio. Os olhos curiosos do pequeno cão viam o reflexo do sol a cintilar nos olhos do seu Grande Amor e uma paz profunda, calorosa, encheu-lhe a alma. Jake assistia a tudo aquilo com um sorriso ao mesmo tempo amargo e doce.

Katey, tal como *Nelson*, foi dominada por uma imensa alegria assim que o viu pela primeira vez em todos aqueles anos. Foi-lhe difícil imaginar *Nelson* com três patas. Mas quando o pequeno cão surgiu em casa de Jake naquele dia e saltou para cima de si, tudo o que sentiu foi o amor que sempre sentira por ele e um grande alívio por ele estar são e salvo. Mantinha os seus lindos olhos, o pelo macio e a bonita cauda. O essencial da sua natureza permanecia igual. Katey olhou para os seus olhos e interrogou-se por onde teria ele andado todos estes anos, o que teria suportado. Mas como diabo teria ele viajado desde Albany até à Califórnia? Algo terrível deve ter acontecido para ele ter perdido a perna, mas *Nelson* não mostrava sinais de tristeza naquele domingo, somente uma alegria incontrolável por ela ter voltado para si. Enquanto *Nelson* a beijava e saltava por cima dela com um amor exuberante, também Katey estava perdida de felicidade.

A perda de *Nelson* havia sido muito difícil para Katey. Durante meses e meses esquadrinhara as redondezas à sua procura. Espalhou cartazes por todo o lado, num raio de alguns quilómetros. Passara noites acordada, sem conseguir dormir, e furiosa com Don por ter deixado o portão aberto. À medida que os meses passavam, Katey percebia que as hipóteses de encontrar o cão diminuía. Todos os abrigos lhe disseram que se o cão não fosse encontrado no espaço de vinte e quatro horas, as probabilidades de o voltar a ver eram mínimas. Acima de tudo, sentia-se preocupada com *Nelson*. O que andaria a comer? Onde dormiria? Teria frio? Estaria sequer vivo?

Morria de medo que o cão se tivesse perdido para sempre. Passou meses zangada consigo mesma por nunca lhe ter posto um *chip* eletrónico que o identificasse, procedimento que era um lugar-comum. Anos depois ainda

acordava, por vezes, a sentir a falta da presença calorosa de *Nelson* junto a si. O feio rato de brincar que lhe comprara continuava ao seu lado na cama. Acabava de estudar piano e começava logo a tocar «Here Comes the Sun», sem se lembrar de que *Nelson* não se encontrava presente para apreciar a canção. Não tardou a que deixasse de a tocar completamente.

Mas anos mais tarde, com *Nelson* no pensamento, e a recordação distante de estar aninhada nos braços do pai quando era criança navegava pela Internet a ver vídeos de interpretações de «Here Comes the Sun» por vários artistas. Quando viu um pequeno cão a saltar de um lado para o outro, a uivar ao som da canção, sentiu imediatamente a tristeza no som terrível que ele emitia. Quando reparou melhor e viu o focinho de *Nelson* a espreitar para a câmara, começou a suar profusamente. O corpo tremeu-lhe quando percebeu que ele só tinha três patas. Sentiu que o seu corpo estava a ser cortado aos bocados por uma faca afiada. Uma e outra vez viu o *clip* pequeno e desfocado do cão a saltitar, descrevendo uma dança estranha, com a sua mente a conjecturar um sem-fim de cenários horríveis sobre como havia sido perdida a sua quarta perna. O que teria acontecido?, interrogava-se Katey. Teria passado por uma dor excruciante? Conseguiria sequer andar?

Após tentar acalmar-se um pouco, começou a tentar contactar a pessoa que colocara o vídeo. Apenas constava *online* o seu endereço de correio eletrónico e ele não respondeu durante semanas. Mas ela continuava a enviar-lhe mensagens e, por fim, respondeu dizendo que o cão não era seu mas que ia tentar contactar o dono informando-o que ela andava à procura dele.

À medida que Katey fazia a viagem de carro de Los Angeles até Chico naquele domingo, o desolador deserto californiano estendia-se sem fim de horizonte a horizonte. Em séculos passados foram muitos os viajantes que haviam perdido a vida na travessia daquele deserto, atrás de um qualquer sonho dourado que acabou por se revelar uma simples miragem. Katey ouviu Mozart durante algum tempo mas depois desligou e conduziu em silêncio, mergulhada em pensamentos. Houve um longo momento em que se achou completamente disparatada por andar em excursão pela Califórnia para encontrar um cão há muito perdido. Como poderia o cão do vídeo ser o seu? Estava a três mil quilómetros de distância do local onde se perdera. Tinha três patas. Uivava. *Nelson* nunca o fizera enquanto seu animal de

estimação. Estaria ela tão-somente a iludir-se? Tratava-se apenas de um vídeo *online* desfocado e escuro. *Nelson* desaparecera há muitos anos. Parou numa estação de serviço de descanso e comeu qualquer coisa. Na casa de banho, olhou-se ao espelho e salpicou a cara com água fria, esperando que o bom senso regressasse. Mas sabia que não iria voltar para Los Angeles. Ainda amava *Nelson* de todo o coração. Ainda que houvesse apenas uma ínfima possibilidade do cão de três patas ser *Nelson*, ela tinha de completar a viagem até Chico.

E agora, ali estava ela, no alpendre da frente de uma pequena cidade da Califórnia com o cão que caminhara desde a sua casa a milhares de quilómetros de distância, há muitos anos. Por fim, ergueu o olhar e viu Jake que olhava para si. Um pouco embaraçada, Katey levantou-se. Do outro lado da sala, um rapazinho olhava fixamente para ela com uma expressão taciturna. Mas depressa desapareceu dentro de casa.

Nelson não saía do lado de Katey e irrompia, continuamente, em mais expressões de amor. A felicidade pulsava por todos os poros do seu pequeno corpo.

Jake preparou café e biscoitos, e Katey agradeceu muito a sua hospitalidade. Apertou a mão a Norma que quis logo saber o estado civil de Katey. Ela respondeu que tinha um relacionamento, e Norma suspirou. Sentaram-se os três tranquilamente a beber o café. Jake chamou Oliver, mas o rapaz recusou-se a sair do quarto. *Nelson* estava imóvel aos pés de Katey. Jake deu-lhe uns restos de frango e ficou satisfeito por saber que Katey o aprovava.

Jake estava interessado em saber quem era *Nelson*. Nunca se sentira confortável com o nome *Júpiter*, e achou que *Nelson* ligava muito melhor com a personalidade do cão. Jake contou a Katey como salvaram *Nelson* do canil mesmo antes de ele ser abatido e reparou nos seus olhos humedecidos. Ela perguntou sobre Oliver e Jake deixou-a a par, com toda a honestidade, da ligação do filho com o cão. Jake quis conhecer a vida anterior de *Nelson* e ela contou-lhes que o haviam comprado numa pequena loja de animais e como ele era em cachorrinho. Katey explicou ainda que o portão ficara acidentalmente aberto e que *Nelson* escapara. Confessou ainda quão triste se sentira por o ter perdido.

Tanto Jake como Katey compreendiam a complexidade da situação e ambos hesitavam quanto ao que fazer com *Nelson*. No seu coração, Jake sabia que esta mulher amava verdadeiramente o cão. Sabia que não lhe podia negar a oportunidade de se voltar a unir com o seu animal de estimação, caso fosse o que ela pretendesse. Por sua vez, Katey sabia que *Nelson* significava muito, tanto para o rapazinho como para Jake, e que ficariam destroçados se o perdessem. Sabia como era a dor de perder um animal de estimação, e não queria infligi-la a outros. Mas, ao mesmo tempo sentia-se muito feliz por ter reencontrado *Nelson* ao fim de todos estes anos. Sentia a intensidade do amor que o pequeno cão ainda sentia por si e interrogava-se sobre o que queria *Nelson*. Será que preferia voltar para casa com ela? Ainda não a largara, nem por um segundo. Até a seguiu para a casa de banho e quando Jake instintivamente o chamou, *Nelson* ignorou-o. Olhava para ela a todo o momento. Ela gostava que ele pudesse falar, mas pelas suas ações parecia que ele queria estar com ela.

Naquele momento, no seu coração canino, *Nelson* queria mesmo estar com Katey. Ela era o seu Grande Amor e ele havia suspirado por ela todos estes anos. Queria ficar com ela para sempre. Também amava Oliver e Jake, mas a intensidade do seu Grande Amor por Katey nesse domingo impunha-se sobre tudo o resto.

Katey apanhou o pequeno Oliver a espreitá-la outra vez do corredor de passagem. Perguntou se podia falar com ele. Jake suspirou e disse-lhe que talvez fosse melhor que não o fizesse. Podia baralhar as coisas. *Nelson* era o cão dela, e ela era a sua legítima dona.

Katey estava comovida com a decisão de Jake. Sabia como esta decisão lhe era dolorosa. Agradeceu-lhe e prometeu que ficariam em contacto. Jake sorriu-lhe melancolicamente. Perguntou se podia levar *Nelson* a despedir-se de Oliver. Claro, respondeu. Jake pegou então no cão e levou-o ao quarto de Oliver. *Nelson* olhou para Katey, receoso que pudessem separar-se novamente.

No quarto de Oliver, Jake falava tranquilamente com o filho que estava deitado na cama, imóvel, fingindo dormir. *Nelson* sentiu a sua tristeza e enroscou-se ao seu lado, lambendo-lhe a cara. Ressentido, Oliver afagou a cabeça do cão assim que o pai confirmou que seria levado pela dona nesse dia. Oliver abraçou *Nelson* silenciosamente e o pequeno cão lambeu-lhe a cara, desconhecendo que em breve o perderia.

Quando Katey regressou a Los Angeles nesse dia, *Nelson* sentou-se ao seu lado no carro e não deixou de olhar para ela durante a viagem inteira, absorvendo o seu aroma.

Oliver não voltou a chorar nesse dia. A sua tristeza transformou-se numa dor de estômago forte, empedernida, que teimava em não passar. Nessa noite, desejou que a mãe estivesse ao seu lado.

40

Katey parou à porta da sua casa nos arredores de Los Angeles. Era quase de noite. Os pores do sol eram espetaculares em Los Angeles. *Nelson* farejou a poluição do ar que ajudava a criar alguns dos tons mais magníficos no céu. Assim que o carro parou, explorou as imediações com o nariz. A relva estava bastante seca, mas havia inúmeras árvores e flores na vizinhança. Viam-se cães por todo o lado. Cheirou-os e ouviu alguns ladrões à distância. Katey pôs-lhe a trela e conduziu-o pelo pequeno caminho que levava a casa. Era praticamente do mesmo tamanho que a casa onde outrora vivera em Albany. *Nelson* reparou imediatamente no colorido do jardim, como o que Katey tinha na casa anterior. Ficou feliz por ver que plantara uma extensão enorme de tuberosas junto à porta da frente. A noite caía e as flores fragrantes infiltravam a sua magia na atmosfera. *Nelson* inspirava-as em tragos profundos e Katey percebeu que ele se lembrava delas. Durante um longo momento, os dois cheiraram novamente juntos as tuberosas pela primeira vez em nove anos.

Quando a porta da frente se abriu, o cheiro de um homem entrou no nariz de *Nelson*. Ladrôu instintivamente. Algures no seu banco de memória de cheiros, o odor de Don adulterou as suas emoções. Mas não foi Don que entrou pela porta da frente. Katey beijou o namorado Evan. *Nelson* olhou para o homem e cheirou-o. Andava na casa dos quarenta, com um ligeiro excesso de peso e um sorriso bondoso. *Nelson* percebeu logo que Katey se sentia à vontade com ele, e deixou que Evan lhe fizesse festinhas para o cumprimentar. Lambeu-lhe os dedos. Evan era bastante gentil com o cão e *Nelson* gostou logo dele. Katey e Evan deixaram o cão farejar tudo em seu redor. Era uma sensação estranha para *Nelson*. Nunca ali tinha estado mas o aroma de Katey estava por todo o lado. Muitas das suas coisas antigas

estavam na nova casa – um sofá, almofadas e, claro, o seu piano de cauda. O seu aroma intensificara e tornara-se mais rico nos oito anos que *Nelson* estivera ausente. As madeiras envelheceram e misturaram-se, e o calor da Califórnia, e o ar seco, fizeram realçar os cheiros terrosos nessas camadas de madeira do piano.

A interpretação de Katey tornara-se mais rica e cheia de subtilezas ao longo dos anos. Depois de um jantar substancial de arroz e carne picada que Katey lhe preparara, *Nelson* deitou-se debaixo do piano, pela primeira vez no que parecia ser uma eternidade, e inspirava enquanto ela tocava. Sonhara durante tantas noites em voltar a estar debaixo do seu piano e a realidade da experiência era tão estimulante como nos seus sonhos. Deixou-se cair numa calma profunda enquanto ela tocava uns noturnos suaves. Mas depois Katey não resistiu em tocar «Here Comes the Sun». *Nelson* já não uivou quando ouviu a canção. Saltou para o seu colo e lambeu-lhe novamente a cara.

Mais tarde, pela primeira vez em anos, Katey levou *Nelson* para o andar de cima e pousou-o na cama enquanto escovava o cabelo. Depois, cingiu-o contra ao peito e o pequeno cão fechou os olhos, envolto no maravilhoso aroma de Katey. Ela afagou-lhe a cabeça e *Nelson* adormeceu de imediato, sem ter sequer reparado quando Evan se juntou a eles mais tarde.

Nos dias que se seguiram, *Nelson* gostou de reviver muitas das velhas rotinas que definiram a sua vida enquanto cachorrinho. Gostava quando Katey o alimentava e lhe dava banho; gostava quando ela o levava a passear pelo bairro tranquilo onde moravam; gostava do tempo que passava com ela no sofá, a olhar para os seus belos olhos, enquanto ela brincava consigo. Katey comprou-lhe um novo rato de brincar uma vez que o primeiro se perdera na mudança para Los Angeles, e ele rapidamente caiu na sua velha rotina noturna de brincar com Katey antes de dormir. Evan também era meigo com *Nelson*. Dava-lhe ossos e restos e, às vezes, levava-o a passear.

A felicidade de *Nelson* por ter reencontrado Katey só era atenuado pelos sentimentos que nutria por Jake e Oliver. Após alguns dias, *Nelson* deu por si a farejar pela casa à procura deles. Sempre que a campainha da porta tocava, ou se sentia o barulho de passos a aproximarem-se de casa, *Nelson* ladrava à espera que fosse Oliver a chegar. Por vezes, Katey reparava numa melancolia que se abatia sobre o cão, mas não sabia que era em Oliver que ele pensava.

Nelson conseguia cheirar a felicidade na pele de *Katey* nas primeiras semanas do seu regresso. Durante os seus anos de caminhada, o seu cérebro canino nunca se preocupou, como acontece com um humano, com o facto de que *Katey* pudesse já não o amar como amou. Mas ainda que tivesse contemplado tais pensamentos, ter-se-iam dissipado rapidamente com o seu regresso à sua vida. Ela amava-o como sempre amara, talvez mais. Na verdade, *Katey* nunca passara um dia que fosse sem pensar nele, ainda que por um só momento.

A perda de *Nelson* acontecera no meio da rutura do seu casamento. Depois de *Nelson* estar desaparecido há dois dias, Don confessou ter dormido novamente com a sua amante. *Katey* prometera a si própria que se Don a voltasse a enganar uma segunda vez, o seu casamento acabaria. Porém, era mais fácil dizer do que fazer. Dois meses passaram até Don sair de casa. A mistura tóxica de uma raiva profunda e um forte amor residual era demasiado complicada para os dois resolverem com facilidade. Don justificou a sua infidelidade com o facto de estar a precisar de se sentir forte e viril novamente, algo em que, segundo ele, *Katey* não o estava a ajudar. Ele ainda a amava mais do que tudo, dizia. Ela queria muito acreditar nele quando Don se sentava à sua frente com os seus olhos sinceros, o homem por quem ela se apaixonara profundamente apenas uns anos antes. Mas *Katey* sabia que o homem com quem ela julgara ter casado seria forte de qualquer forma, e que Don se deixara derrotar pelas circunstâncias não obstante o seu amor e apoio. Quando finalmente pediu a Don para sair de casa, o vazio deixado por ele e por *Nelson* foi, a princípio, atroz. Assim, a perda de *Nelson* e o fracasso do seu casamento tornaram-se inextricavelmente interligados. Adorava a casa de Albany, mas cerca de um ano depois achou que não conseguia lá viver por causa das más recordações de Don. Ao mesmo tempo, sentia-se receosa de que um dia *Nelson* pudesse voltar para casa e ela já não morasse ali.

Ao mesmo tempo que o casamento colapsava, a carreira de *Katey* florescia. Talvez não fossem verdadeiramente acontecimentos isolados. Muitas vezes, quando estava à noite sozinha em casa, e sem ter nada melhor que fazer, *Katey* ensaiava ao piano as suas atuações, e embora o seu piano tivesse sido sempre uma fuga para as suas emoções, tornou-se, naquela altura, um duplo escape. Aqueles que a ouviam apercebiam-se, ainda que não soubessem a origem da paixão que estava por detrás da sua

interpretação. Muito frequentemente, as suas atuações levavam-na até à Califórnia, onde um animado panorama cultural em São Francisco e em Los Angeles a acolhia com prazer. Quando a sua agente sugeriu que se mudasse para a Costa Oeste, ela foi completamente contra a ideia. Bem dentro de si sabia que era por recear que *Nelson* pudesse, de repente, voltar para casa. Mas após seis anos de indecisão, e alguma persuasão por parte dos amigos, decidiu fazer a mudança. Gostava do bom tempo que lá fazia, uma vez que dava alento, e, como tal, reuniu todas as suas forças e mudou-se.

Quando acabou por fazê-lo, gostou de Los Angeles. Era certamente mais feliz, sem as constantes recordações de um casamento falhado à sua volta. A luz de um dia de sol em Los Angeles era luminosa e transparente, diferente de qualquer outra que observara nos locais onde vivera anteriormente. Por vezes, ao conduzir através da cidade enorme podia entrar-se num estado de semifelicidade só da luz do Sol contínua que atravessava tudo. Um dia de chuva era uma ocasião rara em Los Angeles. Portanto, toda a gente que ali vivia parecia vacinada contra muitas das atuais pressões da vida. A dor inicial por ter perdido Don e *Nelson* suavizou.

Nelson inspirava o aroma de Katey sem cessar quando se reencontraram. Tal com antigamente, há muitos anos. Mas havia uma textura na sua fragrância complexa que era nova. Ele não conseguia precisar o que era. O seu nariz retorcia-se quando este odor que saía de fundo do seu corpo rematava os odores complexos que constituíam o cheiro único de Katey. Era um aroma que ele nunca sentira num homem antes, e certamente Evan não tinha o mesmo odor, embora fosse sensivelmente da idade de Katey.

O que *Nelson* sabia a partir do seu notável olfato não era algo que a própria Katey cheirasse. Mas era o mesmo que as emoções e os pensamentos que se infiltravam pela sua consciência constantemente. Quando casou com Don, sempre achou que teriam filhos relativamente cedo, por volta dos seus trinta e poucos anos. Não era algo em que pensasse muito na altura, uma vez que desfrutava da sua paixão pelo marido e a carreira progredia. Mas imaginou o dia em que adoraria trazer dentro de si os filhos de Don. As infidelidades do marido arruinaram tudo isso. Pensou pouco em crianças depois de Don ter saído de casa, mas à medida que os trinta anos passavam e se instalava em Los Angeles, começou a reparar,

mais do que nunca, nos bebês que passeavam dentro dos carrinhos na rua. Ouvia os risinhos das crianças no parque quando fazia a sua aula de aeróbica ao ar livre, aos fins de semana. Tinha noção de quanto a vida dos amigos mudava assim que um filho nascia. De repente, querer um bebê tornou-se algo muito consciente para Katey, e, no entanto, parecia vir algures de dentro dela.

Alimentou até mesmo a ideia de criar um filho como mãe solteira, mas preocupava-se com quem iria olhar por ele quando estivesse fora em trabalho. As suas memórias de uma infância em parte sem pai decidiram contra esta ideia. Saiu com vários homens depois de chegar a Los Angeles, mas demorou algum tempo até conhecer alguém que achasse que podia ser a pessoa certa para si. Conheceu Evan na estação dos correios certa manhã. Estava atrás dela na fila para enviar uma carta e ofereceu-se para lhe emprestar o troco de que Katey precisava para comprar selos. Começaram a conversar. Evan era divertido e meigo, um argumentista. Seguiu-se um jantar. Em poucos meses, Katey começou a gostar muito dele. Por fim, beberam uma garrafa de Pinot num *Memorial Day* e dormiram juntos. Ambos estavam sós há algum tempo, e experimentarem o prazer de dois corpos juntos pela primeira vez em anos obscureceu o facto de lhes faltar uma verdadeira atração física. No entanto, gostavam um do outro e nenhum dos dois queria estar sozinho, portanto, continuaram a namorar e foram viver juntos três meses depois.

Katey havia sido arrastada para Don como um íman logo que se conheceram, e o sexo entre os dois fora ativo e intenso antes de as coisas correrem mal. Enquanto cachorrinho, *Nelson* assistira à erupção dos odores de ambos quando faziam amor. Notava agora, deitado na cama à noite com Katey e Evan que os odores que emitiam eram muito diferentes. O cão não refletia no significado dos cheiros diferentes, limitava-se a senti-los. Katey ficara ressentida com Don durante anos após a separação, e, todavia, ainda se recordava dos momentos de paixão que viveram juntos. Após a felicidade inicial de partilhar a cama com Evan, pensava em como era diferente do intenso prazer sexual que gozara com Don nos primeiros tempos de casada. Mas convenceu-se a si própria que era suficientemente bom, e que as suas sensações apenas eram inferiores porque estava agora um pouco mais velha.

Viviam juntos há oito meses quando *Nelson* chegou a casa deles. Pensamentos de bebês ainda povoavam a mente de Katey, contudo, algo a fazia hesitar quanto a querer tê-los com Evan. Ponderava sobre isto enquanto viajava pelo país para dar concertos, ou quando tratava do jardim. Tinham um relacionamento calmo e afetuoso e ela sabia que Evan daria um pai meigo e delicado. Então, por que razão não era claro para si que devia ser a mãe dos seus filhos? Katey não sabia responder a esta questão. Sentava-se a brincar com *Nelson* no jardim e a olhar para ele, desejando do fundo do coração que ele pudesse responder por ela. Depois, zangava-se consigo própria – como poderia um cão responder a uma questão que era tão particular ao coração humano?

Nelson, na verdade, sabia a resposta à dúvida que perdurava no coração de Katey.

Oliver continuou taciturno depois da partida de *Nelson*. Jake contara que o filho reagisse mal aos acontecimentos, mas não esperara que as emoções de Oliver fossem afetadas durante tanto tempo. O rapaz isolou-se, passando longos períodos fechado no quarto, muitas vezes a chorar. A criança feliz que Jake conheceu parecia ter desaparecido das suas vidas. O próprio Jake sentia a falta de *Nelson*, mas estava muito mais preocupado com os sentimentos do filho do que com os seus. O que tornava as coisas mais difíceis era Oliver falar pouco acerca do que sentia.

Jake tentava tudo para animar o filho. Levava-o regularmente ao cinema, jogava à bola com ele no jardim, e comprou uma consola de jogos que sabia que Oliver queria há já algum tempo. Chegou até a oferecer-se para arranjar um outro cão a Oliver, mas o rapaz era terminantemente contra a ideia de substituir *Nelson*. Nada parecia fazer com que Oliver se sentisse melhor. Depois de muito pensar, Jake decidiu telefonar a Katey a perguntar se ela não se importaria que fossem visitar *Nelson* um fim de semana, talvez até mais, para Oliver poder ver que o cão estava bem e deixar de vez aquela tristeza.

Evan atendeu o telefone quando Jake telefonou e disse que Katey estava para fora, numa digressão. Jake explicou a razão do seu telefonema e Evan respondeu que decerto não haveria qualquer problema e que iria pedir a Katey que lhe telefonasse aquando do seu regresso. E ela devolveu o telefonema a Jake uns dias depois, parecendo genuinamente triste por saber dos sentimentos de Oliver. Sugeriu logo que fossem nesse mesmo fim de semana.

Quando Jake disse a Oliver que iriam visitar *Nelson* a Los Angeles, o estado de espírito de Oliver mudou imediatamente. Jake viu o entusiasmo a

irromper do filho e sentiu-se aliviado. Oliver só estivera em Los Angeles uma única vez e durante a viagem de quatro horas até à cidade, manteve os olhos bem abertos olhando para tudo o que o rodeava. Jake recordou a si próprio como tudo parece tão grande quando se é criança. Pararam para comer um hambúrguer e Oliver insistiu para que levassem um dos pequenos para *Nelson*.

Passaram cerca de duas horas em casa de Katey. Se *Nelson* dera a Katey umas boas-vindas descomunais no reencontro que tiveram em Chico, reservou um acolhimento semelhante para Oliver e Jake. Assim que a porta da frente se abriu e *Nelson* os viu, começou aos saltos de contentamento, ofegante e a ladrar. Mal Oliver se sentou e o abraçou, o pequeno cão salpicou-lhe a cara de lambidelas. O coração de Jake animou-se assim que viu o sorriso no rosto do filho. Foram precisos alguns minutos para que o cão acalmasse. Cabriolava de um lado para o outro entre Katey e Jake e Oliver, mostrando a todos o amor que sentia por eles.

Katey serviu limonada com biscoitos de chocolate, que Oliver adorou. Sentaram-se no jardim. Evan apareceu para dizer um rápido olá e trocou um aperto de mãos com Jake. Desculpou-se, dizendo que tinha um trabalho para entregar no dia seguinte, e foi para o seu gabinete de trabalho.

Oliver andava perdido na brincadeira com *Nelson*, como de costume. Katey e Jake observavam Oliver. Ele agradeceu-lhe por os ter deixado fazer esta visita. Ela pensou durante um momento e depois disse que podiam voltar sempre que quisessem. Via que *Nelson* os amava de todo o coração e sentia-se feliz com o reencontro.

Nos meses que se seguiram, Jake e Oliver visitaram *Nelson* e Katey com regularidade. Nunca passavam mais de três semanas sem haver um encontro. Jake sentia-se pouco à vontade com todo o incómodo, mas via que Katey era sincera quando dizia que eram bem-vindos e ele apreciava verdadeiramente a hospitalidade. Era Oliver quem se certificava de que as visitas decorriam com essa regularidade. Com alguns dias de antecedência de uma visita, avisava o pai para que marcasse logo a seguinte, e Jake fazia-lhe a vontade. A viagem de Chico até Los Angeles era uma tanto longa, mas Jake não se importava uma vez que via que mantinha o filho feliz.

Por vezes, Evan e Katey sentavam-se com Jake e Oliver. Uma vez, Katey estava para fora em digressão quando chegaram, e Jake estava sozinho enquanto Oliver brincava com *Nelson* e Evan trabalhava no andar de cima.

Acontecia frequentemente Katey ficar sozinha com Jake e Oliver e *Nelson*. Quando Oliver se habituou a ela, convidava-a muitas vezes para brincar consigo e com *Nelson*, e os quatro atiravam então a bola pelo jardim. Katey via a alegria estampada no rosto do garoto, e quando eles voltavam para Chico à noite, essa imagem permanecia consigo. Quando abraçava *Nelson* junto ao peito, pensava em Oliver por a mãe lhe ter sido tirada, e depois o cão. Ela havia experimentado ambas as coisas.

Jake ficou surpreendido com o telefonema que recebera de Katey uns meses depois. Será que ele e Oliver se importariam de tomar conta de *Nelson* durante uma semana enquanto ela estava ausente? Parecia bastante aflita e Jake não perguntou por que razão. Evan não o podia fazer, já que sabia que era o que acontecia sempre que Katey se ausentava. Por acaso, Jake tinha de ir a Los Angeles buscar uma remessa de peças para a loja e, como tal, ofereceu-se para ir buscar o cão na manhã seguinte, antes de Katey partir de avião para Nova Iorque à noite. Quando chegou reparou que Katey estava um pouco triste e que Evan não andava por ali. No entanto, Jake não fez perguntas e Katey ficou-lhe muito agradecida por *Nelson* ficar em boas mãos enquanto ela se encontrava ausente.

Já no avião para Nova Iorque, Katey revia os acontecimentos dos dias anteriores. Evan sentara-a há duas noites para lhe dar umas novidades surpreendentes. Tinha estado em contacto com uma antiga namorada de há muitos anos. Katey via que lhe era difícil dizer tudo isto, mas Evan decidira que queria tentar novamente. Contou-lhe ainda que considerava a mulher em questão o amor da sua vida e que sairia de casa dentro de dias. Sentia-se terrivelmente mal por a magoar, disse, mas parecia-lhe ser a melhor coisa a fazer a longo prazo. A princípio, Katey ficou muito perturbada. Mas, estranhamente, a bordo do avião, sentiu-se aliviada. Gostara do tempo que passou com Evan, mas houve sempre alguma coisa de errado naquele relacionamento. No fundo sabia que não sentiria a falta de Evan. Só gostava que tivesse sido em melhor altura, mas sentiu-se reconfortada por saber que *Nelson* ia ser bem tratado.

Oliver ficou em êxtase por ter *Nelson* de volta a casa durante uma semana inteira. Os dias giravam à volta do cão. A avó Norma já não o via há meses e também estava encantada por o ter de volta. *Nelson* corria pela casa e pelo jardim a farejar, feliz por estar de volta ao seu território. Adormeceu

encostado a Oliver, como antigamente. Jake reparou que o cão cheirava o ar esperançosamente sempre que alguém chegava à porta da frente, e assim soube que *Nelson* sentia a falta de Katey.

Katey veio buscá-lo uma semana mais tarde. A sua digressão correrá bem, mas estava feliz por voltar a casa. Percebeu que Oliver estava triste por lhe entregar novamente *Nelson*, mas planejaram uma ida a Los Angeles dentro de duas semanas. Abraçou o rapaz e tranquilizou-o, dizendo-lhe que voltaria a ver *Nelson* em breve. Quando se abraçaram, Katey tinha já o cão ao colo e ele lambeu o rostos de ambos alegremente. Jake sorriu para si próprio.

As visitas a Los Angeles continuaram a ser feitas aproximadamente de duas em duas semanas, por vezes, com mais frequência. À medida que os meses passavam, Katey começou a ficar ansiosa com as visitas. Marcavam os seus fins de semana. Não sentia muito a falta de Evan, mas sentia-se por vezes sozinha, e o rosto sorridente de Oliver e a presença calorosa de Jake faziam com que fosse um prazer recebê-los.

Havia reparado que Jake era um homem muito atraente logo na primeira vez que o conheceu. Mas estava envolvida com Evan e era uma pessoa extremamente leal. Portanto, nem sequer permitiu a si própria sentir mais por Jake na altura. Quando deu por si a esperar ansiosamente pelas visitas de fim de semana, também verificou que ansiava por ter o rosto meigo de Jake perto de si, e os seus olhos escuros. À medida que os meses passaram, foram conversando acerca de muitas coisas durante essas visitas. Jake contou-lhe sobre a morte da mulher e como havia sido difícil. Katey estava impressionada por ver como ele era um pai solteiro tão empenhado. Não era um homem excessivamente falador, mas ela via que era atencioso e muitíssimo inteligente, e possuía um grande sentido de decência. Por vezes, quando brincavam no jardim com o cão, a sua mão tocava na dela por um instante e sentia um arrepio a percorrer-lhe o braço.

Um sábado, estavam tão concentrados na conversa que se esqueceram completamente das horas e o Sol já se punha quando Jake deu conta que tinham de voltar para Chico. Katey ofereceu a casa para que passassem ali a noite. Tinha um bom quarto de hóspedes que teria muito gosto que usassem. Jake ficou surpreendido, mas Katey insistiu. Compraram piza e viram um

velho filme dos irmãos Cohen na televisão por cabo. Oliver adormeceu no sofá e Katey conversou um pouco.

Katey ficou um pouco surpreendida quando Jake se inclinou lentamente para a frente e a beijou. Abraçaram-se e o coração dela acelerou assim que o corpo quente e os lábios de Jake a envolveram. Era um beijo de fazer sonhar.

Aos seus pés, um pequeno cão de três patas olhava para eles e cheirava o ar. A paixão de Katey e Jake chegou-lhe ao nariz. Sabia o que estava para acontecer e que era tempo de deixar os humanos dedicarem-se àquele seu estranho ofício de fazer amor. Quando adormeceu nessa noite, *Nelson* sentiu uma felicidade extrema no coração. Não tinha ego, mas se tivesse refletido sobre as suas façanhas nessa noite, como um humano costuma fazer, teria sentido um orgulho enorme nos infintos poderes mágicos dos cães.

Não era invulgar o Sol brilhar resplandecentemente na Califórnia no Dia de Natal. O pequeno cão de três patas estava no soalheiro alpendre das traseiras, a apreciar os aromas da época festiva, e o vaivém da família enquanto se preparavam para a festa. *Nelson* sentiu o cheiro do aroma fresco do enorme pinheiro que, para grande surpresa sua, Jake içara para a sala de estar uns dias antes. Ao princípio, *Nelson* foi recordado do tempo que passou no meio dos lobos, mas o entusiasmo de Oliver era contagiante e não tardou a que ficasse intrigado com as muitas caixas que a família colocou debaixo da árvore, incluindo uma que ele sabia ser especialmente para si. Reparara que Katey olhara para ele com um sorriso, enquanto colocava a caixa no sítio no dia anterior. Sabia que lá dentro estava um osso enorme e cheio de carne para ele se deliciar. Se fosse mais novo, talvez tivesse logo desfeito a caixa para chegar ao seu conteúdo, mas *Nelson* aprendera o valor da paciência e aguardava agora pelo momento em que Katey lhe daria o aval para apreciar o seu presente. Para além disso, sentia-se satisfeito por saborear o aroma maravilhoso do bolo especial de Natal que a avó Norma fazia na cozinha, uma deliciosa mistura de manteiga, açúcar, nozes tostadas e fruta. Havia a tarte de maçã de Katey a cozer no forno, e as brisas traziam os aromas bem marcados e suculentos de toda a vizinhança, à medida que as famílias preparavam os seus pratos de Natal favoritos. *Nelson* absorvia-os a todos.

Havia também a fragrância da relva no jardim, a relva farta, bonita, misteriosa que *Nelson* cheirara pela primeira vez quando era apenas um cachorrinho. Aquilo ainda o intrigava mais do que qualquer outra coisa. Nos seus anos de caminhada, aprendera muito sobre o mundo, e sobre os muitos cheiros que estavam envoltos no solo que ficavam por baixo daquela

relva farta, bonita. Todavia, a sua natureza curiosa perdurava e conseguia ainda cheirá-la durante horas a fio, intrigado, a imaginar o que significavam realmente as suas camadas de cheiros mais intensas e persistentes.

Curioso como era, *Nelson* não sentia agora um grande desejo de vaguear. Katey e Jake eram uns donos responsáveis e nunca deixariam o portão aberto, mas mesmo que o fizessem, *Nelson* nunca se sentiria tentado a sair de casa. O mundo lá fora continuava a intrigá-lo, mas o cão também sentia uma felicidade imensa de estar onde estava, ali com Katey, Jake e Oliver, a sua família. Poucos meses depois de Katey e Jake terem trocado o primeiro beijo, ela e *Nelson* mudaram-se para casa de Jake. Havia conversado sobre qual seria a melhor cidade para terem a sua residência fixa e, por fim, optaram por Chico. O negócio de Jake era ali e como Katey viajava muito não importava realmente onde estava fixada.

Havia agora muita alegria nas rotinas diárias de *Nelson*, no pequeno-almoço que partilhava com a família, nos passeios que davam juntos, nos sonos longos e tranquilos que dormiam à noite, ao lado uns dos outros. Em tempos rejeitado por todos os humanos que se cruzavam com ele, o cão de três patas vivia agora rodeado de todo o amor que merecia. Deitado ao sol, a aspirar o ar perfumado, sentia-se profundamente feliz. Sabia que o mundo podia ser cruel e impiedoso, sabia que os seres humanos podiam, por vezes, despedaçar-lhe o coração, mas também sabia, nos lugares mais recônditos do seu coração, que nascera para viver com os seres humanos, e amá-los, e que, acima de tudo, o mundo era um local belo e maravilhoso. De vez em quando recordava os cheiros daqueles com quem se cruzara pelo caminho. Thatcher e *Lucy* e o veterinário Dougal, e Juan e Suzi, e os lobos – uma parte dele desejava que voltassem à sua vida. Mas Katey, Jake e Oliver estavam presentes, todos os dias, para o resto da sua vida, e ele amava-os profundamente.

Nelson era um cão velho, com onze anos. O tempo que passara no meio da natureza tirara-lhe alguns anos de vida, e a pressão imposta nas suas articulações, por causa da perna que lhe faltava, também lhe havia feito o mesmo. Mas *Nelson* continuaria a brincar e a abanar a cauda e a lambar a cara dos seus donos durante muitos mais anos do que Katey ou Jake teriam esperado.

Por fim, com a idade avançada de dezasseis anos, *Nelson* não acordou certa manhã. Katey, Jake e Oliver espalharam as suas cinzas por entre as roseiras e rezaram uma oração, e soluçaram o resto do dia. Oliver reagiu mal à morte de *Nelson*, mas ultrapassou-a e tornou-se um jovem forte.

Continuaram a recordar *Nelson* por muito tempo, já ele havia morrido há muito, e eles eram já idosos, mas faziam-no sempre que olhavam para trás nas suas vidas. Mal Katey apertava ternamente a mão de Jake, ele sabia logo o que lhe cruzava o pensamento. *Nelson* era apenas um cão pequeno mas enquanto viveram ele vagueou nas suas três patas pelas suas memórias.

Mas *Nelson* não sabia nada disso naquela manhã de Natal, no alpendre. O pequeno cão aspirou o aroma rico dos bolos acabados de fazer e adormeceu ao sol.

Agradecimentos

Quero agradecer especialmente à minha editora, Sarah Durand, e ao meu extraordinário agente, Henry Dunow.

Um agradecimento também a Elena Evangelo, Maria Greenshields-Ziman, Jori Krulder, Gillian Lazar, John Lazar, Tiiu Leek Jacobson, Larry Maddox, Sean McGinly, Susan Rosenberg e Irene Turner.

Este livro foi em grande parte inspirado por três cães: *Cheeky*, *Milan* e o próprio *Nelson*.

Um agradecimento às famílias Lazar, Schwartz e Ruiz e, em particular, à minha mãe, Claire, e ao meu pai, Stan, que amam cães.